

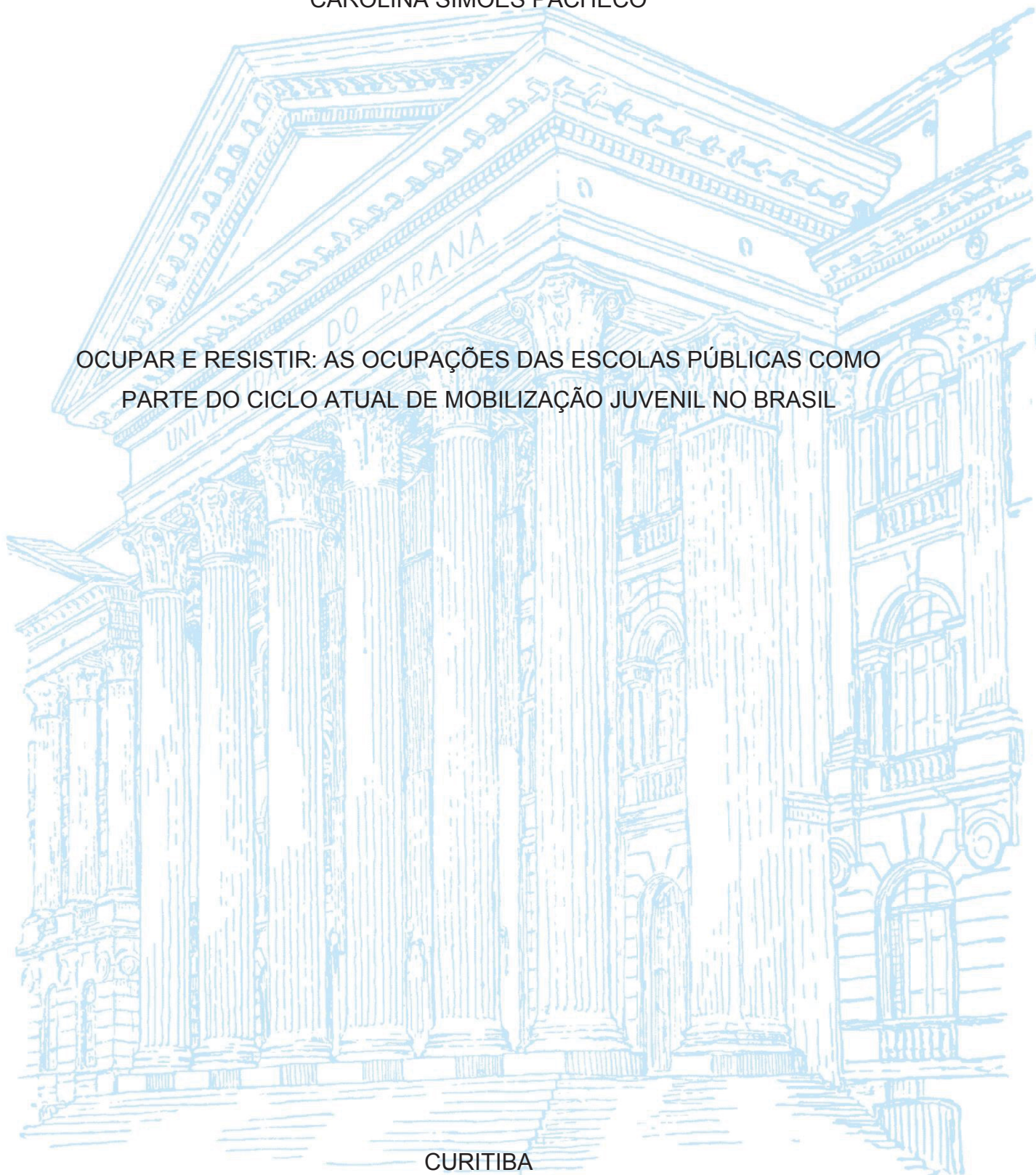
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAROLINA SIMÕES PACHECO

OCUPAR E RESISTIR: AS OCUPAÇÕES DAS ESCOLAS PÚBLICAS COMO  
PARTE DO CICLO ATUAL DE MOBILIZAÇÃO JUVENIL NO BRASIL

CURITIBA

2018



CAROLINA SIMÕES PACHECO

**OCUPAR E RESISTIR: AS OCUPAÇÕES DAS ESCOLAS PÚBLICAS COMO  
PARTE DO CICLO ATUAL DE MOBILIZAÇÃO JUVENIL NO BRASIL**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Departamento de Ciências Sociais, Setor de Ciências Humanas. Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Luisa Fayet Sallas

CURITIBA

2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –  
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS,  
COM OS DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Pacheco, Carolina Simões

Ocupar e resistir : as ocupações das escolas públicas como parte do ciclo atual de mobilização juvenil no Brasil / Carolina Simões Pacheco. - Curitiba, 2018.

271 p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em SOCIOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **CAROLINA SIMÕES PACHECO** intitulada: **OCUPAR E RESISTIR: AS OCUPAÇÕES DAS ESCOLAS PÚBLICAS COMO PARTE DO CICLO ATUAL DE MOBILIZAÇÃO JUVENIL NO BRASIL.**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 05 de Março de 2018.

ANA LUISA FAYET SALLAS

Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

VALÉRIA FLORIANO MACHADO DE SOUZA

Avaliador Externo (UFPR)

SIMONE MEUCCI

Avaliador Interno (UFPR)

Dedico este trabalho a todas/os estudantes que ocuparam seus colégios e instituições de ensino.

## **AGRADECIMENTOS**

Motumbá a todos os orixás que me acompanham e guiam. Laroyê, Okê Arô, Odoyá, Ogunhê!

O processo desta pesquisa foi intenso e não seria possível sem a compreensão e apoio da minha orientadora, Prof. Dra<sup>a</sup>. Ana Luisa Fayet Sallas, bem como do Prof. Dr. Ângelo José da Silva e do Prof. Dr. Lucas Barbosa Pelissari. Muito obrigada pelo carinho e humanização desse processo.

Agradeço à CAPES pelo financiamento desta pesquisa que me possibilitou dedicação e comprometimento. Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, na pessoa da sua coordenadora Prof. Dr<sup>a</sup>. Maria Aparecida Bridi e demais professoras/es, e aos funcionários, na figura de Katiano Miguel Cruz pela formação, apoio e cooperação. Às Professoras Dr<sup>a</sup>. Maria Tarcisa da Silva Bega, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Simone Meucci e Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Valéria Floriano Machado de Souza, pelas contribuições e sugestões que foram integradas ao trabalho. Ao Prof. Dr. Thaigo Divargim, obrigado pelo livro que muito inspirou. Às colegas Kamille, Sabrina, Tábata e ao Alexandre, obrigada por tornarem a pesquisa um ofício compartilhado.

Aos meus pais, Ângela e Jairo, agradeço o apoio incondicional. Vocês e Luiza são meu porto seguro e minhas maiores inspirações, sempre! Leonardo, obrigada pelo companheirismo e cuidado cotidiano que tornam a vida mais gostosa. Miri, Maria, Cauê, Malu, Lorena, Luana, Raul, Luanna e Lays, obrigada pela amizade e pelos desabafos, tão necessários.

Agradeço ainda a todas as pessoas que constroem o Levante Popular da Juventude e a Consulta Popular, por compartilharmos ideais e valores que possibilitaram esta pesquisa e pelas lutas cotidianas por uma sociedade mais justa e igualitária.

A participação dos estudantes do C. E. Pedro Macedo e do C. E. Barão do Rio Branco foram imprescindíveis para o desenvolvimento deste trabalho, obrigada a todas/os que se envolveram!

¿Qué les queda por probar a los jóvenes  
en este mundo de paciencia y asco?  
¿sólo grafitti? ¿rock? ¿escepticismo?  
también les queda no decir amén  
no dejar que les maten el amor  
recuperar el habla y la utopía  
ser jóvenes sin prisa y con memoria  
situarse en una historia que es la suya  
no convertirse en viejos prematuros

(Mário Benedetti, 1997, p. 136)



## RESUMO

O tema do presente estudo é o protagonismo político juvenil, tendo como objeto as ocupações das escolas públicas que aconteceram em 2016 no Brasil. Delimita-se, ainda, a análise a partir do trabalho de campo realizado no Colégio Estadual Pedro Macedo, em Curitiba. A metodologia de pesquisa adotada é qualitativa, através da observação participante, pois me inseri como *apoiadora* do movimento, enquanto militante de um movimento social de juventude. A análise das ocupações tem como fontes, assim, o trabalho de campo na ocupação do C. E. Pedro Macedo, um grupo de discussão com estudantes do colégio, bem como um questionário virtual aplicado a eles e entrevistas com estudantes de outros colégios ocupados em Curitiba e outras cidades do Brasil. Ao situar a juventude como um sujeito de direito e um ator político relevante no cenário brasileiro, damos ênfase ao processo da *experiência* de parte destes jovens, os *estudantes secundaristas*. Demonstramos como a estrutura escolar atual reproduz assimetrias e hierarquias que conformam trajetórias escolares que invisibilizam as identidades juvenis e engessam o protagonismo dos estudantes. As propostas governamentais da MP 746 e da PEC 241 (55) se somam a este panorama e são o estopim para o processo de mobilização secundarista que inova em sua tática: a massificação da ocupação das escolas públicas. Propusemos inserir as ocupações das escolas de 2016 no atual ciclo de mobilização juvenil brasileiro. Este ciclo é composto pelas Jornadas de Junho de 2013; os atos pró e contra o *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff; o combate à violência policial no “Massacre” do dia 29 de abril de 2015; bem como pelas ocupações das escolas de São Paulo, de 2015. Os estudantes que ocuparam suas escolas em 2016 relatam que “foi a melhor experiência de suas vidas”, na qual eles se reconheceram como atores políticos importantes. Eles descrevem como mudaram as regras da escola e transformaram-na em um ambiente acolhedor, onde os espaços de aprendizagem eram horizontais. Por fim, afirmam que a maior vitória do movimento, neste sentido, é a experiência que os fez amadurecer.

**Palavras-chave:** Juventude. Estudantes secundaristas. Política.



## **ABSTRACT**

The theme of the present study is the youth political protagonism and the object is the occupations of the public schools that happened in 2016 in Brazil. The analysis is also based on the field work carried out at the Pedro Macedo State College in Curitiba. The research methodology adopted is qualitative, through participant observation, which I inserted myself as a supporter of the movement, as a militant of a youth social movement. The analysis of the occupations has as sources, thus, the field work in the occupation of C. E. Pedro Macedo, a discussion group with students of the college, as well as a virtual questionnaire applied to them and interviews with students from other colleges in Curitiba and other cities in Brazil. By placing the youth as a subject of law and a relevant political actor in the Brazilian scenario, we emphasize the experience process on the part of these youngsters, the secondary students. We demonstrate how the current school structure reproduces asymmetries and hierarchies that conform school trajectories that make the youthful identities invisible and obscure the protagonism of the students. The governmental proposals of MP 746 and PEC 241 (55) are added to this scenario and are the trigger for the process of secondary mobilization that innovates in its tactics: the massification of the occupation of public schools. We propose to insert the occupations of the schools, on 2016, in the current cycle of Brazilian youth mobilization. This cycle is composed of the Journey of June of 2013; of the acts for and against the impeachment of President Dilma Rousseff; by the fight against police violence in the "Massacre" on April 29 in 2015; as well as the occupations of the schools of São Paulo, in 2015. Students who filled their schools in 2016 report that "it was the best experience of their lives," where they recognized themselves as important political actors. They also describe how the rules of the school changed and turned it into a welcoming environment where learning spaces were horizontal. Finally, claim that these obstacles have made them even more convinced of their potential for mobilization and that the movement's greatest victory in this regard is the experience that has made them mature.

**Keywords:** Youth. High school students. Politics.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1 – FACHADA DO C.E. PEDRO MACEDO.....	88
ILUSTRAÇÃO 2 – VISTA AÉREA DO C. E. PEDRO MACEDO .....	89
ILUSTRAÇÃO 3 – BAIRRO PORTÃO - CURITIBA.....	93
ILUSTRAÇÃO 4 – MAPA DA OCUPAÇÃO DO C. E. PEDRO MACEDO .....	99
ILUSTRAÇÃO 5 – BAIRROS DOS ESTUDANTES DO C. E. PEDRO MACEDO ...	100

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - TAXA DE INSUCESSO ESCOLAR - BRASIL.....	40
GRÁFICO 2 - ADEQUAÇÃO FORMAÇÃO DOCENTE - BRASIL .....	41
GRÁFICO 3 - RENDA DOMICILIAR DO BAIRRO PORTÃO .....	94
GRÁFICO 4 - MEIOS DE TRANSPORTE DOS ESTUDANTES DO C. E. PEDRO MACEDO .....	101
GRÁFICO 5 - RENDA FAMILIAR DOS ESTUDANTES DO C. E. PEDRO MACEDO .....	102
GRÁFICO 6 - OPINIÃO DOS ESTUDANTES SOBRE A MP746 ANTES DA OCUPAÇÃO.....	172
GRÁFICO 7 - OPINIÃO DOS ESTUDANTES SOBRE A PEC 241(55) ANTES DA OCUPAÇÃO.....	172
GRÁFICO 8 - ADESÃO ESTUDANTIL EM ASSEMBLEIA ANTES DA OCUPAÇÃO .....	176
GRÁFICO 9 - ORGANIZAÇÃO DA OCUPAÇÃO PELAS REDES SOCIAIS.....	179
GRÁFICO 10 - PARTICIPAÇÃO EM MANIFESTAÇÕES ANTES DA OCUPAÇÃO .....	179
GRÁFICO 11 - PARTICIPAÇÃO NAS TAREFAS DA OCUPAÇÃO .....	183
GRÁFICO 12 - PARTICIPAÇÃO NAS OFICINAS DA OCUPAÇÃO.....	187
GRÁFICO 13 - PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA OCUPAÇÃO.....	189
GRÁFICO 14 - ORGANIZAÇÃO HORIZONTAL NA OCUPAÇÃO .....	190
GRÁFICO 15 - ASSEMBLEIA E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA OCUPAÇÃO.....	190

GRÁFICO 16 - LIDERANÇAS POLÍTICAS NA OCUPAÇÃO .....	195
GRÁFICO 17 - SENTIMENTO EM RELAÇÃO ÀS LIDERANÇAS POLÍTICAS .....	195
GRÁFICO 18 - ORIENTAÇÃO SEXUAL DOS ESTUDANTES .....	197
GRÁFICO 19 - INTERESSE EM PARTICIPAR DE ATOS APÓS A OCUPAÇÃO ..	214
GRÁFICO 20 - INTERESSE EM NOTÍCIAS SOBRE POLÍTICA APÓS A OCUPAÇÃO .....	214

### LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - IDADE DOS MANIFESTANTES DE JUNHO 2013 .....	56
TABELA 2 - ESCOLARIDADE DOS MANIFESTANTES DE JUNHO 2013 .....	56
TABELA 3 – RENDA FAMILIAR MENSAL DOS MANIFESTANTES DE JUNHO 2013 .....	57
TABELA 4 – ESPECTRO IDEOLÓGICO DOS MANIFESTANTES DE JUNHO 2013 .....	63
TABELA 5 – RENDIMENTO ESCOLAR DO C. E. PEDRO MACEDO .....	90
TABELA 6 – INDICADOR DE NÍVEL SOCIOECONÔMICO (INSE) DAS REGIONAIS DE CURITIBA .....	91
TABELA 7 – IDEB DO C. E. PEDRO MACEDO .....	92
TABELA 8 – IDEB DO PARANÁ.....	92
TABELA 9 – IDEB DE CURITIBA EM 2011 .....	95
TABELA 10 – COMPARATIVO DA POPULAÇÃO EM BAIRROS DE CURITIBA ....	95
TABELA 11 – COMPARATIVO SOBRE DOMICÍLIOS NOS BAIRROS DE CURITIBA .....	96
TABELA 12 – COMPARATIVO DE RENDA, IDEB, ÁREA VERDE E SEGURANÇA	97

## LISTA DE SIGLAS

AI-5	-	Ato Institucional de Nº 5
ALEP	-	Assembleia Legislativa do Paraná
Aneb	-	Avaliação Nacional da Educação Básica
Anre	-	Avaliação Nacional do Rendimento Escolar
APP-Sindicato - Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná		
B.O.	-	Boletim de Ocorrência
CA	-	Centro Acadêmico
CBF	-	Confederação Brasileira de Futebol
C. E.	-	Colégio Estadual
CELEM	-	Centro de Línguas Estrangeiras Modernas
CEP	-	Colégio Estadual do Paraná
CEPAL	-	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CESMAG	-	C. E. Senador Manoel Alencar Guimarães
CLT	-	Consolidação das Leis do Trabalho
CNE	-	Conselho Nacional de Educação
CONJUVE	-	Conselho de Juventude
CUT	-	Central Única dos Trabalhadores
DCE	-	Diretório Central de Estudantes
DEM	-	Partido Democratas
ECA	-	Estatuto da Criança e do Adolescente
E. E.	-	Escola Estadual
EJA	-	Educação de Jovens e Adultos

Eletrobrás	-	Centrais Elétricas Brasileiras S. A.
E.M.	-	Ensino Médio
ENEM	-	Exame Nacional do Ensino Médio
EP	-	Equipe Pedagógica
EPL	-	Estudantes Pela Liberdade
FBP	-	Frente Brasil Popular
FGTS	-	Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
FPSM	-	Frente Povo Sem Medo
GRPCOM	-	Grupo Paranaense de Comunicação
Ibope	-	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
Ideb	-	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IF	-	Instituto Federal
Inep	-	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INSE	-	Indicador de Nível Socioeconômico
IPI	-	Imposto Sobre Produtos Industrializados
IPPUC	-	Instituto de Pesquisa Planejamento Urbano de Curitiba
LAPEDUH	-	Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica
LDB	-	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
Levante	-	Levante Popular da Juventude
LGBT's	-	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
MBL	-	Movimento Brasil Livre
MDB	-	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
MEC	-	Ministério da Educação

MP 746	-	Medida Provisória 746
MPL	-	Movimento Passe Livre
MP-PR	-	Ministério Público do Paraná
MST	-	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MTST	-	Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
MVPR	-	Movimento Vem Pra Rua
NB	-	Núcleo de Base
NRE	-	Núcleo Regional de Educação
ONG's	-	Organizações Não Governamentais
ONU	-	Organização das Nações Unidas
PEC	-	Proposta de Emenda Constitucional
Petrobras	-	Petróleo Brasileiro S.A.
PIB	-	Produto Interno Bruto
PM	-	Polícia Militar
PMAJ	-	Programa Mundial de Ação para a Juventude
PNE	-	Plano Nacional de Educação
PNJ	-	Plano Nacional de Juventude
PPJ	-	Políticas Públicas de Juventude
PSDB	-	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	-	Partido dos Trabalhadores
R. O.	-	Revoltados Online
SEED	-	Secretaria de Educação do Estado do Paraná
SGPR	-	Secretaria-Geral da Presidência da República
SM	-	Salários Mínimos

SNE	-	Sistema Nacional de Educação
SNJ	-	Secretaria Nacional de Juventude
SSP-PR	-	Secretaria de Segurança Pública do Paraná
TICs	-	Tecnologias de Informação e Comunicação
TFP	-	Tradição, Família e Propriedade
UBES	-	União Brasileira de Estudantes Secundaristas
UFPR	-	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	-	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UJS	-	União da Juventude Socialista
UMES	-	União Municipal de Estudantes Secundaristas
UNE	-	União Nacional dos Estudantes
UNES	-	União Nacional dos Estudantes Secundaristas
UPE	-	União Paranaense de Estudantes
UPES	-	União Paranaense de Estudantes Secundaristas
UPP	-	Unidade de Polícia Pacificadora



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>1 OS JOVENS ESTUDANTES SECUNDARISTAS.....</b>	<b>26</b>
1.1 JUVENTUDE(S): PERCURSOS DE UMA CATEGORIA DE SUJEITO DE DIREITO A ATOR SOCIAL.....	26
1.2 ESTUDANTES SECUNDARISTAS E A ESCOLA.....	38
1.3 ENTRE A IDENTIDADE E O RECONHECIMENTO .....	44
<b>2 CICLO DE MOBILIZAÇÃO JUVENIL NO BRASIL .....</b>	<b>51</b>
2.1 AS JORNADAS DE JUNHO DE 2013.....	55
2.2 AS MOBILIZAÇÕES JUVENIS PRÓ E CONTRA O <i>IMPEACHMENT</i> .....	65
2.3 O MASSACRE DO DIA 29 DE ABRIL DE 2015 .....	73
2.4 AS OCUPAÇÕES DAS ESCOLAS DE SÃO PAULO .....	77
<b>3 O COLÉGIO ESTADUAL PEDRO MACEDO .....</b>	<b>88</b>
3.1 O PERFIL DOS OCUPANTES.....	99
<b>4 O TRABALHO DE CAMPO NO C. E. PEDRO MACEDO .....</b>	<b>104</b>
<b>5 AS OCUPAÇÕES, SEGUNDO OS OCUPANTES.....</b>	<b>162</b>
5.1 OCUPAR POR QUÊ? .....	162
5.2 A OCUPAÇÃO ENQUANTO <i>COMMUNITAS</i> .....	174
5.3 E DEPOIS QUE ACABOU? .....	204
<b>6 ESBOÇO PARA UMA CONCLUSÃO.....</b>	<b>217</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>222</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>232</b>
1 QUESTIONÁRIO VIRTUAL “VOCÊ OCUPOU O C. E. PEDRO MACEDO?” .....	232
2 TRANSCRIÇÃO DO GRUPO DE DISCUSSÃO COM ESTUDANTES DO C. E. PEDRO MACEDO.....	237

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema de estudo a mobilização juvenil, delimitando, como objeto de pesquisa, as ocupações das escolas públicas brasileiras que aconteceram em 2016 em todo o país, a serem analisadas com base em uma ocupação específica, do Colégio Estadual Pedro Macedo, localizado em Curitiba.

A pesquisa, no entanto, começou com um objeto distinto dentro da mesma temática da mobilização juvenil. Quando entrei no mestrado, em 2016, me propus a estudar a agitação e propaganda do Levante Popular da Juventude, movimento social do qual faço parte desde 2012. O Levante é um movimento social que busca aglutinar jovens de todo o Brasil, organizados em três frentes de atuação: estudantil, periférica e rural. O movimento foi nacionalizado em 2012 e atualmente conta com cerca de dez mil militantes.

Tentarei explicitar os percursos pelos quais a pesquisa passou, a fim de tratar de parte importante deste processo, que é o fato de eu ser uma militante neste exercício teórico, em meio ao cenário político atual no Brasil.

A agitação e propaganda (agitprop) faz parte da formulação de Lênin (1984) sobre o processo soviético, no qual ele estipula a necessidade de convencer as pessoas sobre as pautas políticas reivindicadas, na época pelo partido, através de mensagens rápidas, que fossem difundidas amplamente – a agitação – e de materiais mais aprofundados, que debatessem as táticas e até mesmo as estratégias – a propaganda. Meu projeto inicial tinha como objetivo identificar como o Levante se apropria desta formulação sobre a agitprop e como realiza sua aplicação prática nos dias de hoje, no Brasil. Tinha como objetivo, neste sentido, estudar os processos de mobilização do movimento, como os escrachos aos torturadores da ditadura e as campanhas de rechaço à Rede Globo. Eu intercalava, assim, as leituras de Lênin

(1984) e formuladores teóricos sobre o tema<sup>1</sup> com a participação nos atos e reuniões do movimento.

O cenário político em 2016 estava agitado, uma vez que grupos que se autodefinem como de “direita”, como o Movimento Brasil Livre (MBL), o Revoltados Online (RO) e o Movimento Vem Pra Rua (MVPR) estavam organizando manifestações políticas contra o Partido dos Trabalhadores (PT), acusando-o de corrupção e reivindicando o *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff. Na época eu já “estranhava” que jovens de direita estivessem usando as redes sociais em campanhas com memes e vídeos ao vivo para convocar as manifestações, fazendo flash mobs com centenas de pessoas, levando bandeiras gigantes para os atos e definindo uma identidade estética unitária, pautada na camisa verde e amarela da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Em minha trajetória militante não havia visto a “direita” convocar atos massivos, muito menos com uma identidade própria e ainda por cima, de caráter jovem!

Nós, de “esquerda”, por outro lado, estávamos organizando atos pela democracia e pelo direito de Dilma Rousseff (PT) terminar seu mandato, que começara em 2015. Desde 2013 havia um consenso na esquerda: era necessário dialogar mais com a população. Os atos estavam se modificando, com base nessa afirmativa, com várias pessoas coordenando, ao invés de um grande caminhão de som. As organizações políticas faziam paródias e músicas próprias, as juventudes dos grupos políticos cada vez mais levavam instrumentos musicais para os atos. Nós tentávamos fazer faixas, cartazes e bandeiras grandes, que não tivessem reivindicações difíceis de serem compreendidas, com uma identidade visual “jovem”, como tag’s e graffiti.

Quando depuseram Dilma (PT) e Michel Temer (MDB) assumiu o governo interino, meu processo de escrita travou e eu só conseguia pensar que estávamos

---

<sup>1</sup> Para mais elementos sobre a agitprop é possível acessar a cartilha da Via Campesina (2007), bem como o livro “Agitprop: cultura política”, de Douglas Estevam, Iná Camargo Costa e Rafael Villas Bôas (Orgs), de 2015.

vivendo um golpe político no Brasil e não era o momento para sistematizar nossas táticas. Cada tentativa de escrita era dolorida.

Começou outubro e a primeira escola foi ocupada. E mais uma, e depois outra. Eram dezenas. Fomos chamados a contribuir nas ocupações em que havia militantes do Levante inseridos como professores. Organizamos doações e oficinas, fomos nas escolas. Eram centenas. Nos chamaram para ajudar na ocupação do C. E. Pedro Macedo. Eram estudantes do Levante que precisavam de ajuda. Nos deixaram dormir na escola! Quando vi, minha tarefa era ocupar junto e contribuir com a organização do movimento naquele colégio.

Em meio à ocupação eu era uma *apoiadora*, que via a mobilização juvenil com carinho pela dimensão que tomara e pela qualidade da organização dos secundaristas, e ao mesmo tempo, com o olhar crítico de alguém que já passara por processos de luta anteriores.

E foi aí que meu objeto emergiu.

Ao ver como os secundaristas organizavam suas reuniões, as tarefas na ocupação, as oficinas, o contato com as mídias hegemônicas e populares, suas publicações nas redes sociais e a relação com a gente, os grupos de apoio, eu desnaturei o “meu jeito de fazer política” e pude perceber como eles estavam “fazendo a política”. Eu estava vendo como o processo originalmente espontâneo, em que a maioria expressiva estava se aproximando da prática política, estava tomando corpo e adquirindo forma.

Uma noite na ocupação, quando pessoas contrárias tentaram entrar na escola, os ocupantes foram orientados por outro grupo político que também apoiava a cobrir seus rostos e se armar com pedaços de madeira para impedi-los. Eles afirmavam que a ação direta era necessária e que, se fosse preciso, teriam que “radicalizar” para manter a segurança da ocupação. Eu, naquele momento, nos vi, a mim e a outra militante do Levante que estava junto, impelidas a fazer algo com o qual não concordávamos, mas na situação não tinha como negar e participamos da ronda, empunhando cabos de vassoura. No outro dia, no entanto, conversamos com os estudantes sobre o que é a ação direta, sobre a necessidade de organização e

planejamento prévios, sobre as consequências para eles e para o movimento envolvendo uma possível agressão dentro do colégio.

Ficou evidente para mim que as táticas políticas de *ação direta* têm metodologias possíveis e distintas, e que as ocupações eram um espaço rico de aprendizagem justamente por serem formadas por pessoas que estavam começando a fazer política, dispostas a aprender, e por grupos políticos diversos, dispostos a ensinar. Meu objeto, neste momento, ganhou sentido e forma, e a sistematização que trago nesta dissertação é, assim, a tentativa de análise deste processo de “um vivido sociologicamente construído” (WACQUANT, 2002, p. 15), onde meu trabalho de campo teve caráter de *participação observante*, como veremos adiante (*Ibid.*, p.23). A sociologia articula, assim, o vivido, sentido e aprendido, em um processo de apreensão reflexiva, onde minha própria atividade militante é parte da pesquisa.

Começaremos a presente análise por um mapeamento teórico sobre a emergência da juventude brasileira como sujeito de direito que teve participação destacada nos processos de elaboração de Políticas Públicas de Juventude (PPJ) e na conformação da juventude como um ator político (ABRAMO, 1997; BEGA, SALLAS, 2006; BOURDIEU, 1984; DAYRELL, 2007; MARTINS, 2011; NOVAES, 2007, 2014; PEREGRINO, 2014; SILVA, ANDRADE, 2009).

Não é o foco, no entanto, tratar a juventude como uma categoria homogênea. Nosso recorte da análise, assim, é delimitado por jovens estudantes secundaristas da rede pública de ensino (BOURDIEU, 1984; LEÃO, 2014).

A segunda parte do primeiro capítulo tem como objetivo refletir sobre o jovem e a escola, com base na análise da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996) e na Lei nº 12.061, de 2009, que trata da universalização do Ensino Médio, bem como nos dados do Censo Escolar de 2017, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Estabeleço a hipótese de que a escola é um espaço hostil, onde as trajetórias escolares são caracterizadas pela assimetria. A Medida Provisória 746 e a Proposta de Emenda Consitcional 241 (55) foram, portanto, o *estopim* para os estudantes, que já estavam insatisfeitos com o cenário político atual de golpe (BOITO, 2012; BRESSER-PEREIRA, 2012; LÖWY,

2016; MIGUEL, 2016; NOVAES, 2014) e com a estrutura escolar assimétrica e hierarquizada (BOLETIM JUVENTUDE INFORMA, 2014; GONZALEZ, 2009).

O último tópico do primeiro capítulo busca compreender quem são estes jovens e qual o caráter desta invisibilização. Como aponta Novaes (2014), uma parcela expressiva da juventude que se engaja politicamente é constituída por mulheres, negros e Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travests e Transexuais (LGBT's), que não encontram na sociedade, e, portanto, no ambiente escolar, um espaço de *reconhecimento* (HONNETH, 2003). A insatisfação é, neste sentido, o fermento na constituição da identidade dos estudantes enquanto atores políticos (MELUCCI, 1996, *apud* NAUJORKS, SILVA, 2016). Sua trajetória escolar é constituída, desta forma, com base em sentimentos de invisibilização, que atuaram como fatores mobilizantes (AGUILERA RUIZ, 2014; HONNETH, 2003; VIDRIO, 2016).

As ocupações podem ser definidas, portanto, como mobilizações bivalentes, pois tinham demandas de caráter redistributivo – o orçamento e o currículo – e de caráter identitário (FRASER, 1996; NOVAES, 2014; TOURAINE, 2006). Além disso, podemos identificar as ocupações como momentos de ruptura com as normas escolares, onde os estudantes implementaram novas normas e formas de sociabilidade, pautados em referenciais positivos, como a confiança e a amizade (TURNER, 1974).

O segundo capítulo é a busca de resposta a uma questão específica: é possível traçar uma conexão entre as mobilizações juvenis recentes no Brasil e as ocupações das escolas públicas? Partimos da hipótese sustentada por Aguilera Ruiz (2012, 2014) e por Tarrow (2012) de que as mobilizações podem ter um caráter *cíclico*, em que sim, é possível estabelecer uma relação entre mobilizações que a princípio parecem desconexas. Refletiremos, com base nesta preposição, sobre a inovação das *táticas* (CERTEAU, 2013; HARNECKER, 1985; TOURAINE, 2006) utilizadas em mobilizações recentes, estabelecendo assim uma proposta de *ciclo de mobilização* juvenil no Brasil atualmente.

O primeiro destes momentos é composto pelas Jornadas de Junho de 2013, que inovam no sentido de serem atos massivos descentralizados, convocados pelas redes sociais, com a ação direta como parte importante da mobilização, protagonizada pelos *blac blocks* (CLETO, 2016; COLETTI, 2017; SINGER, 2013; TORINELLI, 2014).

Depois das Jornadas de Junho vários grupos se consolidaram, entre eles grupos de direita e esquerda, que se organizaram em torno do *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff, a favor e contrários. A mobilização destes processos teve, como descrito acima, caráter marcadamente juvenil (AMARAL, 2016; ARAÚJO, R. *et al*, 2016; CHAUI, 2016; LÖWY, 2016; TATAGIBA, L. *et al*, 2015).

Outro momento de protagonismo juvenil no último período evidencia o motivo de o Paraná ser um lugar de organização estudantil “privilegiado”, por ter processos recentes de mobilização e também de ação direta. O “Massacre” do dia 29 de abril de 2015 foi marcado por um processo de combate à violência policial, em que os estudantes tiveram papel ativo no confronto com as forças policiais ostensivas. Podemos afirmar que foi também uma “escola”, que agregou a ação direta como uma tática de destaque ao repertório de mobilização dos jovens paranaenses (BELINNI, 2015; FERRIGOLO, P. *et al*, 2015; GALLEGO, 2016).

O último ponto de destaque deste capítulo versa sobre as ocupações das escolas públicas de São Paulo, que aconteceram em 2015 e foram importantes por inaugurar as ocupações de escolas públicas como uma tática massiva no Brasil. Os estudantes secundaristas ocuparam cerca de 180 colégios em oposição à proposta de “reorganização escolar” do governo estadual, com uma referência explícita ao processo de mobilização dos estudantes chilenos, como veremos adiante (AGUILERA RUIZ, 2012; CAMPOS, MEDEIROS, RIBEIRO, 2016; O MAL EDUCADO, 2015).

Insiro as ocupações dos colégios públicos de 2016 como parte deste *ciclo de mobilização juvenil*, partindo da análise da ocupação do C. E. Pedro Macedo como base para o estudo.

O terceiro capítulo tem como objetivo apresentar o C. E. Pedro Macedo e os estudantes ocupantes. Partimos da hipótese, para tanto, de que o colégio é um *território*, em que alguns estudantes têm uma trajetória de invisibilização e marginalização acentuados, que foram motivadores para o engajamento nas ocupações (SANTOS, 2005).

O C. E. Pedro Macedo está localizado no Bairro Portão, em Curitiba. O Portão, como evidenciaremos, é um bairro limítrofe entre a região central e a região sul de



Curitiba, que constitui a maior área periférica da cidade. O colégio é, neste sentido, o ponto de convergência de estudantes que vivem em diferentes realidades. Ele é, assim, um *território* com características próprias (BOITO, 2012; INEP, 2013; IPPUC, 2015; SANTOS, 2005).

Concluo este capítulo no esforço de traçar o perfil dos estudantes que ocuparam o C. E. Pedro Macedo. Me baseio, para tanto, em uma de minhas fontes primárias de análise, um questionário virtual desenvolvido por mim e aplicado entre dezembro de 2017 e janeiro de 2018. O questionário “*Você ocupou o C. E. Pedro Macedo?*” é composto por 62 perguntas, entre elas perguntas de múltipla escolha, a fim de traçar o perfil dos participantes, e perguntas dissertativas, com o objetivo de apreender as narrativas dos ocupantes sobre o processo e sobre si mesmos. Ao todo 25 pessoas responderam o questionário e a sistematização dos dados e citações das respostas é a base desta elaboração do perfil dos ocupantes.

O quarto capítulo é a sistematização de meu trabalho de campo na ocupação do C. E. Pedro Macedo. Como referenciado no início desta introdução, eu participei da ocupação do colégio enquanto uma militante do Levante Popular da Juventude, partindo para a análise deste processo como observadora e participante (WACQUANT, 2002).

O quinto capítulo, que encerra esta dissertação, é composto pela narrativa dos próprios estudantes sobre o processo de ocupação, com o objetivo de apreender como eles entendem este processo político e a si mesmos, enquanto atores políticos engajados.

As narrativas que orientam este capítulo foram sistematizadas por estudantes do Colégio Estadual Pedro Macedo, em um grupo de discussão coordenado pela Professora Dr<sup>a</sup>. Ana Luisa Fayet Sallas, com participação minha e da Sabrina Freitas. O grupo de discussão aconteceu em dezembro de 2017 com três estudantes ocupantes, ou seja, um ano depois das ocupações, quando as memórias já estão mais assentadas e o discurso dos estudantes frisa bastante a saudade e como as ocupações reverberaram em suas vivências posteriores, de forma reflexiva.

Para preservar a identidade das pessoas entrevistadas, vou usar do anonimato nas citações. As falas estão precedidas, quando em trechos de interação entre duas ou mais pessoas entrevistadas, por letras que caracterizam a conversação (“A”; “B”; “M”, para os estudantes e “M1” e “M2”, para mediadores).

Ressalto, ainda, para fins metodológicos, que me oriento com base em artigo produzido pela equipe de bibliotecários da Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), intitulado “Como citar no texto acadêmico as entrevistas oriundas de pesquisas qualitativas? ”, de 2012.

Além destas, utilizo como fontes secundárias para a análise entrevistas feitas com estudantes do Colégio Estadual Barão do Rio Branco, logo após as ocupações, por um grupo formado para analisar as ocupações, coordenado pela Professora Dr<sup>a</sup>. Simone Meucci, com estudantes da graduação e da pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná. Ao todo foram três entrevistas, sendo duas delas com dois estudantes e uma com três estudantes. As sete pessoas entrevistadas participaram de forma ativa da ocupação de seu colégio e trazem, de forma detalhada, como foi sua experiência. Estas entrevistas foram realizadas logo após as ocupações, em novembro de 2016, e é possível observar como as narrativas são emotivas e mais esperançosas. Eu me inseri nesse grupo após as entrevistas serem realizadas e, portanto, não participei presencialmente delas.

Para preservar a identidade das pessoas entrevistadas, nas entrevistas realizadas com os estudantes do C. E. Barão do Rio Branco também vou usar do anonimato nas citações. As falas estão precedidas, quando em trechos de interação entre duas ou mais pessoas entrevistadas, por letras que caracterizam a conversação (“K”; “AR”; “S”; “P”, “B”, “J” e “AR” para estudantes e “M1” e “M2” para mediadores).

Em outubro de 2017 este grupo de estudos sobre as ocupações do Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) – que reúne o grupo Produção e Circulação do Pensamento Social, coordenado pela Professora Dr<sup>a</sup>. Simone Meucci e o grupo Imagem e Conhecimento, coordenado pela Professora Dr<sup>a</sup>. Ana Luisa Fayet Sallas – realizou atividades com estudantes da ocupação do C. E. Barão do Rio Branco e do C. E. Pedro Macedo, com o objetivo de conversar sobre as memórias das ocupações.

As atividades foram compostas por uma oficina com imagens das ocupações registradas pelos estudantes e selecionadas pelos mesmos, a fim de tratar das memórias afetivas relacionadas ao processo de ocupação de suas escolas. O resultado da oficina foi organizado como uma exposição, intitulada “Me ocupei da mudança” e exposta na Reitoria da Universidade Federal do Paraná, em outubro de 2017. As memórias descritas pelos estudantes na oficina e sistematizadas nas montagens de fotos sobre as ocupações agregam, de maneira tangencial, o presente trabalho, à medida em que reforçam pontos das narrativas apreendidos nas entrevistas e no grupo de discussão.

Como complementação destas entrevistas feitas pelo grupo de Sociologia da UFPR, insiro também como fontes secundárias os relatos de estudantes de diversas ocupações sistematizados no livro do Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica (LAPEDUH), também da UFPR, e organizado pela Professora Dr<sup>a</sup>. Maria Auxiliadora Schmidt, Thiago Divargim e Adriane Sobanski, intitulado #OcupaPR2016: memórias de jovens estudantes (SCHMIDT, DIVARDIM, SOBANSKI, 2016).

## 1 OS JOVENS ESTUDANTES SECUNDARISTAS

O presente capítulo tem como objetivo tratar da juventude brasileira e seu processo de constituição enquanto *sujeito de direito*, que se tornou alvo de políticas públicas importantes no último período (2002-2016). A juventude participou de forma ativa na elaboração destas políticas institucionais e se organizou, para além desta esfera, como um *ator político* relevante em meio aos processos políticos recentes no Brasil, como veremos adiante.

Os descontentamentos que já eram expostos como demandas juvenis, como a relação com a educação e com a escola, por exemplo, se tornam motivações para o *engajamento* político, culminando com as ocupações das instituições de ensino, com demandas de reconhecimento e de participação.

### 1.1 JUVENTUDE(S): PERCURSOS DE UMA CATEGORIA DE SUJEITO DE DIREITO A ATOR SOCIAL

A juventude é uma construção social que ultrapassa a questão etária que a circunscreve. Segundo Bourdieu (1984), “la juventud y la vejez no están dadas, sino que se construyen socialmente en la lucha entre jóvenes y viejos.” (BOURDIEU, 1984, p. 120).

No Brasil, define-se a juventude como o período entre os 15 e 29 anos, segundo a referência estabelecida pela Organização das Nações Unidas (ONU) e seguida no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990, no entanto, deve-se olhar para a juventude como uma condição, resultado de processos históricos e culturais, para melhor compreendê-la. De acordo com Novaes:

De início, vale lembrar que questionar a universalidade da categoria juventude significa reconhecer sua historicidade. Variam as idades cronológicas e as expectativas que as sociedades constroem sobre seus jovens. De fato, definições sobre infância, juventude e maturidade foram ganhando conteúdos, contornos sociais e jurídicos ao longo da história, no bojo de disputas econômicas e políticas. São arbitrários culturais e regras socialmente construídas que determinam quando, como e por meio de quais rituais as sociedades reconhecem as passagens entre estas fases da vida (NOVAES, 2007, p. 1).

Por *condição juvenil* podemos compreender, com base em Dayrell (2007):

A condição juvenil refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo de vida, refere-se a uma dimensão histórico-geracional, ao passo que a situação dos jovens revela o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc (DAYRELL, 2007, p. 1108).

Pode-se afirmar que, no Brasil, o processo de emergência da juventude enquanto um grupo social aconteceu através da organização desta em meio aos processos políticos e sociais mais amplos e, somente na década de 1980, houve destaque para a juventude enquanto uma categoria com características próprias e demandas específicas.

Na primeira metade do século XX, os jovens brasileiros se destacaram enquanto atores sociais inseridos em partidos políticos e grupos da igreja católica. As mobilizações juvenis versavam sobre os rumos da nação, tratando dos debates da época, como o “Desenvolvimentismo” da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), a “Aliança Para o Progresso”, proposta com acordos com os Estados Unidos, o “Humanismo” cristão e o processo revolucionário baseado em Cuba. Nesse período surgiram importantes organizações juvenis, como a União Nacional dos Estudantes (UNE) e as pastorais juvenis (urbanas e rurais), que foram reprimidas pela ditadura militar, instituída em 1964. “Desta forma, pode-se dizer que até o início dos anos de 1980, os jovens que participavam eram, em sua maioria, oriundos das classes médias e que a atuação estudantil foi vista pela sociedade como sinônimo de “movimento juvenil” (NOVAES, 2014, p. 4).

A UNE foi a entidade responsável por organizar estudantes secundaristas e universitários até 1948, quando os secundaristas criaram a União Nacional dos Estudantes Secundaristas (UNES), que em 1949 se tornou a União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES). Os estudantes secundaristas foram protagonistas na campanha de estatização do petróleo, chamada “O Petróleo É Nosso”, que foi exitosa, como se vê abaixo:

Por causa desta projeção nacional, os secundaristas foram violentamente agredidos pelo golpe militar de 1964, que teve, entre suas primeiras ações, o incêndio e fuzilamento da sede dos estudantes na madrugada do dia 1º de abril de 1964. Nos anos de chumbo, a Lei Suplicy de Lacerda coloca a UBES e grêmios estudantis na ilegalidade. Em 1968, o secundarista Edson Luis foi morto por um tiro de soldado durante uma manifestação estudantil contra o preço do restaurante estudantil do Calabouço, o primeiro estudante assassinado pela repressão. O velório no Rio de Janeiro levou mais de 50 mil pessoas para as ruas e se tornou em um ato de resistência à ditadura, transformando o jovem em um grande símbolo da luta contra a ditadura (UBES. “História UBES: 40 milhões de estudantes, ideias e sonhos”, 2017).

As mobilizações contra a morte do secundarista Edson Luis Lima Souto foram se intensificando e culminaram com a “Passeata dos Cem Mil”, que aconteceu em junho de 1968, no Rio de Janeiro. A Passeata foi o maior ato contra a Ditadura Militar e foi reprimida pelo governo. O Ato Institucional de Nº 5 (AI-5), instituído em 1968, proibiu a organização política e intensificou o processo de criminalização aos estudantes mobilizados. O Decreto-Lei Nº 477, de fevereiro de 1969, previa infrações e penalidades para professores, funcionários e estudantes que se organizassem contra o regime militar. As entidades estudantis seguiram atuando de forma clandestina e o movimento estudantil foi um dos protagonistas no processo de redemocratização do país (SALLES, *et al*, 2017).

No período de redemocratização, a temática da juventude retorna, mas desta vez como um “problema social” (ABRAMO, 1997). Esta análise, baseada na anomia, pode ser criticada tendo como base Elias (2000), que afirma que o estabelecimento dos “normais” e dos *outsiders* – normais aqui como os inseridos no mercado de trabalho formal, ou seja, produtivos e/ou “socializados” – é uma categorização que, em suma, reforça o conceito de uma normalidade, ou padrão, e marginaliza e/ou exclui

as que não se aproximam deste padrão estabelecido (ELIAS, 2000 *apud* BEGA, SALLAS, 2006). Para Abramo:

Numa primeira visão panorâmica, pode-se verificar que a maior parte dos programas desenvolvidos por estas instituições dividem-se em dois grandes blocos, todos eles visando dirimir ou pelo menos diminuir as dificuldades de integração social desses adolescentes em desvantagem: programas de ressocialização (através de educação não-formal, oficinas ocupacionais, atividades de esporte e “arte”) e programas de capacitação profissional e encaminhamento para o mercado de trabalho (que, muitas vezes, não passam de oficinas ocupacionais, ou seja, não logram promover qualquer tipo de qualificação para o trabalho). É necessário notar, porém, que em parte considerável desses programas, apesar das boas intenções neles contidos, o que se busca, explícita ou implicitamente, é uma contenção do risco real ou potencial desses garotos, pelo seu “afastamento das ruas” ou pela ocupação de “suas mãos ociosas” (ABRAMO, 1997, p. 26).

Houve, neste sentido, o desenvolvimento de diversas ações estatais para “integrar” e “ressocializar” os jovens, como evidenciam Novaes (2007; 2014) e Abramo (1997), na esfera produtiva e na esfera social, nas quais a igreja católica se destacava como intermediadora, com projetos sociais de combate à violência e à exclusão social. A sociologia, neste sentido, também olhava para o jovem como alguém em uma “fase”, na transição da infância para a vida adulta, que poderia ter “desvios” no caminho. Esses desvios e seus “concertos” eram o foco de análise neste período. Abramo (1997) afirma que “o foco real de preocupação é com a coesão moral da sociedade e com a integridade moral do indivíduo — do jovem como futuro membro da sociedade, integrado e funcional a ela” (ABRAMO, 1997, p. 29).

A década de 1990 foi marcada pela consolidação do projeto neoliberal no país,<sup>2</sup> que se estruturou com base na relação de exploração de países do sul, através do processo de financeirização e flexibilização da economia. O Consenso de Washington, proposto pelos Estados Unidos na década de 1990, é considerado o referencial mais explícito em que esta relação se consolida, uma vez que propõe

---

<sup>2</sup> O neoliberalismo se configura pela predominância das relações regidas pelo mercado financeiro internacional. Os Estados nacionais perdem força para a regulamentação dos fluxos de capital especulativo que circulam mundialmente através de corporações bancárias e empresas. A produção também está organizada a nível mundial, como uma rede complexa e interdependente (CASTELLS, 1999).



trocas comerciais desnacionalizadas que favorecem as economias desenvolvidas e geram um processo de dependência dos países do sul, através das altas taxas de juros, do aumento das dívidas externas e a superexploração do trabalho, o aumento do desemprego e a precarização das condições de trabalho – com a perda de direitos trabalhistas, a flexibilização da jornada de trabalho, a instabilidade com o aumento das taxas de desemprego e o aumento do exército de reserva (MARTINS, 2011).

Em meio a este cenário de superexploração e precarização das condições de vida, a juventude se caracterizava como um dos setores mais afetados pela pobreza e pela instabilidade, a nível mundial, por ser um dos maiores grupos entre os trabalhadores desempregados e terceirizados.

Ainda que o processo da Assembleia Constituinte de 1987-1988 tenha culminado com uma Constituição Federal que previa a universalização de direitos sociais, entre eles a educação, a saúde e a assistência social, e que em 1990 tenha sido aprovado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), na prática a consolidação destes avanços foi limitada pela prevalência do neoliberalismo que priorizava a formação profissional para a “superação” das desigualdades sociais (ABRAMO, 1997; NOVAES, 2007).

O governo brasileiro, que já participava de encontros com outros países<sup>3</sup> promovidos pela ONU para tratar das questões juvenis, desenvolveu uma série de medidas na década de 1990, com base na perspectiva da juventude como um problema social que deve ser cerceada e ao mesmo tempo educada para a vida adulta/produtiva. Podemos citar como exemplo as parcerias com Organizações Não Governamentais (ONG's), fundações e empresas para que estas desenvolvessem programas esportivos, culturais e de formação para a inserção no mercado de trabalho. O público-alvo era a juventude com “risco social” e o objetivo destes

---

<sup>3</sup> A Organização das Nações Unidas, desde a década de 60 já fazia pesquisas acerca da juventude, bem como organizava encontros para tratar do tema a nível mundial. Em 1965 lançaram a Declaração sobre o Fomento entre a Juventude dos Ideais de Paz, Respeito Mútuo e Compreensão entre os Povos. Em 1985 estabeleceram o Ano Internacional da Juventude: Participação, Desenvolvimento e Paz. Em 1995 lançaram o Programa Mundial de Ação para a Juventude (PMAJ), com a proposta de ação estratégica a nível mundial de combate à pobreza e à violência. Depois dele, vários acordos internacionais foram firmados, com o objetivo de implementar Políticas Nacionais de Juventude nos países e acordos internacionais em relação aos jovens (SILVA; ANDRADE, 2009, p. 46).

programas era resolver os “problemas” da juventude (SILVA; ANDRADE, 2009, p. 48).

Para Silva e Andrade:

Prevaleceram, portanto, políticas focalizadas em setores que apresentam as características de vulnerabilidade, risco ou transgressão – normalmente, os grupos visados encontravam-se na juventude urbana, pobre e negra. De forma geral, eram iniciativas pontuais de curta duração e voltadas para a inclusão social de jovens via oficinas de capacitação, visando melhorar a inserção no mundo do trabalho (SILVA; ANDRADE, 2009, p. 49).

Nesse período, grupos de jovens se contrapunham a essa perspectiva mercadológica do estado brasileiro e demandavam o reconhecimento da juventude como *sujeito de direitos*, como previsto na Constituição Federal de 1988 e no ECA. Estes jovens começaram a se organizar em movimentos sociais para elencar as demandas ignoradas pelo Estado. Há, neste sentido, a emergência de grupos juvenis – culturais, esportivos, ambientais, estudantis, político-partidários, étnicos, de igualdade de gênero, associações de bairros – que reivindicavam ações que ultrapassem a esfera orientada para o combate à violência e à profissionalização.

No início da década de 1990, os jovens se mobilizaram pelo *impeachment* do então Presidente, Fernando Collor de Mello, em manifestações que ficaram conhecidas como “Caras Pintadas”, que aconteceram em 1992. Ainda que as manifestações tenham tomado grandes proporções e ele tenha sido afastado da Presidência da República, as análises em relação ao protagonismo juvenil seguiam como sendo uma manifestação “desorganizada”, que os colocava como espontaneístas e sem projetos políticos “de fato” (ABRAMO, 1997). É interessante pensar, neste sentido, como a noção de *política*, com referência na organização sindical e partidária, já neste período não era capaz de integrar e incorporar a juventude como ator social politicamente engajado de forma eficaz, que lhes garantisse legitimidade. De acordo com Abramo:

É curioso notar que, apesar da juventude estudantil ter tido, durante todo o período dito “de modernização” do país (dos anos 30 aos 70), destacada presença em prol dos processos de democratização e combate às estruturas

conservadoras, houve sempre certa ressalva com relação à eficácia de suas ações: para os setores conservadores, a suspeita de baderna e de radicalismo transgressor; para alguns setores da esquerda, a suspeita de alienação ou de radicalidade pequeno-burguesa inconsequente. No entanto, a partir dos anos 80, o enfraquecimento desses atores estudantis levou a fazer notar, e lamentar, o desaparecimento da juventude da cena política, erigindo aquelas formas de atuação antes suspeitas a modelos ideais de atuação, frente aos quais todas as outras manifestações juvenis aparecem como desqualificadas para a política. Mesmo sua participação nas movimentações de rua pelo *impeachment* de Collor, em 1992, foi largamente desqualificada por serem “espontaneístas”, “espetaculares”, com mais dimensão de “festa” do que de “efetiva” politização (ABRAMO, 1997, p. 27).

A juventude foi tratada, ainda neste período, como desinteressada politicamente, como reprodutora passiva do processo de individualismo produtivista neoliberal, no qual o consumo seria o único mobilizador social. Estabeleceu-se um mito da “eterna juventude”, em que os jovens eram associados à inconsequência, imediatismo e consumismo (BEGA; SALLAS, 2006, p. 56-57).

No entanto, podemos afirmar que já neste período os jovens se identificavam para além de “problemas sociais” e de “inconsequentes” e havia grupos juvenis de mulheres, negros, LGBT’s, moradores de periferias urbanas, estudantes, camponeses, religiosos, artistas, esportistas, enfim, com diversas experiências enquanto jovens, que estavam organizados em coletivos e partidos políticos, participando das esferas institucionais ou não, mas se organizando de múltiplas formas enquanto atores sociais. Foi a partir da metade da década de 1990 que houve espaço para formulações de políticas públicas neste sentido, como afirma Novaes:

A partir da segunda metade da década de 1990, surgiram espaços institucionais – coordenadorias e assessorias – de juventude em alguns municípios brasileiros. Nesse âmbito, destacam-se as primeiras experiências inovadoras dos Centros de Referência de Juventude, as primeiras Conferências Municipais, bem como os festivais na área cultural, com valorização das chamadas culturas de periferia, como *hip hop*, *break*, grafite (NOVAES, 2014, p. 10).

A partir de 2002, com a eleição de Luiz Inácio “Lula” da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), o projeto neodesenvolvimentista (2002-2016) foi implementado

no Brasil, intensificando o processo de reconhecimento da juventude enquanto sujeito de direito:

O Estado novo-desenvolvimentista continua a basear-se, conceitualmente, nas ideias estruturalistas e keynesianas, mas agora enriquecidas por um conjunto de novos modelos econômicos que foram desenvolvidos, levando em consideração políticas desenvolvimentistas bem-sucedidas em países asiáticos – enriquecidos, em suma, por uma macroeconomia estruturalista do desenvolvimento. No plano das políticas públicas, os aspectos que definem o Estado novo-desenvolvimentista são o papel estratégico do Estado, a prioridade dada ao desenvolvimento econômico, uma taxa de câmbio competitiva, a responsabilidade fiscal e o aumento da carga tributária para financiar os gastos sociais. No plano político, o Estado novo-desenvolvimentista supõe a formação de um pacto político ou coalizão de classes associando empresários, a burocracia pública e a classe trabalhadora, coalizão esta que tem como adversários os capitalistas rentistas, inclusive os proprietários de empresas e concessões públicas monopolistas, os exportadores de *commodities* e os interesses estrangeiros. O aumento dos gastos sociais é crucial para este Estado, porque, no quadro da democracia, os eleitores exigem do Estado o aumento de gastos em educação, saúde, assistência social e seguridade social (BRESSER-PEREIRA; THEUER, 2012, p. 815).

Os grupos juvenis ganharam mais espaço de diálogo com o estado brasileiro a partir de 2002, quando se iniciou um novo período de caracterização da juventude e de suas demandas no Brasil, com espaços específicos para este diálogo e para o desenvolvimento de propostas de políticas públicas específicas.

Em 2004, aconteceu a I Conferência Nacional da Juventude, a criação do Grupo Interministerial ligado à Secretaria-Geral da Presidência da República (SGPR), a realização do Projeto Juventude, pelo Instituto Cidadania, com uma pesquisa nacional para traçar o perfil da juventude brasileira, e o Projeto de Lei (PL) nº 4.529/2007, referente ao Estatuto de Direitos da Juventude e o PL nº 4.530/2004, referente ao Plano Nacional de Juventude.

Em 2005, houve a criação da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), ligada à SGPR, com o objetivo de articular os programas federais de juventude existentes anteriormente. Neste mesmo ano, foi desenvolvida uma proposta de Plano Nacional de Juventude (PNJ), formulada pela Secretaria Nacional de Juventude e pelo Conselho de Juventude (CONJUVE). Segundo Silva e Andrade:

Estas demandas emergem da compreensão dos jovens como *sujeitos de direitos*, definidos não por suas incompletudes ou desvios, mas por suas especificidades e necessidades, e devem ser reconhecidas no espaço público como demandas cidadãs legítimas (SILVA; ANDRADE, 2009, p. 49).

É possível, neste sentido, adotar a perspectiva de Bourdieu (1984) para tratar da juventude organizada como um *ator social* na disputa de recursos na sociedade. Para esta reflexão é necessário, ainda, como afirma Lenoir<sup>4</sup>, fazer uma construção da juventude estudantil como categoria de análise. O objetivo do presente trabalho não é colocar a juventude como grupo em evidência pelas “faltas” e assim reproduzir o que Lenoir (1998) afirma ser um texto comprometido com buscar soluções, como resultado da pesquisa. Pelo contrário, ao evidenciar a juventude estudantil como categoria que se organiza política e coletivamente, busco compreender como essa organização acontece, quais os agentes envolvidos no campo de disputa e quais as estratégias desenvolvidas pelos jovens nestas disputas.

A esfera de disputa institucional, no Conjuve e nas Conferências de Juventude nas últimas décadas, gerou um processo importante de orientação estatal para as demandas deste setor. Em 2007, o PNJ foi reformulado e programas ministeriais, até então focalizados, foram reavaliados, pois não estavam integrados e coordenados.

É importante salientar, ainda no que tange à participação de jovens nas políticas institucionais, que os Conselhos Setoriais se articulam com Ministérios e Secretarias e também entre eles, uma vez que os debates têm pontos comuns que são tratados tanto no CONJUVE e na SNJ, quanto no Conselho Nacional de Educação (CNE) e no Ministério da Educação (MEC).

---

<sup>4</sup> Os princípios de classificação não são naturais, mas socialmente construídos. A classificação etária, afirma Lenoir (1998), surgiu na França no século XVI para organizar os “úteis” (15 a 60 anos) e “inúteis” (demais idades) em relação ao pagamento de impostos. As categorias que hoje são consideradas “naturais” como jovens, velhos, crianças e adultos são, neste sentido, construções sociais que variam de acordo com situações e contextos. Uma pessoa pode ser considerada velha aos 50 anos para ter filhos, mas adulta no que tange a idade produtiva, por exemplo. O que cabe à sociologia é estudar como estas classificações são socialmente organizadas e como os distintos grupos disputam posições, privilégios e recursos valiosos em torno destas distinções, ou seja, a luta social que existe entre as diferentes gerações (LENOIR, 1998).

O CNE, no entanto, teve como foco ao longo do período neodesenvolvimentista (2002-2016) a articulação do MEC com outras esferas institucionais, para a elaboração de políticas educacionais para todos os níveis de ensino, culminando com a elaboração de um Plano Nacional de Educação (PNE), que foi sancionado em 2014:

A Emenda Constitucional nº 59/2009 (EC nº 59/2009) mudou a condição do Plano Nacional de Educação (PNE), que passou de uma disposição transitória da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) para uma exigência constitucional com periodicidade decenal, o que significa que planos plurianuais devem tomá-lo como referência. O plano também passou a ser considerado o articulador do Sistema Nacional de Educação, com previsão do percentual do Produto Interno Bruto (PIB) para o seu financiamento. Portanto, o PNE deve ser a base para a elaboração dos planos estaduais, distrital e municipais, que, ao serem aprovados em lei, devem prever recursos orçamentários para a sua execução (BRASIL, 2014, p. 4).

O PNE pode ser considerado um avanço, porque estabelece vinte metas a serem alcançadas em dez anos, portanto tem duração de 2014 a 2024, e prevê o financiamento da Educação através de um percentual do Produto Interno Bruto (PIB), a ser atingido também até o final do decênio. O PNE estabelece uma visão holística do processo educativo brasileiro e avança no sentido de planejar e efetivar um Sistema Nacional de Educação (SNE), que é tema de debate acerca da educação. Um dos elementos centrais para este avanço é estabelecer a interrelação entre as esferas Municipais, Estaduais e Federal e ainda, estabelecer a meta de financiamento para a Educação a ser atingida em 2024. Para Novaes:

No que diz respeito às políticas públicas de juventude, um de seus desafios é combinar projetos e ações que assegurem igualdade de direitos da cidadania; valorização da diversidade juvenil por meio de ações afirmativas e respostas às demandas que dizem respeito à atual condição juvenil. A conjugação destes aspectos exige uma nova maneira de olhar - um novo paradigma - sobre as vulnerabilidades e potencialidades dos diferentes segmentos da juventude brasileira (NOVAES, 2007, p. 7).

Ao tratarmos a juventude como *sujeito de direito*, neste sentido, afirmamos que há um processo de reconhecimento e mobilização dos jovens enquanto tal. Porém, nem todas as pessoas jovens vivem as mesmas situações, se identificam entre si e têm reivindicações e demandas homogêneas. Há, portanto, a necessidade de olhar para a juventude como segmento, em relação ao restante da sociedade, mas que tem especificidades em seu interior, pois não há uma única forma de “ser” jovem.

Podemos afirmar, de tal forma, que nos voltamos para os *jovens estudantes*, a fim de apreender como vivem enquanto tal, ou seja, como têm uma *experiência* específica, pautada em sua condição enquanto atores sociais. Segundo Thompson (1981), a experiência é vivida e percebida pelos sujeitos, que sentem e sistematizam experiências comuns, organizando as normas e instituições sociais. Nas palavras do autor:

Exploramos, tanto na teoria como na prática, os conceitos de junção (como “necessidade”, “classe” e “determinação”), pelos quais, através do termo ausente, “experiência”, a estrutura é transmutada em processo, e o sujeito é reinserido na história. Ampliamos muito o conceito de classe, que os historiadores da tradição marxista empregam comumente – de maneira deliberada e não por uma “inocência” teórica – com uma flexibilidade e indeterminação desautorizadas tanto pelo marxismo como pela sociologia ortodoxa. E quanto à “experiência” fomos levados a reexaminar todos os sistemas densos, complexos e elaborados pelos quais a vida familiar e social é estruturada e a consciência social encontra realização e expressão (sistemas que o próprio rigor da disciplina, em Ricardo ou no Marx de O Capital, visa excluir): parentesco, costumes, as regras visíveis e invisíveis da regulação social, hegemonia e deferência, formas simbólicas de dominação e de resistência, fé religiosa e impulsos milenaristas, maneiras, leis, instituições e ideologias – tudo o que, em sua totalidade, compreende a “genética” de todo processo histórico, sistemas que se reúnem todos, num certo ponto, na experiência humana comum, que exerce ela própria (como experiências de classe peculiares) sua pressão sobre o conjunto (THOMPSON, 1981, p. 188-189).

A *experiência* emerge, desta forma, como o processo que confere sentido à escola, uma vez que é a forma com que os estudantes se percebem no lugar em que estão inseridos, sua relação com seus pares e agem sobre eles. Ainda de acordo com Thompson:



Dessa forma, a experiência, “sem bater na porta”, constitui e nega, opõe e resiste, estabelece mediações, é espaço de prática, intervenção, obstaculização, recusa, é processo de formação de identidades de classe e, poderíamos acrescentar, de gênero, de geração, de etnias. Processos dialeticamente articulados que ela, a experiência, expressa de forma privilegiada (THOMPSON, 1981, *apud* MORAES; MULLER, 2003, p. 342).

O sentido da *experiência* – vivida e percebida, recuperado por Thompson (1981), é importante porque evidencia o papel ativo dos atores envolvidos nos conflitos sociais e as questões que mobilizam para formarem os movimentos sociais. Thompson (1981) afirma que as classes sociais não são classificações a priori, mas que elas se formam na luta social e por isso a experiência é um elemento essencial a ser analisado.

A vivência da juventude pode ser definida, com base nesta reflexão, como múltipla, em que outros elementos intervenientes se cruzam, como apontado por Bourdieu (1984), tais como gênero e raça. Martins (2014) explicita esta proposta analítica:

Rossana Reguillo (2000) sugere que a juventude deva ser analisada por uma dupla perspectiva que envolva uma “história cultural da juventude” e a “análise empírica das identidades juvenis”. Essa primeira perspectiva supera a visão essencialista e aponta para a análise relacionada à compreensão da diversidade de processos de “ser jovem” de “acordo com as divisões de classe e idade em processos historicamente situados” criadas a partir de relações de força na sociedade. Eu acrescentaria as relações de gênero e raça não só como agravantes, mas capazes de conferir densidade e concretude corpórea a esse mesmo processo. A outra perspectiva possibilita observarmos a pluralidade da categoria jovem ao analisar “as interações e configurações que vão assumindo as grupalidades juvenis”. Assim, essa diversidade, principalmente em contextos etnográficos, aponta para “jovens” ou “juventudes” e transcende a simplificação de “jovem” ou “juventude” como um dado comum, uma categoria homogênea (REGUILLO, 2000, p. 50). Para além dos riscos da pulverização, o que tal análise propõe é a desconstrução da aparente unidade que envolve a categoria juventude, reconstruindo-a segundo não só a idade, mas em relação a outros fatores intervenientes como classe, gênero, raça e relações de trabalho. Posto que essa unidade pode esconder as diferenças que historicamente recompõem e ressignificam a juventude. Essas diferenças permitem compreendê-la em sua complexidade e multiplicidade a partir do seu recorte como categoria analítica, como unidade geracional (MARTINS, 2014, p. 217).

Neste sentido, tratamos da juventude como um ator social que tem relevância na sociedade brasileira. No entanto, sem a pretensão de tratar da juventude de forma

homogênea e totalizante, o presente trabalho restringe-se à análise de parte dela, que tem uma experiência específica:

[...] podemos afirmar que juventude se constitui como uma *posição social*, liminar no conjunto - pela emancipação parcial da socialização primária referenciada na família e na comunidade para a inserção em novas instituições de socialização, com maior ou menor disponibilidade para a construção de sociabilidades coletivas e mais autônomas - atravessada, porém, pelas divisões que marcam o conjunto da sociedade, tornando essa posição uma experiência ao mesmo tempo variável e desigual. Assim, podemos dizer que a juventude constitui-se numa *condição social* (variável e desigual) e numa *forma de experimentar essa condição* (PEREGRINO, 2014, p. 262).

## 1.2 ESTUDANTES SECUNDARISTAS E A ESCOLA

Temos como foco, neste sentido, o jovem *estudante secundarista das escolas públicas*. O recorte é importante pois há especificidades dos jovens que estudam, em escolas públicas ou particulares, em relação aos demais. Bourdieu (1984) afirma que os jovens que estudam têm uma vivência singular, pois o acesso ao ensino já é em si um recorte social, definido pela interveniência da condição de classe social ocupada pelo jovem, uma vez que a escolarização o “prepara” para a entrada no mercado de trabalho e para a vida adulta. Ou seja, o coloca “fora do jogo” para que retorne mais qualificado. Esta experiência é diferente da vivenciada pelos jovens que não concluem a formação básica de ensino e que têm esse momento de transição reduzido, ou de fato nem chegam a tê-lo, devido à passagem da infância direto para a entrada no mercado de trabalho. Para Bourdieu:

Todo esto es de lo más trivial, pero muestra que la edad es un dato biológico socialmente manipulado y manipulable; muestra que el hecho de hablar de los jóvenes como de una unidad social, de un grupo constituido, que posee intereses comunes, y de referir estos intereses a una edad definida biológicamente, constituye en sí una manipulación evidente. Al menos habría que analizar las diferencias entre las juventudes, o, para acabar pronto, entre las dos juventudes. Por ejemplo, se podrían comparar de manera sistemática las condiciones de vida, el mercado de trabajo, el tiempo disponible, etcétera, de los “jóvenes” que ya trabajan y de los adolescentes de la misma edad (biológica) que son estudiantes: por un lado están las limitaciones, apenas

atenuadas por la solidaridad familiar, del universo económico real y, por el otro, las facilidades de una economía cuasi lúdica de pupilo del Estado, fundada en la subvención, con alimentos y alojamiento baratos, credenciales que permiten pagar menos en cines y teatros [...] Pienso que esta forma simbólica de dejar *fuera de juego* tiene cierta importancia, sobre todo porque viene acompañada de uno de los efectos fundamentales de la escuela, que es la manipulación de las aspiraciones (BOURDIEU, 1984, p. 120-122).

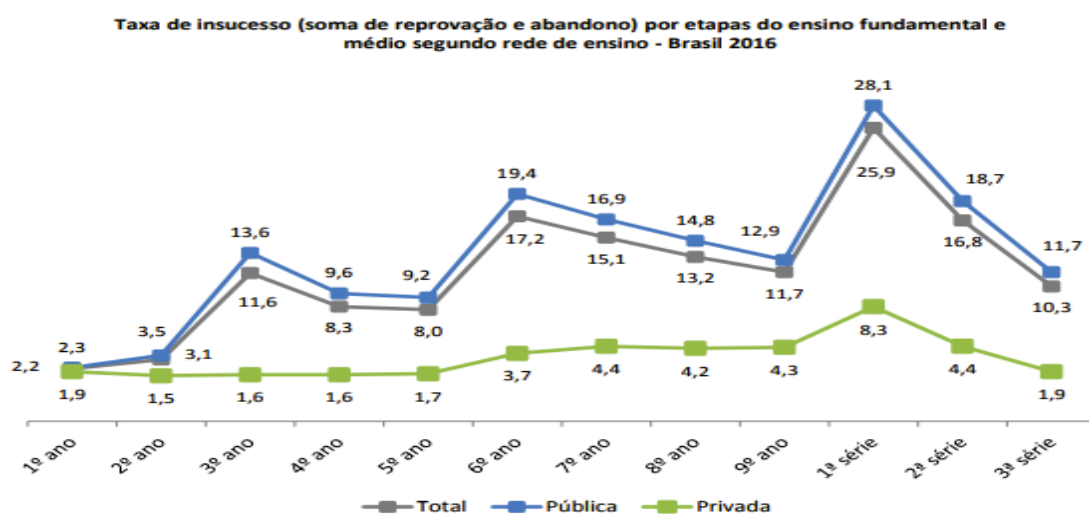
Os processos de industrialização e de desenvolvimento tecnológico brasileiro incidiram na necessidade de ampliação da escolarização para a formação de mão-de-obra cada vez mais qualificada. A ampliação do acesso ao ensino, neste sentido, ainda que continue a colocar os jovens que estudam “fora do jogo”, insere cada vez mais jovens que trabalham na dinâmica escolar e intensifica a incerteza em relação ao futuro, bem como eleva o grau de escolaridade “diferenciador”, que até a década de 1980 era o Ensino Fundamental e atualmente é o Ensino Médio completo e até mesmo o ensino superior.

No que tange à educação, o processo de ampliação da Educação Básica é recente no Brasil, uma vez que foi regulamentada após a década de 1990, por medidas sancionadas por Fernando Henrique Cardoso na implementação da Lei nº 9.394, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996. A tentativa de universalização do Ensino Fundamental e “progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio”, como previa a LDB/1996, foi alterada, através da Lei Nº 12.061, de outubro de 2009, que instituiu a “universalização do ensino médio gratuito”. No entanto, esta ampliação não aconteceu de maneira qualificada, intensificando problemas no sistema educacional brasileiro:

[...] O ensino médio foi projetado como a etapa final da educação básica, a partir de uma concepção unitária da educação nacional que se articula com a educação infantil e com o ensino fundamental (PEREIRA; TEIXEIRA, 2000). Tal arcabouço legal, apesar de abrir possibilidades para a formação de projetos inovadores, não foi acompanhado desde então de grandes mudanças no cenário geral do ensino médio no Brasil. Velhos problemas se acumulam: ausência de uma identidade, indefinição curricular, subfinanciamento, falta de professores em algumas áreas, problemas em relação à estrutura, evasão dos alunos, e outros (BOLETIM DO OBSERVATÓRIO DA EDUCAÇÃO, 2008) (LEÃO, 2014, p. 241).

Os dados do Censo de 2017, realizado pelo Inep, demonstram essas dificuldades estruturais através de índices sobre o Ensino Médio brasileiro, no qual houve, em 2017, 7,9 milhões de matrículas. Segundo o Inep, este índice está em situação de queda, porque há uma redução da entrada proveniente do ensino fundamental (a matrícula do 9º ano teve queda de 14,2% de 2013 a 2017) quanto pela melhoria no fluxo no ensino médio (a taxa de aprovação do ensino médio subiu 2,8 p.p. de 2013 a 2017). Grande parte destas matrículas na rede pública de ensino (84,8%) seguida pela privada (12,2%); em áreas urbanas (95,5%), enquanto as áreas rurais (4,5%). Além disso, a taxa de distorção idade-série do ensino médio é de 28,2%, enquanto a taxa de insucesso (soma de reprovação e abandono) nessa etapa é expressiva (INEP, Notas estatísticas, 2017, p. 15). Esses dados podem ser verificados abaixo:

GRÁFICO 1 – TAXA DE INSUCESSO ESCOLAR - BRASIL

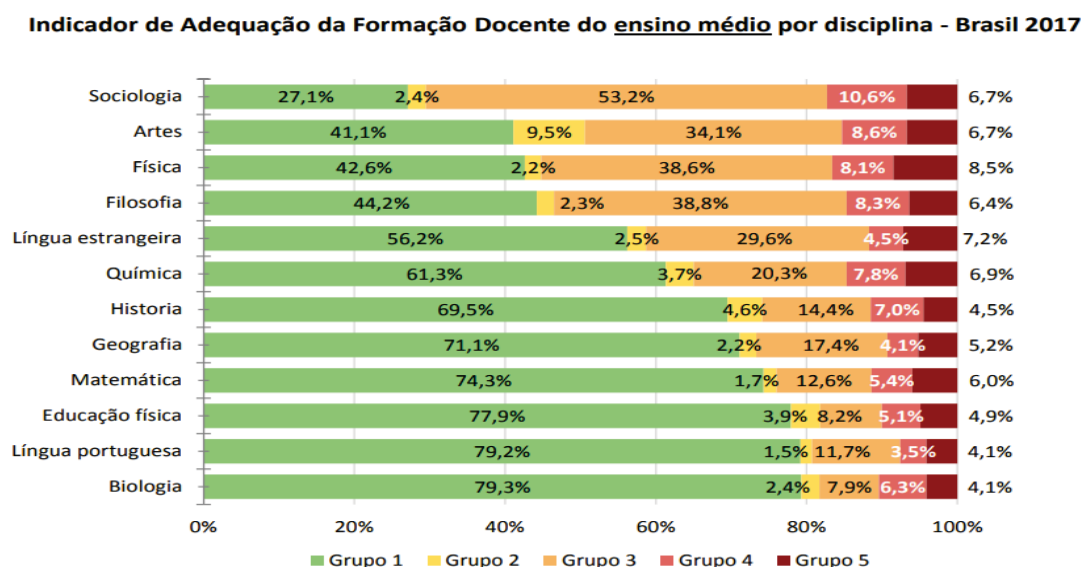


FONTE: INEP (2017)

Dentre os 509,8 mil professores do ensino médio, o índice de professores com ensino superior completo é expressivo (93,5%). No entanto, há um dado alarmante de que o índice de professores de outras áreas, ou bachareis, atuando nas disciplinas ofertadas é alto. Sociologia é a disciplina em que o índice de professores formados em licenciatura na área é menor (27,1%). Ainda que nas demais disciplinas esse

índice aumente, a Biologia, que tem o maior índice (79,3%), ainda pode ser considerado baixo, uma vez que esta é uma das metas do PNE<sup>5</sup> (INEP, 2017, p. 20). Esses dados podem ser melhor visualizados no gráfico a seguir:

GRÁFICO 2 - ADEQUAÇÃO FORMAÇÃO DOCENTE - BRASIL



FONTE: INEP (2017)

Podemos afirmar que o processo frágil de ampliação do ensino médio é vivido pelos jovens que estudam atualmente. Para além de vivido, é sentido por eles, configurando sua *experiência* enquanto jovens estudantes secundaristas.

Ainda que todos os jovens de 15 a 17 anos que estudam estivessem cursando o ensino médio, a frequência obtida seria de aproximadamente 80%. É importante compreender a razão pela qual há tantos jovens afastados da escola. Os motivos podem ser incompatibilidade em razão de trabalho e/ou família, mas também desinteresse pela escola e pelos estudos. Mais de 10% dos jovens entre 15 e 17 anos apenas trabalham, o que significa que pouco mais da metade dos jovens fora da escola foram atraídos pelo mercado de trabalho. O restante nem trabalha nem estuda e é importante entender qual o motivo para o desinteresse destes jovens pelo estudo. Outro fator importante neste contexto é a proporção de 7% dos jovens nesta faixa de idade com filhos. Vale mencionar também que cerca de 20% dos jovens de

<sup>5</sup> A meta 15 estabelece a necessidade de 100% dos professores da Educação Básica terem formação em licenciatura na área de atuação até 2024.

15 a 17 anos trabalham e estudam, o que cria uma série de constrangimentos na conciliação dos horários e deslocamento para cada uma destas atividades (BOLETIM JUVENTUDE INFORMA, 2014, p. 15).

É importante frisar, neste sentido, que o recorte do presente trabalho é de jovens, estudantes secundaristas, que em grande parte trabalham e, ainda que não trabalhem, não pertencem a classes sociais abastadas, ou seja, são filhos e filhas de trabalhadores e serão eles mesmos trabalhadores (GONZALEZ, 2009). Além disso, trabalhamos com um recorte de jovens majoritariamente constituídos por mulheres, LGBT's e negros/as, como veremos adiante.

Este grupo se destaca, neste sentido, pela interveniência de posições sociais marginalizadas e que, como afirma Novaes (2014), são a base das identidades mobilizadoras no atual período:

Nota-se que os jovens mobilizados têm introduzido suas demandas geracionais – de educação, trabalho, cultura, saúde e participação – tanto no interior de organizações já existentes quanto em novos espaços de atuação. Vejamos alguns exemplos: jovens indígenas, de distintas orientações sexuais, mulheres, negros, moradores das favelas e periferias, grupos esportivos e culturais, grupos ecológicos, militantes das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) (NOVAES, 2014, p. 12-15).

A juventude brasileira e, mais especificamente, os estudantes secundaristas, sofreram ataques recentes aos avanços no sistema educativo e nas PPJ. O Brasil passou por um *golpe político* em 2016 que reduziu as PPJ, bem como reordenou as políticas educacionais e as leis trabalhistas, intensificando o processo de exclusão dos jovens das decisões políticas e aumentando a vulnerabilidade destes no mercado de trabalho. O processo de *golpe político* foi orquestrado pela oposição neoliberal ao programa neodesenvolvimentista, em que se destacam os banqueiros, a grande mídia, o Judiciário e o Legislativo (MIGUEL, 2016, p. 33). Segundo Löwy:

Este processo de organização contra hegemônica gerou uma reação de setores conservadores no interior dos países latino americanos articulados com países como os Estados Unidos. Golpes políticos vêm acontecendo na América Latina nos últimos anos, seja com uma aparência mais sutil e

democrática, como ocorreu no Paraguai, em 2012, onde foi deposto pelo Senado, seja através de tentativas violentas como o golpe em Honduras, em 2009, no qual a Corte Suprema e o Exército afastaram Manuel Zelaya, e na tentativa que acontece atualmente na Venezuela (LÖWY, 2016, p. 63).

A tática de intervenção política externa não é nova. O que se distingue dos golpes do último século é o formato dos processos de intervenção, que deixam de ser militarizados e diretos para se configurarem como processos pseudo legais, ou “constitucionais” e indiretos.

Podemos afirmar que o cenário de conflito e instabilidade foi uma constante do período neodesenvolvimentista (2002-2016) e a oposição era pautada, prioritariamente, pela diminuição das políticas estatais referentes à saúde, educação, previdência social e pela flexibilização das leis trabalhistas.

Algumas das medidas propostas pelo governo interino de Michel Temer (MDB) ferem conquistas históricas, como a Lei 13.467, que estabelece a Reforma Trabalhista, aprovada em agosto de 2017. A Reforma Trabalhista fere princípios básicos da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), de 1943, como a regulamentação do trabalho intermitente, a permissão de negociação direta entre patrão e empregado – no que tange o estabelecimento de férias coletivas, pagamento de décimo terceiro salário –, bem como permite o pagamento adiantado do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS). Além disso, estabelece o fim da contribuição sindical, que gera maior instabilidade e precarização nas relações trabalhistas no país.

Outra medida proposta pelo governo de Michel Temer é a PEC 287, chamada Reforma da Previdência, que tramita na Câmara dos Deputados. A proposta, justificada pela crise econômica e pelo envelhecimento da população, que causariam um déficit entre arrecadação e pagamento das previdências sociais, propõe o aumento do tempo de contribuição, bem como a idade mínima para aposentar e alterar as cláusulas referentes ao pagamento de pensões. A proposta, além de não resolver os “problemas” econômicos que o envelhecimento da população acarreta, não altera as regras da aposentadoria militar – que é a mais onerosa ao Estado – e propicia o desmantelamento do serviço público de previdência social, garantido como um direito social pela Constituição Brasileira, de 1988.



Essas medidas juntas podem ser compreendidas como um giro do governo em direção à implementação de uma agenda neoliberal, em que direitos sociais são cortados e o Estado se volta para o subsídio de indústrias transnacionais exportadoras, com propostas como a de privatização da Petróleo Brasileiro S. A. (Petrobras) e de outros setores estratégicos, como a energia elétrica, com a Centrais Elétricas Brasileiras S. A. (Eletrobras).

A MP 746 e a PEC 241(55) podem ser entendidas, neste sentido, como medidas de desregulamentação estatal em relação à educação, seja no que tange o currículo escolar, com a MP 746, seja no orçamento para a educação, com a PEC 241/55.

Cabe a análise, assim, da MP 746 como um processo de “afrouxamento” das políticas educacionais anteriores, como a LDB (1996), a Lei Nº 12.061 (2009) e o PNE (2014), que tratavam da necessidade da universalização do Ensino Médio e de seu conteúdo formativo, em que o “básico” passava pela pluralidade de disciplinas e áreas de conhecimento, abordando temas diversos que não se restringissem às ciências exatas, biológicas e à língua portuguesa. Além disso, com a MP 746, a meta em relação ao ensino médio passa a ser a ampliação do ensino integral, mudando o foco anterior, que era da universalização desta etapa de ensino.

### 1.3 ENTRE A IDENTIDADE E O RECONHECIMENTO

Os estudantes que ocuparam as escolas em 2016 relatam que mesmo antes da ocupação identificavam a escola como um ambiente desagradável, onde a relação com os professores e com a direção é assimétrica, a estrutura da escola é ruim e o processo educativo, na maior parte das vezes, é constituído por métodos ineficientes e sem possibilidade de exposição das dificuldades para os professores. Os estudantes afirmam ainda, que há um sentimento de indiferença que marca a relação entre escola-estudantes, ou seja, eles se sentem invisibilizados no processo de escolarização, como veremos adiante.



A percepção dos estudantes sobre a escola, antes da ocupação, era negativa e a MP 746 intensifica esta insatisfação. Podemos afirmar, assim, que a MP 746 é o *estopim* para o engajamento dos estudantes secundaristas, pois lhes confere um objetivo comum contra o qual lutar. O processo de insatisfação com a estrutura escolar e com a decisão governamental fazem parte da constituição da *identidade* dos estudantes enquanto uma coletividade passível de engajamento político.

Alberto Melucci (1996, p. 70) define identidade coletiva como “uma definição compartilhada, produzida por um número de indivíduos (ou grupos em um nível mais complexo), sobre as orientações de suas ações e o campo de oportunidades e constrangimentos no qual suas ações acontecem”. Para essa perspectiva, a identidade coletiva é um fenômeno que acontece no nível grupal, sendo central para dar ao grupo a coerência e a energia necessárias para mobilizar seus constituintes na ação coletiva. A identidade coletiva envolve uma definição sobre os fins, os significados e o campo de ação que são interpretados coletivamente a partir de referentes culturais amplos. Tais referentes são enquadrados pelos indivíduos a partir dos grupos em que estão envolvidos. A identidade coletiva constitui-se, então, através de uma rede de interações entre atores que se comunicam, influenciam-se mutuamente, negociam e tomam decisões. Esse processo constitui para o indivíduo um sentimento de constituir uma unidade comum (MELUCCI, 1996, *apud* NAUJORKS, C. J.; SILVA, M. K., 2016, p. 145).

Segundo Melucci (1996), a *identidade* é construída nas interações sociais e a análise dos movimentos sociais não deve se restringir, neste sentido, ao nível macro do conflito, mas na apreensão que os atores têm de si e de seus pares, nos *afetos* e *sentimentos* desenvolvidos no processo de estar juntos e, assim, “serem” o movimento.

Silvia G. Vidrio (2016), ao analisar o movimento juvenil mexicano ocorrido em 2012, intitulado YoSoy132, trata de como as *emoções* mobilizam para a ação coletiva, bem como definem os rumos desta. Segundo ela, é possível fazer uma análise sociológica de processos de mobilização política através das emoções expressas direta e indiretamente pelos atores sociais. No processo analisado por ela, os estudantes mexicanos se mobilizaram porque estavam *indignados* com o candidato à presidência, que reproduzia um discurso violento e inconsequente, e com os meios de comunicação hegemônicos, que não evidenciavam os questionamentos dos estudantes. Uma série de mobilizações massivas aconteceu em oposição a estes dois

elementos, que ela analisa através de entrevistas realizadas com participantes. Os protestos, afirmam eles, acabaram pelo medo dos envolvidos da repressão. No entanto, o sentimento descrito por eles é de felicidade e se consideram vitoriosos, pois se reconheceram enquanto atores políticos importantes no cenário mexicano e estabeleceram vínculos de *amizade* e de *confiança*. Segundo Vidrio:

En el caso del Yo soy 132, puede considerarse que el logro más significativo del movimiento fue la creación de una comunidad emocional en la que sus participantes pudieron recobrar su sentimiento de participación ciudadana y —sobre todo— de creación de comunidad. Las emociones constituyen el eje sobre el cual se desarrolla dicha comunidad. [...] La “experiencia encarnada”, como refiere Sandra, marcó un cambio en la estructura formal de las relaciones de poder y supuso una dimensión afectiva, de amor, de amistad, para refundar a la política (VIDRIO, 2016, p. 430).

Com base nesta perspectiva, é possível “conectar los marcos, la identidad y las emociones con el proceso político” (VIDRIO, 2016, p. 433). Nas palavras de Aguilera Ruiz:

La afectividad es un componente importante en las motivaciones para participar de una u otra agrupación juvenil. Los sentimientos que experimentan y sienten los jóvenes está estrechamente relacionada con los vínculos de amistad, de amor, de pareja y de compañerismo que van construyendo en la medida que se hacen parte de instancias de participación. Dichos vínculos generan mejores relaciones entre la gente que se reúne, y este bienestar es producto de las interacciones que se generan dentro de cada agrupación. Esta afectividad que sienten con sus organizaciones está relacionada con los valores compartidos, el encuentro con personas con similares experiencias, con la posibilidad de generar lazos de amistad dentro de ellas, todo lo cual permite construir proyectos mayores. Y aunque la amistad no sea la motivación que “los lleva” a involucrarse, sí es un proceso que tarde o temprano aparece en las relaciones cotidianas que establecen y va perfilando no sólo una imagen de los demás sino que también caracterizando al conjunto de la grupalidad (AGUILERA RUIZ, 2014, p. 46-47).

Honneth (2003) afirma que os indivíduos têm vivências de desrespeito e desvalorização, que são também formas de afetividade e geram sentimentos de invisibilidade e falta de reconhecimento, mobilizadores para as lutas sociais. Para o autor:

O processo prático no qual as experiências individuais de desrespeito são interpretadas como experiências cruciais típicas de um grupo inteiro, de forma que elas podem influir como motivos da ação, na exigência coletiva para relações ampliadas de reconhecimento (HONNETH, 2003, p. 138).

Ainda com base em Honneth (2003), podemos afirmar que a mobilização estudantil evidencia como o processo de falta de reconhecimento pode ser motivo de engajamento, a partir do auto reconhecimento enquanto sujeito em posição desigual em relação ao outro. No entanto, o “outro” no caso dos estudantes é a instituição escolar como um todo, que invisibiliza, e o governo, que não dialoga. Neste sentido, a noção de Nancy Fraser (2000) se coloca como um marco importante, pois reúne a perspectiva materialista, da busca por redistribuição enquanto bens socialmente distribuídos, e o reconhecimento enquanto demanda da população para a elaboração de políticas estatais.

Fraser (2000) afirma que os movimentos sociais têm uma dupla demanda, de reconhecimento e de redistribuição, e, portanto, têm caráter identitário e estrutural. Eles possuem, neste sentido, um caráter *bivalente*. De acordo com a autora:

Coletividades que não se identificam nem em um extremo nem em outro são bivalentes. Podem sofrer ambas na distribuição socioeconômica e falta de reconhecimento cultural, não de forma secundária em relação à outra, mas como primárias e co-originais (FRASER, 1996, p. 15).

Este aspecto de união de demandas estruturais e identitárias também é abordado por Touraine (2002; 2006), que afirma que ainda que existam movimentos que reivindicam estes aspectos de forma independente. Nas sociedades pós-industriais, é necessário identificar onde estes aspectos se unem, pois: “Um movimento social é ao mesmo tempo um conflito social e um projeto cultural” (TOURAINÉ, 2002, p.252). Ainda segundo Touraine:

Muitos, com razão, dirão que essa noção aparece mais evidente e mais central em estudos sobre a sociedade industrial. Inversamente podemos lembrar a necessidade de descobrir, constantemente, os laços que unem os tipos de movimentos coletivos. Esse argumento me conduz a concluir sobre a necessidade de manter a referência à noção de movimento social no estudo das sociedades contemporâneas, de quaisquer tipos, mesmo que, à primeira vista, pareçam não exigir a utilização de tais noções (TOURAINE, 2006, p. 28).

Novaes (2014) reitera esta perspectiva de análise que une as demandas de distribuição, reconhecimento e participação, e afirma o seguinte:

Os problemas e demandas da juventude se relacionam tanto com questões (re) distributivas mais gerais da sociedade excludente quanto com questões de reconhecimento e valorização de sua diversidade e, ainda, evocam a dimensão participativa que tem grande importância na fase da vida em que se busca a emancipação. [...] Certamente, tal classificação ajuda a sistematizar as demandas juvenis, mas suas linhas divisórias não devem ser vistas de maneira estanque. Isto porque as demandas comportam interdependências, zonas intermediárias e híbridas. Vejamos, por exemplo, a questão da violência remete a questões de distribuição, reconhecimento e participação (NOVAES, 2014, p. 19-20).

A ocupação foi o momento em que as normas foram suspensas, bem como as relações, restabelecidas. Podemos afirmar, neste sentido, que houve um processo de ruptura com a dinâmica escolar convencional e que a escola se tornou, no período da ocupação, uma *communitas*, como define Turner (1974).

Turner (1974) define os rituais como momentos de “suspensão” das normas que organizam a sociedade e que possibilitam a modificação das mesmas. Com base nos estudos de Van Gennep, afirma que o ritual é composto de três momentos: separação, margem (ou “limen”, significando “limiar” em latim) e agregação. Para Turner:

A primeira fase (de separação) abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo ou de um grupo, quer de um ponto fixo anterior na estrutura social, quer de um conjunto de condições culturais (um “estado”), ou ainda de ambos. Durante o período “limiar” intermédio, as características do sujeito ritual (o “transitante”) são ambíguas; passa através de um domínio cultural que tem poucos, ou quase nenhum, dos atributos do

passado ou do estado futuro. Na terceira fase (reagregação ou reincorporação), consoma-se a passagem” (TURNER, 1974, p. 117).

O foco da análise passa, neste sentido, a ser dos momentos de *liminaridade*, em que há um afastamento das normas sociais já estabelecidas e validadas socialmente e que novas possibilidades de organização e conformação sociais são colocadas à prova. Se estas são assumidas como válidas pelos participantes do momento ritual, deixam de ser liminares e se “assentam”. Retorna-se, neste sentido, para a estrutura social, onde as antigas normas e as novas se ajustam, reorganizando a estrutura como um todo.

Turner (1974) afirma que este momento liminar, em que as antigas normas estão suspensas, pode ser definido como *communitas*. Segundo o autor:

É como se houvesse neste caso dois "modelos" principais de correlacionamento humano, justapostos e alternantes. O primeiro é o da sociedade tomada como um sistema estruturado, diferenciado e freqüentemente hierárquico de 'posições' político-jurídico-econômicas, com muitos tipos de avaliação, separando os homens de acordo com as noções de "mais" ou de "menos". O segundo, que surge de maneira evidente no período liminar, é o da sociedade considerada como um "comitatus" não-estruturado, ou rudimentarmente estruturado e relativamente indiferenciado, uma comunidade, ou mesmo comunhão, de indivíduos iguais que se submetem em conjunto à autoridade geral dos anciãos rituais (TURNER, 1974, p. 118).

Ele afirma, ainda, que a estrutura se organiza com base nestes momentos em que ela mesma é suspensa, de forma dialética. Este binômio estrutura-communitas, portanto, pode ser entendido como o ciclo organizador das normas sociais, em que os indivíduos se inserem também dialeticamente enquanto produtores e reprodutores da estrutura social. Atuam ainda como agentes que suspendem as regras, instauram as communitas e que estas, quando “organizadas”, retornam a estrutura social, modificadas.

A suspensão da noção corrente de escola e das interações vigentes dá lugar a novas formas de organizar o espaço e as relações entre os estudantes. Nas palavras

de um estudante entrevistado:

Se eu puder interromper, mas assim.... É um lugar que... essa desconstrução, foi o lugar em que todo mundo podia falar, todo mundo podia escrever, todo mundo podia, tipo... dizer o que realmente estava sentindo. De se expressar. De estar ali todo mundo junto. Não é um lugar onde você vai, escuta o professor falando. Onde você pode sim dar as suas opiniões, se expressar... (entrevista C. E. Barão do Rio Branco 01 - p. 29).

O sentido e o sentimento de ocupar, assim, estão diretamente ligados a uma nova referência do ambiente escolar, em que a forma de estar na escola é alterada e os estudantes se identificam como atores sociais, protagonistas de sua trajetória escolar, conforme poderemos ver ao longo desta dissertação.

## 2 CICLO DE MOBILIZAÇÃO JUVENIL NO BRASIL

No presente capítulo, nos baseamos na análise de Oscar Aguilera Ruiz (2012, 2014), que afirma que o processo de mobilização estudantil no Chile pode ser caracterizado como um *ciclo de mobilização*<sup>6</sup>, segundo a conceituação proposta por Tarrow (2002). Usamos essa referência a fim de apreender o processo de mobilizações juvenis no Brasil onde definimos, como ponto de partida da análise, as Jornadas de Junho de 2013, por ser a maior manifestação protagonizada pela juventude brasileira no último período<sup>7</sup>.

Um ciclo de mobilizações pode ser caracterizado por cinco aspectos centrais: a) os conflitos sociais acontecem em diversas dimensões do sistema social; b) difusão geográfica e espacial que, diferente da lógica clássica centro-periferia, se difunde de periferias territoriais (favelas urbanas) e periferias setoriais (setores como estudantes secundaristas) para os centros territoriais e centros setoriais (como professores universitários); c) multiplicação de organizações do movimento social; d) novos marcos de significado das ações políticas, pautados nas questões identitárias; e) expansão do repertório de ação política.

Identificamos um ciclo de mobilização juvenil no cenário atual brasileiro, com base nestes pontos, como explicitaremos a seguir. Primeiramente, podemos identificar as Jornadas de Junho de 2013 como um momento impar, em que a juventude protagonizou ações em diferentes esferas sociais, como veremos detalhadamente. O segundo ponto a ser considerado é esta inversão na lógica centro-periferia, uma vez que este processo aconteceu de forma acentuada nas ocupações

---

<sup>6</sup> O conceito de *ciclo* diz respeito à possibilidade de conexão entre as manifestações analisadas e à interrelação destas. A proposta conceitual não se baseia em referências biológicas e não tem como objetivo estabelecer uma metáfora orgânica, ou propor uma análise linear e unidimensional, que poderia gerar um olhar determinista dos eventos aqui destacados.

<sup>7</sup> Vale ressaltar que o recorte dos processos aqui destacados é uma seleção estabelecida pela autora. Há outras manifestações que podem ser compreendidas como parte de fomento e de constituição deste ciclo, como as greves das Universidades Federais e Estaduais, que têm aumentado em quantidade desde 2011, bem como manifestações feministas, em redes sociais e em atos, como a Marcha das Vadias e a campanha virtual #MeuPrimeiroAssédio, bem como as manifestações do Dia 8 de Março. Além destas, vale destacar que estudantes secundaristas ocuparam uma escola no Mato Grosso, em 2012, assim como ocuparam diversas escolas em Goiânia, no início de 2016. A seleção aqui proposta tem como base, portanto, algumas das manifestações recentes e a necessidade de um recorte analítico, sem a pretensão de esgotar os pontos passíveis de análise.

das escolas de São Paulo, em 2015, e de forma expressiva nas ocupações das escolas de 2016.

O terceiro aspecto merece ser aprofundado. A multiplicação de organizações do movimento social, como destacado por Tarrow (2002) e Aguilera Ruiz (2012, 2014), vem acontecendo no Brasil, ainda que nem sempre seja encarada enquanto tal. Tarrow (2002) descreve este aumento de organizações da seguinte maneira:

Organizaciones de movimiento social. Los ciclos de protesta suelen desencadenarse a partir de acontecimientos impredecibles y casi nunca están controlados por una sola organización movimentista. El momento culminante de la ola suele estar marcado por la aparición de acción colectiva supuestamente espontánea – pero en realidad estructurada – en sus estrategias y en sus resultados, tanto por las tradiciones anteriores de organización como por las nuevas formas de organización. [...] la importancia de las organizaciones de movimiento en los ciclos de protesta reside en que desarrollan intereses creados en la acción colectiva contestataria debido a que la protesta es si recurso más importante, y a menudo el único. En la medida en que estas organizaciones se convierten en las principales portadoras de la ola de protesta, la contestación no cesa tan sólo porque un grupo particular sea satisfecho, reprimido o se canse de la vida en las calles. Una razón importante de la aceleración en la aparición de los ciclos de protesta en los últimos ciento cincuenta años es la invención de estos actores organizados con su apuesta por la acción colectiva contestataria (TARROW, 2002, p. 105).

As Jornadas de Junho de 2013 podem ser identificadas, com base nesta proposição, como o momento em que velhas organizações se inserem na dinâmica de mobilização aparentemente espontânea e, a partir destes novos atores engajados, e dos antigos, há o surgimento de novas organizações sociais. Como veremos adiante, as Jornadas de Junho de 2013 foram o momento de encontro de milhares de jovens brasileiros nas ruas, por reivindicações diversas. Os movimentos de esquerda e de direita também foram às ruas e disputaram quais reivindicações que se tornariam centrais. Ao final das Jornadas de Junho novos movimentos surgiram, defendendo tanto pautas progressistas quanto pautas conservadoras, aparentemente de forma espontânea.

As mobilizações políticas do último período no Brasil têm um caráter marcadamente identitário, para além das reivindicações de ordem estrutural. Ou, como proposto por Tarrow (2002), de novos marcos de significado da ação política,



para além das questões estruturais consideradas clássicas. Podemos afirmar que o ciclo de mobilizações juvenis tem um carácter bivalente, como destacado por Fraser (1996, 2009).

O último aspecto característico do ciclo de mobilizações é a expansão do repertório da ação política. Tarrow (2002) define este processo da seguinte forma:

La expansión de los repertorios de contestación. Tal vez el rasgo más distintivo de los ciclos de protesta sea precisamente este, el de ser encrucijadas en las que toman forma nuevas armas de protesta social. Las barricadas en las revoluciones francesas del siglo XIX, las ocupaciones de fábricas de 1919-1920, las huelgas de brazos caídos del período del Frente Popular Francés, las acciones directas del período 1968-1972 en Italia: en todos estos casos se trata de nuevas formas de acción colectiva que se desarrollan en el seno del contexto experimental de los ciclos de protesta. Las más exitosas – y las más transferibles – se convirtieron en parte del futuro repertorio de acción colectiva incluso en tiempos más tranquilos (TARROW, 2002, p.107).

Neste ponto, a influência das ações dos estudantes chilenos é nitidamente evidenciada entre os jovens brasileiros. As ações de rua, dos encapuzados, e as ocupações dos espaços escolares, descritas por Aguilera Ruiz (2012, 2014), são características das mobilizações secundaristas de São Paulo, de 2015, e das ocupações de 2016. Ainda no que diz respeito à expansão do repertório de contestação, Tarrow afirma:

En una cantidad de casos, las formas de acción colectiva no son meros significados instrumentales que la gente emplea para exigir nuevos derechos y privilegios, sino que, más bien al contrario, expresan por sí mismas los derechos y los privilegios que los protestatarios demandan y se difunden como expresiones generales de sus reclamaciones y otras similares. Por ejemplo, las sentadas en los bares segregacionistas de 1960 en el Sur de Estados Unidos no eran una simple manera de llamar la atención o de oponerse al racismo; con estas sentadas, los estudiantes universitarios afroamericanos practicaban en realidad el objetivo que buscaban. Afilada, puesta a prueba y refinada en formas conocidas y adaptables, esta nueva forma de acción colectiva se aplicó luego en estaciones de autobús, cinematógrafos y agencias de asistencia social. Al sobrevivir como forma permanente de política popular una vez finalizado el ciclo, contribuyó a la evolución de todo el repertorio de contestación (TARROW, 2002, p.107).

Uma forma de ação política “testada” em um ciclo de protestos, quando bem-sucedida, é incorporada ao repertório de mobilização, se tornando acessível para diferentes grupos, em diferentes contextos. Podemos afirmar que as ações dos pinguins (2006) e dos estudantes universitários (2011) do Chile se consolidaram, neste sentido, como táticas (HARNECKER, 1985) de ação política e foram aplicadas no Brasil pelos jovens que foram às ruas em junho de 2013 e pelos estudantes secundaristas, em 2015 e 2016.

As diferentes formas de ação política podem ser compreendidas, assim, como táticas políticas (CERTEAU, 2013; HARNECKER, 1985) compartilhadas pela juventude latino americana. A *tática* é uma ação política pontual com objetivos específicos, diferente de um fim de caráter mais amplo, chamado *estratégia*. Segundo Marta Harnecker (1985), a tática: “debe determinar el qué hacer específico de acuerdo a las circunstancias históricas concretas y no sólo de acuerdo a los ‘deseos subjetivos’ de la vanguardia” (HARNECKER, 1985, p. 56).

Michel de Certeau (2013) também trata da tática enquanto uma forma de mobilização. Ele afirma que as táticas são ações que constroem o cotidiano, uma vez que são as formas de estar em um lugar, sem ter controle deste, onde se busca aproveitar as brechas para ampliar as possibilidades de ação e seus significados. De acordo com o autor:

Denomino, ao contrário, “tática” um cálculo que não pode contar um um próprio, nem portanto com a fronteira que distingue o outro, como totalidade visível. A tática só tem por lugar o outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O “próprio” é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar no vôo” possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para transformá-los em “ocasiões”. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele o consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos (assim, no supermercado, a dona-de-casa, em face de dados heterogêneos e móveis, como as provisões no freezer, os gostos, apetites e disposições de ânimo de seus familiares, os produtos mais baratos e suas possíveis combinações com o que ela já tem em casa etc), mas a sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a “ocasião” (CERTEAU, 2013, p.46-47).

As mobilizações juvenis são caracterizadas, assim, pela ampliação das *táticas*, ou seja, das possibilidades de ações políticas, em relação às manifestações consideradas tradicionais (TOURAINÉ, 2006). É possível perceber, com base em Hainecker (1985) e Certeau (2013), que o ciclo de mobilização da juventude brasileira se caracteriza como um processo aparentemente espontâneo, em que jovens “aproveitam a ocasião” e se mobilizam de formas diversas, com finalidades também heterogêneas. As demandas não são o que unificam este ciclo, como veremos adiante, e sim as táticas utilizadas pelos jovens brasileiros. O foco da análise ultrapassa, desta forma, as pautas políticas e destaca a forma com que as reivindicações são planteadas. Para Aguilera Ruiz:

La producción cultural aparece entonces, según diversos autores (FEIXA *et al*, 2002; REGUILLO, 2000) como un lugar de interrogación y elaboración de significados que posibilitan la acción. Las manifestaciones con bailes, música, tambores y actuaciones de teatro, el uso de tecnologías, quizás identifiquen mejor que otros indicadores las variaciones y novedades que comportan las acciones políticas juveniles de este nuevo milenio. Las formas de acción a través del carnaval, que contribuye a la ritualización de la manifestación política, no son una cuestión superficial. La performance juvenil supone o más bien está íntimamente ligada a los contenidos fundamentales del movimiento: discurso propositivo, esperanzador y lúdico. De allí que para ingresar al análisis de las formas expresivas y las políticas visibilidad a partir de la performance y manifestación política y la constitución de una subjetividad juvenil (AGUILERA RUIZ, 2014, p. 39).

O presente trabalho tem como hipótese, portanto, que o Brasil passa por um ciclo de protestos juvenis, em que táticas consolidadas em outros países estão sendo “testadas” e algumas já estão sedimentadas como parte do repertório de mobilização brasileiro.

## 2.1 AS JORNADAS DE JUNHO DE 2013

A mobilização que pode ser definida como representativa deste cenário “novo” é a que vem sendo chamada de Jornadas de Junho de 2013. As Jornadas foram um processo de mobilização massiva e espontânea, que aconteceram no país inteiro, levando grandes contingentes de participantes às ruas.

Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), as manifestações foram compostas por homens (50%) e mulheres (50%). Dentre esses, 63% de jovens – 14 a 24 anos (43%) e 25 a 29 anos (20%), sendo maioria que trabalha (76%) e estuda (52%)<sup>8</sup>. André Singer (2013) avalia as manifestações como um processo majoritariamente jovem, segundo pesquisas da época, como é possível perceber na tabela abaixo:

TABELA 1 - IDADE DOS MANIFESTANTES DE JUNHO 2013

QUADRO 1  
Idade dos manifestantes

Faixas	São Paulo 17/06	São Paulo 20/06	Rio de Janeiro 20/06	Oito capitais 20/06	Belo Horizonte 22/06
Mais jovens	53% (12 a 25)	51% (12 a 25)	41% (15 a 24)	43% (14 a 24)	55% (Até 25)
Idade intermediária	35% (26 a 35)	31% (26 a 35)	39% (25 a 34)	38% (25 a 39)	29% (26 a 39)
Mais velhos	12% (acima de 36)	19% (acima de 36)	20% (acima de 35)	19% (acima de 40)	17% (Acima de 40)
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Para São Paulo, Datafolha. Para Rio de Janeiro, Plus Marketing. Para oito capitais, Ibope. Para Belo Horizonte, Innovare.

FONTE: SINGER (2013)

Além de ter caráter juvenil, as Jornadas de Junho podem ser caracterizadas como mobilizações com participantes com alto nível de escolaridade, como demonstra Singer (2013):

TABELA 2 - ESCOLARIDADE DOS MANIFESTANTES DE JUNHO 2013

QUADRO 2  
Escolaridade dos manifestantes

Faixas	São Paulo 17/06	São Paulo 20/06	Rio de Janeiro 20/06	Oito capitais 20/06	Belo Horizonte 22/06
Mais baixa	1% (Fund.)	2% (Fund.)	14% (Fund.)	8% (Médio incomp.)	4% (Fund.)
Intermediária	22% (Médio)	20% (Médio)	52% (Médio comp./ Sup. inc.)	49% (Médio comp./ Sup. inc.)	31% (Médio)
Alta	77% (Sup.)	78% (Sup.)	34% (Sup. comp.)	43% (Sup. comp.)	66% (Sup.)
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Para São Paulo, Datafolha. Para Rio de Janeiro, Plus Marketing. Para oito capitais, Ibope. Para Belo Horizonte, Innovare.

FONTE: SINGER (2013)

<sup>8</sup> A pesquisa completa está disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/veja-integra-da-pesquisa-do-ibope-sobre-os-manifestantes.html>>. Acesso em: 10 abr. de 2017.

Podemos observar, com base no quadro “Escolaridade dos manifestantes”, que parcela significativa deles tinha nível superior completo (em São Paulo, 77% e 78%; no Rio de Janeiro, 34%; em outras oito capitais, 43%; e em Belo Horizonte, 66%). Esse dado, quando cruzado com faixa etária e renda, proporciona uma análise pertinente acerca do perfil de participantes das mobilizações.

No que tange o fator renda, ainda segundo dados expostos por Singer (2013), observa-se que parcela expressiva dos manifestantes possui renda familiar mensal entre 1 e 5 Salários Mínimos (SM), como é possível verificar na tabela seguinte:

TABELA 3 – RENDA FAMILIAR MENSAL DOS MANIFESTANTES DE JUNHO 2013

**QUADRO 3**  
Renda familiar mensal dos manifestantes

Faixas	Rio de Janeiro 20/06	Oito capitais 20/06	Belo Horizonte 22/06
Mais baixa	34% (até 1 SM)	15% (até 2 SM)	20% (até 2 SM)
Intermediária 1	54% (de 2 a 5 SM)	30% (de 2 a 5 SM)	36% (de 2 a 5 SM)
Intermediária 2	1% (de 6 a 10 SM)	26% (de 5 a 10 SM)	24% (de 5 a 10 SM)
Alta	10% (mais de 11 SM)	23% (mais de 10 SM)	21% (mais de 10 SM)
Total	100%	100%*	100%

Fonte: Para Rio de Janeiro, Plus Marketing. Para oito capitais, Ibope. Para Belo Horizonte, Innovare.  
\* 6% não responderam.

FONTE: SINGER (2013)

Os números em relação à renda familiar mensal variam conforme a cidade, mas se somarmos a faixa baixa (até 1 SM) e a intermediária I (de 2 a 5 SM), é possível afirmar que, no Rio de Janeiro, 88% dos manifestantes se enquadram nesta categoria; já em oito capitais, esse índice chega a 45%; e em Belo Horizonte, a 56%. Ou seja, ao menos metade dos manifestantes tem renda entre 1 e 5 SM.

Com base nos dados de faixa etária, nível de escolaridade e renda, podemos afirmar que o perfil dos manifestantes de 2013 é de jovens que foram alvo das políticas de expansão do ensino no período neodesenvolvimentista (2002-2016) e que, ainda que diplomados, ocupam vagas com remunerações baixas e medianas no mercado de trabalho.

Singer (2013) afirma ainda que as manifestações podem ser compreendidas em três momentos: a) mobilização do Movimento Passe Livre (MPL), com baixa adesão e ideologia de esquerda, com grande repressão policial; b) ampliação da participação em resposta à violência policial, com a pluralização da participação e das ideologias envolvidas; c) expressividade da classe média (com baixa renda e alto nível de escolaridade), com ideologia de centro. Com base nessa divisão proposta, podemos traçar uma análise sobre as Jornadas de Junho.

As Jornadas de Junho de 2013 começaram com atos contra o aumento das tarifas nas capitais das grandes cidades brasileiras. No entanto, estas mobilizações organizadas pelo MPL já vinham acontecendo há anos e, de maneira geral, não tinham grande adesão popular e contavam com repercussão negativa na mídia<sup>9</sup>. De acordo com Singer:

Nessa primeira etapa havia um objetivo específico: a redução do preço das passagens do transporte público. As iniciativas seguiram o modelo adotado pelo Movimento Passe Livre (mpl) em anos anteriores. Convocados pelas redes sociais, os manifestantes percorriam e paralisavam grandes vias públicas por horas a fio, ao final havendo escaramuças com a polícia (SINGER, 2013, p.24).

Em 2013, no entanto, em uma das manifestações que era para ser “apenas mais uma” destas pequenas manifestações em São Paulo, a polícia usou de força desproporcional contra os manifestantes. Os grupos de esquerda divulgaram as imagens do ato e rapidamente vários grupos lançaram chamadas de atos em suas

---

<sup>9</sup> No editorial da Folha de São Paulo de 13 de junho de 2013, a notícia de que o governo do estado de São Paulo enviara a tropa de choque para intervir no ato convocado para o mesmo dia é dada em tom positivo pelo jornal, que ressalta o caráter “vândalo” das manifestações. Acesso em: 06 abr. 2017.

idades, “em resposta” ao ocorrido em São Paulo. As convocatórias ultrapassaram os setores até então mobilizados contra o aumento da tarifa e as manifestações ganharam dimensões exponenciais. Segundo Torinelli:

Os organizadores da manifestação – a galera da linha de frente – puxou uma pausa ali na praça. Em volta, vários ônibus parados e pessoas esperando para tomá-los. Com um megafone, alguém explicava a pauta, e os outros repetiam, para que aqueles que estavam mais distantes pudessem ouvir também. Ali se propagava a linha politicamente construída pelo grupo que organizou a manifestação. Ali se disputava sentido. Todos sentados no chão (com exceção de quem falava), no meio da rua, bem onde os ônibus passam, na Rui Barbosa (TORINELLI, 2014, p. 66).

O que começou, portanto, com a pauta contra o aumento da tarifa se ampliou para outras reivindicações, de caráter diverso, e ficaram conhecidas pelo lema “Não é só por 20 centavos”. Os gritos de ordem a seguir exemplificam tal ampliação:

“Copa do Mundo eu abro mão, quero dinheiro pra saúde e educação”, “Queremos hospitais padrão Fifa”, “O gigante acordou”, “la ixcrever augu legal, maix fautô edukssão”, “Não é mole, não. Tem dinheiro pra estádio e cadê a educação”, “Era um país muito engraçado, não tinha escola, só tinha estádio”, “Todos contra a corrupção”, “Fora Dilma! Fora Cabral! pt = Pilantragem e traição”, “Fora Alckmin”, “Zé Dirceu, pode esperar, tua hora vai chegar”, foram algumas das inúmeras frases vistas nas cartolinas (SINGER, 2013, p.25).

É importante salientar, neste ponto, que as manifestações, que até então tinham caráter progressista e de esquerda – no sentido de cobrar um acirramento do processo distributivo das riquezas por parte do estado e reivindicar direitos sociais para grupos minoritários, de caráter identitário –, neste ponto começaram a ser disputadas por setores conservadores, que viram na mobilização espontânea a oportunidade de disputar a base social jovem dos programas do governo federal, mas que não se identificava enquanto tal (CHAUI, 2016). Na análise de Singer:

Tendo em vista o exposto, sugerimos que a melhor imagem para descrever a composição social das manifestações seja a de dois blocos relativamente

equivalentes, formados por jovens e jovens adultos de classe média e outro por pessoas da mesma faixa etária, mas pertencentes à metade inferior da estrutura social brasileira, sendo estes com menos escolaridade média. O Quadro 3 sugere que, com exceção do Rio de Janeiro (que, como vimos, apresentou um desvio em relação à dimensão do rendimento), metade dos manifestantes tinha renda familiar acima de cinco salários mínimos e cerca de 20% recebiam acima de dez salários mínimos familiares mensais, soma de recursos mais próprios da classe média tradicional. Isso reforça a impressão de que havia, sim, um contingente de classe média nas manifestações, mas ele não respondia pelo todo. A segunda fase das manifestações teria produzido, em consequência, um cruzamento de classes (SINGER, 2013, p.32).

A grande mídia começou a noticiar os atos como forma legítima de protesto e se opor à violência policial após uma repórter da Folha de São Paulo ser atingida no olho por uma bala de borracha, no dia 13 de junho de 2013<sup>10</sup>, como aponta Coletti:

O dia 13 de junho merece uma atenção especial e considero essa data como um marco das manifestações deste período. Nesse dia a cidade de São Paulo foi, mais uma vez, o foco das manifestações quando cerca de 20 mil manifestantes ocuparam as ruas da capital paulista e foram violentamente reprimidos pela tropa de choque paulistana, numa noite que acabou com 235 pessoas detidas, dos quais 2 eram jornalistas, e mais de 100 feridos, sendo 22 jornalistas (COLETTI, 2017, p.56).

No dia 19 de junho, os prefeitos das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro revogaram os aumentos das tarifas. Em Curitiba, a revogação aconteceu no dia 20. Neste mesmo dia houve atos em 140 cidades (COLETTI, 2017, p. 61), mobilizando cerca de 3.000.000 de pessoas em todo o país (COLETTI, 2017, p.58). Este foi o ápice de mobilização, que após o dia 20 teve uma queda de adesão, como analisa o autor:

Devo ressaltar um fato interessante sobre essa dinâmica da participação popular nas manifestações: o dia 20 de junho, a mais expressiva manifestação, é uma data com um contexto bastante específico, pois marca a vitória sobre o aumento das tarifas do transporte público que, no dia 19, haviam sido revogadas pelos governos de São Paulo e Rio de Janeiro, e em Curitiba no próprio dia da manifestação, tendo assim, mais de 100 mil

---

<sup>10</sup> A notícia da página G1, da Rede Globo, que noticia a saída da jornalista atingida pela bala de borracha do hospital, já tem um tom de apoio às manifestações, distinto das notícias anteriores, que definiam as ações como “vândalas”. Acesso em: 07 abr. 2017.



pessoas reunidas em São Paulo, 300 mil no Rio de Janeiro e em Curitiba 3 mil. Para além de apenas mais um protesto, é a marca de uma espécie de celebração da vitória, comemorada por todo o país, mas que marca também a queda da participação e do alcance dos protestos pelo país (COLETTI, 2017, p.61).

As Jornadas de Junho de 2013 trazem consigo, ainda, a marca de um dos maiores escândalos de racismo e violência policial do país. Rafael Braga Vieira, catador de materiais recicláveis, foi preso durante uma manifestação no dia 20 de junho, no Rio de Janeiro. Acusado de “portar” duas embalagens de desinfetante em sua mochila, que seriam “materiais explosivos”, Rafael ficou preso por cinco meses aguardando julgamento e foi condenado a cinco anos e dez meses de prisão. Houve grande repercussão do caso nas redes sociais e um grupo de advogados interveio no caso, conseguindo que ele cumprisse a pena em regime aberto. Em janeiro de 2016, Rafael Braga saiu para comprar pão para sua mãe e foi abordado por policiais da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da Vila Cruzeiro, que o prenderam em “flagrante” pelo porte de maconha, cocaína e um rojão. Rafael Braga foi condenado a onze anos de prisão por tráfico de drogas, contraiu tuberculose na prisão e atualmente está em regime de prisão domiciliar para tratamento médico<sup>11</sup>.

Nas Jornadas de Junho de 2013, houve uma parte dos manifestantes que levantou reivindicações de caráter conservador no quesito moral, “contra a corrupção petista”, e de caráter econômico neoliberal, contra as políticas de intervenção estatal na economia e nas políticas públicas redistributivas. Esses manifestantes começaram a se organizar dentro das manifestações com as camisas da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), na qual o verde e amarelo simbolizam as cores da nação brasileira, bem como com bandeiras do Brasil, com a prerrogativa da “Ordem e do Progresso” (CLETO, 2016). Segundo relato de Torinelli:

Nesse dia, 20 de junho, estava frio e chovendo bastante. Mesmo assim havia milhares na manifestação. Chegando à Boca Maldita, fiquei impressionada com a quantidade de militantes e integrantes de movimentos sociais, assim

---

<sup>11</sup> Para mais informações sobre o caso de Rafael Braga, é possível acessar a página da campanha “Libertem Rafael Braga”. Acesso em: 10 jan. 2018.

como de camisetas e bandeiras vermelhas. Somente depois pude perceber que essa era só uma parte da marcha, que havia se desmembrado. “Aqui é a marcha dos sem partido, essa outra é a dos partidários”, me explicou sem rodeios uma moça enrolada numa bandeira do Brasil que percebeu a incompreensão de alguns manifestantes sobre o que estava acontecendo quando as duas marchas se cruzaram (TORINELLI, 2014, p.70).

Estes manifestantes, que ficaram conhecidos como “coxinhas”, se colocaram de maneira contrária aos participantes que iam com camisas de movimentos sociais e partidos políticos de esquerda, gerando situações de conflito físico com manifestantes “vermelhos”<sup>12</sup>:

[...] Acuados com gritos do tipo ‘sem partido’ e ‘fora PT’, os mais radicais que incitaram a violência exigiram para que até os movimentos sociais baixassem suas bandeiras. Eles argumentavam que esses movimentos também eram partidários. Houve empurra-empurra, troca de insultos, agressões físicas e a tomada de bandeiras vermelhas, que eram em seguida queimadas[...] (BRASIL DE FATO, 2013).

A oposição também aconteceu em relação aos manifestantes que iam encapuzados e utilizavam táticas (HARNECKER, 1985) de ação direta, chamadas “black blocs”, como aponta Coletti:

Do que se trata então a black bloc? Antes de tudo, é preciso ter claro que a tática black bloc não é um movimento social em si, não se trata de um grupo organizado, com pautas claras, bandeiras únicas e ideologias bem definidas. De acordo com sua própria definição black bloc é apenas uma tática, uma forma de protesto fundada na violência-espetáculo, ou na destruição seletiva de propriedade, ou ainda na defesa contra a repressão promovida pelas forças do Estado, cujo principal objetivo é dar visibilidade à presença de uma crítica radical aos sistemas econômico e político vigentes (COLETTI, 2017, p.81).

Este processo de disputa das ruas como espaço de lutas progressistas vs. conservadoras aconteceu, anteriormente, em 1964, no período pré golpe militar,

---

<sup>12</sup> Trecho de reportagem sobre o confronto entre manifestantes, no dia 20 de junho de 2013, em São Paulo. Acesso em: 15 abr. 2017.

quando manifestações pela “Tradição, Família e Propriedade” (TFP) foram organizadas em oposição ao governo de João Goulart, em nome de uma suposta democracia representativa, que aglutinava os interesses desta classe média aristocrática (LÖWY, 2016, p. 66). Desde então, as manifestações de rua eram uma ferramenta de luta de grupos identificados como de esquerda. As Jornadas de Junho de 2013 se destacam, neste sentido, por terem sido novamente disputadas por projetos políticos divergentes, novamente colocados como a radicalização da distribuição de renda e a centralização estatal em oposição à concentração de privilégios e hierarquia social, com a roupagem democrática, na qual o discurso contra a “corrupção petista” começou a ser difundido com maior peso e intencionalidade pela grande mídia.

No entanto, numericamente, a parcela que se identificava ideologicamente como “centro” era a mais expressiva, como demonstra Singer (2013):

TABELA 4 – ESPECTRO IDEOLÓGICO DOS MANIFESTANTES DE JUNHO 2013

QUADRO 4  
Localização dos manifestantes no espectro ideológico.  
São Paulo, 20/06/2013

Esquerda	Centro-esquerda	Centro	Centro-direita	Direita	Não sabe
22%	14%	31%	11%	10%	13%

Fonte: Datafolha.

FONTE: SINGER (2013)

Se reunirmos os manifestantes que se identificaram ideologicamente enquanto “centro-esquerda”, “centro” e “centro-direita”, temos um índice de 56% do total de manifestantes em algum aspecto de centro.

Essa identificação influencia os rumos da disputa entre reivindicações de “mais estado” e “mais mercado”, uma vez que absorve pautas das duas posições extremas, a dizer, esquerda e direita, através de reivindicações do bom uso do dinheiro público, em pautas contrárias às megaconstruções para os Jogos Olímpicos

e para a Copa do Mundo, por exemplo. E, ao mesmo tempo, absorvem pautas contra a corrupção estatal (de esquerda), como aponta Singer:

O que percebemos no Quadro 4 é que, no auge das manifestações, as diversas correntes ideológicas estavam juntas nas ruas. Apesar da expulsão simbólica da esquerda partidária da avenida Paulista (talvez por grupos de extrema-direita sob o beneplácito silente de manifestantes de centro), na noite da quinta, 20, onde tudo havia começado duas semanas antes, a esquerda social lá permaneceu, representando uma parcela significativa, embora não majoritária, do protesto. Da mesma maneira, havia uma direita, a qual, contudo, era bem menor do que fizeram pensar as primeiras impressões a respeito do acontecido. O centro, por sua vez, predominava do ponto de vista numérico e, como buscamos sugerir, cultural (SINGER, 2013, p.40).

Singer (2013) afirma, ainda, que esta balança centrista, que ora pendia para a esquerda, ora para a direita, no final do processo se dirigiu no sentido das críticas à corrupção, fazendo coro com as pautas de direita. Segundo o autor:

No entanto, é possível que, embora objetivamente distante, o universo da classe média pós-materialista seja alvo de desejo de jovens que começam a se mover naquela direção por meio da elevação educacional. Ensina a sociologia que, quando não existem fortes subculturas de classe em ação, os indivíduos podem desenvolver identificações com o lugar social para o qual querem ir e não com o terreno de onde vêm. Segundo a pesquisa do Ibope, na noite de 20 de junho, quando levadas em consideração as três principais reivindicações espontaneamente levantadas pelos manifestantes entrevistados, a mudança do ambiente político ficou em primeiro lugar, tendo sido mencionada por 65% dos presentes, com 50% fazendo referência especificamente à corrupção. A questão do transporte ficou em segundo lugar, com 54% das respostas, e os gastos com a Copa em terceiro, com 40% (SINGER, 2013, p. 39).

Não pretendo me ater a uma análise pormenorizada das manifestações de 2013, no entanto, é importante frisar que esta divisão entre os manifestantes se aprofundou depois, principalmente no que tange à organização juvenil. Parte dos manifestantes, considerada “cozinha”, se organizou, após as manifestações de 2013, em grupos explicitamente conservadores moralmente e neoliberais no ideário econômico. O surgimento de grupos que se reivindicam como “movimentos sociais de

direita” é, neste sentido, fruto das contradições geradas no período neodesenvolvimentista, em que setores da classe trabalhadora não se identificam enquanto tal e se organizam com base em referenciais conservadores, neoliberais, meritocráticos e individualistas. Ou, se não organizadas de forma direta, apoiam as pautas contra a corrupção (da esquerda) e da necessidade de reduzir o aparelho estatal.

## 2.2 AS MOBILIZAÇÕES JUVENIS PRÓ E CONTRA O *IMPEACHMENT*

Como vimos anteriormente, nas Jornadas de Junho de 2013 houve uma multiplicidade de pautas políticas e uma disputa se fez notória. Estavam nas ruas, neste sentido, a parcela progressista da nova classe trabalhadora, como estudantes, professores e jovens das periferias, bem como a parcela conservadora e reacionária, que se identifica enquanto classe média e se sente ameaçada pela ascensão social da classe trabalhadora – da qual ela mesma faz parte. Além dos polos extremos da mobilização, a parcela mais significativa dos protestantes, numericamente, se identificava enquanto centro, em termos ideológicos, e como vimos, foi “arrastada”, ou disputada e ganha, pela parcela mais à direita (COLETTI, 2017; SINGER, 2013; TORINELLI, 2014).

Desde as manifestações pelo *impeachment* de Luis Fernando Collor de Mello, em 1992, a direita não se organizava em manifestações de rua e desde 2007 não se identificava enquanto um *movimento* (TATAGIBA, L. *et al*, 2015).

Em 29 de julho de 2007, uma passeata em homenagem às vítimas do maior acidente aéreo da história brasileira (com 199 mortos) se transformava em crítica à gestão do setor que teria gerado um “caos aéreo” (Oliveira, 30/7/2007). Nos cartazes, letras brancas sobre o fundo escuro expressavam a solidariedade às famílias, ao lado de “Fora Lula”, “Respeito”, “Cansei” e “Basta” (Idem). Essa foi a primeira aparição pública do que ficaria conhecido como Movimento Cansei, o Movimento Cívico pelo Direito dos Brasileiros,4 criado cinco dias após o acidente da TAM. Ao lado do “caos aéreo” o “basta” se estendia também às denúncias de corrupção do “mensalão do PT”, iniciadas em 2005.5 Um mês após o acidente da TAM, em 17 de agosto, o Cansei voltou às ruas, dessa vez ocupando a Praça da Sé, em memória das

vítimas do acidente aéreo, contra a corrupção e a carga tributária. Mas, no título da reportagem, a Folha de S. Paulo chama a atenção para o foco do protesto: “Na Sé, Cansei desemboca em ‘Fora Lula’” (CAPRIGLIONE *et al.*, 18/8/2007). Não houve outras manifestações convocadas pelo Cansei. O movimento não foi levado a sério nem pelos partidos políticos de oposição tampouco pela imprensa. Manter as mobilizações se mostrava, de qualquer forma, uma tarefa difícil em um contexto de crescimento econômico e altas taxas de aprovação do presidente (TATAGIBA, L. *et al.*, 2015, p. 200).

No entanto, as Jornadas de Junho de 2013 foram como uma Caixa de Pandora, em que diversos grupos políticos novos se consolidaram e se destacaram posteriormente, no processo eleitoral de 2014 e nas manifestações pelo *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff, em 2015 e 2016.

No ano seguinte, durante as eleições de 2014, a disputa presidencial no segundo turno resultou em uma grande polarização e embate nas redes sociais de internet entre forças de direita e esquerda (SILVEIRA, 2014). Apesar da vitória da candidata petista no pleito presidencial, assistiu-se a ascensão das forças de direita e uma onda conservadora, representada pela formação de uma grande bancada conservadora no Congresso Nacional. Pode-se, inclusive, afirmar que se a esquerda ganhou no Executivo, a direita brasileira foi vencedora do pleito no Legislativo. Chaia e Brugnago destacam que nas eleições de 2014 houve uma ampla discussão política pela internet, reflexo das manifestações de 2013, e o “reaparecimento de um novo militante, o militante conservador de direita” (CHAIA e BRUGNAGO, 2014: 125), que passou a utilizar com eficiência as redes sociais para a mobilização e expressão de sua ideologia (ARAÚJO, R. *et al.*, 2016, p. 6).

Os “novos movimentos de direita” mais expressivos neste processo foram o Movimento Vem Pra Rua (MVPR), os Revoltados Online (ROL) e o Movimento Brasil Livre (MBL).

Os protestos continuaram ocorrendo no ano seguinte. Na campanha eleitoral de 2014, os discursos de ódio contra o PT, Lula e Dilma se tornaram cada vez mais fortes nos grupos de direita. Logo após a reeleição de Dilma Rousseff, os protestos contra o processo eleitoral tomam forma. O pedido de *impeachment* no início quase não apareceu. Entretanto, em 15 de novembro de 2014, em uma manifestação contra o governo, surgem os pedidos de *impeachment*. No fim do mês, uma passeata com esta reivindicação específica, aconteceu na avenida Paulista em São Paulo (TATAGIBA *et al.*, 2015). Nesse cenário, se destacaram três coletivos na liderança das

manifestações: o Movimento Brasil Livre (MBL), o VemPraRua e os Revoltados Online (ARAÚJO, R. *et al*, 2016, p. 9).

O Revoltados Online era uma página do Facebook que foi criada em 2013 e reivindicava o retorno da ditadura militar e exaltava a ação truculenta da Polícia Militar (PM) na contenção das manifestações, além de vender camisetas e bonecos “anti-PT”. A página foi retirada do ar em agosto de 2016 e seu administrador, Marcello Reis, postou um vídeo sobre a exclusão, em que dizia:

“A gente não tá vivendo numa ditadura, você entendeu? Não fizemos nada de errado, sempre trabalhamos dentro da lei, caçando estes corruptos, aí removem a maior organização de combate à corrupção, o Revoltado On line é precursor do *impeachment*” (CATRACALIVRE. Página “Revoltados On Line” é retirada do ar pelo Facebook”, 2016).

O Movimento Vem Pra Rua surgiu em 2014 e se define como: “um movimento suprapartidário, democrático e plural que surgiu da organização espontânea da sociedade civil para lutar por um Brasil melhor”. Ainda segundo seu site, eles têm como objetivo: “Nós do Vem Pra Rua queremos um Brasil livre da corrupção, uma política feita com ética e um Estado desinchado e eficiente”. Amaral (2016) afirma que o movimento está diretamente ligado à juventude do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) – oposição ao projeto neodesenvolvimentista e maior representante do neoliberalismo no país (AMARAL, 2016).

No entanto, o grupo que mais cresceu no processo de mobilização de 2013 e que posteriormente se destacou na condução das manifestações a favor do *impeachment* foi o Movimento Brasil Livre (MBL) (AMARAL, 2016, p. 51). O MBL se apresenta como “a juventude que saiu do Facebook para as ruas”. Kim Kataguirí, estudante de economia, se tornou o porta voz do movimento. Em vídeos onde debatia questões sociais e propunha soluções de caráter neoliberal, Kim se tornou uma referência na internet e começou a escrever semanalmente para o jornal Folha de S. Paulo. A mídia noticiou o surgimento do MBL como um processo espontâneo e auto organizado, em decorrência das mobilizações de 2013. No entanto, uma pesquisa da

agência Pública (AMARAL, 2015), de 2015, mostra que o movimento surgiu através do financiamento da Atlas Network, uma fundação norte americana que impulsionou uma rede de organização estudantil chamada Estudantes Pela Liberdade (EPL), fundada em 2008 e trazida para o Brasil em 2012. Neste sentido, os Estudantes Pela Liberdade já vinham traçando projetos de como se enraizar entre a juventude brasileira e, em 2013, escolheram organizar o MBL como forma de inserção na disputa ideológica e organizativa gerada pelas manifestações de rua. Kim Kataguiri, neste sentido, foi escolhido como o mediador do processo (AMARAL, 2016).

Em 2015, houve um Fórum da Liberdade, em Porto Alegre, onde representantes da Atlas Network e representantes de grandes empresas como a Gerdau e o Grupo RBS, e de fundações brasileiras como o Instituto Millenium, se reuniram para traçar os rumos dos movimentos juvenis de “direita” para o próximo período. Para além deste espaço de articulação, o MBL realizou seu I Congresso Nacional, no qual definiu uma plataforma política de reivindicações e iniciou o processo de candidaturas eleitorais, nas quais elegeu um Deputado Federal – Paulo Eduardo Martins, do PSDB do Paraná – e sete vereadores, sendo que o que mais se destacou foi Fernando Holiday – filiado aos Democratas (DEM), de São Paulo –, que ficou conhecido por ser um jovem negro, homoafetivo e “de direita”.

Podemos afirmar, assim, que a juventude brasileira pode ser entendida enquanto um ator social, no sentido de ser um setor da sociedade que se mobiliza enquanto tal. Esta mobilização, no entanto, não acontece de forma homogênea, nem enquanto forma organizativa (movimentos, partidos, grupos, entre outras formas, como discutiremos mais adiante), nem com base em um único aspecto político-ideológico – o MBL é expressão, neste sentido, da parcela da direita organizada enquanto setor juvenil. E ainda que não aglutine de forma orgânica esta juventude conservadora, o MBL expressa seus ideais e valores. Para Chauí:

As manifestações de 2016 evidenciaram as divisões políticas que atravessam a nova classe trabalhadora quando parte dela acompanhou a classe média, que, encorajada e empurrada pelos meios de comunicação de massa e partidos políticos de oposição, ergueu sua tradicional bandeira de luta contra a corrupção política e em favor do golpe de estado para restaurar a “ordem e o progresso”. E o fez com uma violência, um ressentimento e um desejo



sombrio de vingança não encontrado nem mesmo nas Marchas pela Família que encabeçaram o golpe de 1964 (CHAUI, 2016, p. 22).

O MVPR, ROL e o MBL foram alguns dos grupos responsáveis por organizar atos reivindicando o *impeachment* de Dilma Rousseff, após sua reeleição em 2014. Apesar de não se unirem oficialmente, as convocatórias dos atos eram unitárias e as pautas colocadas de forma similar, em oposição à corrupção (da esquerda) e contra o PT. Segundo Araújo:

O poder de engajamento dos três grupos analisados pode ser associado ao conjunto de compartilhamentos e curtidas de suas páginas. O sucesso das manifestações também pode atestar o protagonismo desses grupos, embora o fato dos protestos de rua terem sido bem-sucedidos não dependa apenas das convocações na internet. Os grupos, especialmente o MBL, revelaram uma boa capilaridade junto aos veículos de comunicação de massa, demonstrando que haviam interesses comuns entre eles. A cobertura jornalística das principais manifestações do país em favor do *impeachment* contribuiu de forma significativa para que as ruas fossem tomadas. O mesmo não ocorreu com as manifestações favoráveis à presidente Dilma (ARAÚJO, R. *et al*, 2016, p. 20)

Os atos contra a corrupção e pelo *impeachment* aconteceram entre 2014 e 2016. Os primeiros atos frisaram o combate à corrupção e a pauta do *impeachment*, que não era consenso a princípio, mas que foi ganhando repercussão e se consolidando.

No dia 12 de abril foi realizado o segundo grande ato contra Dilma Rousseff e o PT, com público estimado em 800 mil para os organizadores, 275 mil para a PM e 100 mil para o Datafolha (G1 São Paulo, 12/4/2015). Na preparação para o ato, as organizações fecharam posição em defesa do *impeachment* como uma das bandeiras centrais do protesto. Em termos numéricos, os protestos de abril foram inferiores a março, que teve público estimado em 210 mil (segundo o Datafolha) (TATAGIBA, L. *et al*, 2015, p. 203).

Um ponto importante em relação às manifestações contra a corrupção (da esquerda) e pelo *impeachment* de Dilma Rousseff é a reapropriação da “direita” pelas manifestações de rua, assim como a própria definição que exprime do que é a *rua*.

Contudo, não é só nas passeatas e nas manifestações que se “vai à rua”: podemos mobilizar nossos amigos e conhecidos nas redes sociais, podemos nos organizar para cobrar de políticos e de funcionários do Estado brasileiro, podemos nos engajar na tarefa de cobrar de nossos representantes – nas câmaras municipais, nas assembleias legislativas, no congresso federal – para que sejam honestos, transparentes e eficazes na defesa dos interesses de nosso país. A rua não é só a manifestação: é onde acontece a sociedade brasileira (Movimento Vem Pra Rua “Quem somos nós”).

As manifestações aconteceram neste sentido amplo de mobilização, seja em atos nas principais capitais do país, como em manifestações na internet, ou em suas próprias casas, ao baterem panelas durante pronunciamentos da então Presidenta Dilma Rousseff.

No dia 8 de março, nas comemorações pelo Dia Internacional da Mulher, Dilma Rousseff faz um pronunciamento em rede nacional no qual busca legitimar as medidas econômicas adotadas pelo governo. Durante os 15 minutos de fala da presidenta, foi realizado um “panelaço” em áreas nobres de algumas capitais do país, com destaque para a cidade de São Paulo (TATAGIBA, L. *et al*, 2015, p. 202-203).

O perfil dos participantes das manifestações em prol do *impeachment* de Dilma Rousseff reflete o processo de convencimento em torno da pauta do combate à corrupção (da esquerda) e o antipetismo, crescentes desde 2013. Segundo dados do Instituto de Pesquisa Datafolha<sup>13</sup>, a maioria dos manifestantes eram homens (57%); a média de idade registrada nos atos foi de 45,5 anos; a maioria se autodeclarou branca (77%), seguida em quantidade de pardos (15%), pretos (4%) e amarelos (3%); uma parcela expressiva afirmou ser empresária (12%); em relação à renda mensal

<sup>13</sup> A pesquisa foi realizada no ato do dia 13 de março de 2016, pelo DataFolha. Acesso em: 06 jan. 2018.

familiar, a maioria era classe A e B, em que 14% disseram obter um ganho de até 3 salários mínimos por mês, 17% de 3 a 5 salários, 26% de 5 a 10 salários, e 37% mais de 10 salários.

Os manifestantes demonstraram ter um alinhamento ideológico com reivindicações de caráter neoliberal e conservador, como demonstrado por Tatagiba (2015):

A pesquisa realizada pelos professores Pablo Ortellado e Ester Solano durante o protesto do dia 12 de abril revela que a esmagadora maioria concorda com as seguintes afirmações: “Cotas nas universidades geram mais racismo” (70,90%) e “O Bolsa Família só financia preguiçoso” (60,40%). Em outro levantamento, realizado no mesmo dia, ao serem perguntados quais ações do governo afetaram negativamente sua vida: 44,5% mencionaram o Bolsa Família, 43,5% o auxílio reclusão e 35,6% as cotas raciais nas universidades públicas. Sobre as que afetaram mais positivamente, destaca-se o Prouni com 29% de aprovação. [...] Contudo, essa crítica às políticas governamentais focalizadas e de reparação parece estar associada a uma defesa da atuação do Estado em outras áreas. Na pesquisa realizada no protesto de 16 de agosto, Ortellado, Solano e Nader (2015) identificaram que a maioria (97%) defende que os serviços de saúde e educação sejam universais e gratuitos e 49% apoiam total ou parcialmente a tarifa zero para os transportes (TATAGIBA, L. *et al*, 2015, p. 209).

No entanto, é notório também o baixo índice de adesão aos movimentos de direita em si, uma vez que a pesquisa do Datafolha (2016) constatou que uma minoria de participantes dos atos disse fazer parte dos movimentos. O maior número de adeptos era do Vem Pra Rua (3%), seguido pelo MBL (1%) e pelo ROL (1%).

Trata-se de organizações sem lastro social, sem reconhecimento político e com frágil capacidade de produzir um debate qualificado em torno de suas demandas. Por isso, é ainda mais importante aprofundar a compreensão das conexões menos aparentes que têm sustentado, ao longo do tempo, as ações de mobilização à direita. Uma pista é seguir os dados relativos ao financiamento dessas organizações e as redes nacionais e internacionais às quais suas lideranças estão vinculadas. Outra pista é compreender o papel das redes sociais como importantes veículos para o recrutamento de participantes, assim como a mídia tradicional. A atuação da TV Globo – nas três grandes mobilizações de rua realizadas em 2015 – não deixa dúvidas em relação à importância da televisão para a “convocação” (não de forma explícita, obviamente) das manifestações (TATAGIBA, L. *et al*, 2015, p. 205).

Para além da participação civil, em especial da juventude, que se reivindica neoliberal e apoia pautas conservadoras, outra parcela da juventude também mobilizada em 2013 e posteriormente organizada em grupos culturais e artísticos foi importante no processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, por se manifestar contrariamente e denunciar o golpe político em curso no país.

A juventude dos movimentos sociais e partidos políticos de esquerda convocou diversos atos no último período em contraposição ao governo ilegítimo de Michel Temer e ao projeto neoliberal, proposto por ele e defendido pelos partidos golpistas, como o próprio MDB e o PSDB (LÖWY, 2016).

No entanto, diferentemente de 2013, os jovens vêm participando de processos de articulação com outros atores sociais e setores da sociedade civil organizada, em frentes amplas de organização. As duas frentes nacionais de maior destaque são a Frente Povo Sem Medo (FPSM) e a Frente Brasil Popular (FBP).

A Frente Povo Sem Medo (FPSM) tem como referência principal o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), que surgiu em São Paulo, depois das manifestações de Junho, e tem como principal objetivo organizar trabalhadores que vivem nas periferias urbanas, através das ocupações de terra. A Frente Brasil Popular (FBP) tem como referências principais o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a Central Única dos Trabalhadores (CUT). O MST é o maior movimento social da América Latina, que reúne trabalhadores rurais que ocupam terras e reivindicam uma Reforma Agrária e Popular, enquanto a CUT é a maior central sindical do país, que reúne trabalhadores urbanos. As duas frentes de luta vêm organizando atos contra o golpe político em curso no Brasil e parte expressiva da juventude organizada em coletivos e movimentos juvenis participa destes espaços de articulação.

Para além destes espaços de articulação a nível nacional, os jovens participam de atos de menor proporção, como as manifestações convocadas por coletivos anarquistas e autonomistas. Em Curitiba, é possível citar a atuação do Coletivo CWB

Resiste, que organizou participou de atos contra o *impeachment* e convocou atos de denúncia contra o golpe.

O perfil dos manifestantes contrários ao *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff foi publicado pelo Datafolha<sup>14</sup>, em análise comparada dos atos a favor e contrários ao *impeachment*. Segundo a pesquisa, a maioria dos manifestantes era de homens (61%); com ensino superior (73%); a renda dos manifestantes variava entre até 2 SM (12%), 2 a 3 SM (12%), 3 a 5 SM (22%), 5 a 10 SM (27%), 10 a 20 SM (19%) e mais de 20 SM (5%). Uma das maiores diferenças entre os perfis diz respeito à ocupação dos manifestantes. Nos atos contrários ao *impeachment*, havia uma parcela expressiva de funcionários públicos (16%), e um número menor de empresários (4%) – enquanto nos atos a favor do *impeachment* esses índices eram, respectivamente, de 5% e 12%.

A segunda grande diferença entre os manifestantes é em relação à posição política. Nos atos a favor do *impeachment*, a avaliação da Presidenta Dilma Rousseff era expressivamente ruim/péssima (98%) e bom/ótimo (1%), em contraposição à opinião dos manifestantes contrários, para os quais esse índice era minoritário (10%) e a aprovação maior, como bom/ótimo (56%). O consenso entre os manifestantes girava em torno do afastamento de Eduardo Cunha (atual MDB) da presidência da Câmara dos Deputados, em que os índices eram 96% e 95% de aprovação para sua cassação, segunda a pesquisa.

### 2.3 O MASSACRE DO DIA 29 DE ABRIL DE 2015

Outro acontecimento político que marcou o ciclo de mobilizações juvenis aqui exposto é o que se convencionou chamar “Massacre do Dia 29 de Abril”, tanto por sua repercussão quanto pelo envolvimento que a juventude teve no processo, como veremos a seguir.

---

<sup>14</sup> DATAFOLHA. Perfil dos manifestantes favoráveis e contrários ao *impeachment* de Dilma Rousseff. Acesso em: 06 jan. 2018.

O “Massacre”, que aconteceu em Curitiba em 2015, tinha como foco os professores da rede estadual de ensino que estavam protestando contra o governo estadual. No entanto, o ato teve expressiva participação social, em especial dos estudantes secundaristas e universitários, que tiveram um papel destacado no enfrentamento à repressão policial.

Os professores da rede estadual de ensino estavam em greve contra a Proposta de Lei Nº 252 (PL 252/2015), que propunha alterações na Previdência Social estadual, em que 8 milhões de reais seriam sacados para pagamento de dívidas do estado. A votação da PL 252/2015 estava se arrastando desde o início de 2015 e foi colocada em caráter de urgência na Assembleia Legislativa do Paraná (ALEP). A greve também fora organizada para pressionar a abertura das negociações salariais, até o momento negligenciadas pelo governo estadual.

Os professores da rede estadual de ensino aderiram à greve convocada pelo Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná (APP-Sindicato) e realizaram manifestações desde fevereiro. Porém, no dia 12 de fevereiro, os professores ocuparam a ALEP, a fim de reivindicar o direito de acompanhar as votações da PL 252/2015.

Os deputados estaduais deixaram a Assembleia Legislativa em um camburão da Tropa de Choque da Polícia Militar e começaram a votar a proposta, sem a participação dos manifestantes. Os manifestantes conseguiram impedir a votação e seguiram exigindo a participação dos professores e estudantes. De acordo com Bellini:

Chegamos ao 25 de abril depois de muitas passeatas, acampamento dos e das professoras na Praça Nossa Senhora Salete, do episódio do camburão levando deputados para a Assembleia Legislativa do Paraná capitaneado pelo então Secretário de segurança Pública, Fernando Francischini. O dia 25 de abril foi o dia indicado para a votação do projeto de Mauro Ricardo, a transferência dos 8 bilhões de reais da previdência ao governador para pagamento de dívidas do estado. Jamais essas dívidas foram tornadas públicas. Os/as professores/as e demais trabalhadores dos setores públicos acamparam nos dias 27, 28 e 29 de abril na Praça Nossa Senhora Salete (BELINNI, 2015, p. 8).

Nos atos que se seguiram o clima estava cada vez mais acirrado e se dizia que o governo do estado não aceitaria a exigência dos manifestantes de participar da votação. As manifestações seguiram crescendo em número, onde professores, estudantes e demais categorias de servidores estaduais compunham os atos. Ainda segundo Bellini:

Nos dias 27 e 28, já tínhamos forte aparato da ROTAM, PM, aparatos como camburões, carros da PM cercavam o acampamento. Na noite de 27, segunda-feira, a PM tentou tirar os/as manifestantes do local. No dia 28, logo após as 13h, quando um caminhão da 9 APP entrava na praça, a PM jogou bombas e gás de pimenta nas pessoas que estavam perto do veículo. Houve um início de tumulto e resistência dos/as manifestantes. O caminhão não pôde avançar e ficou na entrada da praça. Na madrugada de 29, a uma hora da manhã, mais uma bomba e ameaças. Os/as manifestantes ficaram de mãos dadas em círculo em torno das barracas. As 8 da manhã, não havia sinais para celular, nem whatsapp. Havia um cerco tecnológico. Os/as manifestantes não conseguiam se comunicar na região da Praça. Também não podíamos conversar muito alto porque havia inúmeros policiais à paisana, os famosos P2 que nos intimidavam, circulavam os/as manifestantes. Essa estratégia foi endurecendo com o passar das horas. As 12h o contingente policial, cães e veículos aumentou (BELINNI, 2015, p. 8-9).

A votação foi marcada para o dia 27 de abril e outros segmentos de funcionários estaduais, para além dos professores da rede pública, estavam mobilizados, a fim de acompanhar a votação – como os vigilantes e os professores de universidades estaduais. Nas palavras de Ferrigolo:

No dia 27 de abril de 2015, ocorreu, na ALEP, o primeiro turno da votação do projeto que promoveu mudanças no ParanaPrevidência, ao qual foram apresentadas 16 emendas. O projeto – submetido pelo Governador Beto Richa (PSDB) – tramitava em regime de urgência, pois era fundamental para tentar regularizar as contas do governo paranaense, junto a outras propostas que formavam o “pacote de maldades”, assim apelidado por diminuir direitos sociais e aumentar impostos. Tal votação se deu com a Assembleia do Plenário vazia, em face de um mandato proibitório, solicitado pela presidência da Casa, com o objetivo de impedir a entrada de populares, que se manifestavam do lado de fora, mas, até então, em número reduzido. Diante da votação favorável ao projeto, os professores da rede estadual deliberaram por entrar em greve (que, aliás, duraria 44 dias), formando caravanas para ir à Curitiba acompanhar o restante do procedimento (FERRIGOLO, P. *et al*, 2015, p. 27).

No dia 29 de abril, cerca de vinte mil pessoas estavam na Praça Nossa Senhora da Salete, protestando contra a votação da PL 252/2015. A praça, que fica em frente à ALEP, estava cercada de policiais enfileirados, circundando a região com helicópteros, a cavalo e com cachorros. O governo estadual, junto da Secretaria de Segurança Pública do Paraná (SSP-PR), mobilizou um contingente de cerca de mil policiais militares do estado, que viajaram na noite anterior, para “controlar” os manifestantes – servidores estaduais e estudantes.

Durante o ato que aconteceu no Centro Cívico, em Curitiba, o governador, Carlos Alberto Richa (PSDB), e o Secretário de Segurança, Fernando Francischini (Partido Solidariedade), comandaram uma ação violenta da Polícia contra os manifestantes. Segundo o governador, a violência começou por parte dos manifestantes jovens, vândalos e black-blocs, que estavam no ato. Em suas palavras;

“Mas lamentavelmente a presença de baderneiros, arruaceiros, black blocs que radicalizaram, partiram para cima dos policiais. E é uma defesa natural: eles agiram para preservar sua integridade física e suas vidas (...). E esses radicais acabaram buscando o confronto com os policiais (...). Agora, os filmes que eu assisti mostram agressões de manifestantes radicais, black bloc...” (Entrevista do governador Beto Richa, GAZETA DO POVO, 2015).

O confronto começou no início da tarde e durou cerca de três horas. Os policiais usaram gás lacrimogêneo, bomba de efeito moral, balas de borracha, spray de pimenta, bem como perseguiram manifestantes a cavalo e com os cachorros. Os estudantes secundaristas e universitários tiveram papel importante durante o confronto, uma vez que atuaram de forma protagonista na contenção da violência policial. Segundo dados sistematizados pelo Ministério Público Estadual, o “Massacre” terminou com mais de 200 pessoas feridas. Para Ferrigolo:

Os resultados da ação policial, expostos por inúmeros veículos de comunicação, foram os seguintes: 213 pessoas feridas, segundo a Prefeitura de Curitiba; segundo o Estado, teriam sido 61 pessoas, incluindo 21 policiais; um ambulatório foi improvisado no subsolo da prefeitura, no qual equipes do



Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) realizaram 150 atendimentos; ademais, 63 feridos foram encaminhados para as Unidades de Pronto Atendimento (UPAs) Matriz e Boa Vista; e, também de acordo com o Samu, 15 pessoas tiveram de ser hospitalizadas com ferimentos graves, inclusive um cinegrafista que foi mordido por um pitbull e teve que passar por uma cirurgia (FERRIGOLO, P. *et al*, 2015, p. 28-29).

Este dia ficou conhecido como o “Massacre do dia 29 de abril” pela sociedade civil, pela desproporcionalidade no confronto entre os manifestantes e a Polícia Militar. O Ministério Público do Paraná (MP-PR) entrou com uma ação contra seis pessoas, acusadas de serem responsáveis pela ação truculenta, entre elas Beto Richa, Fernando Francischini e o então comandante da Polícia Militar, César Kogut.

A juíza Patricia de Almeida Gomes Bergonse, da 5.<sup>a</sup> Vara da Fazenda Pública, inocentou os acusados e considerou que os manifestantes foram responsáveis pelo confronto<sup>15</sup>. Para Gallego:

A figura do inimigo, do radical, do black bloc, do terrorista, o medo, a segurança, são discursos poderosos que têm um profundo impacto social. Estes discursos são perigosamente naturalizados até que formam parte do senso comum. Nada mais perigoso que o senso comum. Em nome dele cometemos as maiores barbaridades. “Protesto violento deve ser reprimido”. “Se tinha arruaceiros no protesto então a atuação policial estava justificada” Isto é o que me diz o senso comum. Cabe a nós questionar estas afirmações que parecem evidentes para grande parte da sociedade (GALLEGO, 2016, p. 49).

## 2.4 AS OCUPAÇÕES DAS ESCOLAS DE SÃO PAULO

A última referência importante no processo de mobilização juvenil brasileira que aqui mencionamos são as ocupações das escolas de São Paulo, que serão analisadas a partir da sistematização de Antônio Campos, Jonas Medeiros e Márcio Ribeiro, no livro “Escolas de luta”, lançado em 2016.

---

<sup>15</sup> Matéria da Gazeta do Povo de 15 ago. 2017. Acesso em: 09 jan. 2018.

As ocupações aconteceram em oposição à “reorganização escolar” proposta pelo governador Geraldo Alckmin (PSDB), processo no qual os estudantes afirmaram que não haver diálogo e/ou consulta à população antes de se propor a reorganização.

A análise deste processo organizativo é importante por estabelecer um histórico de mobilizações juvenis que influenciaram a conjuntura política no último período, culminando com as ocupações de 2016 em todo o país. As ocupações de São Paulo, sem dúvidas, se inscrevem neste processo, e ainda que tenham dimensão estadual, repercutiram em todo o país e, como afirmam os estudantes paranaenses, influenciaram o processo posterior, objeto de estudo do presente trabalho.

Além disso, o debate desenvolvido no livro “Escolas de luta”, sobre as influências chilena e argentina da ocupação enquanto uma tática (HARNECKER, 1985), é essencial para compreender o processo paranaense de mobilização. No livro, os autores afirmam que a influência aconteceu de forma direta, através de uma cartilha que circulou em São Paulo e, posteriormente, no Paraná. Compreender a ocupação enquanto tática, neste sentido, é fundamental no debate acerca da “novidade” dos movimentos juvenis, uma vez que ela se inscreve, de forma recorrente, como uma tática adotada por jovens latino americanos, depois que outras táticas consideradas tradicionais, como atos e passeatas, não surtem efeito.

Antonia Campos (2016) afirma que, em setembro de 2015, o governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), anunciou uma medida de “reorganização escolar”, que previa o fechamento de cerca de cem escolas em todo o estado e que iria dividir os estudantes por séries nas escolas, ou seja, uma reestruturação que definiria a divisão escolar por ciclos, sendo eles Fundamental I, Fundamental II e Médio.

A proposta foi exposta pelo então Secretário da Educação sem abrir margem para o diálogo com a comunidade escolar, profissionais da educação e estudantes. A medida seria implementada já no início do semestre seguinte, em 2016. Os estudantes souberam da proposta de “reorganização” através das notícias veiculadas nas emissoras de televisão e por boatos (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

As pessoas se viram sem ter para onde recorrer, pois, apesar de se tratar de uma política pública, o processo se desenrolou com extrema informalidade e falta de transparência, o que causou, além do choque, uma sensação estressante de instabilidade nos estudantes (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, p. 32).

Os estudantes criaram eventos em redes sociais como o Facebook para debater o assunto e logo começaram a questionar a legitimidade da proposta e a proporem manifestações nas escolas. No dia 25 de setembro, os estudantes pararam as aulas na E. E. Carlos Gomes e protestam no pátio. As fotos da mobilização são divulgadas nas redes sociais, bem como hashtags que afirmam que a escola é dos estudantes e que eles têm direito de decidir onde vão estudar, como #NossoCarlão, #AEscolaÉNossa, #LutarPeloNossoDireito. Os estudantes começaram a divulgar a necessidade de enviar e-mails à Diretoria de Ensino cobrando respostas e, em dois dias, foram mais de cem publicações sobre a “reorganização” (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

Se as escolas possuem “espaço sobrando”, como sugere nosso secretário, por que então o governo não aproveita e diminui o número de estudantes por sala de aula? Essa sim seria uma medida de melhoria na qualidade do ensino. Além do fechamento de escolas, a tal “reorganização” prevê também o fim do oferecimento de ciclos em muitas escolas, o que também é bastante perverso, pois as escolas terão que abrir mão de salas de vídeo, bibliotecas e laboratórios para aglutinarem mais estudantes em salas de aula, ou seja, perderemos estruturas de ensino-aprendizagem, deixando as escolas com menos instrumentos pedagógicos ainda! Essa reorganização não passa de um ataque perverso à educação pública do estado, não podemos admitir tamanho descaso, educação não é gasto, É INVESTIMENTO! (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO. Depoimento via Facebook, EE Mello Cotrim, 2016, p. 39).

Os estudantes começaram então a organizar atos em oposição à “reorganização”, que chegaram ao número de 163 em duas semanas, em todo o estado. Os atos eram descentralizados (em frente às escolas, passeatas com trancamentos de ruas, avenidas e rodovias). Além disso, os estudantes adotaram diversas táticas consideradas não tradicionais, como realizar o “funeral” de uma escola que seria fechada, no feriado de Finados, gravar performances que “viralizaram”, ou seja, foram amplamente difundidas nas redes sociais – como uma

em que fizeram uma paródia da música Cálice (de Chico Buarque e Gilberto Gil), em que estudantes vendados cantavam, posicionados na sala de aula como em uma aula, bem como fazer “abraços” nas escolas que seriam fechadas, com centenas de participantes.

Aconteceram atos centralizados na capital paulista, convocados “espontaneamente”, por estudantes independentes, ou seja, que não participavam de coletivos, e por coletivos de caráter anarquista e autonomista, além de atos convocados pela entidade estudantil que se propõe a organizar e representar os estudantes secundaristas, a União Municipal de Estudantes Secundaristas (UMES-SP). Estes atos foram fortemente reprimidos pela Polícia Militar, gerando notícias sobre as mobilizações estudantis (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

Porque antes da ocupação a gente já tinha feito muita coisa, não sei se vocês ficaram sabendo, mas a gente já tinha feito abaixo-assinado, mais de dez mil assinaturas contra a reorganização, a gente já tinha ido algumas vezes na Câmara dos Vereadores. O Cefam que tinha organizado, mas a gente espalhou pra muitas outras escolas que tavam ajudando a gente também. A gente foi na Câmara Municipal, várias escolas foram lá, a gente conseguiu apoio de todos os vereadores, então assim, nós fizemos muitas coisas antes da ocupação, só que não houve retorno e aí que surgiu a ideia da ocupação...Aí eu falei, “Pai, a gente já fez tudo isso, a gente fez abaixo-assinado e não deu certo, a gente já foi na Câmara Municipal, na Alesp, a gente já falou com o Herman” - o Herman assinou o nosso abaixo-assinado, ele recebeu, uma das alunas foi lá, no dia da última plenária, ela foi lá, falou com ele e ele assinou e a gente tem isso, ou seja, nada deu resultado. Eu falei: “Pai, tô jogando tudo aqui [na ocupação] e eu queria saber o que você acha”. Ele primeiro falou assim: “Isso é loucura”. Aí eu falei: “Loucura é, mas infelizmente não tem outra forma de chamar atenção, a gente, tipo, é a última carta na manga que a gente tem de tentar chamar a atenção de alguma forma do governo” (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, Depoimento, EE Diadema, 2016, p. 54).

Os estudantes, identificando que as táticas de atos e passeatas não estavam “surtindo efeito”, começaram a divulgar uma cartilha produzida por um coletivo chamado O Mal-Educado, de caráter autonomista que atua em São Paulo, em que sistematizavam a experiência dos estudantes chilenos, que, de 2006 a 2011, lutaram pela gratuidade do ensino no Chile e dos estudantes argentinos, que também

ocuparam as escolas reivindicando a qualidade do ensino (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

A cartilha, chamada “Como ocupar um colégio”<sup>16</sup>, trata do contexto chileno em que os estudantes se mobilizaram, reivindicando o acesso a uma educação pública, gratuita e de qualidade. O material trata, ainda, das dificuldades em ocupar uma escola: “Não é uma festa ter que dormir todos os dias no colégio, suportando as mentiras do governo e dos meios de comunicação que nos apresentam como vagabundos que não querem estudar”, bem como da radicalidade da tática (HARNECKER, 1985): “Uma ocupação é sempre o último recurso, depois que todos os canais de diálogo e as outras formas de luta tiverem se esgotado”. Ela tem ainda, uma proposta organizativa para as ocupações, que consiste em assembleias gerais deliberativas, formativas ou recreativas, e equipes para divisão das tarefas diárias na ocupação – comida, segurança, imprensa, informação, limpeza e relações externas. A cartilha termina com o exemplo de uma ocupação em um colégio no Brasil, ocorrida em 2012, no Mato Grosso do Sul (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, p. 56).

A preocupação do coletivo era demonstrar historicamente que a ocupação de escolas não era uma idéia abstrata ou absurda; foi uma ferramenta de luta bem-sucedida em tais e tais contextos. Na última página do manual era lançada a palavra-de-ordem: “Se fechar, vamos ocupar! ”. Desse modo, passava-se de uma hashtag negativa - #NaoFecheMinhaEscola - para outra, agora positiva: #SeFecharVamosOcupar (as duas hashtags sempre andavam juntas na página do Facebook do coletivo). Para além do anúncio de que a proposta do governo estadual era inaceitável para os alunos, O Mal-Educado apresentou uma tática que contribuiu decisivamente para o sucesso em barrar o plano de “reorganização escolar” (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, p. 57).

A versão impressa da cartilha foi entregue nos atos e uma versão online circulava nas redes sociais e grupos de Whatsapp, em que o coletivo O Mal-Educado propunha um programa de ação com quatro pontos: 1 - Coordenar as ações dos estudantes, com ações unificadas e simultâneas; 2 - Não confiar nas entidades

---

<sup>16</sup> A cartilha “Como ocupar um colégio” está acessível para consulta online. Disponível em: <<https://gremiolivre.wordpress.com/2015/10/21/como-ocupar-um-colegio-versao-online/>>. Acesso em 15 mai. 2017.

estudantis; 3 - Ocupar as escolas; 4 - Só os estudantes podem derrotar o governo (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, p. 57-58).

A primeira ocupação foi da E. E. Diadema, em que estudantes haviam conhecido a cartilha em um ato centralizado e organizaram a entrada na escola, com cerca de vinte participantes no dia nove de novembro de 2015. Os estudantes deflagraram a ocupação no início do turno noturno e convocaram uma assembleia com toda a escola, para pedir apoio à ocupação. No dia 10 outra escola foi ocupada. As duas, apesar de parecer um processo articulado, não haviam combinado a sincronicidade das ações.

Nós fomos a primeira escola a ocupar e foi uma ideia, assim, que a gente não sabia que outras estavam tendo. Eu não sabia. O pessoal do Fernão até falou que eles tinham uma relação, mas deve ter sido com outro aluno porque eu mesma não tinha. E quando falei assim: “Caraca! A gente vai ficar sozinho nessa. É uma cartada bem arriscada essa, mas vamos lá! ”. No dia seguinte, cinco horas da manhã o Fernão ocupou. E até parece que foi meio premeditado, mas não foi, foi algo que ganhou força. Eles falaram que eles já tavam organizando isso lá. Que ótimo! Porque até acho que foi por causa da cartilha, a ideia também veio da cartilha, a ideia deles (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, Entrevista E. E. Diadema. 2016, p. 56).

As ocupações foram crescendo em quantidade, apesar da repressão policial que o governo do estado enviou para desmobilizar os processos de entrada nas escolas. Os policiais ostentaram armamentos pesados e impediram que estudantes entrassem nas ocupações para participar das atividades, bem como ameaçaram prender participantes (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

[...] Aí ele entraram com a viatura aqui, a gente tentou conversar, foi muito tenso. O primeiro dia a gente até ficou abalado, falando “ai meu deus, a gente não vai conseguir! ”, começou a chorar, mas aí deu certo! A gente falou: “Olha, policial”, a gente sabe que eles não podem tirar a gente daqui sem mandado, não é assim e eles entraram com metralhadora, meu! Desnecessário isso... (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, Entrevista E. E. Diadema. 2016, p. 94).

A comunidade escolar, em apoio às ocupações, fez manifestações em frente às escolas ocupadas. O Ministério Público entrou com um pedido de reintegração de posse que foi expedido. No entanto, um juiz suspendeu a decisão, por considerar o processo de ocupações legítimo, uma vez que os estudantes não tinham o objetivo de se apropriar definitivamente das escolas e por considerar o fato de que eram adolescentes e seus direitos, previstos no ECA, deveriam ser respeitados, assim como sua integridade física garantida. Essa foi a primeira vitória do movimento e as ocupações seguiram aumentando, assim como as ações policiais violentas, mas de forma mais velada a partir de notícias de agressão policial contra professores e estudantes ocupantes.

Portanto, no momento em que algumas iniciativas mostram a viabilidade da ocupação como uma forma alternativa e mais radical de luta, já havia um contingente grande de estudantes mobilizados e dispostos a seguir o exemplo, o que levou a um efeito demonstração em cadeia, facilitado pela rede de comunicação entre os secundaristas: estudantes interessados em ocupar a sua escola visitavam outras ocupações da sua região para conhecer ou obtinham informações pelos grupos de whatsapp e pelo facebook. Em alguns casos, estudantes de outras escolas ocupadas iam prestar assistência a novas ocupações (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, p. 112).

As ocupações chegaram ao número de duzentas, em todo o estado. Os estudantes trocavam informações sobre as formas bem-sucedidas de coordenação do espaço, assim como das dificuldades enfrentadas, como a relação com as direções escolares e com a polícia. As direções que não apoiavam o processo de ocupação tentaram mobilizar estudantes, também contrários, para pressionar a saída dos estudantes que ocupavam. Os diretores e caseiros chegaram a declarar que estavam sendo mantidos em cárcere privado e supostamente coagidos pelos estudantes, para forçar a desocupação das escolas (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

A vivência dos estudantes durante a ocupação é relatada como positiva por todos que participaram, que compartilharam experiências, espaços de formação e as tarefas cotidianas do manutenção do espaço.

Uma ocupação é uma forma muito singular de luta: pessoas se dispõem a viver juntas em um determinado espaço por tempo indeterminado, tendo que se organizar diariamente e lidar com suas necessidades de infraestrutura, alimentação, higiene, atividades etc. para que a ocupação se mantenha viva e, portanto, para que o coletivo possa alcançar seu objetivo. O comprometimento e a dedicação necessários, em comparação com a organização de um protesto de rua, por exemplo, são muito maiores. Se esta ocupação for autogerida - como foi no caso dos secundaristas -, isto tende a fazer com que toda atividade ou decisão, por mínima que seja, se torne uma experiência no exercício da democracia e da horizontalidade. Mesmo as questões mais prosaicas são submetidas a um processo decisório reflexivo coletivo - a assembleia (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, p. 128).

Os estudantes que participaram das ocupações narram a experiência como “única”, onde laços afetivos se formaram e se consolidaram, gerando uma “família”. Além disso, afirmam que se viram como fortes durante a ocupação, seja no trato com a direção, na experiência coletiva de ocupar, na relação com os familiares, se viram, podemos afirmar, em um processo de amadurecimento e autoconhecimento (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

[...] Estamos formando um só corpo em luta pela educação. Estamos, a cada dia, mais unidos. A cada dia, mais amigos uns dos outros. Quando começou a ocupação, a escola era formada por panelinhas, mas agora somos como crianças que mal se conhecem, mas já brincam como se fossem os melhores amigos do mundo. Não estamos, porém, para brincadeira. Estamos aqui por uma causa séria. [...] Um por todos e todos por um! (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, Depoimento no Facebook, E. E. Eloy de Miranda Chaves, 2016, p. 135).

O protagonismo das mulheres e a valorização da diversidade sexual e da negritude foram pontos marcantes das ocupações, que podem ser observados na divisão de tarefas em que a paridade de gênero foi pautada a todo o momento, bem como nos registros fotográficos em que as estudantes se destacam na condução dos espaços políticos, das manifestações, no diálogo com a direção escolar e no enfrentamento com a polícia (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016). As atividades culturais e oficinas, que foram conduzidas por apoiadores, em sua maioria artistas e estudantes universitários, trataram das desigualdades sociais e valorização da



negritude, dos estigmas da juventude periférica e da complexidade das questões de orientação e identidade sexual.

Além disso, os estudantes passaram por um processo de transformação em sua relação com o espaço escolar. Como relatam, o que antes era distante passou a ser o “seu espaço”, que conheciam e cuidavam (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

Uma tática utilizada pelo governo do estado para desacreditar e desmobilizar as ocupações foi a divulgação de informações de que o boicote da Saresp proposto pelos estudantes iria influenciar negativamente na educação paulista. O Saresp é o sistema de avaliação anual de desempenho educacional, método criticado pelos estudantes por ser uma avaliação reducionista que implica na desvalorização de escolas que estavam na listagem das que seriam fechadas pela “reorganização”. Os estudantes se posicionaram nas redes sociais contra as informações divulgadas pelo estado e pelo governador. As direções escolares e professores contrários às ocupações também seguiram convocando pais e estudantes para acabarem com as ocupações e no final de novembro várias escolas desocuparam devido à pressão e aos conflitos com o governo, a polícia, as direções e a comunidade escolar (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

Na quarta semana de ocupação, e sem abertura para diálogo por parte do estado, os estudantes resolveram, no Comando das Ocupações, que era o espaço em que os participantes se reuniam para planejar o processo político do movimento, começar a trancar ruas como tática de luta. As ações de trancamento de ruas e avenidas foram duramente reprimidas pela Polícia Militar, que chegou a deter estudantes que se manifestavam (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

Podemos afirmar que os estudantes, nas ocupações, desenvolveram uma percepção de uma possibilidade de escola mais plural e democrática, em que se sentiam participantes e valorizados, ampliando a reivindicação para além da pauta da “reorganização”. Passaram, assim, de uma pauta de oposição a uma proposição do que pode ser a escola e as relações dentro dela.

No início de dezembro de 2015, o governador, Geraldo Alckmin, lançou um Decreto de nº 6.195, no qual suspendia a “reorganização escolar”. Ainda que o decreto seja confuso, uma vez que a “reorganização” não estava regulamentada como um projeto único, a revogação foi entendida pelas entidades estudantis e por parte significativa dos estudantes como uma vitória e centenas de escolas foram desocupadas, espontaneamente, na semana seguinte. O Comando das escolas em luta, que tinha uma coordenação autonomista, ainda que em desacordo com as ocupações, lançou manifesto declarando a desocupação coletiva das vinte e cinco escolas que seguiam ocupadas, no dia 17 de dezembro de 2015.

[...] o conjunto das nossas reivindicações não foi atendido e não cederemos até que seja. Analisamos, porém, que as ocupações já cumpriram sua função e que é a hora de mudar de tática. Reiteramos ainda que as ocupações em si não são o movimento secundarista, mas uma das táticas utilizadas por este. Se desocupamos, não é de forma alguma por não haver outra opção, mas justamente por haverem outras, que no momento julgamos mais efetivas.

Mudamos de tática agora assim como inicialmente decidimos sair das ruas e ocupar nossas escolas, e o movimento continua.

É necessário nesse momento manter a união das escolas em luta, e por isso acreditamos que a melhor forma de mostrar a nossa força é fazendo uma desocupação em conjunto no período das 12h de sexta-feira até às 12h de segunda-feira. Lembramos que buscamos em primeiro plano a unidade do movimento, mas que a decisão cabe aos ocupantes de cada escola, e que independente dela, haverá apoio aos demais.

É importante que fique claro que estamos saindo das escolas, mas não estamos saindo da luta. E que essa escolha de maneira nenhuma significa ceder às pressões do governo do estado [...] (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, Depoimento registrado na página do Facebook do Comando das escolas em luta, 2016, p. 289).

As poucas escolas que seguiram ocupadas foram duramente reprimidas pela Polícia Militar ao longo do mês de dezembro e, no fim do mês, as ocupações acabaram como um todo. Os estudantes, no entanto, manifestaram sua disposição para seguir lutando, de outras formas, contra as medidas arbitrárias dos governantes e da polícia, através de atos que se seguiram e explicitando a necessidade de desenvolver novas táticas, assim como fora a ocupação (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

Acredito ser importante destacar que as ocupações foram utilizadas como tática pelos estudantes universitários no Brasil no último período, em greves estudantis como as de 2011, 2012 e 2014. No entanto, era restrita ao segmento universitário, caracterizada pela ocupação das reitorias para pressionar o processo de negociação, a níveis local e nacional. A “novidade” trazida pelos estudantes secundaristas em 2015 foi, neste sentido, se apropriar da tática da ocupação, através da referência dos estudantes chilenos, e ocupar suas escolas.

É notório, neste sentido, como as experiências de mobilização e luta juvenis são compartilhadas através das redes sociais de forma rápida e eficiente e como este processo reforça uma unidade na identidade juvenil latino-americana. Ao mesmo tempo, e contraditoriamente, este processo evidencia o distanciamento entre o movimento dos estudantes secundaristas e universitários no Brasil, uma vez que a referência “veio de fora”, sendo que já estava sendo utilizada no país nos últimos anos. Fica, neste sentido, a provocação sobre como estes segmentos podem estreitar laços e construir as lutas de forma mais unitária. As ocupações de 2016, neste sentido, são inovadoras pois conseguiram unir os secundaristas e universitários, que ocuparam escolas e universidades de forma articulada, como parte de um mesmo processo de luta, como veremos adiante.

Concluo este capítulo retomando a importância da consolidação da juventude estudantil como um ator social relevante no último período, seja na luta institucional, por políticas públicas, seja em manifestações de rua. Estas manifestações se mostraram eficientes em evidenciar o protagonismo juvenil, bem como provocar o debate acerca das demandas dos jovens, como foram as Jornadas de Junho de 2013, nas quais as pautas pelo transporte e pelo direito à cidade foram amplamente discutidas e geraram, após as manifestações, a organização de grupos juvenis. Além disso, influenciaram processos de luta, como as ocupações das escolas de São Paulo, em 2015, à medida em que retomaram a necessidade do protagonismo juvenil e tensionaram o governo do estado, se tornando uma referência para as ocupações das escolas em 2016, em todo o país, no processo de oposição à Medida Provisória 746, proposta pelo governo de Michel Temer.

### 3 O COLÉGIO ESTADUAL PEDRO MACEDO

O Colégio Estadual Pedro Macedo foi fundado em 1956<sup>17</sup>, como Ginásio Estadual do Portão e funcionava em um prédio pertencente ao Grupo Escolar Francisco Azevedo Macedo. Em 1965 passou a ter sede própria, na Av. República Argentina, nº 2376. O Colégio teve sua estruturação alterada diversas vezes no que tange à oferta educacional e atualmente conta com os anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), Ensino Médio Regular e Técnico (Cursos Profissionais Integrados: Informática e Secretariado; Cursos Profissionalizantes Subseqüentes: Informática, Secretariado e o Técnico em Secretariado).

ILUSTRAÇÃO 1 – FACHADA DO C.E. PEDRO MACEDO



FONTE: SITE DO C. E. PEDRO MACEDO (2018)

---

<sup>17</sup> Dados disponíveis na página do C. E. Pedro Macedo, vinculada à Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED). Acesso em: 15 jan. 2018.

## ILUSTRAÇÃO 2 – VISTA AÉREA DO C. E. PEDRO MACEDO



FONTE: GOOGLE STREET VIEW (2018)

O Colégio tem 7 blocos, em um terreno de 14.217,41 m<sup>2</sup>, sendo, destes, 4.805,00 m<sup>2</sup> de área construída<sup>18</sup>. Além disso, fica há menos de 500 m do ponto de transporte coletivo. A Av. República Argentina é uma via rápida que liga o Centro de Curitiba ao Terminal do Portão. O Terminal do Portão, por sua vez, é um acesso importante aos demais bairros da zona sul da cidade.

Segundo dados da Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED), em 2016 o C. E. Pedro Macedo teve 2.521 matrículas no Ensino Fundamental e Médio (Regular e Técnico), distribuídas entre 84 turmas, nos períodos matutino, vespertino e noturno.

Dentre estas, 721 matrículas no Ensino Fundamental, em 23 turmas vespertinas; 873 matrículas no Ensino Médio Regular, com 31 turmas (incluindo Sala

<sup>18</sup> Dados disponíveis na página da Secretaria de Educação (SEED). Acesso em: 15 jan. 2018.

Multifuncional do E.M.); 81 matrículas em Tec. Administração Integral, com 3 turmas; 150 matrículas em Téc. Administração noturno, com 4 turmas; 147 matrículas em Técn Informática Integral matutino, com 5 turmas; 127 matrículas em Téc. Informática integral vespertino, com 5 turmas; 62 matrículas em Téc. Informática noturno, com 3 turmas; 80 matrículas em Téc. Secretariado Integral, com 3 turmas; 65 matrículas em em Téc. Secretariado noturno, com 2 turmas e 182 matrículas em Téc. Segurança do Trabalho noturno, com 5 turmas. Além destas, foram registradas 964 matrículas em atividades complementares, entre elas aulas de idiomas estrangeiros (alemão, espanhol, inglês, italiano e japonês), esportes e apoio ao aprendizado.

A Secretaria de Educação disponibiliza também dados referentes ao rendimento escolar, com base no Inep, nos quais o C. E. Pedro Macedo consta conforme a tabela abaixo<sup>19</sup>:

TABELA 5 – RENDIMENTO ESCOLAR DO C. E. PEDRO MACEDO

Indicador	Ensino	2007	2008	2009	2010	2011
<b>Taxa de Aprovação</b>	Ensino Fundamental - Anos Finais	-	92.2 %	96.3 %	91.7 %	90.8 %
<b>Taxa de Aprovação</b>	Ensino Médio - Total	80.2 %	82.4 %	88.5 %	89.3 %	92.1 %
<b>Taxa de Reprovação</b>	Ensino Fundamental - Anos Finais	12.0 %	4.6%	2.6%	7.1%	8.8%
<b>Taxa de Reprovação</b>	Ensino Médio - Total	10.6 %	5.1%	4.8%	4.1%	4.0%
<b>Taxa de Abandono</b>	Ensino Fundamental - Anos Finais	2.4%	3.2%	1.1%	1.2%	0.4%
<b>Taxa de Abandono</b>	Ensino Médio - Total	9.2%	12.5 %	6.7%	6.6%	3.9%

FONTE: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ (2018)

Segundo dados do Inep<sup>20</sup>, o C. E. Pedro Macedo tem 187 funcionários, dentre estes 114 docentes, e o Indicador de Nível Socioeconômico (INSE) dos estudantes é

<sup>19</sup> Dados disponíveis no site da SEED. Acesso em: 15 jan. 2018.

<sup>20</sup> Os dados foram coletados nos questionários de avaliações nacionais, como a Avaliação Nacional da Educação Básica (Aneb), Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Anre ou Prova Brasil) e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e disponibilizados em 2014. Acesso em: 15 jan. 2018.



classificado como alto, calculado com base na escolaridade dos pais, renda familiar, posse de bens e contratação de serviços pela família. O índice alto representa uma renda familiar acima de 7 salários mínimos e quantidade expressiva de bens de consumo<sup>21</sup>.

O INSE de outros colégios de Curitiba mostra que o índice aponta, na maioria dos colégios, níveis altos de condições sócioeconômicas, como demonstrado com colégios de todas as regionais de Curitiba. É possível visualizar esses dados na tabela que segue:

TABELA 6 – INDICADOR DE NÍVEL SOCIOECONÔMICO (INSE) DAS REGIONAIS DE CURITIBA

<b>Regional</b>	<b>Bairro</b>	<b>Colégio</b>	<b>INSE</b>
Boa Vista	Pilarzinho	C. E. Emiliano Perneta	Médio Alto
Boa Vista	Tarumã	Colégio Militar de Curitiba	Muito Alto
Boa Vista	Boa Vista	C. E. Ermelino de Leão	Alto
Santa Felicidade	Santa Felicidade	C. E. Francisco Zardo	Alto
Matriz	Centro	C.E.Tiradentes	Médio Alto
Portão	Fazendinha	C.E. Avelino Antônio Vieira	Alto
CIC	CIC	C.E. Arlindo C. de Amorim	Médio Alto
Pinheirinho	Pinheirinho	C. E. Etelvina C. Ribas	Alto
Boqueirão	Boqueirão	C. E. Luiza Ross	Alto
Boqueirão	Xaxim	C.E.Nossa Senhora Aparecida	Médio Alto
Cajuru	Cajuru	C.E.Senhorinha M. Sarmiento	Médio Alto
Bairro Novo	Sítio Cercado	C.E. Flavio F. da Luz	Alto
Bairro Novo	Ganchinho	C.E. Profª. Iara Bergmann	Médio Alto
Tatuquara	Campo de Santana	C. E. Guilherme Pereira Neto	Médio Alto

FONTE: A AUTORA (2018)

Acredito ser importante salientar, neste ponto, que os dados utilizados para embasar o INSE são, eles próprios, parte das políticas dos governos neodesenvolvimentistas (2002-2016). A renda familiar e o acesso a bens de consumo foram diretamente impulsionados por políticas como o aumento real do Salário Mínimo, o controle da inflação, o crédito para compras e redução do Imposto Sobre Produtos Industrializados (IPI), bem como o nível de escolaridade dos pais pode ter aumentado como parte das políticas de ampliação do Ensino Superior no país

<sup>21</sup> Nota Técnica Indicador De Nível Socioeconômico (Inse) Das Escolas. Acesso em: 15 jan. 2018.

(BOITO, 2012). Compreender a ascensão social do último período contribui para o entendimento dos sujeitos que estão na escola pública atualmente, bem como seus anseios e reivindicações.

Ainda com base no Inep, o Pedro Macedo pode ser considerado um Colégio de Alto Nível de Complexidade de Gestão, uma vez que tem índice Nível 5<sup>22</sup>. O indicador se baseia no porte da escola, número de turnos de funcionamento, quantidade e complexidade de modalidades/etapas oferecidas. A estrutura do Colégio também é ampla, com biblioteca, laboratório de ciências, laboratório de informática, acesso à internet, banda larga, computadores para uso dos alunos, pátio descoberto, pátio coberto, auditório, quadra de esportes coberta, quadra de esportes descoberta, área verde, sala de professores, sala de secretaria, sala de diretoria, almoxarifado e refeitório.

O resultado do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de 2015 do Colégio Estadual Pedro Macedo é acima de sua meta e acima da média estadual, conforme mostra a comparação de tabelas abaixo:

TABELA 7 – IDEB DO C. E. PEDRO MACEDO

<b>Ideb Pedro Macedo (9º ano)</b>						
<b>Ano</b>	<b>2005</b>	<b>2007</b>	<b>2009</b>	<b>2011</b>	<b>2013</b>	<b>2015</b>
<b>Meta</b>		3,3	3,4	3,7	4,1	4,5
<b>Valor</b>	3,3	4,7	5,6	5,5	6,0	5,5

FONTE: ADAPTADO DE INEP (2018)

TABELA 8 – IDEB DO PARANÁ

<b>Ideb Paraná (9º ano)</b>						
<b>Ano</b>	<b>2005</b>	<b>2007</b>	<b>2009</b>	<b>2011</b>	<b>2013</b>	<b>2015</b>
<b>Meta</b>		3,3	3,5	3,8	4,2	4,5
<b>Valor</b>	3,3	4	4,1	4	4,1	4,3

<sup>22</sup> Dados coletados no Censo Escolar da Educação Básica de 2013. Acesso em: 15 jan. 2018.





O Portão é um bairro de tamanho médio de Curitiba, com cerca de 42.662 pessoas, segundo o panfleto “Nosso Bairro/Portão”, do Instituto de Pesquisa Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), de 2015<sup>23</sup>.

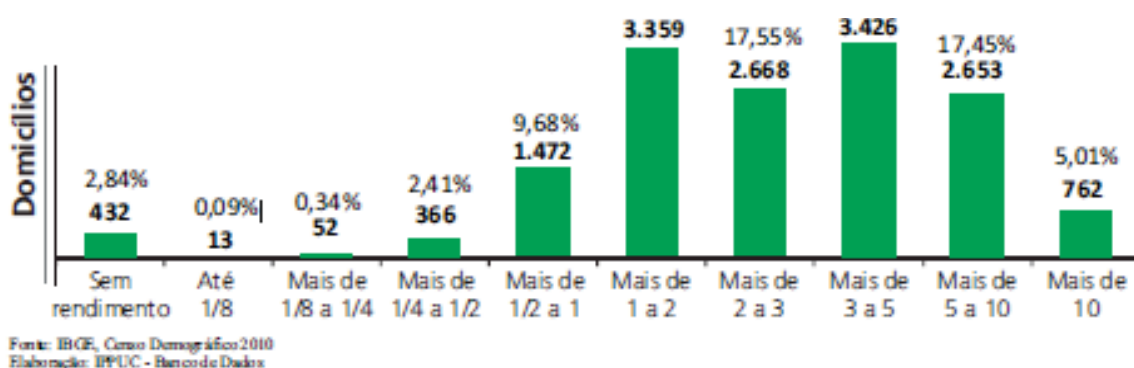
Destas pessoas, 19.736 (46,26%) são homens e 22.926 (53,74%) mulheres. Do total, 37.162 (87,11 %) se autodeclaram brancas, 737 (1,73%) pretas, 873 (2,05%) amarelas, 3.857 (9,04%) pardas e 33 (0,08%) indígenas. Em 2010 a idade média no bairro era de 36,2 anos (enquanto em Curitiba como um todo era de 33,4).

Ainda segundo os dados do IPPUC, a quantidade de Domicílios no Portão é de cerca de 17,207 unidades, sendo a densidade domiciliar de, em média, 2,48 habitantes/domicílio. Os domicílios no bairro são, na maioria, apartamentos (56,75%), seguido por casas (40,71%) e por casa de vila ou condomínio (2,55%).

A renda média de um domicílio do bairro, no momento da pesquisa, era de R\$4.693,69 (9 SM). O valor do Salário Mínimo (SM) utilizado neste cálculo é de R\$510,00. A renda média individual era, assim, de R\$ 1.860,90 (3,6 SM).

Apesar de a média de renda por domicílio ser elevada, podemos afirmar que há uma disparidade entre os extremos de concentração de renda, pois a maior parcela dos domicílios tinha renda entre 1 e 5 SM (62,18% dos domicílios).

GRÁFICO 3 – RENDA DOMICILIAR DO BAIRRO PORTÃO



FONTE: ADAPTADO DE IPPUC (2018)

<sup>23</sup> Panfleto “Nosso Bairro/Portão” do Instituto de Pesquisa Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), publicado em 2015. Acesso em: 15 jan. 2018.

No que tange à educação, o Portão também se destaca em relação à média da cidade, uma vez que o menor Ideb do bairro (5,2) foi acima da média municipal (4,7).

TABELA 9 – IDEB DE CURITIBA EM 2011

<b>IDEB observado em 2011</b>	<b>Curitiba</b>	<b>Portão</b>
<b>Menor IDEB</b>	<b>4,7</b>	<b>5,2</b>
<b>Maior IDEB</b>	<b>7,3</b>	<b>6,2</b>

Fonte: MEC/INEP, SAEB, Censo escolar e IPPUC, 2011  
Elaboração: IPPUC - Banco de Dados

FONTE: ADAPTADO DE IPPUC (2018)

Em relação aos dados de segurança, o Portão se enquadra como abaixo da média de Ocorrências registradas em Curitiba, em 2010. Segundo o IPPUC, enquanto Curitiba registrou 42,81 homicídios por 100.000 habitantes, no Portão o número foi de 32,82 homicídios por 100.000 habitantes (IPPUC, 2015, p. 13).

Como podemos perceber, em relação à cidade como um todo, o Portão pode ser descrito como um bairro com uma boa infra-estrutura. No entanto, ao compará-lo com os mesmos dados dos bairros vizinhos, podemos perceber a diferença de estrutura como um todo, em que quanto mais afastado da área central, menos estruturado é o bairro. Vamos nos ater aos bairros Água Verde, Vila Izabel, Portão, Fazendinha e Novo Mundo para fins de análise comparativa em relação à população e à estrutura dos bairros, como se percebe na tabela abaixo:

TABELA 10 – COMPARATIVO DA POPULAÇÃO EM BAIRROS DE CURITIBA

	<b>Populaçã o</b>	<b>Homen s</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Branca</b>	<b>Preta</b>	<b>Parda</b>	<b>Amarela</b>	<b>Indígena</b>
<b>Água Verde</b>	51.425	23.228 45,17%	28.197 54,83%	46.875 91,15%	566 1,10%	2.495 4,85%	1.461 2,84%	28 0,05%

<b>Vila Izabel</b>	11.610	5.269 45,38%	6.341 54,62%	10.555 90,91%	278 2,39%	636 5,48%	139 1,20%	2 0,02%
<b>Portão</b>	42.662	19.736 46,26%	22.926 53,74%	37.162 87,11%	737 1,73%	3.857 9,04%	873 2,05%	33 0,08%
<b>Novo Mundo</b>	44.063	21.031 47,73%	23.032 52,27%	36.064 81,85%	1.030 2,34%	6.496 14,74%	435 0,99%	38 0,09%
<b>Fazendinha</b>	28.074	13.549 48,26%	14.525 51,74%	21.326 75,96%	827 2,95%	5.670 20,20%	226 0,81%	25 0,09%

FONTE: A AUTORA (2018)

Em relação aos grupos que compõem a população dos bairros analisados, é possível ressaltar que são, em sua maioria, mulheres e que, à medida em que se afastam da área central, a quantidade de pessoas autodeclaradas pretas, pardas e indígenas aumenta, como vemos na tabela a seguir:

TABELA 11 – COMPARATIVO SOBRE DOMICÍLIOS NOS BAIRROS DE CURITIBA

	<b>Nº total</b>	<b>Casa</b>	<b>Apartamento</b>	<b>Casa de vila/ condomínio</b>	<b>Irregulares (ref.2005)</b>	<b>Densidade de domicílio</b>
<b>Água Verde</b>	22.232	3.133 15,94%	16.409 83,49%	113 0,57%	-	2,31
<b>Vila Izabel</b>	5.033	992 22,07%	3.481 77,44%	22 0,49%	-	2,31
<b>Portão</b>	17,207	6.183 40,71%	8.619 56,75%	387 2,55%	567	2,48
<b>Novo Mundo</b>	15.826	9.828 68,44%	4.196 29,22%	336 2,34%	1900	2,78
<b>Fazendinha</b>	9.605	6.441 71,61%	2.136 23,75%	418 4,65%	870	2,92

FONTE: A AUTORA (2018)

Em relação aos domicílios, é possível perceber que quanto mais central, maior a quantidade de apartamentos e menor é a densidade domiciliar. Nos bairros Água Verde e Vila Izabel não há identificação de moradias irregulares, enquanto no Portão, Fazendinha e Novo Mundo a quantidade de moradias irregulares é expressiva, considerando que, em 2005, o número total de unidades de moradias irregulares em Curitiba era de 62.267 (IPPUC, 2015, p. 7). Em relação ao total de moradias

irregulares de Curitiba, o Portão representa 0,9%, o Novo Mundo, 3% e o Fazendinha, 1,4%, como demonstra a tabela abaixo:

TABELA 12 – COMPARATIVO DE RENDA, IDEB, ÁREA VERDE E SEGURANÇA

	<b>Renda média/ domicílio</b>	<b>Renda média/ Individual</b>	<b>Ideb</b>	<b>Área verde (% da área do bairro)</b>	<b>Homicídios/10 0 mil hab.</b>
<b>Água Verde</b>	R\$7.594,54 14,89 SM	R\$3.168,69 6,21 SM	-	13,46	3,89
<b>Vila Izabel</b>	R\$5.777,34 11,32 SM	R\$2.467,22 4,83 SM	6,8/6,8	11,94	0
<b>Portão</b>	R\$4.693,69 9,2 SM	R\$1.860,90 3,64 SM	5,2/6,2	12,54	32,82
<b>Novo Mundo</b>	R\$3.318,86 6,5 SM	R\$1.230,90 2,41 SM	5,2/6,6	8,07	29,50
<b>Fazendinha</b>	R\$ 2.643,85 5,18 SM	R\$ 983,97 1,92 SM	5,3/6,4	10,01	60,55

FONTE: A AUTORA (2018)

No que se refere à renda da unidade domiciliar, podemos identificar uma diferença expressiva entre os bairros centrais e os demais. O Água Verde tem média de 14 salários mínimos (SM), enquanto o Fazendinha tem média de 5 salários mínimos (SM). Se comparamos a renda média individual, essa diferença se mantém. Ou seja, uma pessoa que mora no Fazendinha ganha 30,91% em relação ao que ganha alguém que mora no Água Verde.

Essa diferença dos bairros também é verificável em relação à educação. Apesar de os dados do Água Verde não estarem disponíveis para consulta, a menor nota do Ideb da Vila Izabel foi de 6,8, enquanto a menor nota do Fazendinha foi de 5,3. A maior nota do Vila Izabel, também de 6,8, ainda é maior do que a maior do Fazendinha e do Novo Mundo, respectivamente 6,4 e 6,6. Podemos afirmar, com base nesse critério avaliativo, que as escolas mais centrais se destacam em relação às periféricas.

No que tange à segurança, a diferença é ainda mais acentuada. Enquanto na Vila Izabel o número de homicídios a cada 100 mil habitantes é zero e no Água Verde 3,89/100.000, no Portão é de 32, 82/100.000 e no Novo Mundo de 29,5/100.000. Apesar do índice estar abaixo da média de Curitiba, que é de 42,81/100.000, a

diferença entre eles é de mais de 7 vezes. Se comparado ao Fazendinha esse percentual aumenta de forma exponencial, uma vez que o bairro tem índice de 60,55/100.000, ou seja 15,5 vezes maior.

Através da análise comparativa entre os bairros no entorno do Portão, é possível notar que, apesar de próximos espacialmente, eles possuem características bastante diversas entre si enquanto *territórios*. O C. E. Pedro Macedo, neste sentido, pode ser compreendido como um espaço de encontro entre estudantes que vivem na área central e na periferia de Curitiba.

O conceito de *território* pode ser elencado, desta forma, como ponto importante de reflexão sobre o processo de ocupar a escola, uma vez que os estudantes reivindicam a suspensão das normas vigentes no cotidiano escolar e atribuem, eles mesmos, novos sentidos ao espaço escolar.

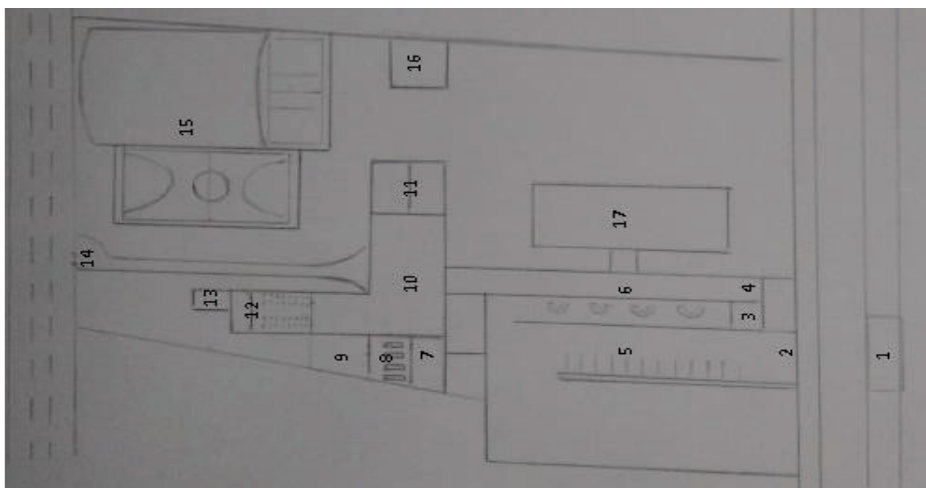
Milton Santos (2005) trata o território como o espaço de conflito entre o global e o local. O território é o espaço socialmente organizado, em que a produção econômica, política e as relações sociais acontecem. Segundo o autor:

Na democracia de mercado, o território é o suporte de redes que transportam regras e normas utilitárias, parciais, parcializadas, egoístas (do ponto de vista dos atores hegemônicos), as verticalidades, enquanto as horizontalidades hoje enfraquecidas são obrigadas, com suas forças limitadas, a levar em conta a totalidade dos atores. A arena da oposição entre o mercado –que singulariza – e a sociedade civil – que generaliza – é o *território*, em suas diversas dimensões e escalas. Por enquanto, o lugar – não importa sua dimensão – é a sede dessa resistência da sociedade civil, mas nada impede que aprendamos as formas de estender essa resistência às escalas mais altas. Para isso, é indispensável insistir na necessidade de conhecimento sistemático da realidade, mediante o tratamento analítico desse seu aspecto fundamental que é o território (o território usado, o uso do território) (SANTOS, M., 2005, p. 11).

Com base nesta noção de *território* como o uso social do espaço, podemos refletir sobre como os estudantes, ao ocuparem o colégio, se apropriam desse lugar e o transformam também em um território com normas e regras próprias, constituído ele mesmo na somatória de vivências dos próprios estudantes em seus territórios de origem que convergem neste espaço que é a escola, como veremos adiante.

O espaço físico do colégio foi apropriado pelos estudantes e transformado no que eles chamaram sua *casa*, como veremos adiante. A representação gráfica da ocupação pode ser definida da seguinte maneira:

ILUSTRAÇÃO 4 – MAPA DA OCUPAÇÃO DO C. E. PEDRO MACEDO



FONTE: A AUTORA (2018)

1) Tubo de ônibus/ Av. República Argentina; 2) Portão de entrada principal; 3) Guarita de entrada; 4) Entrada interna; 5) Estacionamento; 6) Pátio 1; 7) Cozinha; 8) Refeitório; 9) Pátio 2; 10) Pátio 3; 11) Banheiros unissex; 12) Auditório; 13) Banheiro (c/ chuveiro); 14) Portão externo/ R. Francisco Frischmann; 15) Quadras de esportes; 16) Casa do caseiro; 17) Bloco administrativo (Sala da diretora). Os alojamentos ficavam no segundo andar, acima do auditório. No segundo andar também havia um banheiro disponível.

O bloco administrativo, onde fica a sala da diretora, bem como a casa do caseiro, não foram ocupadas pelos estudantes, no sentido de fazerem uso destes locais. No entanto, aparecem no mapa por serem locais de destacados confrontos entre a direção e os ocupantes, como veremos adiante.

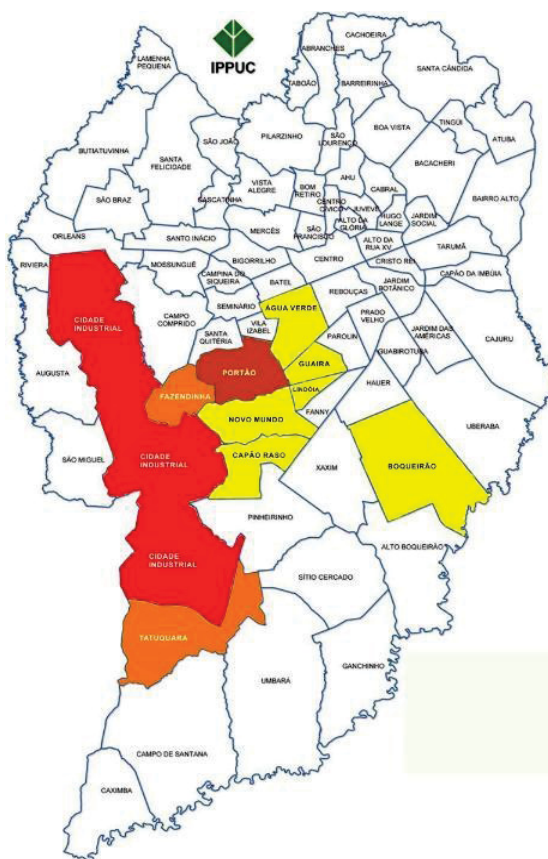
### 3.1 O PERFIL DOS OCUPANTES

Com base no trabalho de campo, no grupo de discussão e no questionário virtual aplicado para os estudantes do Colégio Estadual Pedro Macedo, podemos

traçar características comuns dos estudantes que ocuparam. O questionário virtual teve vinte e cinco respostas, em um universo de cerca de quarenta ocupantes.

Segundo as respostas do questionário “Você ocupou o C. E. Pedro Macedo?”, a maioria dos ocupantes tinha entre 15 e 17 anos. Dentre estes, mais da metade eram mulheres e cerca de cinquenta por cento se declaram brancos (48%), enquanto os demais pardos (32%) e pretos (20%).

ILUSTRAÇÃO 5 – BAIRROS DOS  
ESTUDANTES DO C. E. PEDRO MACEDO



FONTE: A AUTORA (2018)

Dentre as respostas ao questionário, os estudantes moram no Portão (7 estudantes); Cidade Industrial (4); Tatuquara (3); Fazendinha (3); Água Verde (1); Capão Raso (1); Guairá (1); Lindóia (1); Novo Mundo (1); Boqueirão (1); Boneca do Iguazu – São José dos Pinhais (1). O mapa ao lado representa a densidade domiciliar



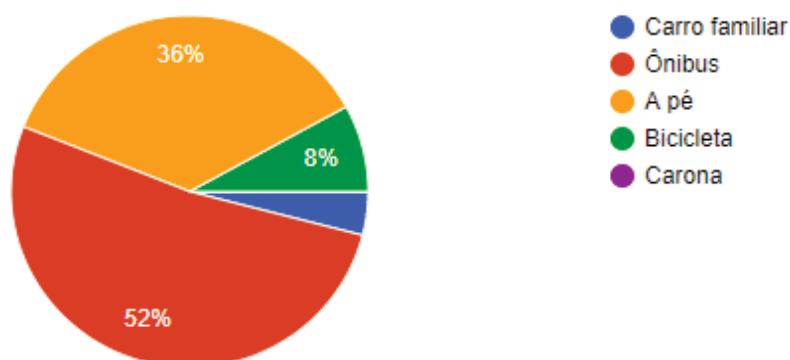
dos estudantes. Destes, 80% afirmam morar em casa própria; a maioria mora em domicílios com até quatro pessoas, sendo que 8% moram sozinhos, 16% em domicílios com duas pessoas, 12% em domicílios com três pessoas, 48% moram em domicílios com quatro pessoas, 12% em domicílios com cinco pessoas e 4%, em domicílio com oito pessoas.

Os estudantes afirmam que seu principal meio de transporte para a escola é o ônibus, como demonstra o gráfico, e 28% deles têm passe estudantil:

GRÁFICO 4 - MEIOS DE TRANSPORTE DOS ESTUDANTES DO C. E. PEDRO MACEDO

### Como você vai para o colégio?

25 respostas



FONTE: QUESTIONÁRIO VIRTUAL “VOCÊ OCUPOU O C.E. PEDRO MACEDO?” (2017)

A renda familiar dos ocupantes, ainda segundo as respostas do questionário, varia de forma mais expressiva entre 1 a 6 Salários Mínimos, sendo que a maioria tem renda familiar entre 3 e 6 SM, como demonstrado abaixo:

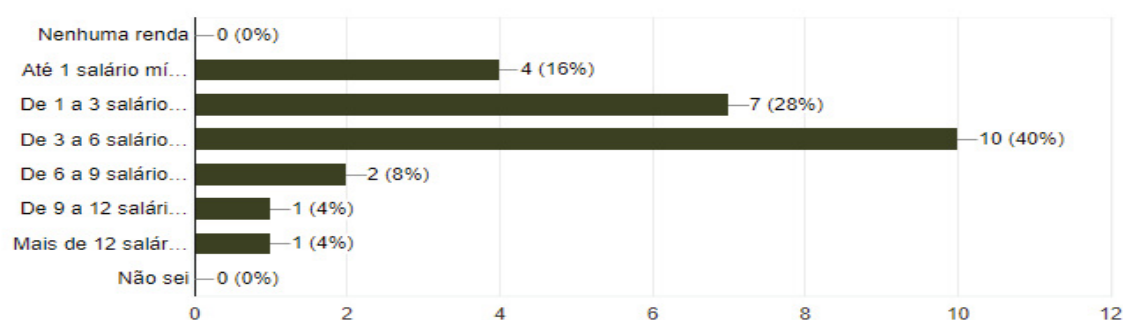
Os pais dos estudantes têm nível de escolaridade, em sua maioria, com Ensino Superior completo (28%), seguido por especialização (24%), Ensino Médio completo (20%), Ensino Fundamental completo (8%); a taxa de estudantes que não souberam responder é de 16%. Em relação às ocupações dos pais, foram listadas, pelos próprios estudantes, as seguintes profissões: Vendedor, Autônomo, Bancário, Padeiro, Delegado da Receita Federal, Contador (3), Mecânico, Logístico, Gerente de contas, Funcionário Público (2), Corretor de seguros, Segurança, Caminhoneiro, Professor Universitário, Zelador.

As mães dos estudantes, no que tange ao nível de escolaridade, têm em sua maioria Ensino Médio completo (41,7%), seguido por Ensino Superior completo (33,3%), especialização (16,7%) e Ensino Fundamental completo (8,3%). Dentre as profissões das mães, foram listadas: Advogada, Aposentada, Autônoma (2), Auxiliar de farmácia, Auxiliar de produção, Cabelereira (2), Confeiteira, Empresária (2), Enfermeira, Farmacêutica, Funcionária pública (2), Instrumentadora, Psicóloga,

GRÁFICO 5 – RENDA FAMILIAR DOS ESTUDANTES DO C. E. PEDRO MACEDO

**Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? (Marque apenas uma resposta)**

25 respostas



FONTE: QUESTIONÁRIO VIRTUAL “VOCÊ OCUPOU O C.E. PEDRO MACEDO?” (2017)

Técnica em enfermagem (2), Vendedora, Vigilante, Auxiliar administrativo, Cuidadora de idosos, Professora.

A maior parte dos estudantes não trabalha (72%) e uma parte ainda maior deles não contribui financeiramente com a renda familiar (80%).

Podemos afirmar, com base nas informações destacadas sobre o bairro Portão, onde o C. E. Pedro Macedo está situado, que é um bairro de classe média de Curitiba, que tem como característica diferenciadora o fato de estar no limite entre a área central da cidade e ser acesso para a parte sul, mais populosa, com maiores índices de habitação e violência, bem como com áreas verdes reduzidas e Ideb baixo, se comparado a bairros centrais, também limítrofes com o Portão. O C. E. Pedro Macedo, da mesma forma, tem esta característica de ter estudantes de *territórios* diferentes, com distintas rendas e ocupações familiares, bem como distintas vivências da cidade e da própria escola.

O colégio é, assim, ele mesmo um *território*, no sentido de ter regras de convivência e de sociabilidade, originárias desta mistura de estudantes de origens múltiplas. Destacamos este elemento porque um dos pontos ressaltados de forma recorrente pelos estudantes que ocuparam o colégio é que não se sentiam completamente inseridos no *território escolar* e a ocupação foi, para eles, a apropriação deste e o desenvolvimento de um *novo território* em si, com novas regras e sociabilidades distintas do cotidiano escolar, como veremos adiante.

#### 4 O TRABALHO DE CAMPO NO C. E. PEDRO MACEDO

O presente capítulo tem como objetivo sistematizar o trabalho de campo realizado na ocupação do Colégio Pedro Macedo, em Curitiba. Para além dos dados do campo, trago elementos de caráter mais geral acerca das ocupações, como relatos sistematizados de estudantes de diversos colégios do Paraná (SCHMIDT; DIVARDIM; SOBANSKI, 2016). Incorporo ainda, matérias publicadas sobre os momentos marcantes das ocupações, tanto pela mídia hegemônica quanto pelos estudantes nas redes sociais e por mídias independentes. Estes olhares começam, neste sentido, a traçar uma narrativa sobre as ocupações, que será aprofundada no próximo capítulo com as entrevistas dos ocupantes.

No dia 03 de outubro de 2016, estudantes secundaristas do Colégio Arnaldo Jansen, de São José dos Pinhais, ocuparam o colégio contra a proposta de Medida Provisória 746 (MP 746) de Reforma do Ensino Médio, proposta pelo Governo Federal.

A MP foi lançada no dia 23/09. Na primeira quinta-feira depois deste dia, cheguei no colégio, estudo de noite, estava conversando sobre a MP e falei brincando para eles “vamos ocupar contra a reforma”, mas só brincando mesmo, aí no dia seguinte, sexta, cheguei no trabalho de manhã e um amigo meu disse “estávamos pensando em ocupar o Costa (Colégio Estadual Costa Viana - São José dos Pinhais) contra a reforma”, aí pensei, se não sou só eu que estou pensando nisso, por que não? Depois disso marcamos uma reunião para o dia seguinte, sábado, na reunião foram uns 10 estudantes, foi no shopping São José, e aí falei “não adianta ocupar sem a galera estar sabendo o porquê, vamos marcar um debate” e o debate foi marcado para o dia 30/09 às 16h na Praça Getúlio Vargas, aqui em SJP. De 30 colégios estaduais que têm em SJP, na lista de presença tinham 27 colégios estaduais presentes, sem contar colégios de Colombo e de Curitiba. Depois do debate saímos em passeata, no final da passeata tinham cerca de 40 estudantes onde foi deliberado a ocupação do Arnaldo, na segunda-feira dia 03/10, no período da noite. Passamos então o final de semana organizando a ocupação, e na segunda-feira ocupamos” (SCHMIDT; DIVARDIM; SOBANSKI. Depoimento de estudante da E. E. Padre Arnaldo Jansen, 2016, p. 31).

São José dos Pinhais é uma cidade na região metropolitana de Curitiba e acredito que é importante começarmos com esse apontamento: as ocupações aconteceram, primeiramente, em colégios periféricos. Este ponto é importante porque

é uma das primeiras evidências de que o processo de mobilização foi distinto do que podemos considerar mobilizações *tradicionais*, em que a precursora é central, e o sentido de massificação é centro-periferia. Este processo de organização inicialmente descentralizada é um dos elementos que Aguilera Ruiz (2014) identifica no processo de mobilização estudantil chilena, e que ele analisa, com base em Tarrow (2002, p. 103-107), como um demonstrativo da ciclicidade das mobilizações sociais, como vimos anteriormente.

No mesmo dia, estudantes de diversas escolas de Curitiba e outras cidades da Região Metropolitana fizeram protestos contra a MP 746 e contra a PEC 241(55), onde as palavras de ordem eram “contra a MP 746”, “contra a PEC 241” e “Fora Temer”.<sup>24</sup>

Para além dos estudantes secundaristas, diversos setores da sociedade se manifestaram contrários à MP 746. As críticas se colocaram, de forma homogênea, em relação ao caráter facultativo de determinadas disciplinas, bem como contrárias à adesão de disciplinas profissionalizantes no ensino médio. Há, ainda, questionamentos acerca do modelo de contratação de professores proposto pela MP 746, que, segundo estas críticas, abre brechas para contratação de profissionais que não tenham formação específica na área. As críticas feitas pelos estudantes e por movimentos da educação foram consideradas, por alguns grupos que defendem a MP 746, como inconsistentes juridicamente, uma vez que propiciam uma leitura determinista da Medida Provisória que, na prática, depende de um contexto de aplicação para que seja verificado. A suspensão da sociologia, por exemplo, não está explicitamente prevista na MP 746, mas podemos afirmar que ela dá espaço para que gestores priorizem outras áreas do ensino em detrimento das Ciências Humanas. O debate acerca da MP 746 não se coloca, neste sentido, como algo jurídico estrito senso, mas faz-se necessário analisar o contexto social e político para sua aplicabilidade.

Nos dias que se seguiram foi difícil contabilizar o número de ocupações novas que surgiram. Os estudantes criaram uma página no Facebook, chamada “Ocupa

---

<sup>24</sup> As ocupações das escolas no Paraná podem ser consideradas a primeira grande manifestação em oposição ao governo de Michel Temer após o processo de afastamento da Presidenta Dilma Rousseff.

Paraná”, que, desde o começo, serviu como ferramenta de articulação das ocupações, divulgando informações sobre os colégios recentemente ocupados, sobre as atividades culturais e artísticas realizadas nas ocupações, bem como listas de alimentos e materiais de higiene para doações e diversos materiais sobre a MP 746 e sobre os debates que estavam circulando em torno desta. As hashtags “Ocupa Tudo” e “Ocupar e Resistir” inundaram as redes sociais e não somente estudantes secundaristas, mas professores do ensino médio, estudantes universitários, militantes de movimentos sociais, partidos políticos e artistas estavam divulgando e comemorando o número crescente de escolas ocupadas e se organizando para contribuir com materiais, oficinas, aulas públicas e atividades.

As manifestações juvenis têm como uma das características diferenciadoras das manifestações “tradicionais” a convocação e a mobilização através das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e de redes sociais como o Facebook (NOVAES, 2014). Este processo aglutinador aconteceu nas manifestações citadas anteriormente, no México (VIDRIO, 2016), no Chile (AGUILERA RUIZ, 2014), em junho de 2013 (NOVAES, 2014, p. 22) e nas ocupações das escolas em São Paulo (CAMPOS *et al*, 2016). Para além destas manifestações de caráter progressista, a juventude que se reivindica conservadora também faz uso das TICs e das redes para convocar seus atos, como a divulgação de vídeos do *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff, com os flashmobs que ficaram famosos na internet (AMARAL, 2016) e as próprias convocatórias do MBL para estudantes desocuparem seus colégios, como veremos adiante, são exemplos deste mesmo processo.

As hashtag’s, neste sentido, são como “etiquetas” virtuais que organizam os tópicos mais comentados, curtidos e compartilhados nas redes. Os estudantes, ao ocuparem seus colégios, postavam fotos, depoimentos e informações que, com as hashtag’s, eram visualizados por milhares de pessoas de forma conjunta com as demais postagens sobre as ocupações. Foi possível, desta forma, evidenciar a agilidade com que as escolas foram ocupadas, rompendo com a blindagem das grandes emissoras de televisão que não comentavam a quantidade de ocupações. Os estudantes ainda puderam compartilhar informações sobre os métodos utilizados para dividir as tarefas, as frases de protestos escritas nos cartazes, bem como mostrar para o restante da sociedade como as atividades das ocupações aconteciam.

Os estudantes, a partir do momento que ocupavam uma determinada escola, passaram a pedir ajuda da comunidade escolar e dos apoiadores já citados, para arrecadar comida e materiais de higiene para permanecerem ocupando. As listas de pedidos de apoio estavam disponíveis nos portões dos colégios, para além da internet. As escolas ocupadas começaram a criar páginas próprias no Facebook, vinculadas à Ocupa Paraná, onde divulgavam tais listas, bem como as atividades realizadas diariamente nas ocupações.

No dia 06 de outubro, o Colégio Estadual do Paraná (CEP) foi ocupado. O CEP é o maior colégio público do estado e uma referência importante de organização estudantil, por conta da mobilização de 2007 para afastar a diretora<sup>25</sup> e pelo processo aglutinador de estudantes na participação dos atos dos professores em 2015, que culminou com o combate dos estudantes com a Polícia Militar do dia 29 de abril, durante o já mencionado episódio que ficou conhecido como o “Massacre” promovido pelo Governo do Estado. Houve um ato com estudantes do CEP e de outros colégios no dia 05. Os estudantes cogitaram ocupar o CEP, mas foi no dia seguinte que os estes se mobilizaram e, depois de marchar pelas ruas do centro de Curitiba, deflagraram a ocupação do colégio.

A ocupação do CEP foi essencial no processo de ampliação das ocupações, uma vez que serviu como referencial organizativo, bem como ponto de encontro, onde as articulações entre as ocupações aconteceram. No dia 7 de outubro, o número de escolas ocupadas chegou a quarenta, que ultrapassaram a região de Curitiba e se expandiram para o interior do estado de forma acentuada.

No dia 07 de outubro, eu e mais três pessoas do Levante Popular da Juventude fomos no Colégio Estadual do Paraná (CEP) fazer uma oficina de faixas, para preparar materiais para o ato contra a MP 746, que estava marcado para a tarde do mesmo dia. Na portaria do colégio havia estudantes fazendo a segurança da ocupação, que nos questionaram o motivo da visita. Nos apresentamos enquanto

---

<sup>25</sup> Os estudantes fizeram diversas manifestações no Colégio Estadual do Paraná, em novembro de 2007, em oposição à gestão da Diretora Maria Madselva F. Feiges e reivindicando eleições diretas para escolha da direção do Colégio. O processo de organização dos estudantes culminou com o afastamento da diretora e com a estipulação de eleições diretas para a escolha de novos representantes do colégio, assim como já acontecia com os demais colégios estaduais.

militantes do Levante e explicamos a proposta da atividade, mostramos os materiais que havíamos levado e nossa entrada foi autorizada. Fomos revistados pelos estudantes que estavam na entrada, com a justificativa de serem responsáveis pela segurança dos ocupantes, a fim de restringir a entrada de bebida alcoólicas, armas brancas e de fogo e substâncias ilícitas.

Nos comprometemos a cuidar das latas de spray que faziam parte do material para as oficinas, para que não fossem extraviadas e usadas para “pichar” a escola. Nos exigiram, ainda, que para entrar virássemos as camisetas do movimento do lado avesso, porque segundo eles a ocupação era apartidária e autônoma, e não estávamos autorizados, portanto, a fazer a oficina enquanto um coletivo, mas sim enquanto indivíduos. Ainda que em discordância, acatamos as orientações e entramos. A questão das referências organizativas, como coletivos e partidos políticos, vai ser uma tensão permanente durante o processo de ocupações, onde os estudantes reivindicam o caráter apartidário em diversos momentos, como veremos.

O estudante que nos recebeu dentro do colégio nos disse que havia cerca de cem pessoas ocupando naquele momento, espalhadas em atividades diversas, entre as de manutenção da ocupação e atividades culturais. Nos mostrou então uma legenda de cores e respectivas atividades, que estava colada na parede, onde cada cor representava uma tarefa – segurança, alimentação, imprensa, entre outras. Segundo ele, as tarefas foram distribuídas por afinidade e por equidade de gênero.

Nos posicionamos no pátio lateral do colégio, onde estendemos o pano para começar a fazer a faixa. Alguns estudantes se aproximaram para perguntar o que estávamos fazendo e assim começamos a oficina, com cerca de dez pessoas. Duas militantes do Levante que eram secundaristas, mas estudavam em outro colégio, nos viram pintando e foram apresentar seus colegas para nós. Elas estavam em um grupo de cerca de dez pessoas, do Colégio Estadual Pedro Macedo – participantes da gestão do grêmio do colégio e estudantes independentes, ou seja, que não estavam vinculados a nenhum grupo político e nenhuma entidade estudantil como o grêmio –, que foram no CEP conhecer a dinâmica da ocupação e planejar atividades em seu próprio espaço. Nós convidamos o grupo para participar do ato, posteriormente, com o restante da militância do Levante.



No período em que realizamos a atividade alguns estudantes foram embora e outros se somaram, mantendo esta característica de participação momentânea na atividade e na confecção coletiva do material.

Almoçamos na ocupação, enquanto convidados. Na hora que paramos de pintar para ir para o refeitório, as militantes do Levante que estudavam no Pedro Macedo me disseram que a conversa era para avaliar a possibilidade de ocupar seu colégio e que provavelmente a ocupação iria acontecer, pois o grupo de estudantes estava animado com a visita e com a troca de experiências. Nos oferecemos para contribuir enquanto apoio, caso a ocupação acontecesse, e seguimos para o almoço.

O Colégio Estadual Pedro Macedo<sup>26</sup>, conforme já apontamos, é um dos maiores da regional Portão, bairro em que está localizado. O colégio oferta educação de nível fundamental e médio – regular, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e profissionalizante –, além de ofertar aulas de línguas estrangeiras para estudantes e para a comunidade (Centro de Línguas Estrangeiras Modernas - CELEM). O colégio tem, ao todo, cerca de dois mil estudantes nos turnos matutino, vespertino e noturno.

A ocupação do CEP estava bem estruturada. A alimentação foi garantida através de doações de sindicatos, professores, pais e comunidade escolar que apoiaram o processo de ocupação. Nesse dia, inclusive, uma professora do CEP havia levado uma opção vegetariana para o almoço dos ocupantes. É importante salientar este aspecto, pois o CEP, por ser uma escola central, recebeu muitas doações e organizou, ao longo do processo de ocupações, doações para escolas periféricas e de menor visibilidade.

Concluimos a confecção da faixa e fomos para a concentração do ato, que aconteceu na praça Santos Andrade. Nesta, os estudantes do C. E. Pedro Macedo que fizeram a visita ao CEP se somaram aos militantes do Levante, na agitação do ato, com as faixas produzidas na oficina, colagem de cartazes e acompanhamento da bateria, cantando gritos de ordem contrários à MP 746, à PEC 241 e ao governo federal, principais pautas do dia.

---

<sup>26</sup> Informações acerca do Colégio na página da Secretaria da Educação do Paraná. Acesso em: 21 mar. 2017.

Os atos convocados pelos estudantes no Facebook estavam mobilizando cerca de trezentas pessoas, o que é a média para os atos em Curitiba. Diversas manifestações já haviam sido realizadas nas últimas semanas, em oposição às medidas governamentais propostas e o próprio CEP foi ocupado após uma delas. O diferencial destes, em relação aos atos políticos convocados pelas centrais sindicais, movimentos sociais e até mesmo pelas entidades estudantis foi principalmente sua organização. Sem comissão de organização prévia que se reunisse para planejar o ato – o trajeto, a convocatória, a segurança –, eles foram convocados por grêmios estudantis, coletivos de estudantes, coletivos parceiros e até mesmos por perfis individuais, através de eventos públicos no Facebook. Em alguns eventos houve votação online para definir o trajeto a ser percorrido, através de enquete nas redes sociais. No local de encontro, as pessoas se reuniram no horário anunciado no evento, onde confeccionaram faixas e cartazes em relação à pauta. Quando o número de manifestantes era expressivo, ou seja, cerca de duzentas pessoas ou mais, alguns manifestantes organizaram assembleias espontâneas com as pessoas presentes, com um megafone, para definir, através de votação direta, se o trajeto seria a proposta ganhadora no Facebook ou se alguém tinha outra sugestão. Nos atos em que fui, o trajeto só foi alterado quando não havia muitos participantes ou estava chovendo, mas, no geral, a proposta debatida na internet era acatada pelos participantes.

Definido o trajeto os grupos presentes – colégios, grêmios, Centros Acadêmicos (CA's), Diretórios Centrais de Estudantes (DCE's) e coletivos organizados do movimento estudantil – se posicionavam em blocos e começavam a caminhar. Uma diferença importante em relação aos atos “tradicionais” é a ausência de caminhão de som, ou estrutura semelhante, para a “condução” do ato. Em geral, nos atos dos sindicatos, a direção da entidade que convocou o evento leva um caminhão de som para puxar gritos de ordem durante o trajeto, bem como falar com os transeuntes e coordenar a caminhada. Nos atos estudantis, no entanto, não houve a tentativa de unidade de ação durante o próprio ato. Os manifestantes que fazem parte de grupos levaram bandeiras e faixas de seus respectivos movimentos. Alguns grupos levaram batucadas e instrumentos, outros, megafones e estruturas pequenas de som. Há também panfletagem durante o ato e há grupos que fazem intervenções urbanas, chamadas “ações diretas”, como colar lambes (cartazes com cola), tags e pichações

e até mesmo a intervenção mais direta, como quebrar símbolos do Estado ou de grupos econômicos, como bancos e lojas. De maneira geral, algumas pessoas e grupos se voluntariam para fazer a segurança do ato, formando cordões humanos que trancam as ruas por onde os manifestantes passam, a fim de coibir ações de intervenções contrárias, como de motoristas que tentam “furar” o ato ou da própria polícia.

Neste dia, nós, do Levante, estávamos, portanto, organizados com uma faixa, que havíamos produzido na ocupação do CEP, com a batucada e fazendo ação direta, com a colagem de lambes ao longo do trajeto.

Ao final do ato conversamos com os estudantes do C. E. Pedro Macedo, que nos contaram que estavam ainda mais animados para ocupar seu colégio e nos convidaram para contribuir no processo, pois identificaram no movimento uma referência de organização política que poderia ajudar na ocupação.

O governo paranaense pediu a reintegração de posse de 120 escolas no dia 10 de outubro. O pedido foi negado pela Justiça Estadual, que alegou que o processo de ocupação das escolas era legítimo e pacífico. Essa foi a primeira “conquista” do movimento de ocupações, que estimulou ainda mais estudantes a ocuparem seus colégios.

As militantes que estudavam no C. E. Pedro Macedo nos mantiveram atualizadas do processo de mobilização da escola, onde houve algumas assembleias estudantis para tratar do assunto. A diretora, ao saber da articulação de preparação da ocupação, convocou o grêmio estudantil para uma conversa, na qual afirmou que havia comprado pães e salsichas para distribuir cachorro-quente no dia das crianças, e por isso pedia que o grêmio freasse o processo de mobilização. Os estudantes se sentiram coagidos e subestimados pelo pedido da diretora e seguiram organizando o processo de debates e na conformação de um grupo disposto a ocupar, sem informá-la do que estavam planejando.

No dia 11 de outubro um grupo de cerca de cinquenta estudantes de todos os períodos letivos entrou no colégio, no final do turno noturno, e declarou que o colégio estava ocupado. Segundo as estudantes do Levante, o processo foi pacífico, a diretora estava presente na hora e os acusou de traição por não terem avisado a ela

que iriam ocupar, mas concordou em se retirar, bem como os estudantes que se posicionaram de forma contrária, que reclamaram mas saíram do colégio. Segundo os ocupantes, a reação da maioria dos estudantes do turno noturno foi de apoio à ocupação. O colégio tem um caseiro, que mora nos fundos e tem acesso direto ao espaço da escola. O caseiro, segundo os estudantes, é um policial que tem uma boa relação com a diretora, e a primeira coisa que fizeram ao entrar e ocupar foi bloquear os acessos internos, temendo que ela tentasse entrar através destes.

Nesta primeira noite fizeram uma assembleia com os estudantes ocupantes, na qual falaram sobre a importância da ocupação, da disciplina e da divisão de tarefas. Utilizaram como referência a divisão utilizada no CEP e formaram equipes de trabalho, que chamaram de Núcleos de Base (NB's)<sup>27</sup>, com influência da metodologia participativa, na qual todas as pessoas envolvidas no processo se responsabilizam, além das tarefas políticas, por tarefas práticas de manutenção do espaço.

Os processos de ocupação variaram em relação à preparação com os estudantes quanto ao número de pessoas no momento da ocupação, ao método da entrada dos estudantes e deflagração das ocupações, bem como variou no que diz respeito à dinâmica da ocupação em si, com a organização dos alojamentos, a divisão das tarefas e as atividades realizadas pelos ocupantes. No entanto, muitas das escolas se basearam nos relatos das ocupações de São Paulo (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016) e na forma com que a ocupação do Colégio Estadual do Paraná se estruturou, uma vez que estudantes faziam visitas para ver o CEP e planejar a ação em seus respectivos colégios.

Houve, neste processo, mais de uma forma de entrada nas escolas. Em algumas delas os estudantes permaneceram, após um dos turnos de aula, e deflagraram a ocupação, enquanto em outras os estudantes se reuniram fora do

---

<sup>27</sup> A metodologia utilizada em movimentos sociais que embasam a estrutura organizativa do Levante, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), foi proposta pelo Instituto Josué de Castro e consiste em uma proposta de trabalho teórico indissociável do trabalho prático, ou seja, todos estudam e trabalham. Esta proposta metodológica é utilizada nos espaços políticos para desenvolver a divisão de tarefas e a disciplina consciente, uma vez que todos se aplicam nas tarefas, independente de gênero, idade e posição política ocupada no movimento. Mais informações sobre o Método Josué de Castro podem ser consultadas em cartilha que trata sobre. Acesso em: 15 mar. 2017.

colégio e entraram, em grupo, afirmando estarem ocupando. A divisão de tarefas durante as ocupações também é exemplo de como cada colégio tinha uma dinâmica particular de organização. Havia colégios em que as tarefas eram realizadas coletivamente, enquanto em outros eram divididas em atividades básicas de estrutura e cuidado dos ocupantes e do espaço físico, como a limpeza, a cozinha, a segurança, a saúde, entre outras.

Essa é uma característica importante deste processo que demonstra como, na prática, as ocupações não foram coordenadas e centralizadas nos moldes organizacionais clássicos dos movimentos políticos<sup>28</sup>, mas que ainda assim houve um eixo norteador em que, mesmo que de formas distintas, houve uma unidade de ação e de condução do processo.

A diretora havia levado a maioria das chaves do colégio, e o grupo ocupante do C. E. Pedro Macedo conseguiu entrar em algumas salas e se organizou para dormir em uma única sala de aula, utilizando esteiras do material de ginástica e cobertores que foram levados por eles. O grupo fez uma lista de itens que já estavam danificados no colégio antes do processo de ocupação, como a fiação, algumas portas e janelas, cortinas faltando e taparam as câmeras de segurança, para que a direção e o caseiro não pudessem ter acesso ao que acontecia dentro do colégio.

Os estudantes criaram uma página no Facebook, chamada “Ocupa Pedro Macedo”, onde divulgaram a relação dos itens danificados antes da ocupação, que segue abaixo:

---

<sup>28</sup> É possível refletir sobre a teoria da organização política com base em dois formatos de organização “clássicos”, o centralismo democrático e o movimento de massas. O centralismo democrático, característico de processos históricos como a União Soviética (1917-1989), tem como base de organização um Partido Político, onde referências, ou quadros políticos, articulam o processo de organização em diferentes setores da sociedade. É, neste sentido, uma proposta onde representações dos espaços massivos são definidas e se reúnem, em espaços mais restritos, para organizar a estratégia política, que volta para ser efetivada nestes espaços. Podemos afirmar que é um processo centralizado e verticalizado, onde as decisões “sobem” e “descem”, ou seja, são propostas na base e acatadas na direção, e vice-versa. A segunda forma que podemos considerar clássica de organização política é a massiva, onde grandes setores da sociedade se reúnem em espaços como movimentos sociais e sindicatos para refletir e deliberar acerca da estratégia política de seu grupo. As decisões são, neste sentido, mais horizontais, ainda que este formato não exclua a representação e utilize ferramentas que geram decisões que devem ser acatadas pelas minorias, como o voto, por exemplo. É possível aprofundar a reflexão sobre estas referências organizativas clássicas no livro de Ademar Bogo, intitulado “Organização política e política de quadros”, de 2011.

#### NOTA OFICIAL

Ocupamos o Colégio Estadual Pedro Macedo no dia 11/10 (terça-feira) às 21:00. Ao ocuparmos, nos deparamos com vários itens danificados. E nos surpreendeu também a falta de outros. Estamos publicando este relatório em função do grande número de problemas encontrados. Segue a lista:

- Fios do comando do portão eletrônico na guarita, cortados.
- Escrito "IG" com spray no banheiro masculino do pátio.
- Faltam 2 torneiras no banheiro masculino do pátio.
- Saboneteira quebrada no banheiro feminino do pátio.
- Parte da janela do 1ºA quebrada.
- Vidro trincado no 1ºB.
- Vidro trincado no 1ºC.
- Vidro quebrado no corredor de cima no bloco II
- Ventilador sem funcionar no 1ºF.
- Vidro quebrado no 1ºF.
- Janela trincada no 3ºB
- Ventilador sem funcionar no 3ºB
- Faltam 2 torneiras no banheiro feminino do bloco I.
- Vidro trincado no 3ºD
- Buraco no quadro do 3ºE.
- Falta um azulejo na parede embaixo do quadro no 3ºE.
- 2 Vidros trincados no 3ºE.
- Lixeira quebrada no 3ºE.
- Cortina com cortes na ponta no 3ºF.
- As salas dos 2ºs B, C, D e E estão sem cortinas.
- O quadro do 2ºD está quebrado em cima do lado esquerdo.
- Ventilador não funciona no 2ºA.
- Vidro quebrado no banheiro masculino.
- Escrito "Hail Satan" com spray em uma porta do banheiro masculino.
- Tela da quadra com abertura.
- 1 Cesta de basquete está sem rede.
- 1 Trave está sem rede.
- Portas de correr dos 3 armários da cozinha estão desencaixados.
- Havia espaços sujos e engordurados (salas, corredor, pátio, etc).
- Ramais de telefone desligados.
- Fios de câmeras de segurança, cortados.

A verificação se deu 20 minutos após a ocupação e havia pais de ocupantes e advogados que puderam testemunhar.

O que pudermos consertar, consertaremos.

(PÁGINA "OCUPA PEDRO MACEDO", 18 de outubro de 2016)

No dia 12 de outubro, eu e outra companheira do Levante fomos ao colégio, para ver o que precisavam e como poderíamos nos inserir na ocupação. Eu peguei carona com um jornalista do Brasil de Fato e uma advogada, que queriam conhecer a ocupação. Ele estava indo para fazer uma matéria para o jornal e ia pedir para entrevistar os estudantes ocupantes, e ela estava indo para conversar sobre as questões jurídicas que perpassam o processo e para se dispor a acessar os estudantes caso precisassem. Na guarita de entrada havia um grupo de estudantes, que nos disseram estar fazendo a segurança e ser necessário a apresentação de documento e assinatura em lista de registro, para entrarmos. Após assinarmos e

pedirmos para falar com uma das militantes secundaristas do Levante, que estavam dentro do colégio, uma estudante nos revistou reiterando a necessidade da averiguação para evitar a entrada de bebidas alcoólicas, substâncias ilícitas e armas.

Uma das militantes do Levante nos recebeu, apresentou o espaço da escola onde as atividades diárias estavam sendo realizadas – não nos levou no dormitório por questões, segundo ela, de segurança: só quem dormia acessava este espaço – e nos falou sobre como foi o momento da ocupação, a tentativa de “suborno” da diretora com cachorro-quente, a dinâmica de participação intensa que estava acontecendo, que foram a base para o meu relato indireto do processo de ocupação. Ela falou ainda que a comissão de imprensa criou a página no Facebook, intitulada “Ocupa Pedro Macedo”, que estava com uma boa repercussão, e que o apoio da comunidade estava ultrapassando as expectativas em relação à doação de alimentos e mensagens de solidariedade.

Ela respondeu às perguntas para a matéria do Jornal Brasil de Fato<sup>29</sup> e tirou dúvidas com a advogada, perguntou se poderiam ou não trancar os acessos do caseiro, se podiam entrar na cozinha e utilizá-la e o que aconteceria caso a diretora tentasse entrar no colégio.

A mídia noticiou o processo de ocupações desde o início. O tom das notícias, no entanto, variou de acordo com o que podemos chamar a “mídia hegemônica” e a “mídia contra hegemônica”. A mídia contra hegemônica teve papel importante de difusão de informações sobre as ocupações, com dados em relação ao número de colégios ocupados no estado, bem como com debates acerca da MP 746 que foram utilizados como base formativa nas próprias ocupações.

Os grandes veículos de comunicação, a princípio, noticiaram as ocupações como casos isolados e que não tendiam a crescer e se delongar. Com o passar dos dias e semanas, começaram a veicular notícias sobre a falta de discernimento dos ocupantes, o prejuízo causado pelo remanejamento e sobre o adiamento de provas como o vestibular da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), bem como afirmaram que havia falta de organização do

---

<sup>29</sup> A matéria “Hoje a aula é por conta dos estudantes”. Acesso em: 22 mar. 2017.



processo de ocupação. No dia 24 de outubro, um estudante morreu em uma escola ocupada e este fato foi usado como exemplo, pela grande mídia, de como o movimento era perigoso e desorganizado.

A repercussão da morte do estudante na ocupação de um colégio, no bairro de Santa Felicidade, em Curitiba, demonstra como as notícias foram divulgadas ou omitidas, pois, antes desse fato, a imprensa quase não falava sobre as ocupações, e se falava, era de forma negativa, como a matéria da gazeta do Povo, do dia 07 de outubro de 2016, que afirmava que os estudantes “não sabiam porque estavam ocupando”<sup>30</sup>.

A abordagem seletiva e tendenciosa da mídia é similar ao processo de Junho de 2013, em que no início houve silêncio e repercussão apenas quando oportuno (COLETTI, 2017; SINGER, 2013; TORINELLI, 2014). As matérias que colocavam os estudantes como “seguidores do PT sem discernimento” em muito se assemelham às notícias sobre o Massacre do Dia 29 de Abril de 2015, que trataram os manifestantes como vândalos, enquanto a polícia e o governador eram representados como agentes preocupados com a segurança e o bem comum (BELLINI, 2016; FERRIGOLO, 2016; GALLEGO, 2016).

O governador do estado do Paraná, Beto Richa, lançou uma nota nas redes sociais que foi veiculada pela imprensa hegemônica, na qual reafirmava esse desconhecimento dos estudantes e “apelava” para os pais, para que proibissem seus filhos e filhas de ir para as ocupações, que eram “perigosas”, como o assassinato evidenciara<sup>31</sup>.

Segundo as estudantes que estavam conversando conosco e com a advogada e o jornalista, e outros estudantes que se somaram ao longo desta primeira conversa, era necessário realizar atividades durante o dia para que os estudantes fossem para

---

<sup>30</sup> A reportagem “6 fatos que os estudantes das ocupações não sabem”, publicada pela Gazeta do Povo foi bastante criticada pelos estudantes que ocuparam os colégios, pois afirmava que eles estavam sendo “utilizados” para projetos político-partidários, como se não tivessem discernimento para escolher ocupar e analisar o cenário político em que as ocupações aconteceram. A reportagem está integralmente disponibilizada no site do jornal. Acesso em: 21 mar. 2017.

<sup>31</sup> A nota lançada pelo governador Beto Richa foi veiculada em grandes meios de comunicação, como o jornal Gazeta do Povo. Acesso em 15 ago. 2017.



o colégio, mesmo que para participar da ocupação somente durante o dia. Nos oferecemos para organizar uma grade com atividades, através da convocatória de militantes que são educadores, artistas e que frequentemente dão oficinas em espaços do Levante, bem como articular oficinas com outros coletivos e movimentos sociais, tanto espaços políticos de debates, aulas preparatórias para o vestibular e o ENEM, que se aproximavam, como para solicitar materiais de agitação aos sindicatos parceiros, que eram mais difíceis de conseguir através de doações individuais por serem mais caros, como tintas e tecidos.

Uma coisa que me chamou a atenção nesse primeiro momento na ocupação foi que havia pais no colégio. Eles apoiaram o processo de ocupação e estavam ajudando os ocupantes, na cozinha e na vistoria geral do colégio, pensando em como registrar a lista de itens danificados antes da ocupação, para que depois os estudantes não fossem acusados de “depredar”. Havia, ainda, funcionários do colégio que estavam conversando sobre como a ocupação repercutiria nos grupos de Whatsapp de que faziam parte. Para além deles, um grupo de professores da rede municipal de ensino estava visitando a ocupação. Uma das professoras, que deu aula para estudantes em uma escola municipal e que neste ano estavam estudando no Pedro Macedo, foi recebida com entusiasmo e apresentada para os demais ocupantes por seus ex-alunos.

Acredito que pelo fato de duas estudantes do colégio serem do Levante, bem como por parte dos ocupantes ter conhecido outros militantes no ato dias antes, incluindo nós duas, a recepção em relação ao movimento foi bem diferente da que tivemos no CEP, quando nos pediram para tirarmos as camisetas e agir enquanto indivíduos não organizados. Os estudantes do C. E. Pedro Macedo agradeceram a participação do movimento, nos convidaram para dormir no colégio e nos pediram para apresentar o Levante.

Nós falamos, desta forma, sobre o que é o Levante e sobre qual o nosso objetivo ao apoiar a ocupação e nos inserirmos no processo de organização, para que fosse sabido de nossa origem e se houvesse divergência em relação à nossa participação, que ela fosse levada em consideração. No entanto, não tive conhecimento de nenhuma objeção ao longo de todo o processo de ocupação. Ao

contrário, acredito ser importante afirmar que outros coletivos se somaram na construção da ocupação, tornando o debate acerca da organização política mais diversificado.

Havia cerca de quarenta pessoas neste primeiro dia em que fomos ao colégio, e que era o segundo dia de ocupação. Os estudantes que participaram da assembleia pós ocupação já estavam com tarefas definidas, e fomos apresentados aos responsáveis por cada uma das tarefas. Os demais estudantes, que chegaram depois da divisão inicial, se somaram de acordo com a demanda e com a disponibilidade. Os estudantes que por motivos diversos – trabalho, proibição da família, cursinho pré-vestibular – não podiam dormir na ocupação, assumiram atividades conforme a demanda do dia.

Combinamos que íamos começar a fazer os contatos com o restante da militância e simpatizantes para montar um quadro de atividades para a ocupação e retornar no dia seguinte. Nos convidaram para dormir na ocupação quando retornássemos. No dia seguinte, portanto, fomos de manhã para começar a propor oficinas. Conversamos, entre nós do Levante, sobre a possibilidade de acompanhar a ocupação nos períodos noturnos e avaliamos que apesar de sermos maiores de idade, não seríamos os únicos, pois havia estudantes que também já tinham mais de 18 anos, e que seria importante dormir lá ao menos um dia, em resposta ao convite, e depois reavaliar se a nossa participação mais intensa contribuía com o processo de ocupação ou não.

Participamos da assembleia que os ocupantes faziam para organizar as atividades diárias. Um aspecto crucial observado em todos os momentos da ocupação, mas que nestes espaços de encontro se fez ainda mais marcante, foi o perfil dos ocupantes. A maioria era composta por mulheres estudantes. Um percentual grande era negro ou pardo, com características de valorização da negritude, como o cabelo black power e tranças raiz. Muitos deles, nas conversas mais iniciais, faziam questão de se posicionar enquanto LGBT's. Era nítido que a ocupação, neste sentido, para além de um espaço de reivindicação de uma demanda estrutural em relação ao Estado, que é a educação, era também, e tão importante quanto, um espaço de valorização de identidades não hegemônicas. Para além disto, muitos destes jovens

tinham a estética punk dos cabelos coloridos e roupas pretas e customizadas, que pode ser entendida enquanto forma de oposição à lógica do consumo e aos padrões normativos de beleza.

As pessoas que estavam no colégio estavam, na grande maioria, participando da assembleia. Uma das secundaristas do Levante, junto com outro estudante, coordenava o debate. Ainda que de forma pouco organizada, para os meus parâmetros de uma reunião do movimento estudantil – as pessoas falavam ao mesmo tempo, para chamar a atenção era preciso gritar, os pontos não estavam bem divididos e os assuntos se cruzavam e se confundiam, não havia sistematização das decisões –, a assembleia deliberou quais seriam as atividades prioritárias do dia, alocou os participantes novos na tarefas existentes, retomou o debate sobre quem era a pessoa responsável por falar com a imprensa para não haver discursos divergentes, e nos apresentou “oficialmente” enquanto apoiadoras da ocupação.

Esta diferença em relação ao movimento estudantil que podemos chamar de tradicional foi, para mim, um estranhamento de saída – onde os formatos de condução dos debates e reuniões e as metodologias de sistematização já estão definidas e organizadas da seguinte forma: há uma pessoa que coordena a reunião, uma que relata o que é decidido e as demais participam, com inscrições, dos debates. É notório, também, que há uma forma estabelecida com que a oratória é desenvolvida, de forma pausada, acentuando os finais de frase.

No entanto, acredito que há diversos elementos que podemos considerar comuns, como a própria organização em assembleia como espaço central para a organização da ocupação, por exemplo. Mas retomaremos este ponto das rupturas e permanências mais à frente, com mais elementos para a análise. Por hora vale salientar que esta dicotomia se fez notória desde o princípio de minha participação na ocupação, mas que os aspectos comuns também estavam presentes.

Ao acabar a assembleia, os estudantes seguiram para as atividades previstas e para as tarefas de organização do espaço. A companheira do Levante que estava comigo foi conversar com as pessoas responsáveis pela comunicação da ocupação, a fim de entender como estavam organizando a página do Facebook “Ocupa Pedro Macedo” e a articulação da mesma com uma página das ocupações do Paraná, de

caráter mais geral. A equipe da comunicação também tinha como demanda definir as orientações para o diálogo com a imprensa e as estratégias de convocação de estudantes para participar das atividades diárias na ocupação.

Eu fui mandar mensagem para os sindicatos parceiros do Levante, solicitando materiais de apoio para as ocupações. Havia militantes do Levante acompanhando, com maior ou menor intensidade, nove ocupações em Curitiba e na Região Metropolitana. Alguns sindicatos contribuíram com materiais de arte para a realização das oficinas e outros com materiais de limpeza, higiene pessoal e alimentos. Fui, depois de mandar as mensagens para as pessoas inseridas nos colégios ocupados e para os sindicatos, contribuir com a tarefa da cozinha, onde me surpreendi positivamente com a quantidade de alimentos doados pelos apoiadores do processo de ocupação do Pedro Macedo, principalmente quando comparado aos colégios com os quais acabara de entrar em contato, que os outros militantes do Levante estavam acompanhando e que estavam com necessidade de diversos itens básicos.

Os estudantes me disseram que muitas pessoas da região passavam ao longo do dia perguntando o que eles precisavam e naquela manhã eles haviam feito uma lista e fixado no portão do colégio, para facilitar este processo de doações, bem como pretendiam passar a demanda de doações para a equipe da comunicação divulgar na página do Facebook. Afirmaram, no entanto, que apesar da aceitação parcial, uma parcela significativa dos moradores da região era contrária ao processo e se manifestou desde a ocupação, com gritos pelas janelas, intervenções de desacordo no portão e nas redes sociais. Os estudantes estavam desconfiando, neste momento, que os vizinhos que moravam nos prédios ao lado da escola estavam observando a disposição espacial da ocupação e delatando para a diretora.

Em conversas com diversos estudantes acerca desta relação deles com a diretora do colégio, se evidenciava que eles estavam construindo um processo anterior à ocupação em que ela era uma referência “confiável”, com a qual estavam compartilhando informações e que se dizia favorável à ferramenta ocupação. Com o episódio da tentativa de atrasar a ocupação, que se mostrava iminente, com o argumento da necessidade da distribuição dos cachorros-quentes em comemoração ao dia das crianças, ela foi desacreditada enquanto parceira dos estudantes e muitos

começaram a questionar a validade de sua posição favorável. Iniciou-se, neste sentido, um processo de atrito por parte de vários estudantes com a possibilidade da entrada dela no colégio e participação em atividades, por exemplo.

O fato de ela poder ou não participar foi colocado em pauta porque outras professoras e professores que se declararam favoráveis à ocupação estavam frequentando o colégio ocupado, doando alimentos e auxiliando os ocupantes no diálogo com a comunidade escolar – um deles inclusive emprestou uma televisão para os ocupantes. Eles afirmaram que ela estava se posicionando de maneira contrária a eles no grupo de Whatsapp de funcionários do colégio. Alguns dos estudantes que estavam na conversa afirmavam que ela não devia estar se opondo, que devia ser uma leitura apressada dos professores e que uma mediação era necessária para garantir a estabilidade e a não repressão em relação à ocupação. O debate na cozinha terminou com a necessidade de levar este ponto para ser apreciado em assembleia, a fim de definir uma postura da ocupação em relação à diretora do colégio.

Na hora do almoço as pessoas que estavam nas outras atividades foram ao refeitório, onde a comida foi servida. Quando os estudantes entraram no colégio a cozinha estava trancada e eles conseguiram abrir a porta, mas estavam com receio de sofrer represálias por conta do uso do espaço. Eles separaram, portanto, os alimentos que eram do colégio, destinados à merenda escolar e estavam utilizando os equipamentos e os utensílios. Para além disto, restringiam o acesso à cozinha das pessoas que estavam na equipe, e os demais se comunicavam através da janela que tem no refeitório, onde fica a bancada na qual as refeições foram servidas e os pratos e talheres devolvidos, depois de limpos.

Como as doações foram variadas e numerosas, o almoço teve opção vegetariana, opção carnívora, suco e sobremesa. Duas coisas que me chamaram a atenção em relação à tarefa da cozinha desde o início foram a escala das pessoas que trabalharam na cozinha e a relação dos estudantes com os alimentos. A primeira me surpreendeu porque desde o início o critério de paridade de gênero foi colocado como um fator para escolher as pessoas que iriam cozinhar. As mulheres, ainda que “soubessem cozinhar melhor e fizessem mais rápido”, não ficaram com a exclusividade da tarefa. A segunda foi a relação dos estudantes com os alimentos que

eram da merenda do colégio e com as doações de alimentos que receberam para a ocupação.

Os ocupantes não mexeram na comida do colégio. Tiraram fotos do que havia na cozinha quando entraram, colocaram estes alimentos todos em um canto da cozinha e não mexeram no que era da escola. O que achei curioso foi o fato de não utilizarem os produtos perecíveis. Os legumes e mantimentos como leite e ovos, que estavam na geladeira, também foram separados em uma prateleira e não foram consumidos. Eu questionei o motivo de não comerem nem os perecíveis, sendo que não estariam, na minha concepção, fazendo mal, pois eles iam estragar até o fim da ocupação e a “perda” da escola já estava dada, neste sentido, quer eles comessem, quer não. Eles falaram que não iam consumir nada que fosse da escola, porque estavam com medo de serem delatados, mas, principalmente, porque não achavam certo comer a merenda que era de todos.

A segunda questão que se destacou, para mim, foi a forma de decidir o que comer, quando comer. Eles decidiram, no começo da ocupação, que tudo que era doado era para ser consumido livremente, “com bom senso” segundo eles, e colocaram todos os alimentos em um canto do refeitório onde o acesso era irrestrito, diferente do espaço da cozinha que estava limitada às pessoas que estavam com a tarefa. Esta decisão foi rapidamente reavaliada pois os grupos que ficavam acordados durante a madrugada – para a tarefa da segurança e os que ficavam conversando – estavam comendo todas “as coisas boas”, como os doces, chocolates e biscoitos.

O período da tarde teve maior adesão estudantil, ultrapassando o número de oitenta ocupantes. Parte deles ficou na entrada do colégio, conversando com o grupo que fazia a segurança. Outra parte estava dentro do colégio, limpando os banheiros e espaços comuns, jogando bola, andando de skate no pátio e em rodas de conversa. Muitos dos estudantes já me relataram, nestes primeiros dias, como a noção do próprio espaço escolar estava se transformando com a ocupação, pois a realização das tarefas os fazia olhar para o colégio de forma mais envolvida e comprometida. É importante salientar que estes jovens, de média de idade entre 14 e 17 anos, ainda moram com pais ou responsáveis e muitos não tinham a necessidade de realizar atividades domésticas. Para muitos, portanto, a ocupação foi o primeiro espaço de

contato com as tarefas “adultas”. É notório, ainda, que a maioria destes, que nunca tinham limpado um banheiro, ariado painéis e varrido um pátio eram os homens, que foram inseridos nas tarefas de limpeza por demanda das mulheres, que afirmavam desde o início que estavam tentando construir um processo paritário. Elas, por sua vez, assumiram tarefas como a segurança – diurna e noturna –, coordenação das atividades de maneira geral e diálogo com a imprensa e com a direção, neste esforço de construção igualitária.

As mulheres estudantes colaram cartazes com frases feministas no colégio, bem como os LGBT's e negros. As conversas muitas vezes giravam em torno das temáticas identitárias, tanto entre iguais quanto no diálogo com os demais. Os meninos que “não ouviam” eram repreendidos e chegou a formar-se uma comissão de mulheres para avaliar situações de opressão, encaminhando uma conversa mais direta e enfática com um rapaz que estava fazendo comentários que elas avaliaram como machistas.

A questão identitária era, portanto, paralela a todas as atividades da ocupação. Na hora da divisão de tarefas se falava do trabalho doméstico como exclusividade feminina e a necessidade da paridade nas tarefas que poderiam ser consideradas domésticas, como a alimentação, bem como nas tarefas como a segurança, que podiam ser consideradas masculinas, as mulheres exigiam participar.

Na primeira noite em que dormi na ocupação, me levaram ao dormitório, que tinha acesso restrito por questões de segurança, segundo os ocupantes. Os colchões infláveis trazidos pelos estudantes e os tapumes de ginástica que também serviam de colchões foram posicionados em um único quarto, que estava sendo compartilhado por todas as pessoas que ocupavam. A justificativa para a mistura entre homens e mulheres era da segurança, uma vez que cerca de vinte pessoas estavam dormindo no colégio, e se houvesse algum problema à noite seria mais fácil dar um direcionamento se estivessem todos em um mesmo local. No entanto, me disseram que quando questionados sobre o alojamento por pessoas de fora da ocupação, respondiam que era dividido entre masculino e feminino, pois eram menores de idade e os pais não consentiriam se soubessem a dinâmica de organização, ainda que com a justificativa de garantir a segurança.

Eu e as demais companheiras do Levante conversamos sobre a dinâmica observada neste primeiro dia, sobre as possibilidades de atividades que estávamos articulando e fomos ver como estava a segurança noturna antes de irmos dormir. A equipe de segurança era responsável por cuidar da guarita e fazer ronda em todo o colégio durante a madrugada. Nos disseram que no primeiro dia foi tranquilo e por isso estavam concentrados na entrada do colégio e as rondas no restante das entradas seriam distribuídas ao longo da noite. Notamos que estavam em um grupo grande, de cerca de metade das pessoas que iriam dormir na ocupação. Eu estranhei o fato de não terem estabelecido um horário limite para os ocupantes que não estavam na segurança ficarem acordados. Na prática, portanto, o grupo responsável pela vigília era ampliado, pois os colegas ficavam na entrada, conversando e comendo.

Na manhã seguinte acordamos com o celular que programamos para despertar e fomos preparar o café. Aos poucos os demais foram acordando e descendo para o refeitório, para tomar café da manhã. Não havia um horário único para acordar e comer, e os ocupantes que dormiram no colégio e os que chegaram de manhã para as atividades do dia foram se aglomerando em torno da sala de reuniões para a assembleia.

A assembleia aconteceu no meio da manhã, em uma dinâmica similar à do dia anterior, com duas pessoas coordenando o espaço, mas sem pauta pré-elaborada, sem inscrição para as falas e sem sistematização dos encaminhamentos. Neste segundo dia até mesmo eles me disseram que acharam mais difícil realizar o espaço sem uma proposta metodológica e nos pediram ajuda para organizar a próxima. Explicamos, com base no que era a metodologia comum no movimento estudantil tradicional, o que era a pauta (predefinição de pontos a serem debatidos), a inscrição para estabelecer uma ordem para as falas e a relatoria, que poderia conter dados como quantidade de participantes, descrição dos debates ou somente os encaminhamentos destes.

Organizamos um quadro inicial com as atividades que havíamos articulado no dia anterior com militantes do Levante e com parceiros, educadores e artistas. Havia uma equipe na ocupação responsável pela agenda, com a qual conversamos para mostrar a proposta das atividades.



Eu e a outra companheira do Levante fomos embora, para buscar materiais em casa, trabalhar, ir para reunião do movimento e articular outras companheiras para dormir na noite seguinte.

Um ponto a ser ressaltado é sobre as tentativas de articulação entre as ocupações. Estas tentativas de organização de unidade entre as ocupações aconteceram em dois âmbitos distintos, que por ora se interpuseram, mas que, durante o processo, se distanciaram. O primeiro foi a tentativa de organização de assembleias com representantes das ocupações de um mesmo bairro e região de uma cidade, e assembleias a nível municipal. Esta tentativa, de caráter mais autonomista, teve como base a autogestão, em que estas representações não eram decididas em relação ao todo, mas estavam, em tese, abertas para todos os estudantes ocupantes que quisessem participar de forma individual e autônoma, se auto representando. As assembleias aconteceram principalmente a nível municipal, organizadas de forma hegemônica pelo Colégio Estadual do Paraná, que serviu como espaço de encontro para estes momentos de articulação política das ocupações. Os estudantes do Pedro Macedo estavam se revezando para participar destas reuniões e, quando questionei se estavam sendo positivas, me responderam que sim, mas que havia muitas disputas políticas e poucas propostas de construção unitária de fato.

A segunda tentativa de organização unitária aconteceu com o protagonismo da União Paranaense de Estudantes Secundaristas (UPES)<sup>32</sup>, que é a entidade que tem o objetivo de organizar e representar os secundaristas do Paraná. A direção da entidade deu entrevistas para a grande mídia sobre os processos de ocupação, bem como tentou participar das assembleias e dos espaços de organização e deliberação dos estudantes. Em um primeiro momento essa integração entre as tentativas de

---

<sup>32</sup> A Entidade se propõe a organizar estudantes secundaristas de todo o país, com organizações a nível estadual, as UE's (Unões Estaduais). No Paraná, a União Paranaense de Estudantes Secundaristas (UPES) surgiu em 1945 e se coloca como o espaço de articulação e organização dos estudantes secundaristas e das demandas estudantis do estado. A UPES é composta por uma diretoria que tem cerca de vinte membros, de acordo com as tarefas gerais, como a Presidência, a Tesouraria, Assistência Estudantil e as tarefas específicas, como a diretoria de Mulheres, Negros e LGBT's. A diretoria é definida nos Congressos bianuais da entidade, nos quais participam estudantes e grêmios estudantis. A ferramenta de diálogo e interlocução da UPES com os estudantes é o grêmio. Esta é uma das maiores críticas de setores de estudantes que não legitimam a entidade enquanto representativa, pois afirmam que os grêmios não deveriam ser a única forma de diálogo, bem como criticam a dinâmica de organização dos espaços congressuais que reúnem os grêmios e definem a direção política da entidade. Acesso em: 07 mar. 2017.

organização horizontal e de organização centralizada na UPES coexistiu e, ainda que com críticas e apontamentos das duas partes, as resoluções tomadas contemplaram ambas.

No entanto, uma primeira cisão aconteceu em relação ao diálogo com o governo estadual. A gestão do Beto Richa convocou os estudantes ocupados para reuniões de negociação em relação à pauta, uma vez que a MP 746, apesar de âmbito Federal, garante ao estado certa liberdade em relação a sua aplicação.<sup>33</sup> O segmento auto organizado se opôs ao processo de negociação com o governo e convocou as escolas ocupadas a boicotarem as reuniões, enquanto a UPES se colocou como representante e buscou articular estudantes para participarem das reuniões. Os estudantes do C. E. Pedro Macedo entraram em contato com representantes da UPES e foram a uma primeira reunião convocada pela entidade, sem saber ao certo qual a metodologia estava sendo proposta. Quando chegaram e se depararam com representantes do estado, ficaram bravos e voltaram para o colégio afirmando que se sentiram enganados pela convocatória da reunião.

Os estudantes do C. E. Pedro Macedo estavam se revezando para participar, portanto, destes dois espaços de articulação das ocupações, que aconteciam em paralelo e com táticas (HARNECKER, 1985) distintas, de auto-organização e de mediação com o governo estadual. Acredito ser relevante ressaltar que a participação era pautada como importante nas assembleias que organizavam no colégio, ainda que fosse crítica aos dois espaços.

Aguilera Ruiz (2014) afirma que uma das leituras possíveis sobre os movimentos juvenis de estudantes é a “desconfiança com as entidades representativas”. Essa desconfiança, ainda que notória, como explicitado acima, não

---

<sup>33</sup> Acredito ser válido, para além de elencar as críticas estabelecidas pelos movimentos sociais contrários à MP 746, refletir sobre a relação entre a Medida e a aplicabilidade que é incumbência do estado, uma vez que este é o responsável pela organização do ensino básico. Podemos refletir, neste sentido, sobre o estabelecimento das áreas de formação, a partir do segundo semestre do ensino médio como uma demanda federal, estadual, municipal e regional, como estipula a MP 746. A Medida afirma que os estudantes devem optar por, ao menos uma das áreas, mas não é explícita em relação à maneira com que as áreas devem ser ofertadas nas regiões e escolas e qual a relação deve ser estabelecida com aspectos que já são vigentes no ensino, como o geo referenciamento como critério de matrícula nos colégios. Podemos fazer uma leitura da MP 746, neste sentido, que se uma escola de um determinado bairro só ofertar duas das áreas de ensino nos anos finais do ensino médio, os estudantes desta mesma terão que optar, impreterivelmente, por uma das duas, abdicando das outras três, uma vez que, pelo sistema de alocação geográfica, ele deve estar matriculado nesta escola.

anula a importância das entidades, uma vez que elas seguem sendo uma via de organização e diálogo entre os estudantes e/ou esferas estatais. Para além da efetividade das entidades, a horizontalidade, colocada como oposta à representatividade, na prática, também funciona com a participação seletiva e com afinidades político-ideológicas, majoritariamente de caráter anarquista e autonomista. Podemos afirmar, neste sentido, que as manifestações se organizam de forma a mesclar a representatividade e a horizontalidade, sem assumir uma única orientação metodológica e política. No entanto, na ordem do discurso, a negação das entidades e a afirmação da horizontalidade das instâncias aparece como a forma organizativa do movimento como um todo.

Um dia em que nos ausentamos do colégio fomos avisadas que a diretora foi ao colégio, acompanhada do vice-diretor, e brigou com os estudantes. Fomos imediatamente ao colégio para saber o que havia acontecido, porque pelo nervosismo com que fomos avisadas parecia que a diretora iria promover uma investida imediata contra a ocupação.

Ao chegar no colégio nos disseram que ela e o vice-diretor se recusaram a ser revistados e que ela precisava urgentemente entrar em sua sala para buscar documentos, pois havia um contrato vencendo que precisava ser renovado para garantir a renovação do programa de alimentação infantil que o colégio sedia, em que o governo do estado fornece leite para mulheres em situação de fragilidade social alimentarem seus filhos.

Os estudantes então autorizaram sua entrada e ela começou a circular pelo colégio, observando a dinâmica da ocupação e afirmando que eles haviam a traído ao excluí-la do processo de ocupação. Eles discutiram e a tensão aumentou, mas ela buscou os documentos. Os estudantes conversaram, segundo me relataram, que ela estava “espionando” e dissera coisas sobre a organização da ocupação que deviam ter sido delatadas pelo caseiro ou pelos vizinhos, e que era necessário tomar cuidado, caso ela tentasse entrar de novo. O vice-diretor foi à cozinha, pois dissera que precisa verificar a validade de produtos perecíveis, e viu que os estudantes estavam fazendo uso do fogão. A diretora também chegou ao refeitório, ao ver a utilização da cozinha disse que ia fazer um Boletim de Ocorrência (B.O.) contra os estudantes.

Os estudantes ficaram nervosos com a visita da direção e com a ameaça de que receberiam um B.O. contra a ocupação. Fomos chamadas de volta ao colégio com urgência e contatamos advogados para conversarem com eles sobre as implicações das ameaças feitas por ela e sobre a possibilidade do B.O. ser levado a cabo. Após a conversa a situação se apaziguou, mas os ânimos em relação à diretora estavam ainda mais exaltados. Ela foi, a partir deste momento, vista como, de fato, contrária à ocupação.

Eu e uma companheira do movimento demos uma oficina de fanzine, que é uma técnica de colagem para montar cartazes, panfletos e materiais gráficos. Fizemos os zines à noite e saímos para colar no entorno da escola, em um grupo mais reduzido. Muitos dos ocupantes nunca haviam participado de atividades noturnas, que, ainda que legais, pareciam subversivas e arriscadas. Explicamos a necessidade da segurança quando atividades de fato perigosas fossem realizadas, para garantir a realização da mesma e a integridade física deles.

Nesta segunda noite em que dormi na ocupação um membro de outro grupo organizado – chamado Antifa, de caráter mais autonomista e anarquista – foi convidado a permanecer, pois alguém havia dito que os estudantes que eram contrários à ocupação queriam ir lá de madrugada brigar com os ocupantes. Eles não foram e a noite foi tranquila.

As pessoas ficavam acordadas em um grupo cada vez maior, e até mais tarde, com o pretexto de fazer companhia à equipe de segurança e garantir seu reforço, jogando baralho, comendo e conversando. Na primeira semana a dinâmica de organização da ocupação começou a mudar, pois as noites estendidas geraram um processo de desmobilização da manhã, as assembleias estavam começando quase na hora do almoço, de forma desorganizada e com pauta quase sempre relativa à noite anterior e aos problemas em decorrência dessa dinâmica. Um dos problemas identificados pelos estudantes foi que a noite o grupo que ficava acordado comia tudo o que queria – não se importando com o restante dos ocupantes – e fazia bagunça na cozinha e nos banheiros.

As doações de alimentos seguiram acontecendo, mas os ocupantes estavam divulgando listas, na internet e fixadas na entrada do colégio, com os itens que

precisavam. A essa altura as doações de chocolates, biscoitos, balas e chicletes já tinham sido consumidas na madrugada e eles não pediam doações de doces, porque não parecia um item “básico”. Os estudantes passaram então a consumir pães e leite com achocolatado à noite, que viraram um item constante na lista de doações necessárias.

As equipes estavam se enfraquecendo e deixando de ter uma organicidade. As tarefas como alimentação e segurança foram se tornando rotativas, e a tarefa da limpeza se tornou coletiva, com a realização de mutirões.

Os mutirões de limpeza aconteciam antes do almoço, quando reuniam os ocupantes do dia e organizavam a limpeza coletiva dos banheiros, refeitório, cozinha e pátio. No entanto, a maioria dos ocupantes que estava dormindo no colégio estava virando a noite acordado e neste horário estavam descansando, o que cada vez mais gerava uma sobrecarga de tarefas, porque as pessoas que estavam acordadas e iam fazer a limpeza eram as mesmas que depois iam fazer o almoço. A cozinha estava cada vez mais suja e bagunçada porque à noite cada estudante ia e comia o que queria, na hora em que sentia vontade e, de forma geral, não arrumava o que havia utilizado.

Eles estavam fazendo reuniões que seguiram com o caráter de assembleia, em que falavam sobre a importância da disciplina para dormir cedo, para quem não estava com a tarefa da segurança e sobre a importância da organização. No entanto, todos os estudantes estavam seguindo esta dinâmica de dormir tarde, comer depois do jantar de acordo com a própria vontade e não limpar o que havia sujado à noite. A cobrança me pareceu, neste sentido, mais retórica do que propositiva, uma vez que todos avaliaram que não era possível trancar a cozinha durante a noite porque era “injusto” com a segurança, que ia sentir fome, e que eles tinham autonomia para decidir a hora que iam dormir porque aquele era um espaço livre das regras tradicionais. Decidiram, no entanto, fazer lanches coletivos para levar para a equipe de segurança.

Um companheiro do Levante foi dar uma oficina de dança e uma educadora, amiga de uma estudante, estava dando uma oficina de teatro, na mesma tarde quando interrompidos pelo retorno da diretora, que chegou acompanhada de sua secretária.

Com o mesmo argumento, de que precisava buscar documentos urgentes para que a distribuição de leite não fosse cortada para as mães de toda a regional Portão, ela entrou no colégio. Ela trancara o bloco em que sua sala ficava e os ocupantes não tentaram entrar, ou seja, ele permanecera trancado durante a primeira semana de ocupação. Ela entrou e falou para a secretária ficar na porta, que ela não iria sair. Os estudantes se aglomeraram em torno da secretária, exigindo que ela liberasse a entrada, e que não iriam permitir que a diretora trabalhasse, pois o colégio estava ocupado e as atividades administrativas suspensas. O conflito que estava latente neste momento se acirrou, a secretária dizia que não iria liberar a passagem e que teriam que a agredir para entrar. Parte dos estudantes ficou na entrada, discutindo (verbalmente) com ela, enquanto outros deram a volta e cortaram a luz do prédio. Sem poder utilizar o computador, ela saiu do prédio em direção à entrada lateral, de acesso do caseiro. Ela se retirou brigando com os estudantes, ameaçando processá-los por não a deixarem trabalhar e afirmando ter sido ofendida por eles. Vários dos estudantes filmaram o momento e a companheira do Levante, que é estudante de direito, começou a questioná-la sobre a validade do B.O. que fizera em relação à cozinha e ao fato de que ela que estava ameaçando os ocupantes.

A confusão causada pela ida da diretora ao colégio repercutiu ao longo do dia. Todos os estudantes que estavam no colégio haviam se reunido em torno do conflito e todos os que chegaram depois foram avisados do que acontecera e que ela estava banida da ocupação, independentemente do argumento que poderia tentar utilizar para entrar.

Nesta mesma tarde duas assistentes sociais do estado foram à ocupação, ver como estavam se organizando e dar orientações em relação ao ECA, que afirmaram poder proteger os estudantes envolvidos. Elas chegaram logo após a saída da diretora, e os ânimos ainda estavam agitados. Afirmaram que era necessário registrar quantas pessoas estavam na ocupação diariamente, fazer atas com suas assinaturas e que usassem crachás de identificação. Disseram ainda que os estudantes que estavam dormindo na ocupação deveriam ter uma autorização dos pais por escrito e que, em caso de intervenção policial para uma reintegração de posse, por exemplo, estes documentos deveriam ser entregues à polícia. Os estudantes escutaram as orientações e agradeceram a visita, mas não acataram as orientações dadas por elas,

pois pareciam medidas que facilitariam a represália, tanto em uma situação de confronto com a polícia, que teria acesso a informações cruciais como a quantidade de ocupantes como seus nomes, bem como esses nomes poderiam ser informados à diretora, que poderia prejudicá-los após o término da ocupação.

O advogado que contatamos na primeira vez retornou a falar com os estudantes, para tratar do acontecido com a diretora no início da tarde e para dar orientações em relação às recomendações das assistentes sociais. Os estudantes se reuniram em assembleia extraordinária, à noite, para tratar dos acontecimentos do dia, na qual reiteraram o banimento da diretora e a necessidade de redobrar os cuidados com a segurança.

Os dias que seguiram foram, no geral, calmos. A participação de estudantes na segunda semana diminuiu consideravelmente, mantendo uma média de trinta a quarenta pessoas de dia e cerca de vinte à noite. Realizamos diversas oficinas – de break, estêncil, dança, de bolha de sabão gigante, de birutas – rodas de conversa – sobre a democratização dos meios de comunicação, sobre o MST e agroecologia, sobre o feminismo – e aulas preparatórias para o vestibular e o ENEM – de matemática, produção de texto, história.

A participação nas atividades estava com uma boa assiduidade e todos diziam ser uma experiência positiva participar de espaços formativos em formatos distintos das aulas convencionais. A relação com a escola, neste sentido, fora atualizada pelos ocupantes, pois se identificavam enquanto mantenedores do espaço, proponentes das atividades e participantes de forma voluntária.

Outro ponto levantado por diversos ocupantes foi a integração que a ocupação proporcionou. Segundo os estudantes, as “panelinhas” do cotidiano deram espaço a uma maior interação, em que os parâmetros não eram o ano escolar ou a turma, o que fez com que as pessoas interagissem para além destas relações pré-estabelecidas pelo ambiente escolar. Escutei ainda diversos relatos, ao longo da ocupação, de como esse contato com pessoas novas ampliou a visão dos estudantes acerca das desigualdades e opressões.

Um relato em específico me marcou bastante, pois havia na ocupação um estudante de dezesseis anos que estava passando pela transição de gênero. Ele



entrou no colégio C. E. Pedro Macedo no início de 2016 e desde sua inserção já se identificava enquanto lésbica e, ao longo do ano, passou a se identificar no gênero masculino, ou seja, enquanto um adolescente transgênero. Um colega, que estudava com ele na escola anterior, me relatou que nunca havia tentado conversar sobre a identidade de gênero, e como era preconceituoso quando se dirigia a ele. Na ocupação, em conversas diretas e com outras pessoas, que acompanhavam o processo de transição mais de perto, ele pode compreender o que era identidade de gênero, como se dirigir a ele, quais os pronomes adequados e me dizia orgulhoso que estava disposto a acompanhá-lo mais de perto. Concluiu essa conversa afirmando que ele “aprendeu a respeitá-lo e iria defendê-lo”, caso algum outro colega o ofendesse, e se orgulhou de ser capaz de explicar o que era a transição e como deveria proceder para não gerar desconforto.

Houve, neste sentido, uma ampliação das redes de amizade e solidariedade que já existiam no colégio, mas que se mesclaram, formando a “turma da ocupação”. Eles brincavam com isso, que quando acabasse a ocupação e a escola voltasse para a dinâmica convencional, eles iriam trocar de turmas para poderem seguir juntos.

Não estou afirmando, no entanto, que a ocupação foi um espaço sem atritos e disputas internas entre os estudantes. Ao contrário, a metodologia adotada por eles de decidir as coisas em assembleia, que deveriam ser seguidas pelas equipes, na prática gerou vários processos de contradição entre propostas e encaminhamentos que desencadearam atritos entre as pessoas envolvidas.

Uma situação em que observei essa disparidade entre o discurso em torno da ocupação e a prática foi entorno da aproximação de estudantes para se somarem nas atividades e na dinâmica da ocupação. Os ocupantes afirmavam com frequência que a ocupação era auto gerenciada e todas as pessoas envolvidas tinham capacidade semelhante de se envolver e decidir. No entanto, após a segunda semana, as pessoas que estavam nas equipes e haviam assumido protagonismo nas tarefas estavam sendo vistas enquanto referências, no que tangia à coordenação das atividades específicas referentes àquela tarefa, mas não eram legitimadas para falarem enquanto tal, nos espaços de assembleia e no próprio cotidiano da ocupação. O exemplo mais explícito em que isto aconteceu foi em relação à tarefa da limpeza, que no começo era



incumbência de uma equipe. Uma das participantes da equipe se destacou neste processo, pois organizava os grupos de limpeza com facilidade e sabia onde estavam os materiais de limpeza, quais as demandas de doação e quantas pessoas era necessário acrescentar na tarefa, com base na participação flutuante diária. Os demais participantes da equipe começaram, com o passar dos dias, a “esperar” que ela “mandasse” para começarem a fazer a limpeza e, ao mesmo tempo, reclamavam que ela estava “se achando” a chefe, e por isso não faziam o que ela dizia ser necessário, mas, na prática, tampouco faziam o que eles mesmo achavam ser preciso de forma auto organizada. Na segunda semana de ocupação ela já estava afirmando estar brava com todos os companheiros de equipe e não propunha mais a arrumação, que passou a ser feita através de mutirões porque a equipe se desfez.

A assiduidade nas atividades organizadas durante o dia também variava. Nós, do Levante, paramos de tentar organizar oficinas para os períodos da manhã, por exemplo, porque devido às madrugadas estendidas a participação estava cada vez menor. Teve um dia inclusive que um estudante de engenharia foi dar uma aula de matemática, preparatória para o vestibular e não havia ninguém acordado, eu tive que acordar os estudantes e avisar que ele havia chegado.

A diretora, após o episódio da descoberta do uso da cozinha, começou a se posicionar contrária à ocupação e ir nas reuniões contrárias à ocupação convocadas pelo governo estadual, bem como começou a organizar reuniões de professores, pais e estudantes que também eram contrários. Ela foi informada, na farmácia que fica em frente ao colégio, que uma estudante fora comprar uma pílula do dia seguinte e que alguns estudantes haviam comprado camisinhas. Um vizinho do colégio também lhe passou informação privilegiada pois tirara uma foto, com a vista do colégio de sua casa, de um estudante no telhado fumando maconha.

Os ocupantes ficaram sabendo que ela soubera que eles estavam transando e que alguém havia fumado dentro do colégio. Fizeram uma reunião para identificar quem fora fotografado e descobriram, pelo dia e horário em que a foto deve ter sido tirada, que era um estudante que fora passar uma tarde na ocupação. Eles tiveram acesso à foto e confirmaram, decidiram então redobrar a segurança na hora de revistar quem entrava. Quanto ao fato de que a diretora estava acusando-os transar no

colégio, muitos deles não tinham uma relação com seus pais sobre o fato de terem ou não iniciado sua vida sexualmente ativa e decidiram não polemizar o assunto, para que não aumentasse a importância dos fatos. Falaram, ainda, que eles tinham direito de comprar o que quisessem, se fossem utilizar ou não, e que ela não tinha como provar que haviam transado dentro do colégio. Outro comentário em relação ao sexo durante as ocupações foi de que era melhor ser pego comprando a camisinha do que engravidar durante a ocupação.

Um estudante que fora convidado informou aos ocupantes que a diretora estava organizando uma reunião na casa de uma professora vizinha ao colégio para definir o que fazer em relação à ocupação, com a justificativa de que os estudantes estavam, na verdade, “vandalizando o colégio e fazendo coisas ilícitas”. Nesta reunião eles encaminharam a criação de uma página no Facebook, intitulada “Desocupa Pedro Macedo”, e marcaram um ato de desocupação para o dia 24 de outubro, em frente ao colégio.

A página “Desocupa Pedro Macedo” fez a convocatória para o ato em frente ao colégio e começou a se vincular com as demais páginas de desocupações de outros colégios, bem como a vincular notícias do Movimento Brasil Livre.

Os ocupantes, após a reunião de organização deste ato pró-desocupação, buscaram contatos de estudantes que participaram, para tentar antever o que estavam planejando. Sem sucesso, souberam do ato somente quando a página contrária à ocupação divulgou. Temerosos em relação ao número de adeptos, começaram a convocar apoiadores da ocupação para comparecer à frente do colégio, no horário marcado pelos que estavam contrários à ocupação.

Acabou que nenhum dos “lados” mobilizou muita gente e os apoiadores dos ocupantes e os estudantes contrários realizaram manifestações simultâneas, de forma pacífica. Eu e outras militantes do Levante nos posicionamos na frente do colégio, para demonstrar o apoio à ocupação enquanto movimento “de fora”. O rapaz do coletivo autonomista que também estava acompanhando a ocupação chamou outros participantes que compareceram, encapuzados, para fazer a segurança dos manifestantes.

Após as manifestações se dissiparem, um grupo de estudantes contrários combinou com os ocupantes que eles iriam conhecer a ocupação na manhã seguinte, a fim de estreitar os laços entre os “lados”. Os militantes autonomistas que participaram da segurança do ato foram convidados a entrar na ocupação para conhecer a escola e os ocupantes, e assim como nós, foram convidados a retornar e participar das atividades.

A conversa sobre a organização contrária à ocupação, o processo de convocatória dos apoiadores e a presença dos “encapuzados”, que estavam dispostos a brigar para defender a ocupação, foi noite adentro. Eu e outra companheira do Levante decidimos dormir na ocupação com receio de que na manhã seguinte os estudantes fossem surpreendidos com outra manifestação pela desocupação, ao invés da visita que fora marcada.

Na manhã seguinte cerca de dez estudantes se posicionaram em frente ao colégio e disseram que não queriam entrar. Não seguravam cartazes, faixas, nem caracterizações de nenhuma natureza. Estavam reunidos em roda falando os motivos de serem contrários ao movimento quando um repórter se aproximou, afirmando ser de um jornal, e pediu para gravar a conversa. Um deles foi conversar com o repórter, enquanto os demais tentaram conversar com os ocupantes. Não demorou para ambos os “lados” se exaltarem e os manifestantes se afastarem do portão, criticando a postura excludente e não dialogável dos ocupantes.

Eu me aproximei do grupo e começamos a conversar sobre a MP 746 e sobre a PEC 241. Alguns me disseram que não estavam de acordo com a MP 746, mas que a PEC 241 parecia uma boa medida para conter a crise econômica. Outros discordavam de ambas as medidas governamentais. Eu achei curioso o fato de nenhum deles ser a favor da MP 746, o que os unia era a contrariedade à ferramenta ocupação. Eles não queriam perder aula pois estavam em vias de fazer o vestibular e o ENEM e esse era o maior desacordo com a ocupação.

Enquanto conversávamos, uma repórter se aproximou e se posicionou em frente ao grupo, enquanto outro jornalista, que estava com ela, filmava os estudantes contrários. Ela perguntou se eles podiam dar uma entrevista e quando afirmou ser do Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCOM, afiliada da Rede Globo no Paraná),

eles se negaram, afirmando que não dariam entrevistas para a Globo. A repórter seguiu filmando o grupo e tivemos que intervir, afirmando que não estávamos autorizando o uso da imagem, para que ela se afastasse.

Ao final do diálogo com o grupo de estudantes contrários, chegamos à conclusão de que seria interessante fazer um debate com os prós e os contras da ocupação e da MP 746, na rua, e eles afirmaram que queriam conhecer a ocupação. Eu chamei um dos ocupantes para que eles conversassem sobre estas demandas dos estudantes contrários e ele o repeliu. Eles se dispersaram, reafirmando sua oposição à ocupação.

Após a saída dos manifestantes contrários, os ocupantes mobilizaram estudantes para ir ao colégio à tarde, caso eles voltassem em maior número. As tardes eram os períodos de maior fluxo de pessoas na ocupação, tanto estudantes que estavam ocupando durante o dia, quanto de professores, militantes de movimentos sociais e partidos que iam visitar o colégio, quanto de artistas que individualmente se dispuseram a conhecer as ocupações.

Houve visitas de militantes da União Paranaense de Estudantes Secundaristas (UPES), para convidá-los a participar dos espaços que a entidade estava organizando, bem como de pessoas da União Paranaense de Estudantes (UPE), que, apesar de organizar os estudantes universitários, estava contribuindo na construção das ocupações. Para além das entidades, representantes de grupos do movimento estudantil tradicional foram à ocupação saudar os estudantes e oferecer apoio, bem como representantes de sindicatos.

Os ocupantes receberam a visita dos integrantes da UPES, que almoçaram na ocupação e conversaram sobre o movimento como um todo. Quando eles saíram, eu perguntei se os estudantes os conheciam e se estavam realizando articulações com a entidade, e eles responderam que conheciam, mas que não gostavam da UPES, porque eles estavam sentando para negociar com o Beto Richa.

Eu argumentei que na política nem tudo era oposição e que era importante que alguém fizesse esse diálogo a nível estadual, a fim de garantir a não represália posterior à ocupação, mas que achava que eles estavam certos em não se envolver

neste processo, que o foco era a mobilização do colégio e garantir a dinâmica da ocupação acontecendo.

Uma estudante me contou que fora em uma reunião convocada pela UPES no início da ocupação e que quando chegou lá havia um representante do Estado para negociar com os estudantes. Ela ficou brava porque a negociação não era para acontecer a nível estadual, a luta deles era contra a MP 746 que era federal, segundo ela me disse, e que depois deste dia não retornou aos espaços de articulação convocados pela entidade.

Nestes dias em que a tensão estava aumentando, entre os ocupantes e os estudantes contrários, eu e outras militantes do Levante nos organizamos para que sempre houvesse alguém acompanhando a ocupação, com receio de que pudesse haver tentativas de entrada no colégio durante a madrugada. O rapaz que era do coletivo Antifa também estava dormindo na ocupação quase todos os dias para ajudar a garantir a segurança dos ocupantes. O receio aumentou conforme escutamos comentários de que o grupo de estudantes contrários estava se reunindo com a diretora para mobilizar atividades contrárias à ocupação e que rondavam o colégio, gritando que iriam entrar à força, que sabiam quem estava ocupando e que iriam agredir os ocupantes, alegando ser seu direito entrar na escola.

No dia em que dormi na ocupação, em meio a este cenário, percebi que a dinâmica da ocupação estava diferente. Os estudantes estavam preocupados e irritados e os conflitos que no começo eram resolvidos em conversas estavam gerando brigas e desacordos. Um grupo pequeno assumira o papel de mediação destas situações e estava sendo considerado o grupo dirigente da ocupação, o que gerava outros atritos e reclamações, pois eles se declaravam auto organizados. A posição contraditória entre a autogestão e a formação de grupos que organizavam as demandas era frequente e os estudantes disputavam-na, constantemente. O que estava em questão era, principalmente, se as decisões deveriam todas ser tomadas nas assembleias, ou se um grupo reduzido podia planejar e apenas apresentar a proposta no espaço mais geral. Esta segunda opção foi adotada na maior parte das vezes na organização da ocupação, ou seja, cada grupo levantava as demandas de sua tarefa e repassava em assembleia o que havia sido encaminhado. A assembleia

podia ser considerada, portanto, o espaço de encontro da ocupação, onde todos os ocupantes eram informados do que acontecia em todos os aspectos da ocupação.

Havia, na prática, um grupo restrito que coordenava as assembleias, desde a chamada para que elas acontecessem, ordenava as pautas a serem debatidas e sistematizava o que era encaminhado no espaço. O desgaste do debate se havia um grupo coordenando ou não a ocupação, que acontecia nos corredores, mas não era colocado na assembleia pelos que faziam a crítica, acabou de certa forma desmobilizando o próprio espaço, que tinha cada vez menos assiduidade e as pessoas se sentiam cada vez menos participantes dos processos decisórios, ainda que elas mesmas não fossem para os espaços onde as decisões eram tomadas.

Numa tarde em que chegamos na ocupação, eles estavam falando que estavam cansados. Nós havíamos levado a caixa de som do Levante para a ocupação e decidimos usá-la para fazer uma mística com os ocupantes, para tentar animar o grupo. A mística é uma ferramenta utilizada pelos movimentos sociais que tem como objetivo tratar das questões políticas de forma sensível, que não pelo debate convencional, através de músicas e poesias e de exercícios de afeto e cuidado.

Eu e um companheiro do Levante fizemos faixas de TNT, selecionamos músicas “de luta” e falamos que precisávamos conversar com os ocupantes. Reunimos todos eles na sala em que faziam as assembleias e os colocamos em fileira, tampamos seus olhos e os conduzimos para o pátio, onde os posicionamos em roda e declamamos uma poesia, falando sobre a importância da ocupação para a formação deles enquanto jovens críticos e para o atual momento político do país. Ao acabar, pedimos para que eles abraçassem os que estavam ao lado e que sentissem o elo que os unia, apesar do cansaço e das diferenças pessoais. Quando terminamos a mística eles estavam emocionados e agradeceram pelo espaço, afirmando que fora necessário.

À noite, as tarefas de limpeza e disciplina, como horário para dormir, já não existiam mais. O jantar ainda era coletivo, mas depois as pessoas entravam na cozinha para comer e deixavam as coisas sujas e desarrumadas. O número de ocupantes à noite tinha diminuído drasticamente e muitos dos que pousavam no colégio ficavam na tarefa da segurança. No entanto, as rondas pelo interior do colégio

eram feitas por dois estudantes, enquanto os demais ficavam na guarita da entrada, conversando. Eu fiquei com eles conversando sobre como estava a ocupação, se eles estavam sentindo o cansaço que eu percebia em suas atitudes e eles afirmaram que sim, todos estavam cansados, mas não “abandonariam” a ocupação antes de derrubarem a MP 746.

No dia 24 houve tumulto de pessoas contrárias à ocupação do Colégio Pedro Macedo em frente ao colégio. O número de manifestantes contrários não era grande, mas os estudantes que ocupavam lançaram uma nota no dia seguinte, pois o caso não estava isolado, uma vez que diversas escolas estavam sofrendo represálias organizadas pelo MBL. Segue, abaixo, a nota:

NOTA OFICIAL]. Ontem, 24, por volta das 22h, alguns professores, alunos, alunas e responsáveis, vieram ao portão da escola demonstrar seu total desapoio as ocupações. Porém, ao chegar no local, os mesmos estavam incentivando que o colégio fosse desocupado. Como todos os (as) alunos (as) que se encontram dentro do colégio são menores de idade, fizemos questão de solicitar ajuda de outras pessoas: responsáveis, alunas e alunos, professores e advogados que são a favor da ocupação, para que pudessem acompanhar o processo de desocupação FORÇADO. A escola permaneceu fechada durante toda ação que ocorria, impedindo que quem estava fora, incitando a violência entrasse e evitando que quem estivesse dentro, saísse do colégio. Devido a toda situação que aconteceu ontem durante todo o dia em diversas escolas, o PEDRO MACEDO fez questão de pedir ajuda, para evitar que os alunos sofressem qualquer tipo de violência ou fossem expostos em alguma situação de risco. Toda truculência incentivada pelo desocupa pedro, foi acompanhado pelos advogados e outras pessoas que ali estavam presentes. Os (as) alunos (as) que ocupam o pedro macedo foram expostos a ameaças (pessoal e virtual) e a exposição de suas imagens, pois todo o ocorrido foi gravado por pessoas de fora do colégio. A escola permanece aberta aos alunos (as) e quaisquer outras pessoas que queiram ajudar e acompanhar a ocupação. Na portaria é necessário apresentar a carteirinha estudantil ou RG, para que os ocupantes tenham controle de quem entra e sai do colégio, e são realizados vistorias para o acesso e essas pessoas são acompanhadas pelos alunos dentro da escola, para evitar que danifiquem o patrimônio e que levem objetos que possam criminalizar os estudantes. Durante toda a ocupação foram realizados diversas aulas e atividades, aberta a todos os estudantes e visitantes, atividades propostas por diversos movimentos e grupos, e aulas aplicadas por professores de outras escolas e alunos de licenciatura das universidades. A OCUPAÇÃO DO PEDRO MACEDO, esta de portas abertas para quem quiser conhecer, ajudar e participar das atividades. Inclusive, permanece aberta para conversas, tanto com pessoas que são a favor da ocupação e pessoas que são contra. Porém, continuaremos tendo o máximo de cuidado ao acesso de pessoas no colégio, para que sejam mantidos a organização e a preservação do local. A violência que sofremos ontem, mostra o quanto é necessário resistirmos e continuar ocupando para garantir uma educação de qualidade e acesso continuo dos todos os alunos (as) as escola/universidade pública.



SOBRE AS DESOCUPAÇÕES FORÇADAS:  
 (1) As ocupações são questões a serem resolvidas EXCLUSIVAMENTE PELA VIA JUDICIAL.  
 (2) Estando a escola ocupada pelos alunos e alunas, NINGUÉM, poderá adentrar no local sem autorização dos manifestantes ou ordem judicial, sendo crime se isso ocorrer.  
 (3) EXPOR CONSCIENTEMENTE ADOLESCENTES À SITUAÇÃO DE RISCO E VIOLÊNCIA, levará a ser notificado e RESPONSABILIZADO CRIMINALMENTE por qualquer lesão física ou moral que vier ocorrer contra quaisquer adolescentes (favoráveis ou contrários à manifestação) bem como CIVILMENTE pelos danos sofridos pelos alunos (as), ao patrimônio público e particular. As denúncias serão feitas ao NUCRIA (Núcleo de Proteção à criança e ao adolescente vítimas de crimes), Ministério Público, Vara da infância e adolescência. #OcupaPedrão #OcupaTudo#OcupareResistir (OCUPA PEDRO MACEDO, 25 ago. 2017)

Ainda no dia 24, fomos surpreendidos pela notícia de que um estudante morreu em um colégio ocupado, no bairro de Santa Felicidade, em Curitiba. Diversos estudantes do C. E. Pedro Macedo o conheceram no processo das ocupações e nos espaços de diálogo entre elas, e estavam incrédulos. Não tardou até alguns estudantes avisarem que aquele seria o último dia em que participariam das atividades no colégio, pois os pais que já não apoiavam plenamente o processo estavam proibindo-os de seguir participando, com receio de que algo pudesse acontecer com eles também. Ninguém sabia dizer como ele morreu, as notícias começaram afirmando que ele se suicidou, mas logo foram desconfirmadas. Algumas horas depois soubemos que houve uma briga entre ele e um colega, que o esfaqueara. A versão “oficial” divulgada pela imprensa foi de que os dois haviam consumido substâncias ilícitas dentro do colégio e a briga decorreu do estado “alterado” em que se encontravam. O estudante que foi responsabilizado tinha dezessete anos e já estava sob a custódia da polícia.

O governador do estado do Paraná lançou uma nota que foi amplamente divulgada pela imprensa, que enfatizava o perigo das ocupações e a necessidade de as famílias conterem a participação de seus filhos e filhas:

A morte do estudante Lucas Eduardo Araújo Mota, de 16 anos, é uma tragédia chocante, que merece uma profunda reflexão de toda a sociedade. É ainda mais gravíssimo e lamentável, porque aconteceu no interior de uma escola ocupada, que deveria estar cumprindo a sua missão de irradiar a luz do conhecimento e a formação da cidadania.



Externo à família desse estudante a minha solidariedade neste momento tão doloroso. E renovo o meu apelo para que os pais redobrem o cuidado com seus filhos. Peço ainda, mais uma vez, que os estudantes encerrem esse movimento.

A ocupação de escolas no Paraná ultrapassou os limites do bom senso e não encontra amparo na razão, pois o diálogo sobre a reforma do ensino médio está aberto, como bem sabem todos os envolvidos nessa questão. Que não se aleguem quaisquer justificativas para a continuidade desse movimento que vem causando prejuízos à educação do Paraná.

É hora de responsabilidade e consciência sobre os direitos e deveres de estudantes, professores, famílias, autoridades e sociedade (Nota emitida por Beto Richa de São Paulo, em 24 out. 2016).

A notícia da morte de Lucas foi amplamente divulgada e utilizada como argumento de que as ocupações eram ambientes perigosos, onde os estudantes estavam agindo de maneira inconsequente e que já não cumpriam o papel de oposição às medidas propostas pelo governo federal, mas que se tornaram espaços de “curtição”, que não tinham mais caráter político.

Os estudantes também lançaram notas e apontamentos sobre o ocorrido, que não tiveram grande visibilidade. No entanto, o discurso de uma estudante na Assembleia Legislativa do Estado do Paraná (ALEP), no dia seguinte à morte do estudante, foi amplamente divulgada pelos ocupantes e apoiadores do movimento, ganhando significativo destaque. A mídia hegemônica tentou, diante disto, vincular a imagem da estudante à filiação partidária de seus pais, afirmando que ela fora “doutrinada”, em reportagem publicada dia 26 de outubro de 2016.

O discurso da Ana Júlia Pires Ribeiro na Assembleia Legislativa do Paraná, feito no dia 26 de agosto de 2016, foi transcrito na íntegra no livro #OcupaPR2016: memórias de jovens estudantes (SCHMIDT; DIVARGIM; SOBANSKI, 2016, p. 76-80), e segue abaixo:

Excelentíssimo senhor presidente. Excelentíssimos senhores deputados. A todos os demais presentes, boa tarde.

Eu sou Ana Júlia, estudante secundarista do C. E. Senador Manoel Alencar Guimarães (CESMAG). Tenho 16 anos e tô aqui para conversar com vocês, para falar sobre as ocupações. A minha pergunta inicial é: de quem é a escola? A quem a escola pertence? Eu acredito que todos aqui já saibam essa resposta e é com essa confiança que vocês conhecem essa resposta é que eu falo sobre a legitimidade desse movimento. Sobre a legalidade. Se alguém aqui ainda tem dúvida disso eu os convido a ver o inciso 6º do artigo 16 da Lei 8.069. Se após isso vocês ainda duvidarem da legitimidade do

nosso movimento, eu convido vocês a participar das nossas ocupações. Eu convido vocês a nos visitar, a ir conhecer de perto. É um insulto a nós que estamos lá, nos dedicando, procurando motivação todos os dias sermos chamados de doutrinados. É um insulto a nós estudantes. É um insulto aos professores.

A nossa dificuldade em conseguir formar um pensamento é muito maior que a de vocês. Nós temos que ver tudo o que a mídia nos faz, fazer um processo de compreensão, de seleção, pra daí a gente conseguir ver do que a gente vai ser a favor, do que a gente vai ser contra. Pra daí a gente conseguir compreender. É um processo difícil.

Não é fácil pra estudantes simplesmente decidir pelo que estudar! E mesmo assim a gente ergueu a cabeça e estamos enfrentando isso. Nós não estamos lá de brincadeira. Nós sabemos pelo que estamos lutando. A nossa bandeira é a educação. A nossa única bandeira é a educação. Nós somos um movimento apartidário.

Nós somos um movimento dos estudantes pelos estudantes. Somos um movimento que se preocupa com as gerações futuras. Um movimento que se preocupa com a sociedade, que se preocupa com o futuro do país. Que futuro o Brasil vai ter se não nos preocuparmos com uma geração de pessoas que não vão desenvolver senso crítico? De pessoas que tem que ter um senso crítico político. De pessoas que não podem simplesmente ter um negócio e acreditar naquilo. A gente tem que saber o que estamos lendo. Nós temos que ser contra o analfabetismo funcional, que é um grande problema no Brasil hoje. E é por isso que nós estamos aqui. E é por isso que nós ocupamos nossas escolas. É por isso que a gente levanta a bandeira da educação.

É por isso que a gente é contra a medida provisória. Sim, a medida provisória está prevista na Constituição. Só que ela está prevista para casos emergenciais. A gente sabe que a gente precisa de uma reforma no Ensino Médio. Não só do Ensino Médio como no sistema educacional como um todo. A reforma da educação é prioritária.

Só que a gente precisa de uma reforma que tenha sido debatida, uma reforma que tenha sido conversada, uma reforma que precisa ser feita pelos profissionais da área da educação. É essa reforma que a gente precisa. A gente precisa de uma reforma com conversa, uma coisa que todos estejam de acordo. A medida provisória tem sim seus lados positivos, só que ela tem muitas falhas. Se nós colocarmos ela em prática com essas falhas, ela vai ser fadada ao fracasso. O Brasil vai estar fadado ao fracasso. A gente não tem somente a medida provisória como reivindicação.

A gente também tem o popularmente conhecido “Lei da Mordalha”, Escola sem Partido, que é uma afronta! Uma escola sem partido é uma escola sem senso crítico, é uma escola racista, é uma escola homofóbica! A Escola sem Partido é falar pra nós, estudantes, é falar para os jovens, é falar para a sociedade, que querem formar um exército de não pensantes.

Um exército que ouve e abaixa a cabeça. E nós não somos isso. Nós temos uma história e nessa história a gente luta contra isso. E, em meados do século XXI, em pleno ano de 2016, vocês querem nos colocar um projeto desse? O Escola sem Partido nos insulta, nos humilha, nos fala que a gente não tem capacidade de pensar por si próprio. Só que a gente tem e a gente não vai baixar a cabeça pra isso.

A gente está aqui por ideais. Nós, estudantes, estamos aqui por ideais. O CESMAG está lá, ocupando por um ideal, porque a gente fez assembleia, a gente votou, a gente colocou os prós e colocamos os contras. E mesmo assim a gente viu que a gente tá aqui por uma luta. Que a nossa bandeira é a educação e a gente não vai largar ela tão fácil.

A Nicolé está aqui pela educação. O SAFEL estava ocupando pela educação. Os colégios do Paraná e do Brasil estão pela educação. Nós não estamos lá pra fazer baderna, nós não estamos lá de brincadeira. Nós estamos lá por um ideal. Nós estamos lá porque a gente acredita no futuro do nosso país. Este

país é nosso! Vai ser dos meus filhos, vai ser dos filhos dos meus filhos e eu me preocupo com esse país. E nós estamos lá porque nós nos preocupamos com esse país!

Ontem eu estava no velório do Lucas e eu não me recordo de nenhum desses rostos aqui que estavam lá. Não me recordo de nenhum. E vocês querem dizer...nós sabemos que nós estávamos preocupados, sim. Vocês estão aqui representando o estado e eu convido vocês a olhar as mãos de vocês. As mãos de vocês estão sujas com o sangue do Lucas! Não só do Lucas, como de todos os adolescentes e estudantes que são vítimas disso. O sangue do Lucas está nas mãos de vocês, vocês representam o estado!

[Deputado Ademar Traiano, presidente da ALEP: “Eu vou fazer uma intervenção, como o devido respeito a sua idade, a sua família, mas aqui você não pode agredir o parlamentar. Eu vou encerrar a sessão! Eu vou cortar a palavra e eu peço o silêncio de vocês, senão encerro a sessão! Mudinha!]

Eu peço desculpas, senhor deputado, mas o ECA nos diz que a responsabilidade pelos nossos adolescentes, pelos nossos estudantes é da sociedade, da família e do Estado!

Nós, estudantes, que estamos nas escolas não somos vagabundos como dizem aqui, como a sociedade lá fora diz. Nós estamos lá por ideais, nós lutamos por eles, nós acreditamos neles. Eu convido vocês a irem nas ocupações, a ver o nosso desgaste psicológico, a ver que não é fácil estar lá e que a gente vai continuar lutando. A gente vai continuar lutando porque a gente acredita nisso. A gente vai continuar lutando porque a gente tá em busca de conhecimento e que a gente não vai parar de ir atrás do conhecimento. Eu convido vocês a ir lá conhecer o movimento e vocês vão ser muito bem recepcionados, porque nossa ideia é apresentar pra vocês porque é que a gente tá lá.

O movimento estudantil nos trouxe um conhecimento muito maior sobre a política e cidadania do que todo o tempo que nós estivemos sentados, enfileirados, em aulas padrões. Uma semana de ocupação, que nós estamos, nos trouxe mais conhecimento sobre política e cidadania do que muitos outros anos que a gente vai ter dentro de sala de aula. Apesar de toda essa ridicularização, desmoralização, apesar de sermos ofendidos, apesar dos problemas que a gente vai enfrentar, a gente ainda consegue ter a presença da felicidade. A gente tem a presença da felicidade porque a gente percebe que nós deixamos de ser meros adolescentes e nos tornamos cidadãos comprometidos.

(SCHMIDT; DIVARGIM; SOBANSKI. Discurso da Ana Júlia na ALEP, 2016, p. 76-80)

Podemos afirmar, neste ponto, que o processo das ocupações estava sendo disputado, enquanto fato público, pelos ocupantes e pela grande mídia. Os estudantes que ocuparam os colégios buscaram, ao longo de todo o processo, veicular a crítica à implementação da MP 746 e à oposição ao governo federal, bem como evidenciar a dinâmica cotidiana das ocupações. O alcance dos veículos de comunicação e das redes que abordaram esta perspectiva, no entanto, quando comparados ao da grande mídia, que explicitava uma posição contrária às ocupações, estava em nítida desvantagem. A narrativa de que o processo de ocupações estava se esgotando e ficando cada vez mais desorganizado e perigoso, veiculado pela mídia hegemônica,

cada vez mais se sobrepôs. Um exemplo de como esta disputa foi aos poucos se delineando foi a quantidade de pais e mães de estudantes que ocuparam, que, ainda que favoráveis à ocupação, depois da morte do estudante proibiram seus filhos e filhas de seguir ocupando seu colégio, por insegurança e não discordância política.

As páginas de Facebook das ocupações veicularam a notícia da morte dele como uma perda para o movimento como um todo, mas não como sendo fruto das ocupações. Segundo os estudantes, o consumo de substâncias ilícitas era uma questão que ultrapassa o processo das ocupações, sendo uma demanda da juventude em relação ao estado. Afirmaram ainda que a falta de espaços de lazer e cultura eram os agravantes para que a sociabilidade juvenil tenha como uma das bases hoje o consumo de “drogas” e que as ocupações eram, neste sentido, uma alternativa, onde os jovens de maneira geral estavam organizando espaços de sociabilidade alternativos aos atuais, e que este fora um caso isolado e infeliz que não caracterizava o processo de ocupações.

Os estudantes do C. E. Pedro Macedo estavam de acordo com esta análise e tentaram convencer seus pais da necessidade de seguirem ocupando. Alguns, no entanto, não foram bem-sucedidos e não estavam mais autorizados a dormir ou passar os dias na ocupação. Os que permaneceram, porém, se comprometeram a divulgar as atividades realizadas para que estes pudessem ir de forma mais esporádica.

As ocupações começaram a se ampliar para além dos colégios estaduais, chegando também aos Institutos Federais (IF's), Universidades (Estaduais e Federais) e em Núcleos de Educação. No dia 25 de outubro, o número de instituições ocupadas ultrapassou o de 1000, em todo o Brasil, sendo estas 995 escolas e Institutos Federais, 73 *campi* universitários, 3 Núcleos Regionais de Educação, além da Câmara Municipal de Guarulhos, o que totaliza 1.072 locais ocupados.

Esta quantidade de instituições de ensino ocupadas configura, pode-se afirmar, o maior processo de mobilização estudantil do mundo. Os pinguinos, secundaristas chilenos, ficaram conhecidos por fazer marchas massivas em 2011, com a ocupação de cerca de 700 escolas e milhares de estudantes nas ruas semanalmente em luta pela educação pública e gratuita. A quantidade de pessoas mobilizadas no Chile foi a maior até então e o movimento se tornou referência pela

irreverência e pelas novas táticas utilizadas pelos estudantes, como o malabarismo, as fantasias e a marcha dos guarda-chuvas.

Além das táticas (HARNECKER, 1985) inovadoras, o movimento foi consagrado como distinto de mobilizações estudantis anteriores por não ter uma coordenação centralizada e verticalizada e, neste aspecto, inspirou os estudantes secundaristas brasileiros, que se organizaram enquanto estudantes de uma escola, para além das organizações políticas tradicionais, ainda que muitos destes ocupantes pertençam a grupos organizados ou tenham se organizado no processo de mobilização.

Alguns sindicatos organizaram ônibus para ir a Brasília acompanhar a votação da PEC 241 no Congresso Nacional, que estava prevista para o dia 26 de outubro. Dois ocupantes do C. E. Pedro Macedo foram para Brasília e contaram que a votação foi bastante tumultuada, pois havia uma mobilização expressiva em frente ao Congresso Nacional e houve confronto direto com a polícia, a fim de tentar frear a votação. No entanto, a votação aconteceu, levando em conta os destaques propostos pelos congressistas em votação anterior e, apesar do cenário turbulento de oposição popular em relação à proposta, ela foi aprovada por 366 votos favoráveis e 111 contrários e encaminhada para ser votada no Senado Federal, agora com o nome de PEC 55. Houve, para além da manifestação em Brasília, atos em diversas cidades, contrários à aprovação da PEC 55, mas esta seguiu tramitando no Senado Federal.

No dia 27 de outubro, a Justiça Estadual acatou um segundo pedido de reintegração de posse feito pelo governo e determinou a reintegração de vinte e cinco escolas ocupadas no Paraná, alegando insegurança advinda da morte de um estudante e da falta de discernimento e organização dos ocupantes. Houve uma tentativa de negociação com os estudantes ocupados, que se comprometeram a desocupar os colégios nos bairros e nas cidades do interior para o manutenção da ocupação do Colégio Estadual por mais dez dias. No entanto, esta negociação, bem como a proposta da assembleia, não foi legitimada por uma expressiva parcela dos estudantes ocupados, que se recusaram a sair de seus colégios e intensificar a ocupação do Colégio Estadual do Paraná, como havia sido acordado com a representante do estado. O governo começou, então, a cumprir os pedidos de

reintegração de posse, sem realizar novo acordo com os estudantes, estabelecendo uma multa diária de dez mil reais para os estudantes que descumprissem a medida de desocupação dos colégios. Os estudantes não resistiram à saída dos colégios listados e o governo deixou o CEP por último, ao que tudo indica, para evitar confrontos.

Na noite deste mesmo dia, integrantes do MBL tentaram desocupar, ainda que sem ordem judicial, o Colégio Lysímaco Ferreira da Costa, no bairro Água Verde. Os manifestantes entraram, junto com o diretor, no colégio, e começaram um conflito com os estudantes ocupados. Utilizaram um caminhão de som para tensionar os estudantes que chamaram a Polícia Militar para tirar os manifestantes contrários e impedir que houvesse violência física por parte dos mesmos. A polícia atendeu ao pedido e retirou os manifestantes contrários do local, afirmando que eles não tinham autorização para efetivar a desocupação e que o colégio em questão seria visitado pelo oficial de justiça responsável pelas reintegrações de posse, bem como por assistentes sociais e autoridades competentes para lidar com menores de idade, segundo reportagem do Paraná Portal, de 27 de outubro de 2016.

As ocupações dos colégios passaram, depois da última semana de outubro, a cair em quantidade, enquanto as ocupações de universidades passaram a aumentar. Isto aconteceu porque muitas já caminhavam para a terceira semana de ocupação, onde as e os ocupantes estavam sendo tensionados pela comunidade e pela direção (impulsionados pelo MBL) e pelas famílias (impulsionadas pela mídia).

Na ocupação do Colégio Estadual Pedro Macedo os sinais de desgaste já estavam surgindo. Na manhã do dia 28 de outubro acordei com o despertador do celular e os estudantes ainda dormiam. Fui fazer o café e eles começaram a levantar e ir para a cozinha. Já passava do meio da manhã quando todos estavam de pé. Perguntei se haveria assembleia e me disseram que não estava acontecendo regularmente, mas conforme a demanda. Não havia, portanto, organização das atividades do dia.

Alguém disse que viu um evento no Facebook, organizado pelos estudantes contrários à ocupação, convocando um ato de desocupação para o início da noite.

Com o surgimento da demanda, nos reunimos e decidimos organizar um ato para o mesmo horário, dos apoiadores da ocupação.

Passamos a tarde mobilizando a rede de apoiadores, entre eles estudantes do próprio colégio, das universidades, militantes do Levante e de outros movimentos sociais e coletivos do movimento estudantil, artistas, sindicalistas, advogados.

No fim da tarde reunimos todos os estudantes na entrada do colégio para falar sobre a noite e a possibilidade de tentarem desocupar à força. Um companheiro do Levante começou a falar sobre o que fora a ocupação para ele até aquele momento e eu ensinei uma música que cantamos em nossas atividades que é um trecho de um poema do Carlos Marighella, que foi assassinado pela ditadura: “é preciso não ter medo, é preciso ter a coragem de dizer”. Sem que tivéssemos planejado, portanto, acabamos fazendo outra mística, e combinamos que quem não era estudante do colégio ou tinha mais de dezoito anos iria para fora e que os estudantes ficariam dentro, nos portões do colégio.

Fomos avisados que o MBL estava com um caminhão de som em uma esquina próxima ao colégio, reunindo um grupo de pessoas para se posicionar em frente à escola. Alguns estudantes foram ver e disseram que estavam em cerca de cinquenta pessoas.

Nós reunimos os apoiadores que já estavam em frente ao colégio e pedimos para que mandassem mais mensagens de convocação para uma ação de defesa da ocupação. Enquanto isso posicionamos os que já estavam lá em fileira, protegendo o portão do colégio. Eu e os demais militantes do Levante decidimos ficar fora do colégio para ajudar na coordenação da ação dos apoiadores e tentar impedir a entrada de manifestantes contrários, caso tentassem furar a barreira que estávamos organizando.

Membros do Antifa, um coletivo de apoiadores, estavam encapuzados e avisaram aos ocupantes que iriam até onde estava o grupo contrário, para ver quantos eram e como estavam organizados. Eles foram em um bloco até a esquina em frente ao outro grupo, entoando gritos de ordem. Houve um estrondo e, quando voltaram, afirmaram que os manifestantes contrários à ocupação haviam jogado bombinhas de pólvora para tentar assustá-los.



Os manifestantes contrários caminharam até a entrada do colégio, sem o caminhão de som, e se posicionaram na calçada em frente, ao lado do tubo de ônibus. Um deles, conhecido por sua atuação no MBL, estava com um megafone, camiseta do movimento e puxava gritos de ordem contrários à ocupação, que era cantado por todos que estavam com ele. Os gritos não se restringiam à temática da ocupação, mas faziam menção ao comunismo, acusando os ocupantes de serem comunistas, petistas, aclamavam a ação truculenta da polícia. Alguns deles carregavam cartazes de cunho semelhante. A diretora do colégio estava junto com os manifestantes contrários, gritando. Outros professores também cantavam e gritavam “vai pra Cuba”, “fora petralhas”.

A mobilização a favor da ocupação reuniu centenas de pessoas e tomou toda a frente do colégio, que fizeram uma corrente de isolamento do colégio. Os manifestantes também gritavam e seguravam cartazes, com mensagens de apoio à ocupação, à luta dos estudantes e contrários ao governo federal, ao golpe político e à PEC 241 (55) e à MP 746. Os ocupantes estavam com os rostos tampados com camisetas e subiram no portão, de onde se comunicavam com os apoiadores e puxavam gritos de ordem que eram cantados por todos e a música com o trecho do poema do Marighella que havíamos cantado há pouco.

Este conflito durou cerca de quatro horas e não houve nenhuma situação de violência física, se configurando, portanto, como ideológico, onde os posicionamentos estavam territorialmente demarcados em lados da rua e nos gritos de ordem e música entoados pelos diferentes grupos. Já era noite quando as manifestações começaram a se dispersar e quase meia noite quando os últimos manifestantes favoráveis decidiram ir embora. Eu e outro militante do Levante concordamos em dormir na ocupação, à pedido dos ocupantes, com receio de que houvesse alguma tentativa de entrada dos estudantes contrários na madrugada. Os ocupantes pediram também ao grupo dos antifa que ficassem para contribuir com a segurança.

Nesta noite nos oferecemos para ficar na segurança e cerca de duas horas após a dispersão do ato, um carro parou na frente do colégio e algumas pessoas, que segundo ocupantes eram estudantes do turno noturno, ficaram no portão gritando e



tentando arrancá-lo do trilho. Eles estavam visivelmente embriagados e após alguns minutos entraram no carro e foram embora.

Depois de algum tempo passou um carro nos fundos do colégio e atirou rojões no pátio da escola. As pessoas que estavam dentro do colégio não foram atingidas, mas o sentimento de instabilidade aumentou. Reunimos todos os ocupantes para avaliar quais as medidas de segurança possíveis e definimos aumentar a ronda nos fundos do colégio e o número de pessoas na guarita, durante a noite.

Eu estava fazendo ronda com mais alguns estudantes quando vimos alguém tentando pular o muro dos fundos do colégio. Corremos em direção à pessoa, que recuou. Quando fui avisar na guarita que haviam tentado entrar no colégio me deparei com os estudantes se encapuzando e pegando pedaços de pau para “fazer a segurança”, com base no método dos antifa, que coordenavam o processo de ronda.

A pessoa que pulou o muro não tentou voltar e após cerca de uma hora de tensão, tiramos as máscaras e nos reunimos na guarita, enquanto parte das pessoas foi dormir e os antifa foram embora, ficando dois deles para passar a noite. Estávamos na guarita conversando sobre o acirramento das tensões, que evidentemente iria aumentar a partir daquele momento não somente no colégio C. E. Pedro Macedo. Eles disseram que poucos dias antes o MBL tentou entrar em um colégio da região, o Lysímaco da Costa, que estava com cerca de cinco pessoas ocupando e eles “os colocaram para correr”. Foi então que um dos rapazes mostrou um soco inglês, e disse estar preparado para lidar com os fascistas contrários à ocupação.

Eu me lembrei de ter escutado que no Lysímaco da Costa manifestantes contrários chegaram a entrar no colégio e a Polícia Militar interveio, ainda que de forma truculenta com os ocupantes, para o manutenção da ocupação. O relato dos membros do antifa me pareceu, na hora, exagerado, mas não quis questioná-los, pois estavam na posição de apoio e enquanto referência para os estudantes, assim como nós.

Na manhã seguinte, no entanto, pedi para fazermos uma reunião em que colocamos alguns questionamentos acerca do que acontecera na noite anterior para os estudantes. Falamos que a metodologia da ação direta era uma ferramenta que diversos movimentos sociais utilizam, de formas diferentes. Explicamos como a ação

direta funciona nos movimentos como o MST e o próprio Levante, com planejamento antecipado, avaliação de riscos e levantamento de possíveis medidas jurídicas posteriores. Eu fiquei muito incomodada por ter sido “levada” a fazer uma ronda com um cabo de vassoura na mão, sem ter conversado antes sobre como deveria usá-lo, se, de fato entrassem no colégio. Falei das implicações de estar lá enquanto alguém maior de idade e que seria responsabilizada caso algum dos estudantes se ferisse e o questionamento mais importante que tinha pensado em relação ao acontecido: se de fato alguém entrasse, eles bateriam na pessoa? Até que ponto, para expulsar ou para machucar? Questionamos ainda sobre o que aconteceria quando a mídia fosse entrevistar o estudante contrário à ocupação e ele relatasse que havia sido agredido com cabos de vassoura, bala clava e soco inglês no interior do colégio ocupado. Nos posicionamos contrárias a estas ações dentro do colégio e dissemos ainda que o que havia garantido o sucesso da resistência da noite anterior não havia sido um grupo de quinze pessoas que foram espantar o MBL na esquina, mas as trezentas pessoas que estavam fazendo o cordão de segurança em torno dos manifestantes. Salientamos ainda que precisávamos conversar sobre para que os estudantes decidissem se essa era a linha de ação que tomariam e nós, do Levante, decidíssemos se a partir dali seguiríamos dormindo na ocupação para reforçar a segurança deles.

Os estudantes então debateram sobre a possibilidade de estruturar ações diretas a partir daquele momento ou se a mobilização de apoiadores era suficiente para garantir a segurança da ocupação e a integridade física dos que estavam dentro do colégio. As opiniões estavam bem divididas e eu e os demais companheiros do Levante não intervimos mais, pois sabíamos que o que eles decidissem era o que deveríamos seguir dali em diante. Ao final de uma hora de debate, definiram que as pessoas maiores de idade não deveriam estar dentro do colégio em situações de conflito eminentes, bem como a violência não seria utilizada como ferramenta dentro do colégio, mas que poderia haver um grupo de estudantes e apoiadores nos arredores do colégio que optassem por utilizar da ação direta para impedir que “invasores”, como chamaram, entrassem no colégio. Decidiram ainda que deveriam mobilizar diversos setores de apoiadores, como fizeram na tarde anterior e que poderiam interagir ainda mais com estas pessoas, durante as manifestações de apoio à ocupação.

Nós decidimos, no Levante, seguir construindo a ocupação do C. E. Pedro Macedo. Durante o dia contribuímos com a tarefa da alimentação, fazendo o almoço. Os espaços de oficina e atividades de apoiadores no cotidiano da ocupação estava cada vez menos frequente e com a tensão criada pelos estudantes contrários, pelo MBL e pela direção do colégio os estudantes estavam cada vez menos dispostos a receber pessoas de fora, desconfiados de que poderiam passar informações para estes grupos e fortalecer o movimento de oposição.

A manifestação teve repercussão nacional, tanto nas redes favoráveis à ocupação quanto nas contrárias. A página do Facebook do “Desocupa Pedro Macedo” divulgou uma nota dizendo que estava vinculada ao MBL e que a participação de uma de suas figuras públicas não havia sido mobilizada pelos estudantes do colégio.

A noite uma representante sindical foi ao colégio conversar sobre o que acontecera durante a madrugada anterior e ofereceu o apoio do sindicato, com militantes para fazer a segurança do colégio. Os estudantes que conversaram com ela aceitaram a oferta e dois homens ficaram na ronda noturna. Na manhã seguinte, no entanto, vários estudantes questionaram a presença deles no colégio, pois haviam conversado que as pessoas que estavam dispostas a garantir a segurança, que estavam preparadas para ações mais diretas e até mesmo confrontos diretos, deveriam ficar do lado de fora. Eles passaram então a fazer a ronda externa, nas noites que seguiram.

Nos dias que se seguiram às manifestações do dia 28 de outubro o número de participantes da ocupação seguiu caindo rapidamente. Os pais dos estudantes não estavam mais deixando muitos deles pousarem na ocupação, bem como muitos dos que iam durante o período diurno estavam cansados e diminuíram a frequência.

Os ocupantes começaram a conversar sobre a possibilidade de desocupar e no que isto implicaria para os participantes e para o *movimento*, como chamavam o processo de ocupações, como um todo. Alguns estavam convencidos que o momento político já passara, que as ocupações estavam declinando e que era mais vantajoso focar em ocupações maiores, como a do CEP ou de Núcleos de Educação (NRE's). Em assembleia decidiram, no entanto, que ainda não era hora de desocupar o colégio.

Havia uma articulação municipal acontecendo para planejar ações mais amplas, como a ocupação dos NRE's. Alguns ocupantes do C. E. Pedro Macedo estavam participando destes espaços e organizando o planejamento destas ações. Eles davam repasse no colégio, que começou a se preparar para que ocupantes fossem participar destas outras atividades.

O governador do estado já havia pedido reintegração de posse de dezenas de colégios no início das ocupações, que havia sido recusada pelo juiz que considerara as ocupações "legítimas". O governador entrou com novos pedidos, desta vez com dezenas de colégios listados para serem reintegrados nas principais cidades do estado, e alguns dos pedidos começaram a ser aceitos.

Em Curitiba ele fez um novo pedido em que o C. E. Pedro Macedo não estava, mas havia dezenas de colégios listados, entre eles o CEP. A notícia de que o CEP seria desocupado estava circulando rapidamente e o que os estudantes do C. E. Pedro Macedo nos disseram era que havia uma tentativa por parte de um grupo estudantes de desocupar os outros colégios e concentrar forças no CEP. Eles não gostaram da proposta e disseram que não sairiam do colégio a não ser com um oficial de justiça.

O Governo Federal e o Ministério da Educação anunciaram, no dia 04 de novembro, que o ENEM seria adiado nos locais destinados à prova que estavam ocupados. Esta decisão agravou ainda mais o desgaste das ocupações, incidindo na disputa da opinião pública sobre a luta estudantil, uma vez que argumentos como o desperdício de verba pública e a inconsequência dos jovens ocupantes ganharam ainda mais força. O ENEM foi adiado em 364 escolas de dezoito estados e Distrito Federal, sendo elas escolas de ensino médio e universidades, segundo reportagem do G1, de 04 de novembro de 2016.

Ainda que tenha resistido à retirada por conta do ENEM, as ocupações começaram a diminuir na primeira semana de novembro, parte por conta do desgaste dos ocupantes, mas, principalmente, pelo cumprimento dos pedidos de reintegração de posse. Após o primeiro pedido aprovado pela Justiça Estadual vieram outros, em sua maioria para as cidades do interior do Paraná.

No entanto, outros colégios desocuparam espontaneamente e o assunto também foi debatido no C. E. Pedro Macedo. Eles avaliaram que, apesar do desgaste

em decorrência dos manifestantes contrários à ocupação, do próprio desgaste interno à ocupação e da iminência de outras reintegrações serem autorizadas eles não iam desocupar espontaneamente nos próximos dias. Deslocaram, no entanto, estudantes para acompanhar o CEP e o processo de organização das intervenções nos núcleos de ocupação.

Eu me dispus a ir no CEP também para ver como estava a situação lá e acabei indo sozinha. Ao chegar no colégio havia a concentração de pessoas do lado de fora e me disseram que por questões de segurança a assembleia seria realizada ali. As pessoas que se aglomeravam para a assembleia eram, em sua maioria, militantes de grupos e partidos políticos que estavam apoiando as ocupações e uma companheira do Levante chegou para participar comigo. Uma estudante reuniu o grupo e começou afirmando que aquela era uma reunião de apoio, e não de estudantes. Disse que estavam chamando os apoiadores porque haviam negociado com o oficial de justiça de deixar a reintegração do CEP por último e que eles mesmos não queriam que os demais colégios desocupassem e se somassem na ocupação dali e que a reunião era para organizar um ato de apoio às ocupações. Conversamos então sobre como convocar o ato, como incidir com mais intensidade nos bairros de Curitiba nesta convocatória para contribuir na extensão das ocupações pelo maior tempo possível.

Ao final da reunião uma conhecida de um partido político, que compunha a gestão da UPE (União Paranaense dos Estudantes, que representa os universitários), disse que haveria na sequência uma reunião no Casarão da UPE - sede da entidade - para organizar uma assembleia estudantil estadual. Eu fui então para a segunda reunião.

Chegando na reunião estranhei a composição do espaço, que estava com os mesmos grupos organizados que compõem a direção da entidade e sem estudantes secundaristas que estavam ocupando. Quando questionei a ausência dos ocupantes um dos representantes da UPES me disse que eles estavam chamando os estudantes, mas que aquele espaço era prévio a esta mobilização. As entidades estudantis têm uma dinâmica bastante peculiar de organização, pois as reuniões são deliberativas, mas antes os grupos fazem conversas que chamam de bilaterais, onde apresentam diferentes propostas e vão costurando os possíveis consensos, antes de reunirem-se

todos. A reunião é, neste sentido, para apresentar os consensos e disputar os dissensos.

As bilaterais duraram mais de duas horas e a reunião começou depois das 22 horas. A União da Juventude Socialista (UJS) que é o maior grupo na UPES e, por isso, conduz muitos dos debates, iniciou a reunião apresentando a proposta da assembleia e as coisas que precisavam ser encaminhadas ali. A maior questão era referente à metodologia de participação da assembleia, pois os estudantes estavam se organizando regionalmente de forma direta, ou seja, todos os participantes tinham direito a voto e voz nas assembleias, e alguns grupos majoritários da UPES defendiam que este espaço deveria ser realizado de forma representativa, onde as ocupações definiriam delegados que se inscreveriam e poderiam votar. O debate acerca da metodologia foi acirrado, pois a questão em pauta era definir um método que garantisse a participação dos ocupantes, que se reivindicavam autogestionados e provavelmente não iriam aderir ao método representativo, utilizado nos espaços congressuais das entidades estudantis. Para além disto, a entidade queria encaminhar uma proposta de plano estadual de reforma do ensino médio, para ser negociada com o governo do estado, a fim de assegurar uma vitória concreta para as ocupações, que a partir deste momento começariam a diminuir, pois as reintegrações no interior do estado estavam aumentando e já começavam a chegar na capital.

Eu fui embora da reunião à uma da manhã, quando ainda debatiam a metodologia. Me comprometi a conversar com os estudantes do Pedro Macedo, reforçando o convite para participarem da assembleia estadual, e com os contatos do levante no interior do estado, mas não me comprometi, nem ao coletivo, com tarefas estruturais do espaço.

No dia seguinte conversei com os estudantes do C. E. Pedro Macedo sobre as reuniões da noite anterior e falei que na primeira encaminharam um ato e na segunda uma assembleia estadual. Eles falaram que iam participar de ambos os espaços. No entanto, afirmaram que estavam animados mesmo com a ocupação do Núcleo Regional de Educação, que possivelmente iria acontecer naquele dia. A ocupação acabou sendo adiada pelos estudantes por alguns dias. Duas estudantes do Pedro foram na assembleia estadual e afirmaram que o espaço foi muito ruim, pois

demorou muito para começar, não tinha alimentação e o debate girou em torno da proposta de negociação com o governo do estado.

Uma plataforma de reivindicações estaduais foi definida na assembleia e a UPES se dispôs a negociar com o governo do estado, ainda que sem consenso dos estudantes que estavam ocupando, que se posicionaram enfaticamente contrários à entidade e ao processo de negociação em questão. Houve, então, uma cisão explícita nesse tensionamento que estava dado desde o início do processo de ocupação, entre entidade representativa e estudantes autonomistas. A página do Facebook “Ocupa Paraná”, que era moderada pela UPES, deixou de postar informações referentes às dinâmicas cotidianas das ocupações e passou a publicar informações mais gerais em relação ao processo de mobilização estudantil, bem como a enfatizar a importância da ocupação das Universidades e Institutos Federais (IF’s).

Os universitários ocuparam a Universidade Federal do Paraná no dia 26 de outubro. A ocupação da UFPR teve repercussão positiva entre os secundaristas, que já estavam cansados e em uma dinâmica de enfraquecimento das ocupações nos colégios, no que tange a participação de estudantes para além dos grupos mais restritos que, na prática, sustentaram as ocupações até o final. Outras universidades estavam ocupadas em outros estados brasileiros e começava-se a falar, nas ocupações dos colégios, que conforme as reintegrações de posse comesçassem a ser expedidas os universitários poderiam assumir o protagonismo, dando continuidade às ocupações. Para além das universidades e institutos (IF’s), os estudantes conversavam sobre a necessidade de ocupar outros espaços de organização educacional.

Neste sentido, ocuparam o NRE no dia 31 de outubro. No dia seguinte fui levar materiais para a confecção de faixas e cartazes e autorizaram a minha entrada. Achei que o clima da ocupação estava bem tenso por conta do policiamento ostensivo, a entrada estava congestionada pela tropa da Polícia Militar posicionada na porta e pelos repórteres.

Quando entrei os ocupantes estavam fazendo uma assembleia e havia seis estudantes do Pedro Macedo no espaço. Me somei a eles para acompanhar a assembleia e eles me disseram que estavam ali desde o momento de entrada, que fora tranquilo.



Foi contrastante perceber que a composição deste espaço estava oposta ao espaço da UPE, ou seja, ali só havia estudantes secundaristas que estavam ocupando colégios e apoiadores que faziam parte de grupos anarquistas. Não havia, portanto, participantes dos grupos que compunham a entidade.

O capitão da Polícia Militar entrou na ocupação do NRE, com a justificativa de informar aos estudantes que a polícia se comprometia a conduzir o processo de forma democrática e pacífica, e esperava o mesmo dos estudantes. Ele foi o responsável pela ação policial do dia 29 de abril de 2015 e do massacre contra os professores. Os estudantes conversaram e se comprometeram a cooperar com a polícia, cientes de quem era ele e de que sua entrada foi, para além da conversa, para mapear a disposição da ocupação do núcleo.

Em conversa com os estudantes do C. E. Pedro Macedo resolvemos ficar na ocupação do núcleo de educação para fazer uma faixa durante a tarde, com estudantes de outros colégios. Participei, por isso, da reunião de confecção de materiais. A reunião era para organizar as demandas de faixas, cartazes e panfletos e identificar os movimentos e sindicatos que poderiam contribuir com materiais.

Os estudantes conseguiram doações de marmitas com sindicatos que apoiavam as ocupações, pois lá não havia estrutura de cozinha como nas ocupações dos colégios. As marmitas demoraram para chegar e estavam em número inferior à quantidade de ocupantes na hora do almoço, portanto, dividimos em duas pessoas. Os representantes dos grupos que doaram a comida estavam na ocupação neste momento e garantiram que iriam aumentar a quantidade de marmitas na hora do jantar.

No início da tarde eu e mais uma estudante do C. E. Pedro Macedo, junto com outros três estudantes de diferentes colégios, confeccionamos uma faixa vertical para ser colocada no prédio do núcleo, a fim de explicitar que o prédio estava ocupado e o motivo. Nós duas fomos embora da ocupação do núcleo no meio da tarde e retornamos ao C. E. Pedro Macedo. Fomos informadas, ao chegar lá, que a polícia trancara o acesso ao núcleo e os ocupantes que estavam lá dentro, ao saírem não poderiam retornar. A polícia impediu a comunicação dos ocupantes com o exterior e os ocupantes estavam, portanto, sem comida. Muitos dos que estavam lá haviam



retornado para os colégios, como nós, e não puderam voltar. Havia cerca de dez pessoas no prédio e provavelmente a ocupação não duraria muito. Dois estudantes do C. E. Pedro Macedo haviam ficado no núcleo de educação e estavam se comunicando com os demais pelo Whatsapp.

A reintegração de posse do Núcleo Regional de Educação aconteceu poucas horas depois, no mesmo dia, de forma pacífica. Por pacífica é possível afirmar que não houve conflito direto entre polícia e ocupantes, no entanto, a ação ostensiva da Polícia Militar foi característica desse processo de ocupação, uma vez que ela agiu de forma bem mais incisiva do que nos colégios ocupados.

No início de novembro a ocupação do C. E. Pedro Macedo já estava bastante desgastada. Os estudantes que participavam assiduamente do processo estavam se revezando para acompanhar estes outros espaços de mobilização, como as ocupações das universidades, dos núcleos de ocupação e espaços de articulação entre os colégios que seguiam ocupados. A tônica do discurso sobre a ocupação estava mudando, já não era mais de “vamos ocupar até o Temer retirar”, tratando da MP 746, como afirmavam no começo, mas sim de que o movimento já havia sido vitorioso e que não era “abandonar a causa”, ou desistir, a decisão de acabar com a ocupação. Alguns colégios já haviam desocupado espontaneamente e eram usados como exemplo. Em conversas informais e em assembleia decidiram, no entanto, aguardar a reintegração de posse para desocuparem o colégio.

No dia 03 de novembro a reintegração foi expedida, junto com outros quarenta colégios que seguiam ocupados. As reintegrações tinham ordem de execução imediata e começaram a ser efetivadas no mesmo dia. Os estudantes do Pedro foram informados da decisão judicial através do documento que circulou nos grupos de Whatsapp e no Facebook.

A notícia foi rapidamente difundida entre eles e houve uma reunião para conversar sobre o que fariam quando o oficial de justiça chegasse. Eles consultaram advogados, foram avisados de como o processo estava acontecendo nos demais colégios, de forma pacífica, e decidiram não resistir. Houve, no entanto, a mobilização dos estudantes do colégio que estavam indo com menor frequência para irem imediatamente ao colégio, para caso acontecesse no mesmo dia, que fosse com

grande participação estudantil. No entanto, já eram quase 17 horas quando o documento foi expedido e as reintegrações poderiam ser cumpridas até as 18 horas, ou passariam para o dia seguinte. Como o oficial não chegou no horário estipulado a reintegração era prevista para o dia seguinte.

Na noite do dia 03 o tom das conversas era o quanto a ocupação tinha formado uma *família* entre os estudantes e como o processo havia sido pedagógico. Eles passaram boa parte da madrugada, e nós do Levante também, na guarita.

Na manhã do dia 04 de outubro organizamos um mutirão de limpeza do colégio. Enquanto uns limpavam outros fizeram o almoço, enquanto aguardávamos o oficial de justiça chegar. Os estudantes tinham contato com os outros colégios que estavam na lista de reintegração de posse e estavam sendo informados em quais colégios a oficial de justiça estava passando. Com base nessas informações previmos que ela chegaria ao colégio depois do almoço e que havia tempo o suficiente para organizar as coisas, comer e mobilizar os estudantes que haviam participado da ocupação em diferentes momentos para ir ao colégio, participar da desocupação. Os estudantes convocaram também apoiadores que haviam participado do ato contra o MBL e frequentado a ocupação.

Dois professores que apoiaram a ocupação e tinham ido diversas vezes ao colégio participar das atividades com os estudantes foram conversar sobre o que eles estavam pensando acerca da desocupação. Eles ajudaram os estudantes a fazer um manifesto, para ser lido no momento de saída do colégio. Estudantes de outros colégios já haviam feito um documento que leram ao sair, bem como divulgaram na internet.

Depois do almoço reunimos os estudantes na entrada do colégio e fizemos uma mística, em que mostramos fotos de processos latino americanos de lutas estudantis e conversamos sobre a importância do processo de ocupação dos colégios no Brasil, que ultrapassara mil escolas ocupadas e se configurou como o maior processo de mobilização estudantil da história do país. Distribuímos fitas e pedimos para que cada um escolhesse alguém para entregar sua fita, amarrando em seu punho e falando algo que lhe marcou em relação a ela, no processo de ocupação. Um grupo

de estudantes de cinema estava na ocupação há alguns dias, filmando relatos sobre o processo de mobilização e registraram a mística.

Um estudante falou sobre como a desocupação era, na verdade, uma vitória, pois a ocupação durou vinte e quatro dias e o C. E. Pedro Macedo estava entre os últimos colégios a serem desocupados. Falamos ainda que era preciso ter calma no processo de saída do colégio, se o confronto não era a tática que eles haviam escolhido, deveriam fazer tudo com calma e sair de “cabeça erguida”. Os estudantes começaram a puxar gritos de ordem sobre a ocupação e contra as propostas governamentais.

Alguns apoiadores estavam chegando em frente ao colégio e nós, do Levante, decidimos sair e esperar do lado de fora, com os demais. No outro lado da rua estavam se posicionando pessoas que foram contrárias à ocupação, entre elas a diretora, professores e estudantes.

A oficial de justiça chegou por volta das 13 horas, acompanhada de uma assistente social, de representante do Ministério Público Estadual e de policiais militares. Ela chamou os estudantes no portão do colégio, entregou o Mandato de Reintegração de Posse e disse que por parte deles o processo de retirada seria pacífico.

Ela disse que precisava entrar no colégio para fazer uma vistoria e enquanto isso os estudantes deveriam retirar seus pertences. Ela chamou a diretora do colégio para acompanhá-la na vistoria, com os demais representantes institucionais. Os estudantes pediram para que um advogado apoiador do movimento, que estava do lado de fora, pudesse entrar também, mas o pedido foi negado.

Uma estudante se aproximou do portão e perguntou ao advogado se havia prazo para a retirada dos pertences do colégio, ou se a oficial poderia utilizar a força caso achasse necessário. Ele afirmou que a princípio não havia prazo, e que ela se comprometera a não utilizar força policial, então provavelmente só o faria em caso de urgência. Os estudantes decidiram então começar a retirada. Ligaram a caixa de som que estava na entrada do colégio, pois havíamos utilizado na mística, e colocaram uma seleção de músicas, num volume bastante alto.

Enquanto a maioria dos estudantes estava no pátio, alguns foram para o dormitório e pintaram cartazes, que posicionaram na entrada do colégio. Eles começaram a retirada dos pertences, levando item a item para o portão do colégio, lentamente. Quando o grupo terminou a vistoria e a oficial de justiça percebeu o que eles estavam fazendo, ela chamou a atenção deles, afirmando que precisava fazer outras reintegrações de posse naquele mesmo dia e que eles deveriam se apressar. Eles concordaram e seguiram levando as coisas para o portão, lentamente.

O processo de retirada dos sacos de dormir, roupas, cobertores, travesseiros, toalhas de banho, materiais de limpeza, de higiene, materiais de pintura, bicicletas e skates, alimentos que estavam embalados, alimentos frescos que estavam na geladeira, das lonas que haviam pendurado nos portões e janelas para impedir a visibilidade de fora do colégio, enfim, a retirada dos pertences levou cerca de duas horas.

Enquanto eles retiravam cada coisa e dobravam e redobravam cada lona, paravam para cantar e cumprimentar os apoiadores que estavam no portão. Nós, que estávamos para fora, puxamos gritos de ordem de apoio à ocupação e cantamos junto as músicas selecionadas por eles.

O grupo de oposição à ocupação, que estava do outro lado da rua, estava tão impaciente quanto os representantes institucionais, e gritavam frases contrárias aos estudantes. Um apoiador foi para o outro lado da rua questionar o que um opositor falara e eu e um companheiro do Levante fomos buscá-lo, e acredito que por pouco o acirramento não virou uma briga. Havia policiais ao longo de todo o portão de entrada do colégio, que certamente agiriam caso um confronto físico começasse.

Quando terminaram de retirar os materiais do colégio os estudantes abriram o portão principal e passaram os materiais para nós, que estávamos do lado de fora. Eles saíram, então, formando um cordão em frente ao colégio. Puxaram gritos de ordem e com um megafone leram o manifesto de desocupação que haviam feito aquela manhã.

Nós acusamos,  
 O GOVERNO FEDERAL na figura de Michel Temer e seu ministro da educação, por buscarem alterar o ensino médio desqualificando a formação humana e reforçando o dualismo no ensino médio brasileiro. Fazem isso com um discurso que se traveste de inovador, mas aprofundará desigualdades históricas da educação brasileira.

Nós acusamos,  
 O PODER JUDICIÁRIO, que desrespeita princípios básicos do Estado Democrático de Direito e fornece ao executivo e seus braços armados documentos para colocar medo e tentar diminuir a resistência dos estudantes.

Nós acusamos,  
 A MÍDIA HEGEMÔNICA, que ignora o maior movimento secundarista da história. Não obstante, trabalha sistematicamente apoiando o faminto neoliberalismo que se alimenta do desmonte dos serviços públicos.

Nós acusamos,  
 OS PROFESSORES QUE TEMEM A GREVE E A DESOBEDIÊNCIA CIVIL. Saibam que estão encurralados, de um lado a PEC 241 (agora PEC 55) e de outro, estudantes endurecidos e amadurecidos nas ocupações. Sairemos das escolas muito mais conscientes do que quando entramos. Durante as ocupações aprendemos e ensinamos. Aos pequenos grupos fascistas que tentam nos afrontar damos um aviso: vocês são poucos e pequenos e por isso venceremos vocês nas ruas. Nós, estudantes secundaristas, saímos hoje, sexta-feira (04), da nossa escola muito conscientes de nossas ações. Não saímos apenas com a crença no futuro. Saímos para tomar a cidade e continuar construindo, nós, por nossas mãos, o futuro que desejamos.

#OCUPATUDO #NãoPec #ForaTemer #SecundaristasResistem  
 #ALutaContinua #JUVENTUDERESISTE #OCUPAPEDRÃO#PrimaveraSecundarista#OcuparEResistir  
 (OCUPA PEDRO MACEDO, Manifesto de Desocupação, 25 out. 2016)

Eles seguiram puxando gritos de ordem por mais um tempo, enquanto esperavam a oficial de justiça e os policiais irem embora. Logo que saíram do portão a diretora pegou um alicate e cortou os cadeados que trancavam o portão do estacionamento do colégio. Ela passou um cadeado novo no portão principal e se retirou. Os demais opositores se retiraram, junto com os policiais.

Os estudantes informaram nos grupos de Whatsapp que o grupo havia terminado a reintegração do C. E. Pedro Macedo e estavam se deslocando para o próximo colégio, para que os demais estudantes se preparassem. Eles lançaram o manifesto de desocupação nas redes sociais e ficaram mais um tempo em frente ao colégio, cantando e dançando.

Eles haviam decidido que os alimentos seriam doados para a ocupação da UFPR e um pai se dispôs a levar os alimentos para o centro de Curitiba. Aos poucos os demais pais foram chegando para buscá-los, outros formaram grupos para ir embora de ônibus, e a aglomeração em frente ao colégio começou a se dispersar.

## 5 AS OCUPAÇÕES, SEGUNDO OS OCUPANTES

O presente capítulo é organizado com base nos dados das fontes primárias da pesquisa, que são o grupo de discussão com os estudantes do C. E. Pedro Macedo, realizado em 2017, bem como as respostas do questionário virtual “Você ocupou o C. E. Pedro Macedo?”, aplicado entre dezembro de 2017 e janeiro de 2018, com 25 respostas. Somadas a estas narrativas encontram-se as entrevistas com estudantes do C. E. Barão do Rio Branco, que aconteceram no final de 2016 e que são expostas como fontes secundárias.

O capítulo encontra-se dividido entre “antes”, “durante” e “depois” das ocupações. Esta divisão foi definida como base na estrutura das entrevistas realizadas em 2016, sob a coordenação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Simone Meucci e acatada posteriormente pelo grupo de discussão coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Luisa Fayet Sallas e na presente sistematização, a fim de compor um panorama amplo da percepção dos estudantes acerca da escola e das ocupações.

Destaco ainda a diferença entre as narrativas imediatamente posteriores às ocupações, ou seja, de 2016, em relação às narrativas de 2017. Logo após as ocupações o discurso dos estudantes era bastante emotivo e esperançoso em relação à capacidade de mobilização secundarista. A implementação da MP 746 e da PEC 241 (55) pode ser considerada um fator que alterou esta descrição, que, em 2017, demonstra menos intusiasmo em relação à potência da ação dos jovens estudantes, acentuando a importância das transformações individuais, ou seja, do processo de amadurecimento característico das ocupações, como veremos adiante. No entanto, há uma constância na descrição positiva das narrativas, em termos de estabelecimento de normas de sociabilidade mais igualitárias e da possibilidade de uma estrutura escolar mais participativa.

### 5.1 OCUPAR POR QUÊ?

Como explicitado nas entrevistas aqui expostas, os ocupantes afirmam, de diversas formas, que a escola era um lugar desinteressante, no qual sentiam que não

tinham agência: “no nosso colégio, posso dizer por todos os alunos, que... nenhum aluno tem voz, quer dizer, nenhum aluno tinha voz” (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 01, 2016, p. 56).

M2: Se vocês aqui ao invés de chegarem nessa sala pra entrevista estivesse o Presidente da República e o Ministro da Educação, eles tão aqui discutindo a MP, o que vocês fariam pra eles?

AR: Eu ia falar: para que tá feio. Escuta a gente, porque se vocês querem uma coisa pra gente.... Vocês não sabem de nada. Vocês não sabem de nada. Se vocês querem alguma coisa pra escola, ensino estadual, vocês querem pra educação, vocês não tem o direito de opinar, vocês tem o direito de opinar, mas vocês tem que se basear em quem vive. Vocês têm que saber o que o estudante de Federal passa. O estudante de escola estadual e municipal passa. De ensino público passa. Porque a gente quer reforma, mas quem são vocês pra saber o que a gente precisa ou o qual é essa reforma (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 03, 2016, p. 51).

Essa *falta de voz*, identificada pelos estudantes, pode ser entendida como a possibilidade de tomar decisões que tangem a questão educacional, desde a escala macro, como a MP 746, e também na dinâmica da própria escola, como o diálogo com a direção e a equipe pedagógica. Nas entrevistas analisadas, bem como na observação de campo, a identificação dos estudantes sobre a relação com a administração escolar pode ser entendida como engessada e hierarquizada e como “estopim” para a mobilização e engajamento no processo de ocupação.

Para além da caracterização das relações entre estudantes e Equipe Pedagógica (EP) como hierarquizada, a escola é repetidamente expressa como um espaço de homogeneização, em que as relações se restringem à esfera institucional e não perpassam o reconhecimento das diferenças, além de não ser um espaço de afetos. Podemos concluir que este processo gera um sentimento de *invisibilização* (HONNETH, 2013), como demonstrado em diversos trechos das narrativas aqui expostas, como: “Então..., mas assim, sempre foram duas pessoas só da coordenação que eu me dei bem mesmo foi a professora X e a professora Y, porque o resto assim... eles não ligavam pra mim, eu não ligo muito pra eles” (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 01, 2016, p. 14).

O termo “não ligar”, neste sentido, faz menção ao fato do estudante sentir que sua trajetória passa despercebida pelos gestores escolares. Além disto, quando

“notados”, os estudantes relatam se sentirem desumanizados, como expresso a seguir: “Acho que eu precisava só de uma pessoa que não falasse coisas que não deveria, que me tratasse que nem gente, sabe? ” (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 02, 2016, p. 20).

Uma parcela significativa dos estudantes do C. E. Pedro Macedo que ocuparam o colégio era do grêmio estudantil. Eles afirmam que entraram no grêmio porque tinham “propostas para a escola”, como horta, amostra cultural no intervalo, arrecadação de livros e, além disso, em oposição à proposta de um grupo que “só queria fazer festas”. Na fala de um dos estudantes:

M: É que a gente não queria só festa. A gente achava que o grêmio era mais do que festa e eles tavam indo na ideia dos alunos, pra ganhar, que eles iam fazer festa. Mas a gente sabia que não ia acontecer, tipo baile de primavera, baile de outono, não ia acontecer. E eles queriam ganhar com aquilo, aquela proposta. E também a gente tava num bolinho de amigas ali, falou “ah, uma amiga minha quer fazer uma chapa”, e a gente, a gente apoia a chapa dela e tal e daí começou o grêmio. Aí foi as eleições, o grêmio ganhou, e daí a gente entrou pro meio, né? Aí começou todo o movimento de ocupações no CEP. Foi no CEP, se não me engano, que começou. E daí veio a ideia pro Pedro Macedo (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 5).

A participação no grêmio estudantil é narrada como engessada, por ser atrelada à direção da escola, que, segundo os estudantes, não deixava eles gerenciarem a entidade de fato, reiterando a escola como este espaço da não-agência e o reforço do engajamento estudantil como desorganizado ou inconsequente (ABRAMO, 1997).

B: É que lá no colégio nem adianta ter grêmio, a diretora não deixa fazer nada então ter o grêmio e não ter é a mesma coisa.

A: Ela não dá [...]

B: Não porque o grêmio não tenta, mas porque a diretora não deixa.

A: [...] o grêmio na escola é tipo, “vamos ter pessoas pra ajudar a gente a fazer as coisas”. Tipo, a semana cultural não foi uma semana cultural que a gente não gostou, e a culpa ficou toda no grêmio. “Nossa, o grêmio fez a semana cultural, semana cultural mais chata que eu já vi”. E não foi a gente, a gente nem sabia que ia ter semana cultural. Aí a festa junina, “grêmio, vem ajudar a gente”, então o grêmio é mais isso (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 3).



Já o relato acerca dos professores e professoras pode ser entendido de forma distinta. Diferente da direção escolar, que, de forma geral, é entendida como distante e indiferente, os professores afetam os estudantes de maneira direta. Um professor é considerado bom ou ruim, de acordo com a atenção que dedica aos jovens e com seu desempenho no ofício de educador.

B: Eu brigava bastante por causa disso também. Na verdade, eu só era expulso de sala por causa disso. Porque os professores tentavam se impor demais perante todo mundo, e todo mundo ficava quieto, e todo mundo acabava sempre se ferrando, com nota e tal. E eu não ficava quieto, então eu acabava fora de sala. Mas até as pedagogas eram minhas amigas e me entendiam, então.. (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 19)

Eu me sentia tipo... uma qualquer pessoa ali. Sabe quando você passa pela rua, por alguém e tipo... 'dane-se você', 'não tô nem aí', era assim que eu me sentia por alguns professores. O que é uma sensação horrível. Sabe, você tá ali... cara, eu tô ali justamente pra ele me ensinar. Pra eu saber um pouquinho do que ele sabe. Ele trata com tanto desprezo, sabe. Então eu tive muitos altos e baixos com professor, sabe. Eu fui destratada por professores, mas já tive professor assim que só faltava me levar na porta da minha casa, sabe. Então eu tive muitos altos e baixos (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 03, 2016, p. 02).

O exemplo do professor que dá atenção para os estudantes é citado reiteradamente como o exemplo de um bom professor:

O que eu pensava do professor antes era uma relação de ódio ou amor[...] E é isso que eu sinto pelo meu professor de matemática, por exemplo, então o que me faz não gostar de um professor é a maneira como ele trata, sabe? É como se ele... ele não precisa ser seu amigo, mas se ele é legal contigo, se ele olha na sua cara, se ele...tipo...sabe... [...] Exatamente isso: ter empatia! [...] Ele te vê como uma pessoa que tem um potencial muito grande. Ele já falou que na nossa turma é a turma que ele tem maior desafio, que exige grande esforço dele e cara você saber de um professor que você exige esforço, que ele tem que se concentrar um pouco mais pra, não pra cativar, mas sabe, pra... sabe... não tem nem palavras meu, isso é incrível. Eu me sinto valorizado, eu me sinto um ser magnífico sabendo que meu professor de sociologia ele pensa duas, três vezes mais porque ele sabe que a minha turma ela pega mais forte assim, sabe. É mais crítica, é mais no tranco, isso me faz eu gostar de um professor. Agora um professor que entra na sala e não fala com o aluno, que não dá bom dia, que caga, anda, escreve a matéria e sai, aquele tipo de professor que tipo: dane-se você, meu salário tá lá no final do mês. Isso é ridículo... (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 03, 2016, p. 03-04).

Podemos afirmar, neste sentido, que o sentimento de reconhecimento por

parte do estudante é central em seu processo de aprendizagem, uma vez que os bons professores são aqueles capazes de ver os estudantes e estabelecer relações interpessoais com os mesmos.

A única coisa que eles sabem é encher o quadro de coisa...você pergunta... pro professor de história a gente pergunta: "professor, quanto vale mesmo o trabalho? " Ele não responde. Ele levanta, pega o giz dele, vira as costas e escreve no quadro. Por que certos alunos, não sei o que, não sei o que, não prestam atenção. Esculacha o aluno no quadro e fala: o trabalho vale 3 pontos. Custava ele falar: o trabalho vale 3 pontos? Sabe, a gente é tratado... a gente é menosprezado por professor mesmo assim, sabe? (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 03, 2016, p. 05).

Ademais, eles citam o reconhecimento do professor acerca do seu potencial de aprendizado como definidor de uma relação professor/estudante, como vemos adiante:

Acho que é por isso que eu não consigo aprender. Porque tipo, ele chega.. aí ele passa... e aí, tipo, daqui meia hora ele passa a resposta... eu tenho todos os vistos dele mas eu não sei nada.. não sei nem o nome dessa matéria que ele passa. Ele mesmo passa a resposta (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 02, 2016, p. 07).

Para além da percepção acerca da administração escolar e dos professores e professoras, os estudantes afirmam, de maneira geral, que a escola é um lugar sem vida, onde o espaço físico é frio e aumenta essa sensação de *distanciamento*: "eu sempre digo que a escola é fria... no sentido dela ser gelada, porque é muito frio mesmo e encana muito frio na escola, mas é tipo... eu acho que ela é fria em todos os sentidos [...], ela não tem um espaço acolhedor" (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 02, 2016, p. 14).

Eu não gosto daquela escola.... Do espaço físico.... Eu nunca gostei. É tipo.... Ela... eu não me sinto bem lá. É uma escola assim.... Tudo cores mortas. Cor pastel. Tudo. é uma coisa sem vida aquela escola. A única parte da escola que eu gostava era uma sala de artes que tinha.... Porque... eu tinha muitos momentos felizes naquela sala e deixaram a sala pra por livros e ninguém pode ter acesso... livros didáticos. Eles fecharam pra isso. O resto da escola é tudo igual.... Tipo, eu nunca me senti bem naquela escola. Principalmente

depois que o diretor colocou câmeras em todos os lugares da escola. Tem câmeras, em alguns lugares tem grades na janela: tipo na biblioteca tem grade na janela.... Todas as salas de baixo assim, sabe...tipo.... Eu me sentia uma presidiária (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 02, 2016, p. 16).

No que tange ao relacionamento entre os próprios estudantes, segundo as entrevistas, a escola tem papel de dissuadir as relações, ao invés de incentivar a convivência e a sociabilidade entre os jovens estudantes, uma vez que não há espaços de integração para além da sala de aula – que é considerada o espaço do silêncio e da não-interação - e dos intervalos – que são breves, reforçam a divisão e os *bolinhos*. Segundo as entrevistas: “A escola é dividida em bolinhos, é cada um no seu canto, ninguém se mistura, sabe? [...] menino é com menino, menina é com menina. Raramente a gente vê menino e menina juntos e sabe se tem é julgamento” (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 03, 2016, p. 6-7).

M: [...] E também acho que foi muito pessoal também, porque tinha pessoas da escola tipo o B, eu jamais imaginei que eu ia poder sentar assim numa mesa com o B, a gente almoçando, e a gente começar a conversar e dar risada junto. Jamais.

M1: Por quê?

M: A gente era de tipos diferentes.

B: É que no colégio ninguém se mistura, ainda mais que eles são técnico e eu era do regular, os recreios eram diferentes. Lá ninguém se mistura, é aquela divisão social.

M: Não se misturava, né?

M1: Mas divisão social, porque, B? O que que é essa divisão social?

B: Não sei, acho que igual o que acontece na vida, né? Os grupos de estereótipo. Pessoas que ouvem tal tipo de música, convivem junto. É a mesma coisa o colégio. É chato isso, é ruim (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 14-15).

Os estudantes que chegam a uma nova escola expressam a conformação destes grupos como rígida e excludente.

Então, costumava falar que a escola era minha droga, porque naquele momento eu tinha um escape assim. Eu tinha, eram 4 horas em que eu ia, me divertia, conversava com as pessoas, eu... sabe, era diferente. Eu não pensava nos meus problemas de casa, eu sabia que minha mãe tava lá casa, tava trabalhando e eu sabia que aquelas 4 horas era certeza que a gente não ia brigar, que a gente não ia ter nossos problemas, porque a nossa convivência não é muito boa e ia tá tranquilo. Isso talvez, também foi uma coisa que doeu muito, porque quando eu entrei no Barão não tinha muito isso.

Eu tinha problemas com grupinhos, entendeu? Eu tinha pessoas que eu odiava, odiava mesmo. Um medo, assim, um ódio, um medo. Uma coisa...pitoresca, chega a dar um pouco de nojo de falar. E antes da ocupação, sei lá, eu não me sentia ali, e isso doía muito porque eu tô numa fase, não sei a AK, não sei os outros adolescentes que tiveram aqui, talvez não seja fase, talvez não seja, mas eu tô naquela coisa sabe de qual é o meu lugar no mundo? Qual é o meu objetivo? Por que eu tô aqui? O que que eu vim fazer aqui? E não saber o porquê que eu tava ali, me sentir tão desconectado de um lugar, sabe? Aquilo era tão, era horrível (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 03, 2016, p. 09).

A escola parece ser autoritária até mesmo para os estudantes que têm uma trajetória longa nelas, e que se “destacam”. A forma como a escolha das turmas é feita, sem a participação dos próprios estudantes, é um exemplo citado nas entrevistas como um momento em que uma estudante, até então “queridinha”, que se sentia protegida pela equipe pedagógica e direção, sentiu-se impelida a cumprir ordens, sem explicação e sem possibilidade de contestação.

Eu estudei desde que eu entrei no Barão com as mesmas pessoas, na mesma turma. Eu era do A e eu passei pro B. Então, eu cheguei no A e quando eu vi que eu tava separada eu falei: ok, vamos tentar, né. Entrei na sala, sentei na carteira e eu chorei. Eu chorei, lágrimas escorregam literalmente pelo meu rosto e eu falava: que que eu tô fazendo aqui?, porque que eu estou nessa sala com essas pessoas?. Eu não me encaixava, eu olhava um grupinho lá no fundo e eu ficava tá, nunca vou falar com eles; na direita, nunca vou falar com eles; os de trás, nunca vou falar com eles. E foi assim durante um mês e meio. Eu sentava na carteira e a vontade que eu tinha era de chorar, constantemente [ênfase], era uma sensação horrível, horrível, sabe? Era tipo, aperto no peito muito grande e eu falava, cara eu não posso passar meu ano inteiro assim, sabe? (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 03, 2016, p. 09).

Um apontamento recorrente acerca da escola também é sobre a arbitrariedade com que as regras são aplicadas. Os estudantes não parecem revoltar-se com as regras em si, mas sim com o fato de que elas são aplicadas de forma discriminada, sem nenhuma margem de negociação, onde o controle é exercido pela equipe pedagógica e direção escolar.

O maior problema da nossa direção é: eles escolhem quem que eles vão pegar no pé. Eles têm os alunos escolhidos [...] então, sei lá, se for eu sem uniforme eles vão falar... mas se for uma outra amiga minha eles já não vão falar [...] sou meio queimada porque a direção nunca mudou desde que eu

entrei na escola, é a mesma pedagoga, é o mesmo diretor. É a mesma inspetora (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 02, 2016, p. 12).

Ser estudante, neste sentido, antes da ocupação, era considerado um processo negativo e desmotivante. É possível afirmar que este descontentamento não é característico dos estudantes, mas pode ser considerado da juventude como um todo, que se mobilizou em diversos momentos no último período, como vimos anteriormente. Este descontentamento pode ser relacionado a três fatores principais, segundo Aguilera Ruiz (2014):

Casi a un modo de mapa de la subjetividad juvenil en su relación con la política, sostenemos que al menos hay tres procesos socioculturales que inciden fuertemente en la forma en que los y las jóvenes chilenos (as) se vinculan con los espacios político-institucionalizados: - En primer lugar, un modo de relación adultocéntrico y paradójico en que la promesa de futuro se realiza sobre la base de hipotecar y ceder el presente. - En segundo lugar, la indiferenciación de proyectos políticos que se presentan en la sociedad chilena, y que no se reduce solamente al sistema electoral binominal y la consiguiente exclusión de ciertas “minorías”. Crise de representatividad - En tercer lugar, reconocemos un poderoso operador cultural que hace mucho tiempo viene reconfigurando las prácticas políticas y las relaciones intersubjetivas: el consumo (AGUILERA RUIZ, 2014, p. 44-45).

Podemos afirmar, ainda, que a insatisfação dos jovens com o atual sistema educacional se relaciona com o que as teorias críticas da educação tratam enquanto a noção de *aluno*, que remete ao “ser sem luz”, ou seja, ao sujeito que é “uma tábula rasa” em que o conhecimento é “depositado”, que não é considerado sujeito do processo no qual está inserido.

As diversas motivações citadas como mobilizadoras para o engajamento no processo de ocupação podem ser sistematizadas, neste sentido, como uma expressão de *descontentamento* com o ambiente escolar, sua administração e a forma com que a relação entre os estudantes é organizada “era um jeito de mostrar que não era legal isso aqui.... Ocupar a escola.... Foi isso que a gente fez. Ou, pras pessoas notarem” (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 02, 2016, p. 22).

Os sentimentos relatados em relação à escola antes da ocupação eram de *indiferença* e *impotência*. Acho importante salientar que a vivência escolar como algo

ruim afeta diretamente a autoestima dos jovens. Esse processo anterior às ocupações é destacado por todas as pessoas entrevistadas como a fase em que estavam cansadas, desmotivadas, indecisas e que influenciava negativamente a relação com suas famílias, seus projetos pessoais e planos futuros (BOLETIM JUVENTUDE INFORMA, 2014).

Pressão e cansaço. Antes da ocupação eu tava: não aguento mais estar nesse lugar, acabe logo que eu não aguento mais. Ainda pelo fato de: escola de manhã, almoçar no colégio, cursando a tarde. Era horrível. Chegava em casa morta. No final de semana eu faço escoteiro, e aí eu perdi a vontade de ir pro escoteiro porque eu tava cansada demais pelo fato de estar de manhã no colégio.... Sábado e domingo eu ficava, literalmente, sábado e domingo na cama. Eu só levantava pra fazer xixi. Nem comia. [...] Raiva eu não sentia, só sentia cansaço. Cansaço psicológico. Aí, minha mãe ficou super preocupada comigo, ela falou: “cara, o que que você tem?”. Ela achou até que era coração partido [...] quem dera fosse... eu só não aguento mais esse ano. Quero que acabe logo. Eu não aguento mais. Antes da ocupação era assim que eu tava me sentindo (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 02, 2016, p. 18).

A família, neste sentido, também é descrita por eles como incômoda, pois reproduz assimetrias e percepções do mundo pautadas em referenciais entendidos como *alienantes*. Uma estudante define seu processo anterior à ocupação como uma *bolha*:

A: A minha família é tipo de família que briga por política, mas briga e não sabe o que tá falando. Só briga por política, você apoia esse [...] não vem na minha casa. E também é o tipo de família que só vota porque é obrigatório. Então eu vivia dentro de uma bolha. A minha família assiste a Globo, o dia inteiro, acredita no que tá lá, então eu vivia numa bolha, aí eu comecei a participar do grêmio estudantil e lá tem várias opiniões, se expressa muito. Aí foi tipo, “nossa, não é do jeito que eu pensei que era”. E como o grêmio, a gente foi, teve assembleia de ocupar. E aí, foi aí que eu fui conhecendo mais de política, porque eu acho que assim, eu ainda estaria na minha bolha se não tivesse o movimento estudantil, com as ocupações, eu ia tá na minha casa, sentada com a minha família, vendo a família brigar por apoiar tal político. Então, foi assim que eu comecei... (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 2).

A: A minha mãe, eu moro com a minha tia, ela é muito protetora, então eu raramente poderia sair de casa, sempre que eu saia de casa eu tava com a M., os pais dela me levavam, me traziam. Então pra mim, pedir pra ela ir num ato, falar: “ah, vai ter manifestação”, pra ela era quebrar coisa, vandalismo: “depois vai tomar tiro de borracha e ia voltar pra casa em uma ambulância”. Então, se eu pedisse pra ela, ela não ia deixar.

M1: Mas e a tua mãe, aí ela criou essa ideia a partir de algum evento?

A: De televisão.

M1: Tá, mas aqui em Curitiba?

A: A manifestação, quando aumenta a passagem, que sempre tem esses rolos, a dos professores, do dia 29 também... (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 10).

As ocupações, neste sentido, são narradas como o momento em que os estudantes, insatisfeitos por todos estes motivos com a escola e com a família, decidem que querem mostrar as críticas que têm ao atual sistema educacional, que querem ser *vistos*. Assim, a ocupação é entendida como o momento em que a organização tradicional da escola é suspensa, bem como suas regras, em um processo ritual (TURNER, 1974) que expressa de forma performática a insatisfação com o sistema educacional brasileiro, bem como com a Medida Provisória 746.

Este sentido performático das ações políticas é definido por Aguilera Ruiz (2014) como essencial para a análise das práticas juvenis, porque elas se inscrevem como ações coletivas que não são estruturadas de forma racional com base em um único conflito, mas têm como fundamento os afetos dos sujeitos envolvidos, que insatisfeitos com a educação, neste contexto, se manifestam. Segundo o autor:

En el caso de los afectos, en ocasiones más que la adhesión a determinada causa son ciertos estados emocionales los que organizan los sentidos y permiten definir las prácticas. De esta forma, la protesta social es pensable no sólo como un espacio de visibilización de un cierto actor colectivo alrededor de unas demandas compartidas, sino que también se incorpora esta otra dimensión “terapéutica” que permite a los individuos procesar, descargar, escenificar ciertos procesos internos por los que atraviesan. Allí radica la potencia de la performance, juvenil en este caso; recrear la estructura dramática clásica del ritual (separación, liminalidad, reagrupación) a partir de la puesta en discusión de los propios objetivos que “unifican” a los participantes de una actividad (AGUILERA RUIZ, 2014, p. 41).

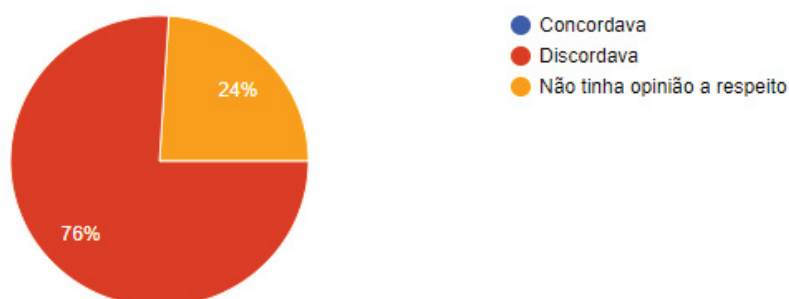
Os estudantes afirmam ainda que a MP 746, proposta pelo governo federal, iria “piorar ainda mais”, e que isso não era admissível: “Não é que a gente não quer uma reforma do ensino médio. A gente só não quer uma reforma do ensino médio que acabe com a nossa vida pra sempre, né?” (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 02, 2016, p. 59).

Segundo o questionário “Você ocupou o C. E. Pedro Macedo?”, uma parcela expressiva dos ocupantes conhecia e discordava da proposta da MP 746 e da PEC 241 antes das ocupações. É possível visualizar esses dados nos gráficos abaixo:

GRÁFICO 6 - OPINIÃO DOS ESTUDANTES SOBRE A MP746 ANTES DA OCUPAÇÃO

O que você achava da MP 746 antes da ocupação?

25 respostas

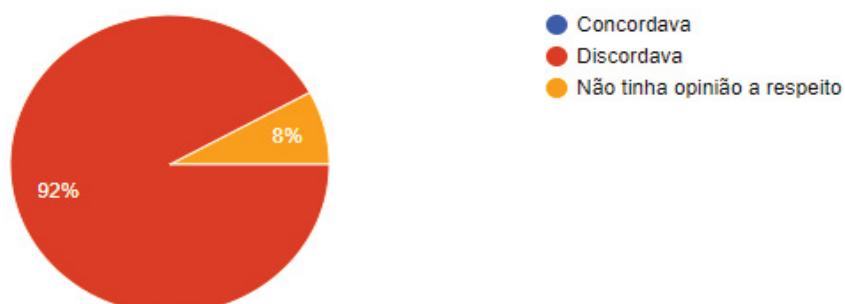


FONTE: QUESTIONÁRIO VIRTUAL “VOCÊ OCUPOU O C.E. PEDRO MACEDO?” (2017)

GRÁFICO 7 – OPINIÃO DOS ESTUDANTES SOBRE A PEC 241(55) ANTES DA OCUPAÇÃO

O que você achava da PEC 241 antes da ocupação?

25 respostas



FONTE: QUESTIONÁRIO VIRTUAL “VOCÊ OCUPOU O C.E. PEDRO MACEDO?” (2017)



Os estudantes, que já estavam insatisfeitos com o ambiente escolar e com suas trajetórias nele, ficaram *indignados* (VIDRIO, 2016) ao tomarem conhecimento da Medida Provisória 746 e a da Proposta de Emenda Constitucional 241.

Eu, como aluno do 2º ano do ensino médio, entendo que a educação necessita para ontem, de uma reforma, no entanto, essa reforma não pode ser realizada às pressas, sem o diálogo com os profissionais da educação e os alunos. Não é retirando matérias que fazem os alunos refletirem sobre a vida política, econômica e social da sociedade que vamos “salvar” a educação. As escolas não podem voltar a ser apenas para o filho do rico, pois com o ensino integral, aqueles que precisam trabalhar para ajudar a família terão de escolher o trabalho, crescendo assim o número de alunos que não concluem o ensino médio (SCHMIDT; DIVARDIM; SOBANSKI, 2016. Depoimento de estudante do IEEL - Londrina. p. 55).

A crítica dos estudantes à MP 746 se coloca, portanto, em oposição à possibilidade de mudança do sistema educacional proposta, pois em seu cerne ela não difere do modelo vigente – que não consulta os estudantes e não os reconhece, ou, como dizem, não lhes dá voz (HONNETH, 2013). Ou seja, um dos problemas é a forma com que ela foi colocada para a sociedade. Somada a isto, a retirada das disciplinas de Sociologia, Filosofia, Artes e Educação Física é listada como um dos pontos problemáticos da MP 746, pois são disciplinas que não estão voltadas diretamente para a preparação para o vestibular e para o mercado de trabalho, mas que desenvolvem a criticidade. Os estudantes afirmam que não querem uma educação mercadológica, onde o foco é o aprendizado da reprodutibilidade (LEÃO, 2014).

Podemos afirmar, neste sentido, que a mobilização contrária à MP 746 pode ser entendida como uma reivindicação identitária, na qual os estudantes afirmam que não são *vistos* – ou seja, sua subjetividade, aspirações e compreensão acerca da educação não são reconhecidos como legítimos – e de ordem estrutural, uma vez que são desconsiderados enquanto sujeitos de interlocução acerca dos rumos das políticas educacionais propostas para os próximos anos. As ocupações são, neste sentido, reivindicações bivalentes (FRASER, 1996).

Estas esferas são igualmente importantes e mobilizadoras, e, segundo Aguilera: “La movilización y protesta juvenil oscila pendularmente entre adscripciones

identitárias y conflicto social, y en su repertorio entre formas lúdicas y violentas, entre formas clásicas y otras emergentes” (AGUILERA RUIZ, 2014, p. 42).

## 5.2 A OCUPAÇÃO ENQUANTO *COMMUNITAS*

A decisão de ocupar é narrada pelos entrevistados como um processo de articulação entre os estudantes interessados, tentativa de convencimento dos demais, bem como de aproximação com outros colégios que já estavam ocupados. A articulação das pessoas interessadas aconteceu em reuniões presenciais e grupos de Whatsapp.

M: Teve o pessoal do grêmio que começou, não é que o grêmio apoiava as ocupações. Mas todo mundo que tava no grêmio, como que eu posso dizer...todo mundo que tava no grêmio apoiava as ocupações mas a gente não podia dizer que o grêmio apoiava as ocupações. Então começaram a ter as reuniõezinhas, por fora.

M1: Paralelas.

M: Aham, com o pessoal que apoiava as ocupações e eram do grêmio e mais alguns que não eram do grêmio, mas que apoiavam também (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 6).

Os estudantes afirmam que tentaram conversar com a direção sobre a possibilidade da ocupação e a diretora, ainda que inicialmente não dissesse explicitamente ser contrária, tentou dissuadi-los:

M: Só que ninguém sabia de nada, porque não tava certo que íamos ocupar porque a gente nem tinha feito assembleia ainda, nem tinha feito a assembleia no intervalo. Aí no outro dia eu chegando da escola, a gente já não tava mais no grêmio por causa de problemas com a antiga presidente. E daí eu cheguei assim e falaram: “ah, vai ter uma reunião agora do grêmio com a direção, na sala da diretora”. Aí eu sem saber de nada, falei: “vamos, né?”. A gente ficou cinco aulas tendo reunião com a direção e a direção explicando os motivos pra gente não ocupar, que ela não podia falar “ocupem”, mas dava a entender que ela apoiava a ideia, só que daí ela falou dos pães e das vinas que ela tinha comprado pro dia das crianças, que era uma forma dela segurar a gente. Então daí ela distribui os cachorros-quentes no dia 12, só que ela fez toda aquela cena de fechar a escola no dia seguinte. E a gente falou, a gente pensou com a gente, “ela não vai apoiar, ela só falou aquilo pra segurar a gente”. Aí antes do dia 12, foi dia 11 de noite, ocuparam a escola. E daí foi aí que começou o movimento (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 7).

As articulações seguiram adiante, a fim de convencer os demais estudantes da possibilidade da ocupação. Os estudantes que estavam se articulando fizeram uma assembleia em um intervalo para conversar sobre a MP 746 e sobre as ocupações e, segundo eles, a decisão de ocupar não foi majoritária:

B: [...] Que que aconteceu teve o recreio, a gente trancou todas as portas, eu e meu amigo, dos blocos, e todo mundo foi pra quadra, aí a gente colocou os microfones lá e as caixas e a gente fez discurso lá, explicando o que tavam fazendo com as leis, sobre a PEC, tudo e todo mundo falou. Acho que elas falaram também, pra explicar pro colégio, e pra eles entenderem. E a gente perguntou, quem que vai querer fazer, quem não. E o colégio não apoiou, simplesmente (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 6).

A participação dos estudantes na assembleia foi expressiva, segundo seus relatos e segundo as respostas ao questionário “Você ocupou o C. E. Pedro Macedo?”, em que a maioria das pessoas que ocuparam afirmou estar presente neste dia, a fim de dialogar com os demais estudantes, como demonstra o gráfico a seguir:

Mesmo depois da assembleia, não houve consenso sobre a ocupação. Segundo os ocupantes, a maioria dos estudantes não achava que a tática de ocupar o colégio surtiria os efeitos esperados, como muitos não queriam perder o calendário escolar, por causa da proximidade das provas como o ENEM e o vestibular da UFPR.

M1: E como que era assim, nesses rumores dentro da escola, vocês tinham assim gente contra, a favor? Como é que era?

B: A maioria era contra.

A: Por ser perto de um feriado, era meio que: “ah, eles vão ocupar, a gente não vai levar falta”. Mas tipo, disseram “vão ocupar o colégio” [...] tinha umas galeras que eram a favor, tinha muita gente contra, mas a maioria era a favor porque era uma coisa muito radical, sabe? Ocupar a escola! Então uma boa parte da galera foi a favor

M: Em partes.

A: É, em partes.

B: A parte da manhã era meio a meio, a tarde as mães ficaram bravas e a noite eles não queriam de jeito nenhum, porque era a galera mais velha.

A: Pessoal que trabalha (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 8).

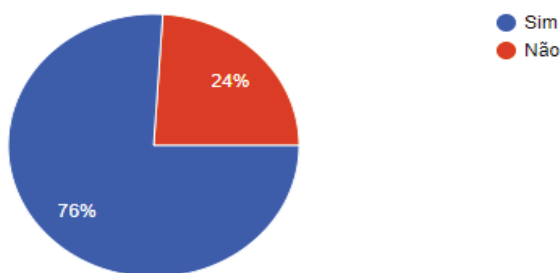
O grupo que estava se articulando decidiu seguir com a mobilização e foram no CEP observar a organização da ocupação, a fim de ter referências: “A ocupação do CEP foi a mais inspiradora pra ocupar o Pedro Macedo, inclusive antes de ocupar nos certificamos de ir no CEP pra saber como funcionava os rolês” (Questionário “Você ocupou o C. E. Pedro Macedo?”, 2017).

B: Isso, no grupo do whats. E já tinham rumores de ocupação em algumas Federais, né? Então já tinha outras coisas rolando. Mas nada muito certo, assim, era meio cedo. Mas foi mais ou menos isso, porque o CEP ocupou daí eles começaram a tipo, falar: “não, vamo ocupar”. Aí antes da gente ocupar, uma semana antes, essa galera, essas cinco pessoas, mais a Brenda, tinha a Brenda também. A gente pegou e foi fazer uma reunião no CEP, de manhã, pra saber tipo, que que a gente precisa, como que eles tavam fazendo, qual que era a organização. E a gente foi lá e anotou tudo assim (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 8-9).

GRÁFICO 8 – ADESÃO ESTUDANTIL EM ASSEMBLEIA ANTES DA OCUPAÇÃO

Você participou da assembleia que aconteceu na quadra do colégio antes da ocupação, que tratou da MP 746 e da PEC 241?

25 respostas



FONTE: QUESTIONÁRIO VIRTUAL “VOCÊ OCUPOU O C.E. PEDRO MACEDO?” (2017)

M: O CEP estava ocupado, a segunda escola do Paraná, se não me engano tava ocupada também. Só faltava o Pedro Macedo ocupar. Todo mundo tava esperando, porque ia ser uma força imensa com as três ocupadas. Então aí tava a força e a diretora não queria (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 35).

Um aspecto importante desse processo é o compartilhamento de informações entre os próprios estudantes através de visitas entre os colégios ocupados, que conformou uma rede de contato entre eles.

B: Eles fizeram uma roda e explicaram como dividir em setores, por exemplo, tais pessoas cuidam da saúde, tais pessoas cuidam da comunicação, tais pessoas cuidam dos problemas, tais pessoas são da comida, tais são da limpeza.

M: Comunicação, higiene.

A: Segurança.

B: Disciplina.

[...]

B: Isso, é que já tinha as pessoas. A gente já tava, já tava certo que a gente ia ocupar, a gente só tava reunindo dados pra saber como fazer da melhor forma, mais segura. Então teve esse dia, porque ia ter um ato, então a gente aproveitou pra fazer a reunião. Ai a gente saiu da reunião, foi pro ato, que foi ali na Santos Andrade, e depois do ato que a gente falou: “não, agora é a hora, já”. Já tinha bastante colégio ocupando, porque essa reunião não foi só com o nosso colégio. Eles reuniram todos os colégios que queriam saber como ocupar. Então foi a gente, teve colégio de Araucária, teve colégio de Fazenda Rio Grande (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 9).

No CEP havia versões impressas da Cartilha “Como ocupar um colégio? ”, disponíveis para os estudantes lerem, como afirmam na entrevista:

M1: E vocês ouviram, ou alguém mencionou, uma cartilha que foi feita no Chile, passou pra Argentina? Essa cartilha, de como ocupar uma escola? Foi mencionada?

B: Tava no CEP, essa cartilha.

M1: Ela tava no CEP?

B: Ela tava com outras coisas lá (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 9).

A referência no processo de mobilização chileno é destacada pelos estudantes como próximo às ocupações: “M: Eu, foi a ocupação do Chile também, né? Porque daí, querendo ou não, compararam as nossas histórias, então eu acho que o mais próximo que eu fiquei sabendo foram as do Chile” (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 44).

Depois da assembleia com os estudantes do C. E. Pedro Macedo, da visita ao CEP e da participação no ato, o grupo que estava articulando o debate no colégio decidiu que iriam ocupar, no entanto, rumores e posicionamentos da diretora tentando dissuadir a ocupação fizeram com que articulassem de forma coordenada por poucas pessoas, e parte dos estudantes envolvidos no processo não sabia de detalhes do que estava sendo planejado, como a data, mas sabia que a ocupação iria acontecer.

M1: Mas então, deixa eu só tentar entender, parece que não tinha propriamente uma coordenação que falasse.

B: Não, tinha, só que era escondido.

M1: Então, mas por isso, aí alguém sabia, alguém não sabia.

M: Uhum!

B: É que a gente não podia espalhar, então, quem sabia que ia ocupar aquele dia e que tava já planejando era eu e mais quatro pessoas. A gente sabia que ia ter a ocupação.

M1: Antes do dia das crianças?

B: Isso. A gente sabia que ia ter a ocupação aquele dia, como ia ser, o que precisava, a gente já tinha a lista de tudo, mas a gente não podia falar pra ninguém, porque qualquer coisa que você falasse surgia boato. Tipo, três dias antes da gente ocupar tava o colégio inteiro: “não, porque vão ocupar hoje e blábláblá”. Daí a gente falou: “não, vamos manter esse dia e daí a gente só entra” (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 7-8).

As redes sociais tiveram papel central nos processos de ocupação, uma vez que todos narram que grupos de Whatsapp foram criados para reunir estudantes contrários à MP 746 e organizar a entrada no colégio (TORINELLI, 2014).

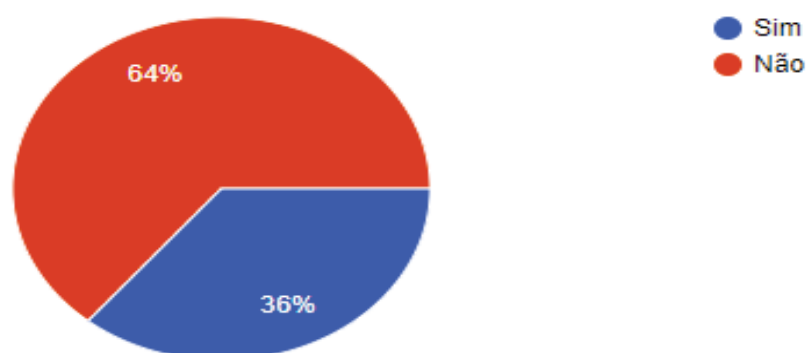
É curioso pensar que, neste momento, grande parte dos estudantes que estavam se envolvendo no processo não se conheciam, ou seja, eles estabeleceram relações de confiança a partir deste ponto em comum: “Acho que o que mudou foi a intensidade. Você teve que confiar, no primeiro momento, você teve que confiar só naquelas pessoas. Porque você sabia que se qualquer informação vazasse você tava ferrado” (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 03, 2016, p. 29).

Para muitos dos estudantes que se envolveram no processo de mobilização, essa foi a primeira *experiência política* (THOMPSON, 1981, *apud* MORAES, M; MULLER, R., 2003), como demonstram os próprios estudantes nas entrevistas e no questionário:

GRÁFICO 10 – PARTICIPAÇÃO EM MANIFESTAÇÕES ANTES DA OCUPAÇÃO

### Você foi em atos antes da ocupação?

25 respostas



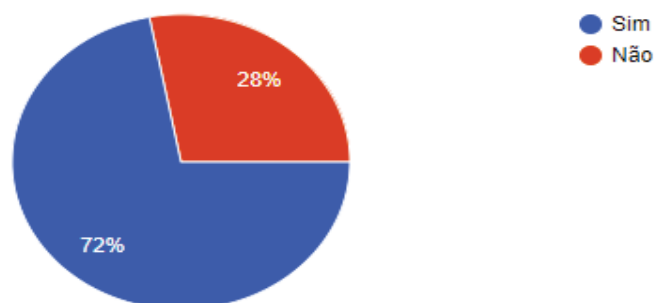
FONTE: QUESTIONÁRIO VIRTUAL “VOCÊ OCUPOU O C.E. PEDRO MACEDO?” (2017)

Os métodos utilizados para entrar nos colégios e deflagrar a ocupação foram diversos – como entrar pedindo para todos se retirassem do colégio, pular o muro, se esconder até o final do turno letivo. No entanto, o simbolismo da entrada é marcado nas narrativas como a primeira *vitória* dos estudantes. No dia 11 de outubro de 2016,

GRÁFICO 9 – ORGANIZAÇÃO DA OCUPAÇÃO PELAS REDES SOCIAIS

### Você participou de grupos de whatsapp pra organizar a ocupação?

25 respostas



FONTE: QUESTIONÁRIO VIRTUAL “VOCÊ OCUPOU O C.E. PEDRO MACEDO?” (2017)

os estudantes do C. E. Pedro Macedo entraram no colégio, no final do turno noturno e declararam que o colégio estava ocupado:

B: Na reunião de entrada tinha umas trinta, a gente invadiu com umas trinta pessoas. Eu não tava, eu tava fazendo cursinho solidário, ali na positivo, pra ir pra faculdade. E daí me ligaram no meio do cursinho: “ó, ocupamos, vem pra cá”. Eu já saí correndo do cursinho, aí eu cheguei lá já tinham entrado, mas tava tudo fechado as portas. A gente teve que abrir todas as portas com grampo e foi, nossa, a madrugada inteira, fazer a faixa.

A: A gente abriu todo o colégio, a gente viu cada pedrinha que tava quebrada, cada vidrinho e a gente fez uma nota com tudo que tava estragado no colégio. [...]

A: Fizemos uma ata.

B: Isso, aí a gente dividiu em pessoas, por exemplo.

M1: Foi a primeira coisa que vocês fizeram ao entrar?

B: Isso, rolou um, tipo, um piá foi lá, desligou todas as câmeras e tapou, eu fui abrindo porta (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 11-12).

S: o sentimento...Não, na hora que a gente entrou foi nossa [suspiro profundo] uma felicidade... a gente começou a correr....

K: a gente nem pensou o que a gente ia fazer lá dentro, gente só pensou: “eu quero entrar”.

S: exato, o nosso maior problema era entrar. A gente foi partes.

[...]

S: é.... a gente se abraçou. Todo mundo não conhecia ninguém, mas todo mundo ficou.... Tipo “ah! Conseguimos! Vitória!” (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 02, 2016, p. 28-29).

Podemos considerar a ocupação, desta forma, como um momento de liminaridade, em que os estudantes se veem de uma forma distinta da posição “normal” e há uma *elevação de status*. Turner (1974) trata destes momentos como “a liminaridade que caracteriza os ritos de elevação de ‘status’ nos quais o sujeito do ritual, ou o noviço, é conduzido irreversivelmente de posição mais baixa para outra mais alta, em um sistema institucionalizado de tais posições” (TURNER, 1974, p. 202).

Este processo pode ser identificado no próprio relato dos estudantes, que ao tornarem-se *ocupantes* e construtores de um *movimento político*, se apropriam da escola e estabelecem uma forma alternativa de funcionamento, onde as normas convencionais e hierarquias são suspensas e ela se torna um novo *território* (MELUCCI, 1996 *apud* NAUJORKS, SILVA, 2016; SANTOS, 2005).

*Ocupar* o colégio se coloca, desta forma, como a ação que reúne os insatisfeitos, bem como os aproxima e estabelece pontos em comum, criando o



reconhecimento destes enquanto ocupantes – e não mais como colegas ou alunos. Para além disto, o entendimento expresso por eles acerca da ferramenta ocupação é de que ela tem caráter *radical*, uma vez que consegue paralisar a educação atual – que é ponto de insatisfação –, bem como explicitar o desacordo com a medida proposta. Aguilera Ruiz (2014) inscreve as ocupações de escolas e universidades como exemplo do repertório de mobilização juvenil contemporâneos, com base em seus estudos sobre o movimento estudantil chileno:

En síntesis, las modalidades de presencia y visibilidad de la acción colectiva juvenil está modificando el repertorio de movilización y acciones de contestación juvenil al menos en tres procesos articulados entre sí: - El paso de una protesta social masiva, a la acción específica de grupos encarando directamente y sin mediaciones institucionales a sus objetos de demanda. - Una reconfiguración de la espacialidad política en la que se manifiesta el conflicto, en tanto ya no se recurre sólo a la tradicional marcha o desfile en lugares céntricos, sino cada vez más se desarrollan acciones descentradas geográficamente y muchas veces replegadas hacia el interior de espacios semi-públicos (colegios y universidades en toma) - La sustitución de planificaciones centralizadas a acciones de protesta localizadas que desde una visión externa parecen espontáneas pero que requieren una gran coordinación como son las movilizaciones estudiantiles (AGUILERA RUIZ, 2014, p. 43).

Na ocupação, o “conceito de sala de aula” e da escola são suspensos. Segundo os próprios estudantes, esse conceito pode ser definido como “um professor dando aula no quadro e alunos sentados em fileiras, quietos, ouvindo o que ele tem a dizer, que aquela é a verdade absoluta” (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 01, 2016, p. 29).

Foi muito bom quando a gente conseguiu entrar... só o fato de entrar na escola... nossa, já parecia uma escola diferente [...] agora sim era uma escola minha....Antes não era [...] sentia ali que tinha controle de alguma coisa. A gente finalmente tinha voz (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 02, 2016, p. 33).

O momento de entrada no colégio é descrito nas entrevistas, assim como era no colégio em que acompanhei a ocupação, como simbólico por representar esse processo em que os estudantes se reconheceram na escola. Depois de entrar no colégio os estudantes se reuniram em assembleia para pensar em como iriam dormir,

quais as salas de aula estavam abertas, como se distribuiriam para permanecer dentro do colégio.

A: Eu acho que nosso primeiro conflito foi na primeira noite. A gente teve a primeira assembleia pra decidir o que cada um ia fazer. E eu cheguei lá: “eu vou embora daqui a pouco, né?”. Meu primo não voltou pra me buscar e eu tive que dormir no colégio. Aí a gente tava lá e [...] base. Qual base cada um vai ficar? Eu peguei e falei o seguinte: “minha família tá viajando, posso ficar bastante, quero ficar na segurança”. Aí dividiram e foi: “ah, tem muita pouca gente na parte da higiene” e eu: “não, eu ajudo também. Não vou ficar só na minha parte”. Faltou gente na parte higiene e tem muito pouca menina na segurança. Aí falaram: “ah, se eu estiver aqui eu ajudo”, porque a segurança tinha só menino, e a gente descobriu que tinha que ter menina lá.

B: Depois só tinha menina também, chegou uma hora que tinha muita menina (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 24).

Tinha uma sala que era uma última do corredor que a gente fez a sala das comissões, então, tipo, as carteiras que, tipo, que é tudo enfileiradinha, a gente, tipo, desorganizou tudo, fez uma mesona enorme, como se fosse aquela mesas de jantar, sabe? Tipo, fez duas mesonas daquelas...fez uma divisão no meio, ficou muito engraçado, a gente fazia os cartazes lá, organizava as coisas, a gente, acho, fez uma reunião lá também, tipo...foi uma sala que, tipo, eu tive a ideia e eu adorei [risos] tipo, a gente desconstruiu todo o conceito de uma sala de aula e fez, tipo, um...outra coisa pra outro fim (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 01- p. 29).

Este processo de organização do espaço escolar é importante porque ritualiza o processo de ocupar, literalmente, ressignificando o espaço escolar, que se torna seu *território*. Os conflitos, segundo eles, faziam parte do cotidiano da ocupação. No entanto, eles conseguiam criar entendimentos com base nas diferenças, de forma a todas as pessoas envolvidas se sentirem participantes.

B: Foi um exercício. Foi de todo mundo, a gente tem que se entender, entendeu? No começo era meio difícil. Na verdade, foi fácil porque a assembleia foi só pra ocupar. Aí depois, quando era tipo, pra decidir o que cada um ia fazer, dia-a-dia, aí tinha bastante conflito. Mas daí a gente: “a gente tem que se entender”.

M: Mas não era conflito tipo: “só eu tô certo ou só você tá certo”, não. A gente ia conversando, até eu ceder um pouco, você ceder um pouco e a gente entrar em um consenso. Então ninguém saía um virado... (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 24).

A rotina da ocupação é descrita como cansativa, tanto por esse exercício de participação ativa dos ocupantes, quanto pelo enfrentamento com a direção e com

grupos de alunos e grupos externos que se opunham à ocupação. As tarefas eram distribuídas diariamente entre os estudantes que estavam na ocupação.

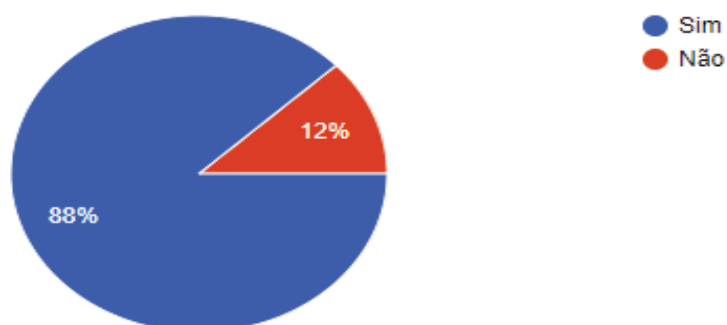
Tinha os responsáveis de cada área e seu grupo. Tinha os grupos de segurança, que cuidavam da portaria e de todas as entradas, o grupo da comunicação que viviam com rádios pra se comunicar e eram quem normalmente faziam entrevistas e falavam com as pessoas, tinha o grupo da limpeza que limpava o Colégio inteiro todos os dias, tinha o grupo da cozinha que eram os responsáveis por todas as refeições e o estoque (Questionário “Você ocupou o C. E. Pedro Macedo?”, 2017).

Segundo as respostas do questionário “Você ocupou o C. E. Pedro Macedo?”, é possível afirmar que parcela expressiva dos ocupantes participou das tarefas de organização da ocupação, como demonstra o gráfico abaixo:

GRÁFICO 11 – PARTICIPAÇÃO NAS TAREFAS DA OCUPAÇÃO

**Você se inseriu nas tarefas de organização da ocupação?**

25 respostas



FONTE: QUESTIONÁRIO VIRTUAL “VOCÊ OCUPOU O C.E. PEDRO MACEDO?” (2017)

Dentre as tarefas destacadas por eles no questionário, vemos que a maior parte dos estudantes participou das atividades relativas à segurança, alimentação e limpeza/higiene, de forma rotativa. Os estudantes responsáveis pela comunicação eram, muitas vezes, os mesmos responsáveis pela organização da ocupação. O cotidiano de tarefas na ocupação era intenso, segundo os ocupantes.

B: Era cansativo. Eu era líder de comunicação, só eu era de comunicação, então aparecia problema lá: “é o B.”.

M: Era tudo o B.

B: Toda hora, ela ficava lá na frente aí ela mandava: “B, vem”, “B, vem”. Eu não dormia praticamente. Eu passei eu acho que umas 74 horas acordado no começo, porque ia deitar aí tinha ataque de bomba dentro do colégio, pau, aí cê já ficava acordado. Aí ia dormir um pouco de dia e chegava pessoa zoando.

M: Aí nem todo mundo podia dormir na escola também, então eram poucos que dormiam na escola. Eles tinham que se revezar, dormir meia hora

B: Eu fiquei duas semanas direto assim, no colégio, sem ir pra casa. Ia pra casa, tomava um banho e voltava. Até que rolou chuveiro no colégio, aí eu fiquei direto. Aí no máximo... (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 13).

A: Eu sou fresca pra comida. Então eu lá, eu não comia, eu não dormia, porque eu era segurança. Tinha que ficar uma menina acordada e um menino também, porque se chegasse alguém, menina revistava menina e menino revistava menino. Então tinha que ter uma menina acordada sempre e eu me disponibilizava porque tinha gente que trabalhava, tinha gente que morava longe...então eu tava do lado, aí eu ficava lá. E eu tomo muito café, e eu fiquei muito doente por não dormir e não comer, daí eu ia dia sim, dia não (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 14).

A relação com as direções escolares é narrada, muitas vezes, como tensa. No C. E. Pedro Macedo, como já mencionado, a diretora foi ao colégio durante a ocupação e houve desentendimentos dos ocupantes com ela, que se posicionou explicitamente contrária ao movimento.

M: É porque foi muito assim. A gente falava assim: “você pode entrar na nossa ocupação, mas tem algumas regras da ocupação”. Porque a gente sabia que a gente podia ter essa autoridade sobre a ocupação. Então, já que você é aluno, beleza, mas vai ter que entrar, vai ter que ser revistado. Não pode entrar com tais objetos, e se tivesse com os objetos ficava presos comigo, e a pessoa só saía, depois, entregava. Só que tinha uma revista.

A: A gente ficava com a carteirinha.

M: Tinha muitos fumantes que iam lá, então eu ficava com o isqueiro, ficava com o maço de cigarro e com algum documento. Então a pessoa entrava, mas aquilo dali ficava comigo ali na frente, e eu anotava. Então, nossa digníssima diretora, ela se achava superior. Então, ela não quis ser revistada, ela achou isso um absurdo. Só que daí gerou os conflitos (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 32).

A diretora articulou um processo de mobilização contrária à ocupação, com pais e estudantes que não estavam de acordo com o movimento. Durante a ocupação este grupo organizou atos para forçar a desocupação, nos quais outros grupos, como o Movimento Brasil Livre (MBL), participaram, dando repercussão para a situação.

M: Aí eu passei na ocupação. Quando todo mundo começou a chegar, eu tinha que ir embora. Eu falei: “como que eu vou deixar a minha família aqui sozinha e vou ir pra minha casa? Que que eu vou fazer em casa?”. Peguei o ônibus, fui até o terminal do Pinheirinho. Me ligaram desesperados: “M., não sei o que, tenta chamar reforço. Chama todas as ocupações pra cá porque vão invadir”. Na mesma hora eu peguei o mesmo ônibus, voltei pra ocupação. Aí foi o dia que teve, acho que mais pessoas lá na frente. Eu não lembro se a C. foi, acho que a C. tava.... que daí todo mundo, acho que a gente conseguiu reunir umas 300 pessoas na frente da escola, pra mais.

B: Tinha mais.

M2: Pra defender a ocupação?

M: Pra defender a ocupação. Os professores...

B: Pais, professores, movimento antifascista, tudo. Porque o MBL tava lá junto com a nossa diretora.

M: Eles tiraram fotos juntos.

B: Eles tacaram bomba na gente. Eu tenho vídeo das bombas e tenho as fotos também, eu tava junto.

M: Tacaram rojão junto da escola (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 25-26).

Este dia em que o MBL participou do ato desocupa foi bastante noticiado pelos apoiadores das ocupações como uma tentativa violenta de desarticulação. Os estudantes afirmam que os professores e a própria diretora não tinham dimensão da atividade, pois não conheciam o MBL e acreditaram que eles estavam “bem-intencionados”.

M: E daí os professores, a diretora da escola, disse que era que eles tavam se reunindo pra decidir pra qual lugar eles iam ter aulas a partir daquele dia. Só que com o MBL e uns dois dias antes a gente teve uma [...] A gente - eu e a M., a gente teve reuniões com uma aluna que estuda de noite e um professor. Então aí eles começaram a tentar fazer com que a gente desocupasse por livre e espontânea vontade. A gente chegasse um belo dia, olhasse pra eles e falasse o que eles queriam ouvir, né? “Vamos desocupar hoje”. E a gente falou que não, que não era assim, que a gente decidia em assembleia e tinha que decidir todo mundo. E o tempo, dá umas duas horas e conversa. E daí, tá. Deu dois dias depois, começaram os atos desocupa. Que eles queriam que a gente desocupasse à força. Aí teve esse ato grande e o professor me mandou uma mensagem no outro dia: “parem porque senão alguém vai acabar se machucando”. Porque eles colocaram o MBL no meio, mas eles não sabiam que eles não iam conseguir controlar o MBL. Eles acharam que era uma ajuda, só que na verdade eles só queriam destruir a escola e acabar machucando a gente (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 26).

Os estudantes ora tratam a diretora como ingênua e desinformada, como acima, ora como deliberadamente intencionada em desarticular o processo de

ocupação. A incerteza de que ela era uma apoiadora do movimento, no início do processo, se converte em uma rejeição dela enquanto gestora do colégio. Os confrontos com a diretora se estenderam para além da ocupação, segundo os estudantes, pois ela envolveu vizinhos da escola no processo de amedrontamento.

M: É porque tinha uma pessoa, que tinha contato com a diretora da escola, que morava no prédio do lado. Do lado, aqui, e atrás também tinha outra pessoa. Então, se a gente tava andando de bicicleta pelo estacionamento, de repente aparecia uma foto num grupo de qualquer sala: “aí, não sei o que, o fulano de tal, foi ocupar a escola pra andar de bicicleta”. Então tava muito pegado, ali. Então, foi muito assim, o pessoal da segurança precisava se manter acordado, mas eles não tinham...o café já não tava mais fazendo efeito pra eles, então eles começaram a jogar um joguinho aqui, ouvir uma música ali, conversar (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 31).

Os ocupantes, para se manterem ativos e diminuir esta pressão interna e externa organizavam atividades lúdicas e esportivas no colégio, que também faziam parte da apropriação deste enquanto um *território* (SANTOS, 2005), pois eles praticavam as atividades em locais normalmente proibidos, além de definir os momentos de jogos e lazer de acordo com sua disposição, e não segundo a distribuição de matérias do cotidiano escolar.

A: Porque a gente já tava sobrecarregado, era muito pressão. E daí então, qualquer coisinha que a gente pudesse distrair, a gente tava se distraindo. Então o pessoal da segurança. Pra se manter acordado, eles começaram a ouvir música, começaram a conversar e contar piada, pra eles se manterem acordados.

B: Eu fiz esse papel do chato várias vezes.

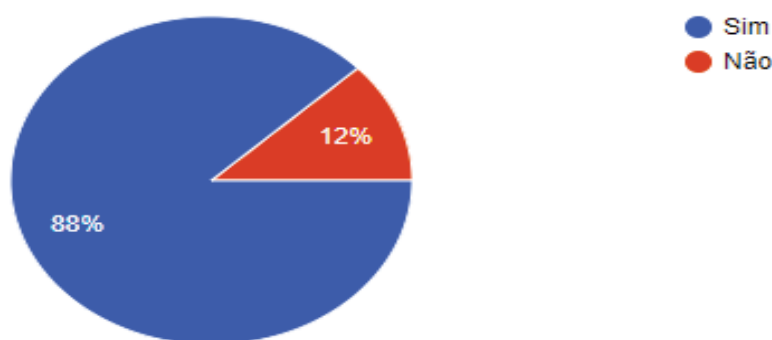
A: A gente brincava de esconde-esconde... (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 31).

Além destas atividades físicas e esportivas que os próprios ocupantes praticavam, os grupos e pessoas que apoiavam as ocupações se ofereceram para fazer atividades com os ocupantes, chamadas de *oficinas*. As oficinas eram os espaços educativos por excelência das ocupações, nos quais as regras escolares de professor explana e estudantes escutam eram subvertidas, tanto pela escolha dos temas, que eram diversos, quanto pela metodologia, em que sentavam em roda e debatiam, de maneira igualitária, com a pessoa que facilitava o espaço.

GRÁFICO 12 – PARTICIPAÇÃO NAS OFICINAS DA OCUPAÇÃO

### Você participou de oficinas na ocupação?

25 respostas



FONTE: QUESTIONÁRIO VIRTUAL “VOCÊ OCUPOU O C.E. PEDRO MACEDO?” (2017)

As oficinas tiveram temas diversos, como a democratização da mídia, a juventude e os movimentos sociais, a associação e participação política, bem como aulas preparatórias para o vestibular e de conhecimentos gerais.

[...]Chegavam pessoas na escola “do nada” e falavam pra gente “Oi, trouxe comida pra vocês. Continuem lutando! Ocupar e resistir”. E essas pessoas, que eu não conhecia e que levaram uma ajuda, me deram ainda mais forças para continuar. Isso me fez ver algo até além de uma família (SCHMIDT; DIVARDIM; SOBANSKI, 2016, Depoimento de estudante do C.E. Presidente Lamenha Lins - Curitiba, p. 59).

M: A gente tinha regras, lá na ocupação, que a gente seguia. Mas a gente podia ser a gente, a gente podia chegar e se cumprimentar que ninguém ia olhar a gente estranho. A gente podia chegar e fazer brincadeiras. A gente entrava numa sala de aula e tinha pessoas dando palestras, ou conversando com a gente, o pessoal do MST quando foi conversar com a gente, a gente sentou no chão, fez uma roda de conversa, tomou um café ali. A gente aprendeu muito ali. Coisas que dentro de uma sala de aula, todo mundo sentadinho e o professor só falando, a gente jamais ia aprender (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 37).

As oficinas destacadas pelos ocupantes como favoritas:

Foram muitas, mas gostei bastante de democratização da mídia e também a de bolha de sabão; Que nós éramos vendados e falavam sobre a ocupação; As oficinas de debates; de pintura; Rodas de conversas; aula de redação, matemática e desenho; jornalística, onde ensinaram a escrever manchetes e textos; de dança de rua e a roda de conversa com a galera do MST; Sobre poesias; Gostei de todas na verdade, mas acho que em especial a de fanzine; Um Aulão que teve de Sociologia” (Respostas sobre oficinas - Questionário “Você ocupou o C. E. Pedro Macedo?”, 2017).

A ocupação também reuniu estudantes que não se inserem com facilidade no cotidiano escolar, mas que tiveram papel protagonista no processo.

M: A gente nunca imaginou que ele imaginar que ele ia cozinhar pra gente na vida da escola, assim.

A: Eu nunca imaginei ver o N. na ocupação com um papel importante.

M1: Quem é o N.?

A: O N. é um menino que ouve funk, vai pro rolê, ele bebe, ele gazeia aula, ele tá “lá embaixo”.

M: Ele joga bola o dia inteiro na escola.

A: Ele joga bola o dia inteiro, tá sempre com os amigos ele. A gente era do mesmo círculo do N., só que ele só jogava bola o dia inteiro (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 18).

Os estudantes afirmam que a ocupação tinha uma *organização horizontal*, ou seja, todas as pessoas envolvidas tinham tarefas e possibilidade de falar. Acredito ser importante destacar essa possibilidade de fala como importante para os estudantes, uma vez que é a reclamação mais recorrente acerca da dinâmica escolar: que eles não têm voz. A ocupação, neste sentido, se coloca como a antítese da dinâmica escolar, como o momento em que todas as pessoas têm voz. Os estudantes destacam a ocupação como o melhor momento de suas vidas, pois, apesar dos conflitos, se sentiram livres para se *expressar*.

B: Foi bem construtivo, assim, eu acho. Foi a concretização de um pensamento. Foi aquela coisa, você tem aquele sentimento de revolta dentro de você, você nunca teve a oportunidade de, sabe, realmente botar pra fora, e ali a gente teve. Todo mundo teve. Até quem não tinha tanto, não tinha coragem, tomou partido e tipo, berrou, gritou e se expôs, sabe. Eu acho que foi bom pra todo mundo. Pessoas que eram tímidas deixaram de ser, começaram a socializar mais. É, foi muito construtivo, foi uma experiência



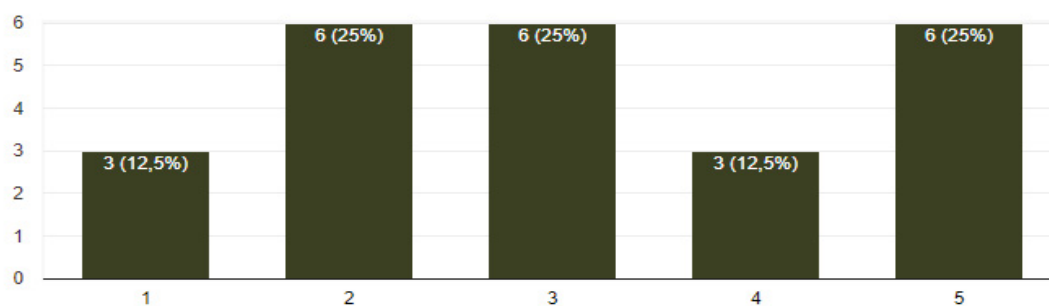
bem rica porque foi muito intensa, foi muito rápido, foi... (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 13).

Ainda que houvessem divergências sobre as decisões a serem tomadas e em relação aos encaminhamentos, os estudantes demonstram, de forma geral, que a horizontalidade e os espaços decisórios foram importantes na ocupação, como vemos nos gráficos a seguir:

GRÁFICO 13 – PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA OCUPAÇÃO

Você acha que todas as pessoas que ocuparam tinham voz na ocupação?

24 respostas

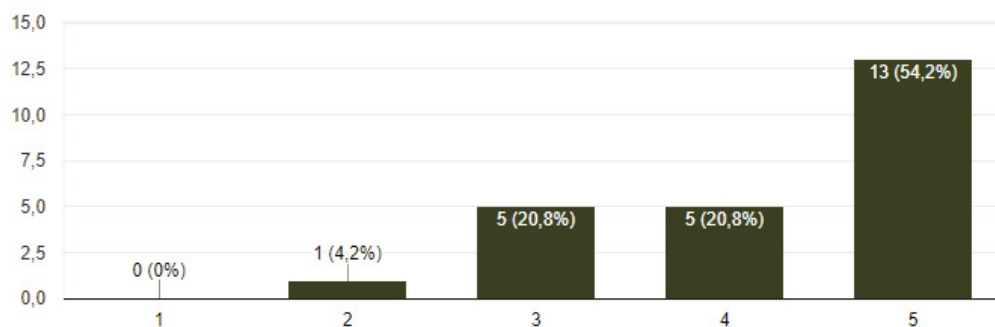


FONTE: QUESTIONÁRIO VIRTUAL “VOCÊ OCUPOU O C.E. PEDRO MACEDO?” (2017)

GRÁFICO 14 – ASSEMBLEIA E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA OCUPAÇÃO

Você acha que as assembleias eram o espaço onde as decisões eram tomadas na ocupação?

24 respostas

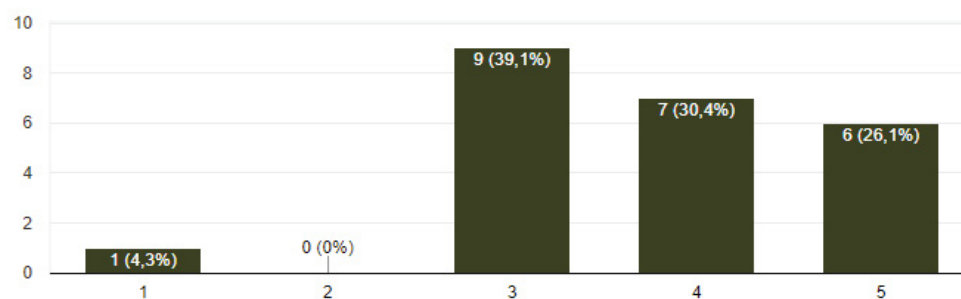


FONTE: QUESTIONÁRIO VIRTUAL “VOCÊ OCUPOU O C.E. PEDRO MACEDO?” (2017)

GRÁFICO 15 – ORGANIZAÇÃO HORIZONTAL NA OCUPAÇÃO

Você acha que a ocupação tinha uma organização horizontal?

23 respostas



FONTE: QUESTIONÁRIO VIRTUAL “VOCÊ OCUPOU O C.E. PEDRO MACEDO?” (2017)

Como demonstrado nas respostas ao questionário “Você ocupou o C. E. Pedro Macedo?”, ainda que os estudantes reconheçam assimetrias entre os participantes, identificam o processo de ocupação como horizontal, ou como participativo, em que havia espaços para o diálogo e para as decisões políticas serem tomadas de forma coletiva.

Quando tratam sobre as relações entre eles na ocupação, todas as entrevistas enfatizam que a noção que melhor representa o que aconteceu com eles é a

constituição de uma *família*. Podemos afirmar que esta noção de *família*, construída nas narrativas dos jovens, se baseia em sentimentos de acolhimento, conforto e compartilhamento de confidências.

M: A gente se tornou uma família em quatro semanas, porque um dependia do outro ali o tempo inteiro, então a gente aprendeu muito um com o outro. “Ah, a gente vai falar sobre a PEC”. “ Tá, mas você sabe o que é a PEC? ”. “Não”. “Então beleza, vamos sentar aqui, vamos conversar e vamos debater sobre isso”. Aí chegava quem sabia mais, que normalmente era o B., ou a B., e as outras meninas, e elas começavam a explicar pra gente o que era. Porque a gente tava lá e a gente sabia que todo mundo achava que ninguém ali de dentro sabia realmente porque que tava lutando, então chegava lá e a gente queria que qualquer um pudesse ir lá no portão e falar sobre. E também acho que foi muito pessoal também, porque tinha pessoas da escola tipo o B., eu jamais imaginei que eu ia poder sentar assim numa mesa com o B., a gente almoçando, e a gente começar a conversar e dar risada junto. Jamais (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 13-14).

Foi a melhor família que eu já tive na minha vida. A melhor família que eu tive na minha vida. Foi onde eu me senti aceita do jeito que eu sou. É.... onde eu me senti amada, respeitada. Onde eu senti o interesse das pessoas em mim. Onde em me encontrei (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 03, 2016, p. 29).

Assim, é possível perceber como a afetividade é um mobilizador de destaque explicitado pelas entrevistas, e que, segundo Aguilera Ruiz:

La afectividad es un componente importante en las motivaciones para participar de una u otra agrupación juvenil. Los sentimientos que experimentan y sienten los jóvenes está estrechamente relacionada con los vínculos de amistad, de amor, de pareja y de compañerismo que van construyendo en la medida que se hacen parte de instancias de participación. Dichos vínculos generan mejores relaciones entre la gente que se reúne, y este bienestar es producto de las interacciones que se generan dentro de cada agrupación. Esta afectividad que sienten con sus organizaciones está relacionada con los valores compartidos, el encuentro con personas con similares experiencias, con la posibilidad de generar lazos de amistad dentro de ellas, todo lo cual permite construir proyectos mayores. Y aunque la amistad no sea la motivación que “los lleva” a involucrarse, sí es un proceso que tarde o temprano aparece en las relaciones cotidianas que establecen y va perfilando no sólo una imagen de los demás sino que también caracterizando al conjunto de la grupalidad (AGUILERA RUIZ, 2014, p. 46-47).

Para além da relação entre eles, destacam o processo de aprendizado durante a ocupação e o sentimento de protagonismo. Igualmente importante é a noção

de pertencimento em relação ao ambiente escolar, que foi alterada durante a ocupação, porque passaram a identificar o colégio enquanto sua casa: “foi a nossa casa, foi o lugar onde a gente mais tinha prazer de estar, mesmo de vez em quando rolava as treta, mas era realmente isso” (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 01, 2016, p. 28).

Como eu disse antes, eu não tinha a mínima vontade nem de descer da minha sala, porque eu não gostava do pátio, mas depois assim acho que se tornou um local maravilhoso, tipo, porque “casa”. A gente começou a tratar a escola como “nossa casa”. Como a Julia disse: “ah, duas salas...” mas duas salas não é suficiente, se é uma casa pra vinte pessoas tem que ter espaço. A gente foi, deu um jeito, conseguiu a abertura das salas. E fez dali a nossa casa, fez dali a nossa moradia, fez dali... acho que a nossa convivência do dia a dia era necessário daquilo e aquilo era necessário da gente (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 01, 2016, p. 31).

Os espaços tinham outros significados, como vimos anteriormente, não mais como salas de aula. A divisão espacial da escola se tornou a própria *casa*, onde os ocupantes conviviam em um cotidiano baseado nos momentos de acordar, comer e dormir: “a nossa rotina sempre foi muito básica, eu, tipo, levantava sete, seis da manhã, então arrumava umas coisas, fazia café, recebia a galera que ia chegando, depois já...as onze da manhã começava a fazer o almoço e por aí vai” (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 01, 2016, p. 27).

No começo da ocupação as tarefas foram divididas entre comissões para realizá-las, de modo que todas as pessoas que estavam na escola contribuíssem com algo. No entanto, as entrevistas evidenciam que essa dinâmica durou pouco tempo e as tarefas se mesclaram, ou foram divididas com base nas “aptidões”:

M: É, porque teve um tempo que todo mundo queria ser só da segurança. Acho que todo mundo só quis ser da segurança, porque o pessoal ficava lá na frente, e eles só queriam ser da segurança. E as outras equipes estavam muito desfalcadas. A da higiene, tava assim...aí teve um tempo também que as meninas da cozinha pararam de ir daí a gente teve que se revezar...e todo mundo só queria ser da segurança, segurança, segurança.

B: Aí de repente ninguém queria mais ser da segurança porque ninguém dormia na segurança.

M: E daí que começaram as divergências.

A: A gente teve que sentar e conversar (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017. P.17).

S: Ah, sempre tem o que faz mais, né? As comissões deram certo por um tempo, não dois dias, a primeira semana, ela deu certo.

P: Porque era pouca gente, todo mundo tinha que fazer tudo.

S: Exatamente. Nós éramos poucos e todo mundo fazia tudo. Não tinha um que fazia mais ou menos (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 02, 2016, p. 43).

As entrevistas enfatizam o cuidado com o coletivo, com o espaço da escola, com a dinâmica da ocupação, como sobressalentes ao próprio cuidado. Vários estudantes descrevem que ficaram dias sujos, porque não dava tempo de tomar banho ou não tinha chuveiros suficientes na ocupação, em detrimento de manter o espaço limpo e acolhedor:

B: Eu fiquei duas semanas direto assim, no colégio, sem ir pra casa. Ia pra casa, tomava um banho e voltava. Até que rolou chuveiro no colégio, aí eu fiquei direto. (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017. P.13).

P: Tipo, minha irmã falava que estava parecendo um zumbi. “Olha pra você, você tá acabada”. E eu não ligava. Ela falava: “Meu, olha esse cabelo”. Ela falava, “tá, você quer ficar aí, mas pelo menos...” Só que é coisa que não dá tempo.

S: São coisas que não são prioridades.

P: Não são prioridades

S: Eu nem penteava os cabelos (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 02, 2016, p. 53).

Neste sentido, podemos apreender a escola como o *território* deles, em que eles limpavam e, a partir deste trabalho e das oficinas, se sentiam *ocupando* a escola, de fato.

M: “é só uma caneca aqui que eu tô bebendo um chá”. Mas na ocupação, se faltava uma caneca, uma pessoa ficava sem tomar, então tinha que esperar um tomar e lavar, pro outro tomar. E hoje em dia eu tenho mais essa conscientização (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017. p.42).

Lavei escada com água sanitária e desinfetante. Meu nariz ardeu, fiquei com uma bolha na mão, mas esfreguei com vontade e limpei, porque a escola também é minha, é onde eu passo quatro horas todas as manhãs e onde adquiro grande parte do meu conhecimento (SCHMIDT; DIVARDIM; SOBANSKI, 2016, Depoimento estudante do C. E. Professor Cleto – Curitiba, p. 60).

Podemos afirmar, neste sentido, que a limpeza simbolizou o próprio ato de ocupar, em que o *território* é tomado e ressignificado pelos ocupantes: “Sei lá, a gente pega de um jeito e devolve de outro, tipo, melhor” (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 01, 2016, p. 30).

Esta suspensão da escola, em que se torna *ocupação*, e dos alunos, que se tornam *estudantes* e *ocupantes*, é essencial para compreender a importância atribuída por eles ao processo como um todo, para além da reivindicação política em si e da oposição às medidas governamentais propostas.

A estrutura organizativa das ocupações era definida como *horizontal*, ou seja, todas as pessoas participavam igualmente e, ao mesmo tempo, havia algumas que se destacavam e eram percebidas como *lideranças*:

B: É que assim, a gente tentava fazer o máximo horizontal possível.

A: Tinha pessoas que achava que tava acima.

[risos]

A: A gente tentava fazer tudo horizontalmente.

[...]

B: Focadas, e tavam mais organizando, entendeu? E daí chegou uma época, um tempo, que tipo, às vezes, a galera tava muito cansada já. Então já não tava, sabe? Às vezes tava tipo, por exemplo, as vezes só cansava e tava: “ai, não quero pensar nisso agora”. Só que a gente precisava pensar, entendeu? E daí tinha momentos, eu até mesmo, tinha momentos que eu chegava e falava: “você vai fazer isso, você vai fazer isso, eu vou fazer isso, aquele vai fazer isso”, porque tem que ser assim, porque a galera não estava mais (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 30-31).

Na prática algumas se destacam mais que outras, mas eles afirmam que este processo é “perigoso”, pois pode gerar um processo de hierarquização dentro da ocupação e, portanto, deve ser combatido.

K: E ninguém quis liderar, ninguém quis pôr a cara e falar: “Eu que mando aqui”.

S: E a gente ouviu falar isso de outras ocupações. Ocupações bem famosas, inclusive, não a do CEP, mas outras. É daquela garota, Ana Júlia que deu aquele discurso. A gente ouviu falar que na ocupação, depois que ela deu aquele discurso, ela chegou querendo mandar em tudo. E desocupar a escola... e a galera meio que obedecia ela. Então tratavam ela como uma

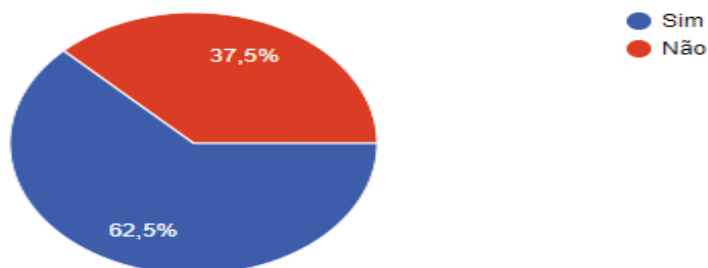
líder. E não é legal, pode subir na cabeça (Entrevista C. E. Barão do rio Branco 02, 2016, p. 52).

A *liderança* é um tema que divide opiniões entre os ocupantes, por ser considerada por alguns “boa” e por outros, “má”, no entanto, era vista pela maioria como necessária, como vemos abaixo:

GRÁFICO 16 – EXISTÊNCIA DE LIDERANÇAS POLÍTICAS NA OCUPAÇÃO

**Você acha que havia lideranças na ocupação?**

24 respostas



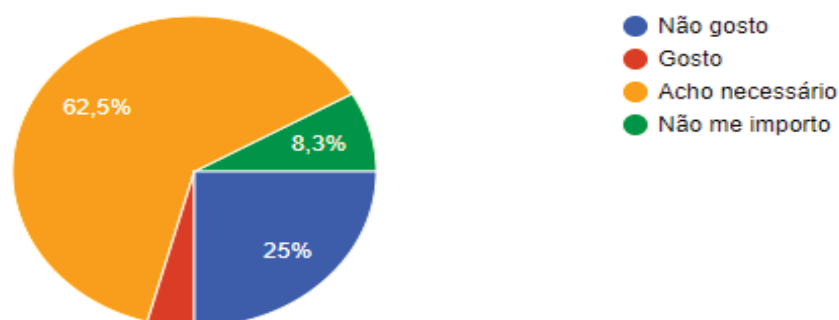
FONTE: QUESTIONÁRIO VIRTUAL “VOCÊ OCUPOU O C.E. PEDRO MACEDO?” (2017)

Como demonstrado também nas entrevistas:

GRÁFICO 17 – SENTIMENTO EM RELAÇÃO ÀS LIDERANÇAS POLÍTICAS

**Como você se sente em relação às lideranças?**

24 respostas



FONTE: QUESTIONÁRIO VIRTUAL “VOCÊ OCUPOU O C.E. PEDRO MACEDO?” (2017)

B: Pra mim foi, querendo ou não, não existia líder, mas eu era da comunicação, então eu aparecia na tv, eu aparecia no rádio, eu ia pra fora.

M1: Você que fazia a parte com as outras ocupações também? Foi você?

B: É, fui eu. Aí eu ia organizar alguma coisa lá dentro e a galera tava meio avoada, e, tipo, não tinha tempo as vezes de fazer assembleia toda hora. Então eu chegava, se não era coisa que ia influenciar na vida dos outros, chegava e tipo, era isso e isso, tal, tal, tal, pra organizar rápido. E daí ia falar com ela, era eu que falava com ela. Porque a galera também não tinha tanta paciência pra falar com ela, a C. já explodia. Aí eu ia falar com ela, ela berrava. Eu tenho vídeo dela berrando comigo e me xingando. E eu tinha que ter paciência com ela. Então, ela foi lá e falou que eu era a cabeça da ocupação e não sei o que, sendo que todo mundo era, tava todo mundo igual ali sabe? (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 34).

B: E a gente escolheu quem foi, quem tava. Porque, igual, às vezes, igual eu falei, eu mandava às vezes nas pessoas, mas todo mundo tava de acordo, entendeu? Falavam: “não, podia fazer isso aí mesmo”. Então, por mais que existisse, um “líder”, todo mundo tava de acordo que existisse aquilo, então de qualquer jeito era horizontal (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 34).

Segundo eles, a ocupação foi o momento em que se tornaram conscientes de suas limitações e das possibilidades de conhecer pessoas diferentes e aprender com elas.

A: A gente fez uma mistura cultural muito grande. A gente, tipo, a D. e a A., você olha elas no colégio: “tá, D. e A., apenas”. A gente virou muito amigos, tipo, muito amigos.

M: De sair juntos. Jamais pensava assim, eu vou numa festa e elas não frequentavam as mesmas festas que eu ia. Então, tipo, teve dia que a gente foi num protesto, num ato, e a gente falou, sei lá, vamos sair, depois daqui. E a gente foi pro mesmo rolê, a gente foi pra mesma festa, assim. E a gente jamais imaginou que a gente ia tá dançando junto, que a gente ia tá bebendo junto e ia tá todo mundo ali (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 16).

Foi uma quebra de estereótipos.

A: Essa parte é complicada, porque eu cheguei lá na minha bolha, pra mim era tudo, só tinha um termo, gay. Pra mim era só isso. Eu não sabia, aí eu fui lá, fui conhecendo as pessoas e fui vendo, nossa, é errado. Se você é gay, você é gay, se você é bi, você é bi, outras coisas. Você não pode generalizar tudo.

M: Não pode generalizar tudo.

A: E outros termos, e fui conhecendo pessoas que te explicavam melhor as coisas, pra você entender.

B: Foi essa quebra de estereótipo que eu quis dizer. Foi de quebrar completamente o preconceito e todo mundo aprendeu o que é cada coisa, sabe. Acho que antes de lá, eu já tinha, eu sempre tentava cada vez mais não ter preconceito e sempre quebrar estereótipo. Eu sempre tentei quebrar,

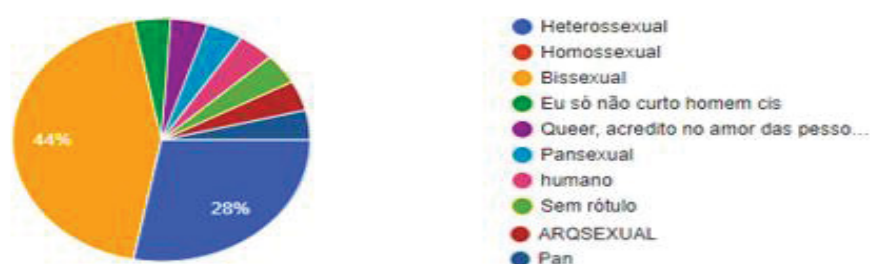


assim, sair fora da caixa. Mas a gente sabe que é difícil, porque a gente vive numa sociedade que, querendo ou não, a gente é ensinado a ser assim. E lá, pra mim, pelo menos, foi o estopim, assim, foi a última pedra que eu quebrei, assim, aí eu me libertei (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 19-20).

GRÁFICO 18 – ORIENTAÇÃO SEXUAL DOS ESTUDANTES

Você se identifica como

25 respostas



FONTE: QUESTIONÁRIO VIRTUAL “VOCÊ OCUPOU O C.E. PEDRO MACEDO?” (2017)

O processo de compartilhamento de confidências, sem os “julgamentos” que relatam que antes da ocupação caracterizavam os “bolinhos” da escola, bem como a possibilidade de assumir identidades contra hegemônicas, como a homoafetividade, são destaques de todas as entrevistas: “A. e a S. tiveram presente no momento mais lindo da minha vida, que eu parei e falei: não, tá... eu sou gay e não tem problema. E....aí vou chorar de novo... tá na intensidade de estar ali, tá ligado? É uma coisa muito bizarra” (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 03 - p.30).

A maior parte dos ocupantes que responderam o questionário “Você ocupou o Pedro Macedo?” se identifica como bissexual (44%); seguido dos heterossexuais (28%). A opção de resposta “homossexual” não foi assinalada por nenhum estudante, no entanto, houve uma diversidade de orientações de gênero não heterossexuais, como eles mesmos definem: “eu só não curto homem cis; queer, acredito no amor das pessoas; panssexual; arqsexual”.

Os ocupantes afirmam que a questão da sexualidade foi determinante para a intensidade com que a ocupação foi vivenciada:

M: Pra mim foi a rocha inteira que eu quebrei, mesmo. Eu saí da minha bolha. Eu sou bi, só que eu não me aceitava, porque a minha bolha me permitia que eu...

A: A nossa bolha...eu era bi, já tinha ficava com meninas, mas nenhuma das minhas amigas sabiam porque eu tinha medo que: "aí, você ficou com outra menina".

M: "Vou ser excluída da minha rodinha de amigas".

A: "Vou ser excluída da minha bolha". Aí eu não contava pra ninguém, ficava só pra mim.

M: E daí assim, quando a gente ocupou a escola, foi uma quebra muito grande, porque independente do que eu sou, vale mais o que o meu ser é, do que a minha sexualidade. Então a gente começou a se misturar. É, tem um menino da escola, que é o L., que eu olhava assim. Eu, na minha bolha, preconceituosa, olhava assim: "caraca, será que é menina ou será que é menino?". E eu cheguei na ocupação, e comecei a conversar com o L., e eu fui entendendo o ser que o L. é, independente de qualquer coisa, e o L. foi me explicando, eu fui aprendendo muito com o L. E aí eu aprendi o termo não binário, aprendi que não existe só LGBT, tem o "quezinho" no final. Tem tudo. E aí a gente foi se misturando, e conversando. E: "aí, eu não sei, disso, me explica"; "não, M., vem aqui, senta do meu lado e a gente vai conversar sobre isso".

B: O L. é trans, ele foi o maior exemplo pra gente assim, dentro da ocupação. Foi, tipo... (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 20).

Uma ocupante afirma que todos os assuntos e todos os laços criados na ocupação eram *políticos*:

Não sei, a gente conseguia envolver política em todos os assuntos. Todas essas conversas, por exemplo, falar sobre esses assuntos mais delicados sexualidade e até relações abusivas esse tipo de coisa já é um pouco política porque envolve muita coisa e vem todo de um fundamento de uma sociedade que é de uma forma, que trata a mulher de um jeito que trata o gay de outra, tudo envolve política, eu acho, um pouco...Mas, eu acho que política era o assunto que a gente mais falava (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 02, 2016, p. 46).

Ainda neste ponto das entrevistas, outra ocupante afirma que a política na ocupação não era um assunto "pesado" ou "triste", como era percebido em espaços *tradicionais*: "Tipo, pra pegar um momento e todo mundo sentar e falar sobre política... A gente tava o tempo todo brincando sobre isso, a gente falava: 'Primeiramente, fora Temer' antes de começar qualquer conversa (risos)" (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 02, 2016, p. 46).

A política, neste sentido, pode ser expressa como o fazer-se e refazer-se, processo destacado pelos estudantes como intenso na ocupação, em que se

olhavam, viam privilégios e diferenças e se colocavam à disposição para refletir sobre eles e mudar:

Foram 16 anos da minha vida eu sendo o AR, aquele AR.... naquele mês de ocupação, eu levei porrada em cima de porrada, mas não porrada ruim, sabe? Eu virei pó e foi tijolinho por tijolinho [AK concorda] e assim fui me reconstruindo, me reconstruindo. Teve momentos que eu quebrei de novo e eu comecei de novo. Comecei de novo. Comecei de novo. E quebrei de novo. E fui, sabe. E acho que o que eu descobri de mim mesmo, sobre a ocupação, durante a ocupação, foi isso, eu mudei, sabe? Eu mudei. É aquela palavra: eu fui amado, eu amei, eu sou livre, eu permiti que as pessoas fossem livres e eu me senti feliz, feliz como eu nunca fui em toda a minha vida (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 03, 2016, p. 36).

Este contraste com a *política tradicional* aparece em mais de um momento nas narrativas dos ocupantes:

Tudo isso, mais a situação política do nosso país. Com o *impeachment* da Dilma e tal. Fiquei bem triste. Com o Temer assumindo, eu acho.... a presidência... comecei a ir em todas as manifestações possíveis, em todos.... Porque eu sou, desde o ano passado, com mais frequência, eu tento estar, tipo, militando na rua. Esse ano eu fui em todas, assim... e, a galera que ia pra essas manifestações que... era muito, sei lá, muito morta também. muito tipo: a gente tá aqui nessa caminhada, mas essa é uma caminhada triste, é uma caminhada de dor... (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 02, 2016, p. 19).

Podemos afirmar, com base nessa concepção de *política* explicitada acima, que os sentimentos de participação e pertencimento tiveram como origem o reconhecimento das diferenças e a conexão entre elas. A ocupação é descrita, assim, como o momento de superação dos traumas:

B: Eu acho que ali, o que aconteceu foi que todo mundo chegou num ponto que, tipo, como eu posso explicar. Cada um pegou o seu, me fugiu a palavra, a coisa que você sofreu na vida. Por exemplo, eu sou moreno. Meu trauma, por exemplo, eu sou moreno e querendo ou não, quando eu era pequeno, criança sofre com isso. Depois você cresce e aprende a passar. E cada um, acho que viu o trauma do outro, e todo mundo se libertou junto, sabe? E eu acho que depois dali, todo mundo realmente se libertou.

M: Começou a ser a pessoa que é de verdade (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 21).

Foi o momento de *sair da bolha*, de reconhecimento dos demais como iguais, como afirma este estudante:

M: Eu meio que tomei um choque de realidade com a M. e com a M. As meninas, elas tavam conversando comigo, eu falando sobre minha família, falando como eu era antes da ocupação. Essa quebra da minha bolha. Então eu tava conversando com as meninas e elas falaram: “ah, você vivia na bolha dos seus pais”. E eu perguntei: “como assim, na bolha dos meus pais?”. Elas me chamam de micro, por causa do meu tamanho. E daí elas começaram a falar que antes eu era muito nojenta, antes eu não olhava pras pessoas como eu olho hoje, antes eu não me enturmava com as pessoas que eram fora do meu círculo social e de amigas. Hoje em dia, se chega uma pessoa, sei lá, como o B., eu vou olhar assim: “oi”, e já vou começar a conversar e entender o que ele gosta, pra achar as coisas em comuns, e já chamar pra sair, e a gente vai todo mundo junto pro mesmo lugar.

B: Entender que o outro é um ser humano, sabe?

M: É, independente se gosta da mesma música, ou ano, se conhece as mesmas pessoas, ou não. Então daí eu conversando com as meninas, elas falaram: “tua bolha explodiu”. Daí elas me explicaram porque a bolha explodir e elas falaram que hoje em dia eu caí no chão verdadeiro. Que hoje eu vivo a minha vida e não a dos meus pais, não da família tradicional, como a sociedade põe (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 21-22).

Assim, é possível perceber que a ocupação foi um processo de amadurecimento, em que os ocupantes se viram como sujeitos ativos de suas trajetórias: “Porque foi um momento onde eu cresci e abri meus horizontes. Eu aprendi muito e vivi de verdade lá. Não me arrependo de nada e faria tudo de novo. Melhor momento da minha vida” (Questionário “Você ocupou o C. E. Pedro Macedo?”, 2017).

B: Acho que porque, eu tava com 17 anos, por exemplo, elas 16. Quando você tá nessa idade é o fim do ensino médio e, tipo, o fechamento do seu aprendizado pra você aplicar na vida real, vai cair a vida real. Igual caiu pra mim esse ano. Eu vou chegar na vida adulta e vou ter que aplicar tudo que eu aprendi até hoje. Então ali foi, pra mim, por exemplo, foi o fechamento. Igual eu falei, quebrar a última pedra e cair na vida, sendo eu mesmo, sabe? E foi, tipo, o término e o começo, ao mesmo tempo, de uma construção de um eu melhor (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 22).

A: Sim, eu aprendi mais sobre política. Eu não entendia nada de política, nada, nada, nada. Eu ia ser igual a minha família, votar porque é obrigatório. Foi uma bomba de conhecimento, eu acho. Foi muito isso, porque a gente aprendeu muito lá. Eu aprendi coisas que a escola não ensina. E eu tava na escola, aprendendo coisas que a escola não ensina. E todo mundo chegou e falou: “aí, vocês não tavam aprendendo nada” (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 36).

Para além da MP 746, a ocupação aconteceu por uma nova forma de sociabilidade, em que as pessoas se mostraram mais receptivas e mais abertas:

B: É a mesma coisa. É, tipo, quebrar teu preconceito. É digerir tudo aquilo e entender que a gente só é ser humano, sabe? Eu odeio separar coisas por gênero. Homem, mulher, trans, bi. Eu não gosto de separar, pra mim é tudo humano, cada um faz o que dá na telha. Cada um faz o que sentir atração. Sempre me perguntam: “você é hétero? Você é bi? ”. Eu falo: “não, eu sou ser humano. Se eu sentir atração eu vou ficar, se eu não sentir eu não vou, se eu quiser eu faço, se não quiser não faço”. Entendeu? Eu vou pela minha vontade, e não porque existe um termo pra definir aquilo que é. Eu acho que se você coloca um nome, um termo em alguma coisa, aquilo começa a ser definitivo, sabe? E pra mim, eu não gosto de coisa definitiva. Eu acho que a gente tem que mudar tudo. Juventude é o novo começo. É progressão da vida. Então, chega de ficar no mesmo rótulo, vamo mudar (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 22-23).

No entanto, houve uma campanha midiática de desmobilização das ocupações, de encontro com os pronunciamentos oficiais do Governador Beto Richa de apelo aos pais para proibirem seus filhos de irem para os colégios ocupados. Os ocupantes do C. E. Pedro Macedo contam que quando o estudante foi assassinado em um colégio em Santa Felicidade, este discurso desmobilizador teve mais efeito:

B: As pessoas sumiram. A galera começou a cansar.  
M: Não foi só cansar. Teve um tempo que os pais começaram a privar de ir.  
A: Eu acho que quando morreu aquele menino na ocupação. No dia que morreu, eu lembro que conversei com minha tia. Ela tinha voltado da viagem, e o menino morreu, e ela sabia que eu ia na ocupação, e ela deixava, um dia sim e um dia não. E no dia que ele morreu era meu dia de ir e ela falou assim “você não vai mais”. E eu: “como assim não vou mais? ”, “você não vai mais”. A gente tava no carro, e a gente começou a discutir. E eu falei: “cada uma é uma ocupação. Se isso aconteceu lá não quer dizer que vai acontecer na nossa escola” (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 24-25).

A mídia mostrava as ocupações como espaços bagunçados e os participantes como jovens “perdidos” politicamente, que estavam sendo ludibriados por organizações políticas de esquerda, como os sindicatos. Depois do incidente, a disputa de discurso acerca das ocupações se intensificou, entre os ocupantes e a mídia hegemônica, como relatam os ocupantes:

Somado aos acontecimentos que já estávamos presenciando, nada nos abalou mais do que o assassinato do menino L., o qual recebeu um minuto de silêncio durante uma reunião com pais e responsáveis. Nossa ocupação ficou em luto. Sabemos que nossa juventude morre todos os dias e em nenhum momento presenciamos tamanho apelo midiático quanto ao que vimos na morte do nosso companheiro. Devido ao medo de alguns responsáveis, perdemos alguns membros da nossa ocupação (SCHMIDT; DIVARDIM; SOBANSKI, 2016, Texto coletivo redigido pelos alunos do IFPR – Paranaguá, p. 67).

Vários estudantes foram proibidos de ir para as ocupações após o incidente, como narra uma pessoa entrevistada:

M: Essa parte foi mais a parte que meus pais viram uma parte rebelde. Porque eu ia pra escola de manhã, com a escola não ocupada, de tarde eu ia trabalhar e voltava pra casa. Ocuparam a escola. Eu saía no meu horário normal pra ir estudar, só que ficava na ocupação, almoçava na ocupação e ia trabalhar. Quando não dava eu almoçava na empresa. E daí eu saía do trabalho e voltava pra ocupação. E ficava lá até umas 22h da noite porque eu não podia dormir, meu pai não deixava eu dormir. Eu dormi umas três vezes só. Aí o menino morreu e começaram a invadir as outras ocupações pra bater nas pessoas e tal. E daí meu pai falou: “você não vai mais”, aí eu falei bem assim: “como assim eu não vou mais? Não tem essa palavra no meu vocabulário. Não tem. Eu tenho que ir pra ocupação”. Virou uma rotina. E era só eu, mais ou menos, que ficava na parte dos controles das planilhas. Então eu ia, aí eu inventava algo: “hoje eu vou pra casa de tal pessoa”, “hoje eu vou pra casa de outra pessoa”. E assim eu fui indo na casa de todos os meus amigos, mas na verdade eu tava na ocupação.

M1: Você mentia pro seu pai?

M: Mentia pra ir pra ocupação, porque a Globo colocou na cabeça deles que era errado aquilo (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 25).

Com a desmobilização da morte do estudante e com os atos desocupa continuando, o clima estava cada vez mais tenso na ocupação.

A: Eu lembro que tinha noite que a gente tava todo mundo lá. E a gente ficou tipo... a gente, tava o pessoal da desocupa, tava todo mundo nervoso. E a gente falou: “gente, tá com o pessoal da segurança aí, e quando começar a ficar perigoso...”. A gente já tinha até um banco na porta de trás. A gente fez uma armadilha pra puxar o banco.

B: Jogamos óleo no muro de trás, porque tentaram subir pelo muro de trás.

A: Aí eu fiquei, tipo, abalada porque ficava só a segurança lá na frente, umas 4 pessoas, no máximo. E eles fizeram um círculo, assim, com as cadeiras e tavam ouvindo o som deles lá, todo mundo conversando. Aí do nada, a Gabizinha, que tava lá na frente, ela pegou e falou: “gente, corre que tem um monte de gente aqui na frente” e a gente ficou tipo, porque? Aí a gente foi lá

pra frente, cobriu o rosto. Foi uma coisa, eu, todo mundo, não sei (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 28).

O rosto coberto era motivo de críticas da imprensa e dos manifestantes contrários à ocupação, que gritavam para que os ocupantes assumissem sua identidade e tirassem os capuzes

B: Pra gente era bom e eles criticavam, porque é normal, né? Sempre existiu crítica de rosto coberto.

A: O pessoal da desocupa.

B: Desocupa, jornal.

A': Porque vocês cobriram o rosto?

B: Era por segurança.

M: Cobria o rosto e eles achavam que era por a gente ser bandido, sendo que a gente só queria se proteger (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 28).

A represália à ocupação seguiu e, ainda que numericamente não fossem maior quantidade que os ocupantes, a insegurança e o cansaço estavam acumulando com a tensão causada pelos desmobilizadores.

A: Não, foi o outro, foi o segundo. E daí todo mundo começou a bater palma e a gente ficou tipo: “gente, o que que tá acontecendo?”. E tinha 30 pessoas, e eram pessoas, eu lembro que um deles era representante dos pais na assembleia, ela tinha um cargo importante no colégio [...]. e tava lá batendo palmas, com o “Desocupa Tudo”. A gente pegou, ficou só olhando aquilo, cantando “ocupar e resistir”. E daí tinha um senhor lá, que tava muito exaltado, que começou a tacar pedra pra dentro do colégio. E a gente pegou a pedra, e não tacou neles, que eles ficavam perto do tubo. A gente só tirava de dentro do colégio. E alguém filmou e falou que a gente tava tacando pedra nas pessoas que tavam fazendo um manifesto na frente do colégio. [...] só que daí do nada, depois que todos foram embora, apareceram muitas pessoas perguntando se a gente tava bem, o que tinha acontecido. E daí nessa noite, depois que eu fui embora, nessa noite tacaram uma bomba dentro da escola.

M: Que foi um rojão.

A: Aí nessa noite a gente ficou muito assustado, porque...

M: Tava ficando sério (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 28-29).

Apesar de o rojão não ter machucado seriamente nenhum ocupante, havia alguém perto de uma porta de vidro que se quebrou com a explosão e a pessoa teve ferimentos leves no rosto e nos braços. O cansaço dos ocupantes era perceptível, no entanto, em vários colégios eles decidiram esperar o cumprimento das reintegrações de posse.



As reintegrações de posse foram cumpridas com efetivos policiais expressivos, para além do/a oficial de justiça e da equipe que a acompanhava, com representantes do Conselho Tutelar e do Ministério Público Estadual. Os estudantes do C. E. Pedro Macedo e do C. E. Barão do Rio Branco já sabiam que a reintegração iria acontecer porque a lista das escolas a serem reintegradas estava circulando nos grupos de ocupantes e apoiadores.

M: E daí foi assim. A gente decidiu desocupar porque tava ficando perigosos só que daí já veio a ordem pras reintegrações. E aí acabou que a gente nem desocupou e reintegraram a escola. Reintegrou e a gente já saiu.

A': E quanto tempo vocês ficaram ocupando a escola?

A: Quase um mês (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 29).

Eu tava com tanta dor de cabeça, tanta dor de cabeça, eu tava com tanto medo daquela reintegração de posse chegar, com o que ia ser depois, sabe? Medo de ser uma coisa agressiva. Se ia ser.... sabe, medo, eu tava com medo (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 03, 2016, p. 33).

A reintegração de posse do C. E. Pedro Macedo aconteceu no dia 04 de novembro de 2016.

### 5.3 E DEPOIS QUE ACABOU?

Todas as entrevistas têm em comum a percepção de antes da ocupação como momentos de apatia, falta de sentido na vida e de reconhecimento no mundo.

A ocupação foi, nesta perspectiva dos jovens estudantes, um momento de ruptura, em que estes se viram como protagonistas, com um sentimento de segurança e confiança em si mesmos. Após a reintegração de posse, os estudantes afirmam que retornar para o cotidiano escolar foi difícil, tanto pela estrutura hierarquizada da escola, quanto pela perseguição da direção, equipe pedagógica e professores aos ocupantes.

E daí quando desocupamos e a gente teve que voltar segunda-feira pra escola, com as mesmas regras, eu também fui privada de entrar. Eu fiquei um dia sem ir pra escola porque não me deixaram entrar. A gente chegou,



uniforme, bater carteirinha na catraca, sentar, ouvir os professores ignorarem a ocupação das escolas. Ignorarem, não falarem. Eles, essa professora que tirou foto e fez o textão no facebook, criticou. E foi aí que começou a minha briga com ela, pelo fato de a minha sala acho que 7 estavam ocupando e a maioria da sala apoiava. Então a professora começou a querer convencer os alunos que aquilo era errado. Então aí eu comecei a bater de frente com ela (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 37).

E eu sinto que a gente dá essa vida agora, ainda. A gente dá mais vida pra escola, mas ainda é um padrãozinho que a gente é obrigado a seguir. Colocar o uniforme todo dia, sentar na mesma fileira, no mesmo lugar, tirar o caderno e anotar o que o professor fala, fazer uma prova que não vai provar nada. Porque essa prova ela não vai provar nada. Eu tiro 80 em Física e eu não sei a tabuada do 4. E eu tiro 80 em física. Não prova nada. É um sistema bem falho que não funciona (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 02, 2016, p. 58).

Em relação aos professores, após a ocupação, os estudantes afirmam que a maior parte deles, que tinham uma relação de indiferença, foi mantida. No entanto, os professores que se posicionaram contrários à ocupação reforçaram sua posição de incompreensão sobre os estudantes e suas demandas, em contraponto aos apoiadores, que são agora mais queridos pelos estudantes. No C. E. Pedro Macedo, os conflitos com professores contrários à ocupação foram extremos, chegando ao impedimento de estudantes assistirem aulas:

A: Ela só falava, ela não queria...ela chegava na sala e falava: “a ocupação foi pra destruir as coisas”, e a gente queria falar: “não, gente”. Tinha um bloco que ficou trancado e ela falou: “nossa, eles quebraram aqui as coisas nesse bloco”. E a gente quis xingar ela e falar: “professora, esse bloco ficou trancado, ninguém entrou nesse bloco”. E ela não deixava a gente falar.

M: Ela falava que a gente conversava, mas era uma conversa que só ela falava. Tanto que eu falei pra ela: “conversa pra mim é uma via de mão dupla, se você fala você também me dá o direito de falar, e se eu escuto você também vai escutar”. Então quando eu falei isso pra ela eu fui direto pra sala da pedagoga, ela me tirou da sala. E daí já veio uma sequência de quatro pessoas atrás de mim[...] que saiu todo mundo da sala.

A: E essa professora mesmo proibiu a gente de assistir as aulas dela. E a gente não tinha o que fazer, se ela falou não quero vocês na minha aula (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 37-38).

Além dos conflitos em sala de aula, houve represália dos demais funcionários do colégio contra os estudantes que ocuparam:

B: As tias da comida também, que davam o lanche, no primeiro dia que eu fui pegar lá, depois.

M: Elas falaram das colheres.

B: Elas pegaram, me olharam: “você não vai pegar lanche”, e eu: “por quê?”, “não, olha a bagunça que vocês deixaram aqui”.

M: Sendo que um dia antes a gente tinha feito a limpeza, tem as fotos do pessoal.

B: Aí eu falei: “eu vou pegar lanche”. Aí eu catei da mão dela e saí. Mas a minha sorte, a pedagoga delas ferrava com elas, minha sorte é que minha pedagoga apoiava a ocupação e ela era minha amiga. Se eu saísse de sala eu ficava lá conversando com ela, nem tomava ata (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 37-38).

Os estudantes afirmam que ficaram *marcados* pela ocupação e que agora não são mais como seus colegas, mas são vistos como *ocupantes*, e que a EP e direção agora tem uma postura diferente para com eles:

A: Na escola a gente era livre pra andar antes da ocupação. Podia ir pra qualquer bloco, qualquer sala, eles não ligavam. Era: “tal aluno tá gazeando, problema dele, ele tá perdendo”. Depois da ocupação, primeiro dia, a gente pegou e foi levar uns amigos, a gente levou três atas esse dia. A gente tomou três atas em um dia (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 38).

No entanto, as entrevistas ressaltaram que, antes da ocupação, os estudantes eram “fracos” e que por isso seguiam as normas de forma conformada e que, após as ocupações, já não era possível sentir esse medo de forma resignada.

M: Mas era assim, a gente não saía tanto. Eu pelo menos não tinha tantas discussões com os professores, porque eu não batia de frente. Se o professor tava falando, ele tá certo, então eu ficava na minha. Hoje em dia, se eu vejo que o professor tá abusando da autoridade dele em sala, porque ele acha que a opinião dele é certa e eu tenho que aceitar o que ele fala, aí eu saio mais de sala, hoje em dia do que antes. Porque hoje em dia eu consigo argumentar com o professor e tentar falar pra ele que nem tudo, não é só porque ele é professor que só a forma que ele pensa que tá certo. Então hoje em dia eu saio mais de sala do que antes (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 19).

Segundo os estudantes, os professores e funcionários que apoiaram as ocupações também sofreram represálias:

M: Nossa pedagoga apoiava a ocupação, tanto que ela levou bolo e hoje em dia ela não é mais nossa pedagoga porque ela apoiou a ocupação. Que era a D.

A': Ela também sofreu represália?

B: Os professores sofreram bastante, por sinal. A professora L., que era de química, ela é bem expoente nos movimentos, ela sempre tá nos movimentos. Ela sofreu bastante represália lá. O professor...

M: R.

B: O professor R. não sei se não saiu do colégio.

M: Ele não tá mais na escola (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 39).

A diretora processou vários estudantes após a ocupação. As acusações, segundo eles, variavam entre roubo, coerção e assédio sexual.

M1: Você foi processado?

M: Eu também.

[...]

M1: Mas a diretora acusou?

B: Acusou de coagir ela no portão nesse dia do ato. Sendo que eu tinha foto que eu tava há uma quadra dela.

[...]

B: Só que ela mentiu muito no processo. Ela falou...então, daí, tipo, o problema não foi nem que, ela nunca entrou na ocupação, ela colocou o meu nome lá. Falando tipo, porque o B. sumiu com 4 mil ovos, 6 mil pães e 8 mil vinas (salsichas) (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 31-32).

A diretora fez Boletins de Ocorrência (BO) no nome de diversos estudantes, com acusações diversas:

M: Delegacia do Adolescente. Ligaram lá em casa...

A': E todos vocês foram?

A: Eu não fui.

B: Eu fui pegar, faz duas semanas, minha liberação.

S: Tava com BO no seu nome?

B: Tava. Agora eu peguei a liberação lá, mas eu tava o ano inteiro com BO. E daí foi de coagir ela, foi de abuso sexual, foi dos ovos e dos pães, foi de coito. Ela falou que influenciei um coito, que eles acharam camisinha com sangue lá e não sei o que...

[?]

B: É...

M: Eles acharam várias coisas que não tem prova (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 33)

A: A gente foi acusado de tomar bebidas alcoólicas no colégio. E acusaram também de usar todo o estoque de camisinha que tem na farmácia em frente (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 35).

Ainda segundo os estudantes, os processos também fazem parte das represálias pós ocupação e demonstram a seletividade dos gestores escolares:

M: Porque não tinha fundamento, sabe. Eu fui chamada porque ela falou que eu tava junto no dia que você é, como que é.... revistou ela. Sendo que eu consegui provar que eu estava trabalhando naquele dia, eu bati o ponto que é digital. E ela colocou o meu nome lá em vão. Ela tava com as planilhas que eu tava mexendo, com o nome de todo mundo que tava lá. Porém, ela só quis prejudicar alguns alunos que ela sabia que estavam lá todos os dias (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 34).

A direção tentou usar o argumento da liderança para desestabilizar os estudantes, afirmando que eles estavam sendo “levados” pelos outros: “Só que ela quis destacar. Eles começaram a falar que um mandava mais do que o outro, meio que pra, desestabilizar a gente. “Você vai deixar esse piá mandar em vocês? “. Só que a gente queira estar ali” (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 34).

No entanto, mesmo com os conflitos após as ocupações, os estudantes afirmam que a pressão foi boa e que aprenderam muito no processo. Podemos afirmar, ainda com base na proposta teórica de Victor Turner (1974), que as ocupações foram, para além de momentos em que a escola é “suspensa” enquanto estrutura e funcionamento, momentos em que os próprios participantes do processo foram “suspensos”. Ou seja, a ocupação também transformou os ocupantes, no que Turner propõe como um momento de crise de vida, que marca os *rituais de transição*. Segundo o autor:

Os ritos de crises da vida são aqueles em que o sujeito, ou os sujeitos rituais — marcados por um certo número de momentos críticos de transição, que todas as sociedades ritualizam e assinalam publicamente com práticas adequadas para gravar a significação do indivíduo e do grupo nos membros vivos da comunidade se movem. [...] São eles os importantes momentos do nascimento, puberdade, casamento e morte (TURNER, 1974, p. 203).

As ocupações foram, neste sentido, um momento de amadurecimento e entrada na *juventude*. Lembrando que tratamos da juventude, aqui, como uma categoria que para além do recorte etário socialmente colocado, de 15 a 29 anos, é

caracterizada por um período em que o indivíduo tem dilemas próprios, em que é cobrado de começar a tomar decisões, como o que vai estudar, a necessidade de entrar no mercado de trabalho, a se relacionar afetivamente para além dos laços familiares. As ocupações foram, desta forma, o momento de reforçar questões identitárias e se afirmar, perante os amigos e a família:

B: Eu também acho que não teve uma parte ruim pra mim, assim. A parte ruim foi boa, porque foi, exatamente, foi a pressão. Mas a pressão fez a gente crescer. Pra mim, sei lá, foi, querendo ou não, eu acho que a melhor experiência da minha vida (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 37).

Uma nova pessoa, mais madura, mais consciente. Antes eu vivia numa bolha achando que o mundo era perfeito, hj entendo que é diferente e luto pelos meus direitos (Resposta ao Questionário: “Você ocupou o C. E. Pedro Macedo?”, 2017).

Mesmo com a aprovação da MP 746 e da PEC 214/55, os estudantes afirmam terem aprendido sobre política: “Porque sinto que fiz algo importante pra sociedade, por mais que o resultado não foi atingido, eu lutei por isso” (Resposta ao Questionário: “Você ocupou o C. E. Pedro Macedo?”, 2017).

A: Sim, eu aprendi mais sobre política. Eu não entendia nada de política, nada, nada, nada. Eu ia ser igual a minha família, votar porque é obrigatório. Foi uma bomba de conhecimento, eu acho. Foi muito isso, porque a gente aprendeu muito lá. Eu aprendi coisas que a escola não ensina. E eu tava na escola, aprendendo coisas que a escola não ensina. E todo mundo chegou e falou: “aí, vocês não tavam aprendendo nada” (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 36).

Há diversos momentos em que este sentimento de “necessidade de agir” se contrapõe às gerações dos pais e/ou professores, tratados como apáticos e resignados, pelos estudantes. Podemos afirmar, neste sentido, que o processo de amadurecimento é atrelado à ação política, perceptível em suas narrativas acerca do processo como um todo. E que após a ocupação eles têm certeza do que são, pois se conhecem melhor do que antes.

Me faz mudar. E é como a AK falou, é sede de justiça, sabe. Não dá mais pra ficar assim. É aquela história, eu sou jovem eu tenho disposição, eu tenho que ir à luta. A minha mãe de 58 anos que já viveu coisas e coisas e coisas, não tem disposição, ela é conservadora, ela vê o mundo como ela tá e fala: porra, tá errado. Ela acha errado o Temer cortar o bolsa família, porque ela sabe que o bolsa família vem menos já, mas ela tá lá, ela só acha errado. Ela xinga mais o Temer do que eu, mas ela não vai no ato. Eu vou no ato. Eu... EU tenho a coragem. Eu tenho a necessidade. É mais que coragem, eu preciso tá lá, eu preciso fazer alguma coisa (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 03, 2016, p. 52).

A: Eu ia falar que minha palavra é liberdade, porque depois não precisei mais me prender as coisas que eu era, que eu tinha antes.

[...]

M: Eu acho que a minha é certeza. Certeza de quem eu sou agora, certeza do que eu quero e certeza do que eu não quero ser e voltar a ser como eu era antes (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 40).

Esse olhar reflexivo sobre o processo, após um ano, aponta o balanço como de crescimento pessoal e de amadurecimento.

Me despertou para a importância de tratar sobre assuntos políticos e trabalhar o senso crítico. Me pareceu mais visível as manipulações de pessoas, da mídia, partidos políticos (inclusive os de esquerda), e diversas questões sociais (Resposta ao Questionário: "Você ocupou o C. E. Pedro Macedo? ", 2017).

M: Eu sou auxiliar administrativo em uma empresa de alimentos. Então, depois da ocupação, eu vi que no trabalho eu criei mais responsabilidade. Porque na ocupação a gente não podia esquecer de nada, como a A. falou, porque as outras pessoas dependiam da gente. E eu levei isso muito pro trabalho. Pra escola, eu meio que virei rebelde, aos olhos da minha mãe, porque aí começaram as saídas de sala, idas à pedagogia, na ata, porque eu não concordava com que os professores falava. E, aos olhos dos meus pais, pra eles eu tô mais rebelde, só que aos meus olhos eu tô sendo eu de verdade. E acho que esse um ano foi muito importante pra isso, pra eu não voltar pra bolha. Porque muitas pessoas voltaram pras bolhinhas delas e hoje em dia olham pra gente na escola e esquecem que dormiam do nosso lado e hoje em dia nem dão oi (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 41).

A mudança em relação à escola também é reiterada.

A: A gente ia pra escola, você chegava lá, você estudava, você ficava lá com seus amigos e depois ia embora. Agora você vai pra escola, você tá com seus amigos, você conversa, você vê os amigos que você fez antes. Você olha pra aquela escola, não é mais o mesmo lugar, você conheceu cada - não importa

se você foi na ocupação 3 dias – você conheceu cada canto daquela escola. Você conheceu lugares que você imaginou que nunca ia conhecer, você sabe como que aquela escola é enorme. Sabe como as tias da limpeza dão duro pra limpar aquela escola, porque eu tinha que limpar.

[...]

M: “é só uma caneca aqui que eu tô bebendo um chá”. Mas na ocupação, se faltava uma caneca, uma pessoa ficava sem tomar, então tinha que esperar um tomar e lavar, pro outro tomar. E hoje em dia eu tenho mais essa conscientização.

(Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 41-42)

Nas entrevistas feitas logo após as ocupações, o discurso dos estudantes era muito enfático em relação à necessidade de seguir organizados. O sentimento de empoderamento não se restringia à relação com a comunidade escolar. Os ocupantes descrevem que se sentiam em condições de se opor e confrontar também os políticos e as esferas institucionais de poder.

AR: Se é pra apanhar eu apanho. Eu não tenho mais medo. Eu vou no ato de domingo, eu vou com meu corpo e com a minha roupa e eu vou lá. Se eu tiver que levar gás lacrimogêneo na cara, eu vou levar. Porque eu não aceito o mundo como tá, entendeu.

AK: A gente tá preparado pra apanhar. A gente tá preparado pra bater, mas também tá preparado pra apanhar também sabe. A gente tá com a cabeça muito boa. Muito pronta pra isso. Mas a gente não vai aceitar nada além da vitória. Nada além da vitória. Porque é isso que a gente quer e a gente sabe que é isso que vai melhorar o nosso país. Sabe, é isso que a gente precisa.

AR: A gente é o futuro da nação.

AK: A gente tá pronto, pra bater e pra apanhar (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 03, 2016, p. 53).

Um ano depois, a narrativa já é um pouco diferente, os ocupantes afirmam que sentem que fizeram diferença, apesar da aprovação da MP 746 e da PEC 214/55, só que essa diferença é narrada de forma menos intensa e mais reflexiva.

A: “é errado, você só prejudicou pessoas”. Porque a galera pensa mais no que a gente não fez. A gente prejudicou pessoas, a gente ficou um mês sem aula, a gente fez o Enem ser mandado pra outro dia, aí fala: “vocês prejudicou pessoas no Enem, prejudicou o patrimônio escolar”, mas não é só isso! A gente tentou mudar!

M: A gente levantou do sofá.

B: Se a gente não tivesse levantado a voz eles tinham levantado muito mais cavalo. Parece que não mudou nada. Mas não é que a gente não mudou, a gente deixou não mudar tanto. A gente não deixou mudarem tanto, sabe? A gente segurou um pouco a barra (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 46)

Foi um movimento totalmente necessário para mostrar que o movimento estudantil tem voz SIM, e que não estamos de acordo com tudo o que governo propõe! (Resposta ao Questionário: “Você ocupou o C. E. Pedro Macedo?”, 2017).

No entanto, em todas as narrativas é comum expressarem que se sentem motivados a seguir mobilizados, participando da política. A percepção acerca da política, neste sentido, foi alterada. O que antes era visto como algo distante, feito pelos “outros”, foi apropriado por eles, que se veem agora como sujeitos na política, com capacidade de influenciar processos decisórios e de pautar quais os temas relevantes a serem considerados na tomada de decisões.

A: Eu fui lá. E acho que também, quando aumentam a tarifa, que tem atos, eu fui num desse ano que quebraram bancos e teve bombas, eu tava também. Minha mãe deixou eu ir e me buscou no tubo do ônibus no caminho pra casa, perguntou se eu tinha levado alguns tiros, eu falei que não, foi isso. [risos] (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 44).

Sim, exato! Exatamente... tipo, pra eles, não importam o que a gente está pensando, pra eles não importa o que eu vou comer, pra eles não importa aonde eu vou dormir... só importa o deles. Eu sei porque eu já passei por muita coisa difícil, realmente... e sempre vi que... a política, a nossa política não está totalmente do nosso lado. Então você vê que... você precisa de mais voz. É como eu disse, no momento, não é, não foi, assim, um ataque realmente bom. Um ataque entre aspas, porque totalmente legítimo, tudo que a gente fez, ou seja, eu acho que, no momento, não foi... não foi o suficiente! A gente precisa fazer mais! A gente precisa lutar mais! Se a gente estava ali na ocupação, como eu disse, dizendo que a gente pode ter voz, é porque, agora, a gente têm uma união de vozes. A gente pode ir para rua, que talvez não adiante, mas talvez mude tudo o que está acontecendo. Então, eu acho que, no momento, a resposta é não. Não. Eu... sinto que eu ainda não cumpri tudo que eu tinha que cumprir pra tentar mudar isso. Eu acho que dá pra fazer bem mais... bem mais (Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 01, 2016, p. 57-58).

Ainda que tenham críticas à forma com que a política tradicional é feita:



B: Echo que uma observação legal de fazer de posicionamento político depois da ocupação. Antes, por exemplo, de acontecer a ocupação, de você vivenciar toda a política, nua e crua. Eu, por exemplo, eu era bem de esquerda, assim, e tipo, acreditava bastante no PT por exemplo, sabe? Em questão de partido. E hoje minha visão já é outra. Depois que eu vivenciei aqui as ocupações, e Brasília, entendi melhor, vi o meio ali, como é que funciona. [...] Então a minha visão hoje já é outra, já não é partidária, já é entender que partidos fazem tudo parte da mesma coisa e que a esquerda já é usada de outra forma hoje, entendeu? Que já mudou essa ideia e que a gente tem que pensar na frente. Eu acho que as pessoas pensam muito em teoria de partido ainda nos anos 60, que tava construindo dois partidos, um lado todo militar e tal, o outro lado mais pro povo. Eu acho que hoje já é diferente, a gente tem que mudar esse pensamento, pegar ele, refinar e melhorar, sabe e isso só veio pra mim depois que eu vivenciei (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 45).

E que o futuro possa causar medo e incerteza:

M: Eu confesso que eu tenho um pouco de medo do futuro.

M1: Por quê?

M: É, porque é muito incerto. Num belo dia a gente pode tá ocupando uma escola porque a gente quer uma educação melhor, um futuro melhor e no outro dia a PEC foi aceita. Então eu tenho muito medo disso, da gente idealizar um futuro em que o estudante vai ter voz, vai ter voz ativa, né? No caso. E daí vai chegar o governo e jogar bomba na gente. Então, eu confesso que eu tenho medo. Mas tenho meus ideais e acredito muito que mais pra frente eles vão ser ouvidos (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 45).

As ocupações, no entanto, “fizeram história”, não somente por ser o maior processo de mobilização da juventude estudantil secundarista do Brasil, mas também, e de forma igualmente relevante, porque foi o processo de “despertar para a política” de milhares de jovens em todo o país.

B: Pra mim foi esse sentimento que restou, de quando me perguntam: “é, mas vocês não fizeram nada”, não, a gente fez! A gente freou eles. A gente mostrou que a gente tá ali e eles não podem fazer o que bem entenderem.

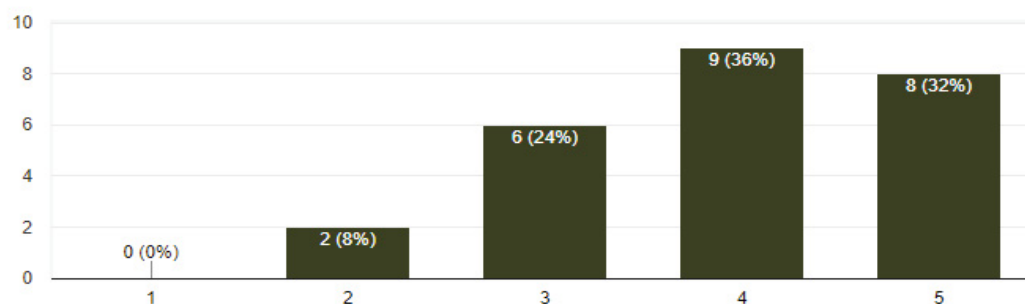
M: A gente tem força, tanto que falaram que eles têm mais medo dos jovens do que de qualquer outras pessoas, porque quando a gente quer se reunir a gente faz, porque um vai despertando a vontade e o desejo do outro e quando a gente vê a gente é um formigueiro, gritando que ocupar é resistir, mudando totalmente o foco (Entrevista C. E. Pedro Macedo, 2017, p. 46).

Foi insano, era medo misturado com ansiedade e pura emoção. Esses vinte e sete dias participando dessa ocupação, tive um aprendizado enorme.

## GRÁFICO 20 – INTERESSE EM NOTÍCIAS SOBRE POLÍTICA APÓS A OCUPAÇÃO

Qual seu interesse em notícias sobre a política, após a ocupação?

25 respostas



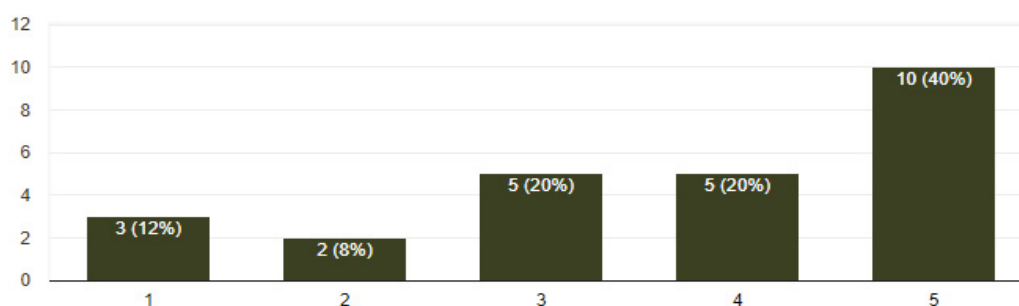
FONTE: QUESTIONÁRIO VIRTUAL “VOCÊ OCUPOU O C.E. PEDRO MACEDO?” (2017)

Conviver com diferentes pessoas, mas todos com o mesmo objetivo. É um momento de história, nós estudantes estamos fazendo a história e mobilizando o país inteiro. É gratificante toda essa luta! Ocupar, organizar e resistir! (SCHMIDT; DIVARDIM; SOBANSKI, 2016, Depoimento de uma estudante do C. E. Elza Scherner Moro, p. 35).

## GRÁFICO 19 – INTERESSE EM PARTICIPAR DE ATOS APÓS A OCUPAÇÃO

Qual seu interesse em participar de atos políticos, depois da ocupação?

25 respostas



FONTE: QUESTIONÁRIO VIRTUAL “VOCÊ OCUPOU O C.E. PEDRO MACEDO?” (2017)

Os estudantes afirmam que após as ocupações seguem interessados em política e participando dos atos, de maneira geral: “Pois foi algo que me deu forças para continuar a lutar” (Resposta ao Questionário: “Você ocupou o C. E. Pedro Macedo?”, 2017).

Em síntese, as ocupações foram um processo de engajamento político de milhares de jovens estudantes secundaristas, descrito por eles como o início de sua participação política. Ainda que algumas narrativas descrevam cansaço e questionem a efetividade desta participação, pela implementação da MP 746 e da PEC 241 (55), a maior parte dos ocupantes afirma que se sente disposta a seguir mobilizada.

Por ora, no entanto, pode-se afirmar que as ocupações foram uma manifestação de repúdio ao modelo político que não “escuta” os cidadãos que são público-alvo das políticas estatais, neste caso específico, foram um *grito* para serem vistos e ouvidos, como definem os próprios estudantes (ABRAMO, 1997; FRASER, 1996; HONNETH, 2003; NOVAES, 2014). Além disso, as ocupações se opuseram às propostas governamentais de caráter neoliberal, que marcam uma mudança em relação às políticas públicas de universalização do acesso ao ensino do período neodesenvolvimentista (2002-2016) (BOITO, 2012, 2014; BRESSER-PEREIRA, THEUER, 2012).

Os estudantes do C. E. Pedro Macedo se organizaram em assembleias para definir as tarefas que cada participante iria cumprir para garantir o manutenção e a segurança da ocupação. Além disso, realizaram oficinas, aulas, atividades esportivas e artísticas, onde participaram cerca de quarenta estudantes diariamente. O processo de organização da ocupação é definido por eles, assim, como participativo e *horizontal*.

As entrevistas destacam ainda o estabelecimento de vínculos afetivos como uma das maiores vitórias do movimento, em que os laços entre eles foram comparados à formação de uma *família*, pela confiança e cumplicidade. Para além disso, o vínculo com pessoas que apoiavam o movimento, com outros movimentos sociais e partidos políticos, chamados apoiadores foi citado como aspecto importante na estruturação das atividades da ocupação.

A relação com a direção escolar, no entanto, foi tensa desde o início e após a ocupação a diretora processou diversos estudantes. O retorno ao cotidiano escolar é descrito por eles como difícil, por não concordarem com a estrutura escolar vigente e por essa retaliação da direção escolar e da equipe pedagógica. Os estudantes que

ocuparam relatam não se arrepender e, pelo contrário, dizem que a ocupação foi “o melhor momento de suas vidas”.

Os estudantes afirmam, ademais, que as ocupações foram um momento importante em que “puderam ser eles mesmos”, no que tange à expressão de identidades de gênero, de orientação sexual e de raça/etnia, normalmente invisibilizadas no cotidiano escolar. As ocupações se destacam, neste sentido, por ser o momento de reconhecimento e do pertencimento, onde os laços de afeto desenvolvidos são descritos como a maior vitória do movimento (HONNETH, 2003; TOURAINE, 2006; TURNER, 1974; VIDRIO, 2016).

## 6 ESBOÇO PARA UMA CONCLUSÃO

É preciso não ter medo,  
 é preciso ter a coragem de dizer.  
 Há os que têm vocação para escravo,  
 mas há os escravos que se revoltam contra a  
 escravidão.  
 Não ficar de joelhos,  
 que não é racional renunciar a ser livre.  
 Mesmo os escravos por vocação  
 devem ser obrigados a ser livres,  
 quando as algemas forem quebradas.  
 É preciso não ter medo,  
 é preciso ter a coragem de dizer.  
 O homem deve ser livre...  
 O amor é que não se detém ante nenhum obstáculo,  
 e pode mesmo existir quando não se é livre.  
 E no entanto ele é em si mesmo  
 a expressão mais elevada do que houver de mais  
 livre  
 em todas as gamas do humano sentimento.  
 É preciso não ter medo,  
 é preciso ter a coragem de dizer.  
 (MARIGHELLA, 1939, não paginado)

Um dos momentos que mais me emocionou na ocupação do C. E. Pedro Macedo foi quando nós, do Levante, declamamos essa poesia do Marighella (1939) para os estudantes em meio a uma mística e eles cantaram, pouco depois, em um ato. Estávamos tensos porque havia boatos de que a diretora e o MBL iriam tentar desocupar o colégio, pois organizaram um evento no Facebook e havia um carro de som passando nas ruas do bairro, convocando a comunidade escolar para a “desocupação que aconteceria à noite”. Nós nos reunimos no portão do colégio e conversamos sobre a importância do movimento como um todo e sobre a necessidade de que eles cuidassem uns dos outros, pois nós iríamos sair e acompanhar o ato dos apoiadores da ocupação, do lado de fora do colégio.

A convocatória para os apoiadores do movimento irem defender os ocupantes reuniu cerca de trezentas pessoas e nós “abraçamos” o colégio, para impedir que os manifestantes contrários chegassem perto. Eles estavam em cerca de cinquenta pessoas, então não havia perigo de violência física, como acontecera no C. E. Lysimaco da Costa, dias antes.

Os ocupantes, encapuzados, estavam observando as manifestações por cima do muro e começaram a entoar parte do poema, como havíamos feito na mística: “é preciso não ter medo, é preciso ter a coragem de dizer... é preciso não ter medo, é preciso ter a coragem de dizer...”. Os apoiadores os acompanharam e, em coro, nós seguimos cantando até que os manifestantes contrários se retiraram, sem sucesso em sua empreitada.

A inteligência que os estudantes demonstraram neste processo, ao mobilizar os apoiadores e organizar o ato de defesa da escola, bem como a simplicidade com que se apropriaram de Marighella (1939) e o fizeram pulsar, em coro, me deixaram bastante emocionada. Além disso, a alegria e a força que demonstravam ao ver o tamanho da manifestação de apoio eram contagiantes.

Acredito que esta análise das ocupações destaca, principalmente, a necessidade de reconhecer os secundaristas como atores políticos relevantes e *ouvir* os estudantes que se engajaram neste processo.

Os estudantes que se mobilizaram demonstraram que a juventude brasileira, ainda que tenha sido reconhecida como um sujeito de direito no último período, ainda é afetada pelas contradições sociais e não se vê legitimada como um ator político e social legítimo por parte dos governantes, gestores escolares, professores e por suas famílias.

Esta construção de legitimidade é um processo, no qual acredito que as ocupações reforçam a demanda do reconhecimento, pois demonstram que os jovens sabem se organizar e lutar por seus direitos. Os estudantes secundaristas consolidaram a ocupação das escolas como uma *tática* política que também é sua, ampliando o *repertório* de mobilizações brasileiro, no qual até então a ocupação era uma ferramenta dos estudantes universitários.

A capacidade de organização que eles demonstraram neste processo é impressionante e evidencia também que a escola deve mudar. Os ocupantes construíram um ambiente escolar pautado no reconhecimento, na valorização das diferenças e em processos pedagógicos mais participativos, ou *horizontais*, como eles mesmos definem.

A estrutura escolar, que estabelece assimetrias e hierarquias, foi substituída por um processo de participação direta em que eles se fizeram sujeitos, ou atores ativos. Ainda que tenham assimetrias entre si, como as *lideranças*, elas não estavam estabelecidas de forma vertical, como a hierarquização estrutural entre direção e equipe pedagógica em relação aos estudantes. As lideranças do processo de ocupação eram pessoas que se destacaram e estabeleciam conexões entre as ocupações e comunidade escolar, mas sempre em diálogo com os demais ocupantes, respondendo coletivamente ao processo de comunicação externa.

Podemos afirmar que as ocupações evidenciam, ainda, que os estudantes estão *vivendo* a pressão das políticas neoliberais que estão sendo implementadas pelo governo interino de Michel Temer. Utilizemos os dados do Censo Escolar de 2017 para exemplificar tal afirmação. A persistência da redução no número de matrículas no ensino médio logo após a aprovação da MP 746 e da PEC 241 (55) demonstra que as medidas não afetam positivamente as trajetórias estudantis e não contribuem para o maior gargalo do ensino médio que é a permanência dos jovens na escola. Ao contrário, a falta de reconhecimento de sua luta como uma demanda legítima corrobora para o sentimento de invisibilização que, como vimos, já fazia parte das trajetórias escolares e é um dos motivos do abandono escolar. É possível afirmar, assim, que a Reforma do Ensino Médio em curso é um processo de flexibilização das garantias aprovadas em relação à educação nas últimas décadas e fere os objetivos estabelecidos pela LDB/1996, pela Lei 12.061/2009 e pelo Plano Nacional de Educação, de 2014, de universalizar o Ensino Médio, garantir o financiamento público e o caráter reflexivo desta etapa de ensino.

Somado a isto, a Reforma Trabalhista agrava a situação de precarização do trabalho dos jovens, que ocupam parte expressiva dos postos de trabalho “intermitentes”, ou precarizados. A flexibilização das leis trabalhistas faz com que mais jovens abandonem a escola e se dediquem exclusivamente ao mundo do trabalho.

As ocupações das escolas não conseguiram abalar, neste sentido, as estruturas governamentais e escolares a ponto de mudá-las. No entanto, como uma tática política elas dificilmente iriam conseguir fazê-lo, pois eram, de saída, limitadas. Elas são parte de um processo e não devem ser analisadas como um todo. As

ocupações, assim, não foram uma derrota, por não conseguirem barrar a MP 746 e a PEC 241 (55). Ao contrário, podemos analisá-las como uma *vitória*, ainda que limitada, que faz parte do *ciclo de mobilização juvenil atual*, no qual as lutas sociais estão sendo convidadas a se renovarem e serem mais inclusivas, bem como estão construindo o processo de oposição ao golpe político vigente.

Os ocupantes com os quais conversamos ao longo da pesquisa sentem isso. Eles afirmam que as ocupações foram importantes pois evidenciaram sua capacidade de protagonismo e de mobilização, bem como tornaram uma outra referência de escola possível. Desse modo, a *experiência* de ocupar é uma vitória, ainda que também parcial, igualmente importante deste processo, pois transformou a vivência de milhares de estudantes.

As relações construídas na ocupação romperam com a lógica individualista do cotidiano escolar e possibilitaram convivências em que o reconhecimento da identidade de gênero, da orientação sexual, da cor da pele e da vivência periférica foram positivados.

As ocupações foram, assim, o lugar dos desabafos das angústias, do compartilhamento de traumas e violências sofridas e, ao mesmo tempo, o lugar em que *se aceitaram*, segundo eles mesmos, e *se amaram*. Até os conflitos são descritos pelos ocupantes como positivos, pois os fizeram mais fortes. As desavenças com a direção escolar, com a equipe pedagógica, com suas famílias e namorados/as são narradas como o momento em que foram testados e aprenderam a se posicionar e se expressar.

Podemos afirmar, desta maneira, que eles se ocuparam de si e amadureceram neste processo. As ocupações, portanto, não ensinaram somente como ocupar escolas, mas lhes conferiram um novo status, de *atores* sociais e políticos, que lhes confere uma nova gama de possibilidades de “uso” dos conhecimentos adquiridos, bem como novas experiências em suas *trajetórias*.

Destaco como último aspecto relevante que as ocupações foram diretamente influenciadas por processos de luta anteriores, como vimos, pelas Jornadas de Junho de 2013, pelas manifestações políticas em torno do impeachment da Presidenta Dilma Rousseff, pelo confronto no Massacre do dia 29 de abril de 2015, no Paraná, e pelas



ocupações das escolas públicas em São Paulo, também em 2015. No entanto, a inspiração dos estudantes chilenos se fez igualmente importante, por ser o maior referencial de ocupação secundarista da América Latina.

A cartilha “Como ocupar um colégio?” demonstra como esta inspiração se converteu em um processo de referência direta, onde os acúmulos dos pinguinos chilenos foram transmitidos para os estudantes brasileiros e os orientaram na organização das ocupações secundaristas daqui. Este processo de troca de experiências entre os jovens estudantes da América Latina se coloca, neste sentido, como um aspecto a ser aprofundado, podendo ser compreendidas como *performances políticas* que: “funcionam como atos de transferencia vitais, transmitindo o conhecimento, a memória e um sentido de identidade social” (TAYLOR, 2013, p. 27) complexificando o *repertório* de mobilizações juvenis latino americano. Estudos comparativos entre juventudes latinoamericanas, como o organizado por Regina Novaes e Eliane Ribeiro (2010) e a conversação sobre as mobilizações juvenis no México, Brasil e Chile, entre Claudia Mayorga, Rogelio Marcial e Oscar Aguilera Ruiz (2013), são exemplos que nortearão o seguimento da presente pesquisa.

Concluo, de maneira provisória, ao afirmar que as ocupações deixaram *marcas* nas pessoas que participaram delas. Eu, enquanto militante e pesquisadora, pretendo seguir no doutorado a fim de apreender o que estas marcas vão virar, no que diz respeito ao *ciclo de mobilização juvenil brasileiro* e suas possibilidades de continuidades, nestas *trocas de experiências* entre jovens estudantes da América Latina e também em relação aos estudantes e suas *trajetórias* após as ocupações. Afinal, o processo de “afrouxamento” das conquistas na educação, no trabalho, na assistência social e na previdência seguem em curso, assim como os jovens seguem mobilizados e resistindo.

## REFERÊNCIAS

A; B; M. **Grupo de discussão C. E. Pedro Macedo**. Entrevista concedida a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Luisa Fayet Sallas, Carolina Simões Pacheco e Sabrina Freitas. Curitiba, 2017. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação]

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação**. n. 6, p. 25-36, 1997.

AGUILERA RUIZ, O. Repertorios y ciclos de movilización juvenil en Chile (2000-2012). In: **Revista Utopía y Praxis Latinoamericana**. Venezuela, a. 17, n. 57, p. 101-108, 2012. Disponível em: < <https://goo.gl/5nBY3H> >. Acesso em: 12 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. **Generaciones**: movimientos juveniles, políticas de la identidad y disputas por la visibilidad en el Chile neoliberal. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2014.

AK; AR. **Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 03**. Entrevista concedida a Sabrina Freitas e Tábata Soldan. Curitiba, 2016. Não publicado.

AMARAL, M. A nova roupa da direita. In: JINKINGS, I; DORIA, K; CLETO, M. (Orgs). **Por que gritamos golpe?** São Paulo: Boitempo, 2006. pp. 49-55.

ANDRADE, C. Juventude e Trabalho: alguns aspectos do cenário brasileiro contemporâneo. In: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). **Nota técnica**: mercado de trabalho. v. 37, 2008. Disponível em: < <https://goo.gl/kpW9GN> >. Acesso em: 07 mai. 2017.

ANÍBAL, F. Justiça absolve Richa e culpa manifestantes pela Batalha do Centro Cívico. **GAZETA DO POVO**. Curitiba, 15 ago. 2017, não p. Disponível em: < [https://goo.gl/xuDCYkcontent\\_copy](https://goo.gl/xuDCYkcontent_copy) >. Acesso em: 09 jan. 2018.

BEGA, M. T; SALLAS, A. L. Por uma Sociologia da Juventude: releituras contemporâneas. In: **Revista Política & Sociedade**. v. 5, n. 8, p. 31-58. Edição especial, 2006.

BENEDETTI, M. ¿Qué les queda a los jóvenes? In: \_\_\_\_\_. **La vida ese paréntesis**. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 1997, p. 136.

B; J. **Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 01**. Entrevista concedida a Prof. Dr<sup>a</sup>. Simone Meucci e Tábata Soldan. Curitiba, 2016. Não publicado.

BOGO, A. **Organização política e política de quadros**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

BORDIN, L; LEITÓLES, F. Richa lamenta morte de estudante e critica ocupações. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 24 out. 2016, não p. Disponível em: < <https://goo.gl/71eyZj>>. Acesso em 15 ago. 2017.

BOURDIEU, P. La “juventud” no es más que una palabra. In: \_\_\_\_\_. **Sociología y Cultura**. México: Grijalbo, S. A, 1984, p. 119-127.

BRASIL. Decreto-lei nº 477, de 26 de fevereiro de 1969. Define infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimentos de ensino público ou particulares, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 fev. 1969, Seção 1, p. 1706. Disponível em: < <https://goo.gl/8i7QXW>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Portal da Legislação**, Brasília, DF, 13 de julho de 1990. Disponível em: < <https://goo.gl/pgxT4f>>. Acesso em 16 jul. 2017.

BRASIL. Lei nº 12.061, de 27 de outubro de 2009. Altera o inciso II do art. 4º e o inciso VI do art. 10 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para assegurar o acesso de todos os interessados ao ensino médio público. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 28 de outubro de 2009, Seção 1, p. 1. Disponível em: < <https://goo.gl/mXzH8s>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

BRASIL. Lei nº. 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 26 de junho de 2014, Seção 1, Ed. Extra, p. 1. Disponível em: < <https://goo.gl/7yEiNE>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

BRASIL. Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 14 de julho de 2017, Seção 1, p. 1. Disponível em: < <https://goo.gl/gM4Qx3>>. Acesso em 12 mar. 2017.

BRASIL. Medida Provisória Nº 746, de 22 de setembro de 2016. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 de setembro de 2016, Seção 1, Ed. Extra, p. 1. Disponível em: < <https://goo.gl/kFbyd1>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo Escolar 2017: Notas Estatísticas**. Brasília, DF, 2018. 21 p. Disponível em: < <https://goo.gl/95bZFG>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo Escolar 2017: Gráfico da Apresentação**. Brasília, DF, 2018. 24 p. Disponível em: < <https://goo.gl/7CTciV>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Ideb. **PEDRO MACEDO C. E. EF M PROFIS**. Disponível em: < <https://goo.gl/4hWm8v>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **NOTA TÉCNICA Nº 040**. Indicador para mensurar a complexidade da gestão nas escolas a partir dos dados do Censo Escolar da Educação Básica. Brasília, DF, 17 de dezembro de 2014. Disponível em: < <https://goo.gl/xPhBt8>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Planejando a Próxima Década: Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação**. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/51t1AE>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

BRASIL. Presidência da República Casa Civil. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 de outubro de 1988, Seção 1, p. 1. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/Ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L8069.htm)>. Acesso em: 12 mar. 2018.

BRASIL. Presidência da República Secretaria Geral. **Secretaria Nacional de Juventude: Balanço da Gestão 2011-2014**. Brasília, DF, 2014. Disponível em: < <https://goo.gl/B6CHBR>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

BRASIL. Presidência da República Secretaria Geral. Secretaria Nacional de Juventude (SNJ). **Agenda Juventude Brasil 2013**. Brasília: IPEA, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/4n8ctj>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

BRASIL. Presidência da República Secretaria Geral. Secretaria Nacional de Juventude (SNJ). Estação juventude. **Conceitos fundamentais**: ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude. ABRAMO, H (Org.). Brasília: SNJ, 2014. 128p. Disponível em:<<https://goo.gl/PVQMh1>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

BRASIL. Presidência da República Secretaria Geral. Secretaria Nacional de Juventude (SNJ). Participatório-Observatório Participativo de Juventude. **Boletim Juventude Informa**. Brasília: SNJ/IPEA. Ano 1, n. 2, 2014. Disponível em: < <https://goo.gl/Qj6kfL>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

BRESSER-PEREIRA, L. C; THEUER, D. Um Estado novo-desenvolvimentista na América Latina? In: **Revista Economia e Sociedade**. Campinas, v. 21, n. especial, p. 811-829, 2012.

**CAMPANHA** pela liberdade de Rafael Braga. Disponível em: <<https://libertemrafaelbraga.wordpress.com>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

CAMPOS, A; MEDEIROS, J; RIBEIRO, M. **Escolas de luta**. Coleção Baderna. São Paulo: Veneta, 2016. 352 p.

CARAZZAI, E. Adolescente é morto por colega em escola ocupada em Curitiba, diz polícia. **Folha de S. Paulo**. Curitiba, 24 out. 2016, não p. Disponível em: <<https://goo.gl/wLVVGE>>. Acesso em 25 mai. 2017.

CASTELLS, M. A economia informacional e o processo de globalização. In: \_\_\_\_\_. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 87-160.

CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES (CUT). **Histórico**. Disponível em: <<https://cut.org.br/>>. Acesso em 20 mar. 2017.

CERTEAU, M. de. Fazer com: usos e táticas. In: \_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 86-97.

CHAUÍ, M. A nova classe trabalhadora brasileira e a ascensão do conservadorismo. In: JINKINGS, I; DORIA, K; CLETO, M. (Orgs). **Por que gritamos golpe?** São Paulo: Boitempo, 2006. p. 15-23.

CONSTANTINO, R. Ana Júlia: A menina que pensa pensar por conta própria, mas repete como papagaio o discurso de seus líderes. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 26 out. 2016, não p. Disponível em: <<https://goo.gl/Z4X1qP>>. Acesso em 15 ago. 2017.

CUNHA, P. R. A participação política juvenil e o conhecimento sobre Políticas Públicas de Juventude no Brasil. In: **Revista Segurança Urbana e Juventude**. Araraquara, v. 4, n. 1/2, p. 1-20, 2011.

**CWB RESISTE**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/cwbresiste/>>. Acesso em 20 mar. 2017.

DAYRELL, J. T. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In: **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, p. 1105-1128, 2007.

DRECHSEL, D. 6 Fatos que os estudantes das ocupações não sabem. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 07 out. 2016, não p. Disponível em: <<https://goo.gl/2qQh88>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

DUTRA, C. MORENO, C. Escola Sem Partido: estratégia golpista para calar a educação. **Carta Capital**. Brasília, 08 ago. 2016. Educação, não p. Disponível em: <<https://goo.gl/Jt3dUk>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

ESTEVAM, D.; COSTA, I. C.; BÔAS, R. V. **Agitprop**: cultura política. São Paulo: Expressão Popular, 2015. 197 p. (Arte e sociedade).

FRANCISCO NETO, J. "Antipartidos" expulsam quem estava de vermelho no ato do MPL. **Brasil de Fato**. São Paulo, 21 jun. 2013, não p. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/node/13305/>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FRASER, N. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. In: **Revista Mediações - Dossiê: Contribuições do pensamento feminista para as Ciências Sociais**. Londrina, v. 14, n.2, p. 11-33, 2009.

\_\_\_\_\_. **Social Justice in the Age of Identity Politics**: Redistribution, Recognition, and Participation. California: Stanford University, 1996. p. 1-43.

FRENTE BRASIL POPULAR (FBP). **Quem somos**. Disponível em: <<http://frentebrasilpopular.com.br/>>. Acesso em 20 mar. 2017.

FRENTE POVO SEM MEDO (FPSM). Disponível em: <<https://www.facebook.com/povosemmedonacional/>>. Acesso em 20 mar. 2017.

GALINDO, R. W. Richa culpa clack blocs e isenta polícia. **GAZETA DO POVO**. Curitiba, 30 abr. 2015, não p. Disponível em: <<https://goo.gl/aXU5PQ>>. Acesso em: 09 jan. 2018.

GONZALEZ, R. Políticas de emprego para jovens: entrar no mercado de trabalho é a saída? In: AQUINO, L; CASTRO, J; COELHO DE ANDRADE, C. (Orgs). **Juventude e Políticas Sociais no Brasil**. Brasília: IPEA. 2009, p. 109-129.

GOOGLE STREET VIEW. **Colégio Estadual Pedro Macedo**. Disponível em: <<https://goo.gl/RmsUkn>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

Governo de SP diz que vai ser mais duro contra o vandalismo. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 13 jun. 2013, não p. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2013/06/13/2/>>. Acesso em: 06 abr. 2017.

HARNECKER, M. **Estrategia y táctica**. Análisis sobre estos conceptos en las Obras Completas de Lenin. Argentina: Editorial Antarca, 1985. 66 p.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento**: A gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003. 296 p.

HOSHINO, C. Hoje a aula é por conta dos estudantes. **Brasil de Fato**. Curitiba, 20 out. 2016, não p. Disponível em: <<https://goo.gl/5QYgeh>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

INSTITUTO CIDADANIA, **Perfil da Juventude brasileira**. Relatório final, 2003. p. 1-93. Disponível em: <<https://goo.gl/WRpvxm>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica**. Disponível em: <<https://goo.gl/3VBWFk>>. Acesso em 15 jan. 2018.

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). WONS, L. (Coord). **Nosso Bairro**. Curitiba: IPPUC, 2015. 15 p. Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br>>. Acesso em: 15 jan. 2018.



Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). **NOTA TÉCNICA INDICADOR DE NÍVEL SOCIOECONÔMICO (Inse) DAS ESCOLAS**. Disponível em: < <https://goo.gl/fautM3> >. Acesso em: 15 jan. 2018.

K; P; S. **Entrevista C. E. Barão do Rio Branco 02**. Entrevista concedida a Prof. Dr<sup>a</sup>. Simone Meucci e Sabrina Freitas. Curitiba, 2016. Não publicado.

LEÃO, G. Entre a escola desejada e a escola real: os jovens e o ensino médio. In: CARRANO, P; FÁVERO, O. (Orgs). **Narrativas juvenis e espaços públicos**: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais. Niterói: Ed. UFF, 2014. p. 231-259.

LENIN, V. I. **Propaganda e agitação**. Moscovo: Ed. Progresso; Lisboa: Ed. Avante!, 1984. 230 p.

LENOIR, R. O objeto sociológico e o problema social. In: CHAMPAGNE, P; LENOIR, R; MERLLIÉ, L. (Org) **Iniciação à prática sociológica**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 59-106.

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE. **Quem somos**. Disponível em: < <http://levante.org.br> > Acesso em: 10 jan. 2018.

LOCATELLI, P; VIEIRA, W. O Black Bloc está na rua. **Carta Capital**. São Paulo, 21 ago. 2013, não p. Disponível em: <<https://goo.gl/YxbxAQ> >. Acesso em: 17 abr. 2017.

LÖWY, M. Da tragédia à farsa: o golpe de 2016 no Brasil. In: JINKINGS, I; DORIA, K; CLETO, M. (Orgs). **Por que gritamos golpe?** São Paulo: Boitempo, 2006. p. 61-69.

LUIZ, G. Enem 2016 será adiado para 240 mil alunos de 364 escolas; veja lista. **G1**. São Paulo, 04 nov. 2016, não p. Disponível em: < <https://goo.gl/fdfKw3> >. Acesso em: 25 mar. 2017.

Maior manifestação política da história de SP reúne 500 mil na Paulista. **DataFolha**. São Paulo, 14 mar. 2013, não p. Disponível em: < <https://goo.gl/cgxQqg> >. Acesso em: 06 jan. 2018.

MARGULIS, M. **La juventud es más que una palabra**: ensayos sobre cultura y juventud. 3 ed. Buenos Aires: Biblos, 2008. 241 p.

MARIGHELLA, C. **Poemas**: rondó da liberdade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. 96 p.

MARTINS, C. **Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina**. São Paulo: Boitempo, 2011. 367 p.

MAYORGA, C.; MARCIAL, R.; AGUILERA RUIZ, O. Jóvenes en la calle: manifestaciones en Chile, México y Brasil. In: **Desidades**: Revista electrónica de

divulgación científica de la infancia y la juventud. n. 1, año 1, p. 28-46, 2013. Disponível em: < <https://goo.gl/2XC4uv> >. Acesso em: 09 fev. 2018.

MENDONÇA, R. Reconhecimento em debate: os modelos de Honneth e Fraser em sua relação com o legado habermasiano. In: **Revista Sociologia & Política**, Curitiba, 2007. p.169-185.

MIGUEL, L. F. A democracia na encruzilhada. In: JINKINGS, I; DORIA, K; CLETO, M. (Orgs). **Por que gritamos golpe?** São Paulo: Boitempo, 2016, p. 31-39.

MORAES, M.C.; MÜLLER, R.G. História e experiência: contribuições de E. P. Thompson à pesquisa em educação. In: **Revista PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 21, n. 02, p. 329-349, jul./dez. 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/2BwnAJ>> Acesso em: 08 jan. 2018.

MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). **Propostas do MBL**. Disponível em: <<https://mbl.org.br/>>. Acesso em 20 mar. 2017.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). **A História da luta pela terra**. Disponível em:<<http://mst.org.br/>>. Acesso em 20 mar. 2017.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). **Instituto de Educação Josué de Castro**: Método Pedagógico. 2004. Disponível em: < <https://goo.gl/A37rVH> >. Acesso em: 15 mar. 2017

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TETO (MTST). **A organização do MTST**.Disponível em: <<http://www.mtst.org/>>. Acesso em 20 mar. 2017.

MOVIMENTO VEM PRA RUA (MVPR). **Quem somos**. Disponível em: <<https://www.vempraru.net/sobre-nos/>>. Acesso em: 07 jan. 2018.

NAUJORKS, C. J; SILVA, M.K. Correspondência identitária e engajamento militante. In: **Revista de Ciências Sociais Civitas**. v. 16, n. 1, p. 136-152, 2016. Disponível em: < <https://goo.gl/AtXA3H> >. Acesso em: 12 jan. 2018.

NOVAES, R. **Juventude**: políticas públicas, conquistas e controvérsias. Brasília, 2014. Disponível em: < <https://goo.gl/jo1X4G> >. Acesso em: 02 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Políticas de juventude no Brasil: continuidades e rupturas. In: **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 284 p. (Coleção Educação para Todos; 16). p. 253-281.

NOVAES, R., RIBEIRO, E. (Orgs). **Livro das Juventudes Sul-americanas**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), 2010. 165 p. Disponível em: < <https://goo.gl/8YN2Ta> >. Acesso em: 09 fev. 2018.



NOVAES, R; CARA, D; SILVA, D. M; PAPA, F. C. (Orgs). **Política Nacional de Juventude**: diretrizes e perspectivas. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude; Fund. Friedrich Ebert, 2006. 140 p.

OCUPA PEDRO MACEDO. **Lista de “problemas” anteriores à ocupação**. Curitiba, 18 out. 2016, não p. Disponível em: < <https://goo.gl/aZ382K>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

OCUPA PEDRO MACEDO. **Sobre as desocupações forçadas**. Curitiba, 25 out. 2016, não p. Disponível em: < <https://goo.gl/r1FjnH> >. Acesso em: 12 mar. 2017.

O MAL-EDUCADO. **Como ocupar um colégio?** São Paulo, 21 out. 2015, não p. Disponível em: < <https://goo.gl/gmHmZG> >. Acesso em 15 mai. 2017.

PACHECO, C. S. **Questionário: Você ocupou o C. E. Pedro Macedo?** Curitiba, 2017. [O questionário na íntegra encontra-se transcrito no Apêndice desta dissertação]

PARANÁ. Secretaria de Educação. **Apresentação Colégio E. Pedro Macedo**. Não p. Curitiba, 2015. Disponível em: < <https://goo.gl/t5skrE> >. Acesso em: 21 mar. 2017.

Perfil dos manifestantes favoráveis e contrários ao *impeachment* de Dilma Rousseff. **Data Folha**. 02 abr. 2016, não p. Disponível em: < <https://goo.gl/DLK8B> >. Acesso em: 06 jan. 2018.

PEREGRINO, M. Juventude, trabalho e escola. In: CARRANO, P; FÁVERO, O. (Orgs). **Narrativas juvenis e espaços públicos**: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais. Niterói: Ed. UFF, 2014. p. 259-279.

PEREIRA, R; RESENDE, N; ROSSONI, A. Manifestantes e MBL tentam desocupar escola e provocam tumulto no Paraná. **Portal Paraná**. Curitiba, 27 out. 2016, não p. Disponível em: < <https://goo.gl/Uetuh3> >. Acesso em: 22 mar. 2017.

PINTO, C. Nota sobre a controvérsia Fraser–Honneth informada pelo cenário brasileiro. In: **Revista Lua Nova**. São Paulo, n. 74, p.35-58, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n74/03.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

Repórter da “Folha” ferida em manifestação em SP recebe alta. **G1**. São Paulo, 15 jun. 2013, não p. Disponível em: < <https://goo.gl/YgGjrT> >. Acesso em: 07 abr. 2017.

RIBEIRO JÚNIOR, A. **A Privataria Tucana**. São Paulo: Geração Editorial, 2011. (Coleção história agora; v. 5). 344 p.

ROCHA, G; MONTEIRO, A; JUNIOR, G. B. Alckmin quer cobrar prejuízos de “vândalos”. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 13 jun. 2013. C3. Link disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2013/06/13/2/>>. Acesso em: 06 abr. 2017

SALLES, D. V. *et al.* **O Regime Militar no Brasil (1964-1985) e o Movimento Estudantil**. Disponível em: <<http://lemad.fflch.usp.br/node/219>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

SANTOS, M. O retorno do território. In: **Observatório Social de América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, n. 16, p. 250-261, 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/vaZVVG>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

SCHMIDT, M. A; DIVARGIM, T; SOBANSKI, A. **#OcupaPR2016**: memórias de jovens estudantes. Curitiba: W.A., 2016. 152 p.

SCHRAMM, F. Justiça inocenta Beto Richa e acusa manifestantes por Massacre de 29 de abril. **Brasil de Fato PR**. Curitiba, 17 ago. 2017, não p. Disponível em: <<https://goo.gl/B5hTD7>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

SILVA, E; ANDRADE, C. A Política Nacional de Juventude: avanços e dificuldades. In: AQUINO, L; CASTRO, J; COELHO DE ANDRADE, C. (Orgs). **Juventude e Políticas Sociais no Brasil**. Brasília: IPEA. 2009, p. 41-70.

SINGER, A. Brasil, Junho de 2013: classes e ideologias cruzadas. In: **Novos estudos – CEBRAP**. São Paulo, n. 97, p. 23-41, nov. 2013. [Dossiê: Mobilizações, protestos e reações]. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/nec/n97/03.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

TARROW, S. Ciclos de acción colectiva: entre los momentos de locura y el repertorio de contestación. In: TRAUGOTT, M. (Org). **Protesta social: repertorios y ciclos de la acción colectiva**. Barcelona: Ed. Hacer, 2002. p. 99-129.

TAYLOR, D. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Tradução de: REIS, E. L. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2013. 430 p.

THOMPSON, E. O termo ausente: experiência. In: \_\_\_\_\_. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p.180-200.

TOURAINÉ, A. O sujeito como movimento social. In: \_\_\_\_\_. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 247-269.

TOURAINÉ, A. Na fronteira dos movimentos sociais. In: **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 17-28, 2006. Disponível em: < <https://goo.gl/1XwkVD>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

TURNER, V. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. CASTRO, N. (Trad). Petrópolis: Vozes, 1974. 245 p.

UNIÃO BRASILEIRA DE ESTUDANTES SECUNDARISTAS (UBES). **História UBES**: 40 milhões de estudantes, ideias e sonhos. Disponível em: <<https://ubes.org.br/>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES (UNE). **Sobre**. Disponível em: <<http://www.une.org.br/a-une/>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR). Sistema de Bibliotecas. **Manual de Normalização de Documentos Científicos**: de acordo com as normas da ABNT. AMADEU, M. S. et. al. (Orgs). Curitiba: Ed. UFPR, 2015. 327 p. Disponível em: <<https://goo.gl/9HezXB>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS). Biblioteca da Escola de Administração. **Como citar no texto acadêmico as entrevistas oriundas de pesquisas qualitativas?** Porto Alegre: UFRGS, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/buh2Dq>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

Veja pesquisa completa do Ibope sobre os manifestantes. **G1**. São Paulo, 24 jun. 2013, não p. Disponível em: <<https://goo.gl/XijF2k>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

Veja pesquisa completa do Ibope sobre os manifestantes. **G1**. São Paulo, 24 jun. 2013, não p. Disponível em: <<https://goo.gl/zhCWYS>>. Acesso em: 4 abr. 2017.

VIA CAMPESINA. **Agitação e Propaganda no Processo de Transformação Social**. São Paulo: Coletivos de Comunicação, Cultura e Juventude da Via Campesina, 2007. 60 p. Disponível em: <<https://goo.gl/Zu288S>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

VIDRIO, S. G. El papel de las emociones en la conformación y consolidación de las redes y movimientos sociales. In: ARIZA, M. (Org). **Emociones, afectos y sociología**: diálogos desde la investigación social y la interdisciplina. México: Instituto de Investigaciones Sociales (UNAM), 2016. p. 399-440.

WACQUANT, L. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. 293 p.

## APÊNDICES

### 1 QUESTIONÁRIO VIRTUAL “VOCÊ OCUPOU O C. E. PEDRO MACEDO?”

#### Você ocupou o C.E. Pedro Macedo?

Olá,  
Eu sou a Carolina. Estou no mestrado em Sociologia e meu tema de estudo é as ocupações que aconteceram nos colégios brasileiros em 2016.  
Esse questionário é só para o pessoal da ocupação do Pedro Macedo, pois participei dela em vários momentos e parto daí para analisar as ocupações de maneira mais ampla.  
Gostaria de conhecer um pouco mais você (e as pessoas que na época eram estudantes do colégio), por isso peço que preencha o questionário a seguir, não vai levar mais que 10 minutinhos e me ajudará muito!  
Obrigada desde já,  
Carol Pacheco :)

P.S: O preenchimento do questionário é anônimo, ou seja, suas respostas serão sigilosas e conto com sua seriedade.

\*Obrigatório

1. Quantos anos você tinha na ocupação? \*

---

2. Você se identifica com o gênero \*

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Feminino  
☐ Masculino  
☐ Outro: \_\_\_\_\_

3. Você se identifica como uma pessoa (ref. IBGE)

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Branca  
☐ Preta  
☐ Amarela  
☐ Parda  
☐ Indígena

4. Você mora em qual bairro? \*

---

5. Você mora em \*

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Casa própria  
☐ Casa alugada

6. Quantas pessoas moram na sua casa?

7. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? (Marque apenas uma resposta) \*

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Nenhuma renda  
☐ Até 1 salário mínimo (R\$937,00)  
☐ De 1 a 3 salários mínimos (R\$937,00 a R\$2.811,00)  
☐ De 3 a 6 salários mínimos (R\$2.811,00 a R\$5.622,00)  
☐ De 6 a 9 salários mínimos (R\$5.622,00 a R\$8.433,00)  
☐ De 9 a 12 salários mínimos (R\$8.433,00 a R\$11.244,00)  
☐ Mais de 12 salários mínimos (R\$11.244,00 ou mais)  
☐ Não sei

8. Qual é o nível de escolaridade do seu pai/responsável? (Marque apenas uma resposta)

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Da 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)  
☐ Da 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)  
☐ Ensino Médio (antigo 2º grau)  
☐ Ensino Superior  
☐ Especialização  
☐ Não estudou  
☐ Não sabe

9. Qual é a profissão do seu pai?

---

10. Qual é o nível de escolaridade da sua mãe/responsável? (Marque apenas uma resposta)

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Da 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)  
☐ Da 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)  
☐ Ensino Médio (antigo 2º grau)  
☐ Ensino Superior  
☐ Especialização  
☐ Não estudou  
☐ Não sabe

11. Qual é a profissão da sua mãe?

---

## 12. Você trabalha?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim  
☐ Não

## 13.

Você contribui com as contas de casa?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim  
☐ Não

## 14.

Como você vai para o colégio?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Carro familiar  
☐ Ônibus  
☐ A pé  
☐ Bicicleta  
☐ Carona

## 15.

Você tem passe estudantil?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim  
☐ Não

## 16.

Você estudou/estudou no Pedro Macedo \*

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Ensino Fundamental e Médio  
☐ Ensino Médio

## 17.

Você estudou/estudou no

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Ensino Médio Regular  
☐ Ensino Médio Técnico

## 18.

Antes da ocupação, você gostava do colégio?

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Não	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito

## 19. Antes da ocupação, você gostava de estudar?

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Não	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito

## 20.

Antes da ocupação, como era sua relação com os/as professores/as?

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Indiferente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Ótima

## 21.

Antes da ocupação, como era a sua relação com a equipe pedagógica?

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Indiferente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Ótima

## 22.

Antes da ocupação, qual era a sua relação com a direção?

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Indiferente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Ótima

## 23.

Antes da ocupação, como era sua relação com os outros estudantes?

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Indiferente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Ótima

## 24.

Antes da ocupação, você tinha um algum grupo de amigos?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim  
☐ Não

## 25.

Você participava do grêmio antes da ocupação?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim  
☐ Não

26. Você foi em atos antes da ocupação?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim  
☐ Não

27. Qual/quais?

---

---

---

---

---

28. Você conhece alguma referência de estudantes que ocuparam escolas em outro lugar/momento e que inspiraram as ocupações de 2016? Qual?

---

---

---

---

---

29. Você participou da assembleia que aconteceu na quadra do colégio antes da ocupação, que tratou da MP 746 e da PEC 241?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim  
☐ Não

30. O que você achava da MP 746 antes da ocupação? \*

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Concordava  
☐ Discordava  
☐ Não tinha opinião a respeito

31. O que você achava da PEC 241 antes da ocupação? \*

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Concordava  
☐ Discordava  
☐ Não tinha opinião a respeito

32. Você participou de grupos de whatsapp pra organizar a ocupação?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim  
☐ Não

33. Você dormiu na ocupação com que frequência?

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muitas vezes

34. Seus pais/responsáveis apoiaram a sua participação?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim  
☐ Não

35. Você se inseriu nas tarefas de organização da ocupação?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim  
☐ Não

36. Em qual tarefa?

---

37. Como vocês dividiam as tarefas na ocupação?

---

---

---

---

---

38. Você participou de oficinas na ocupação?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim  
☐ Não

39. Qual você mais gostou?

---

---

---

---

---

40. Você ampliou seu grupo de amigos na ocupação?

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Não	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito

41. Você ficou com alguém na ocupação?

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

42. Se sim, foi com alguém que se identifica com o mesmo gênero que você (relação homoafetiva)?

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

43. Se sim, foi a primeira vez que você ficou com alguém do mesmo gênero?

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

44. Você se identifica como

Marcar apenas uma oval.

☐ Heterossexual

☐ Homossexual

☐ Bissexual

☐ Outro: \_\_\_\_\_

45. Você participou das assembleias da ocupação?

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

46. Você acha que as assembleias eram o espaço onde as decisões eram tomadas na ocupação?

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Não	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sim

47. Você acha que todas as pessoas que ocuparam tinham voz na ocupação?

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Não	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sim

48. Você acha que a ocupação tinha uma organização horizontal?

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Não	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sim

49. Você acha que havia lideranças na ocupação?

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

50. Como você se sente em relação às lideranças?

Marcar apenas uma oval.

☐ Não gosto

☐ Gosto

☐ Acho necessário

☐ Não me importo

51. Você gostou de ocupar

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Não gostei	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Gostei muito

52. Por quê?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

53. Você gostou das amizades que fez na ocupação?

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Não gostei	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Gostei muito



54. Por quê?

---



---



---



---

55. Como você se sente em relação ao colégio, depois da ocupação?  
 Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Indiferente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Gosto muito

56. Como você se sente em relação à você, depois da ocupação?

---



---



---



---

57. Qual seu interesse em participar de atos políticos, depois da ocupação?  
 Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Indiferente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito interesse

58. Qual seu interesse em notícias sobre a política, após a ocupação?  
 Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Indiferente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito interesse

59. Você conhece algum outro momento em que a Juventude brasileira se destacou no cenário político?

---



---

60. Você conhece o Estatuto da Juventude?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim  
☐ Não

61. Você gostaria de acrescentar mais alguma informação sobre sua experiência?

---



---



---



---

62. Se quiser receber o resultado dessa pesquisa, me passa seu e-mail?

---



## 2 TRANSCRIÇÃO DO GRUPO DE DISCUSSÃO COM ESTUDANTES DO C. E. PEDRO MACEDO

Grupo de discussão coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Luisa Fayet Sallas, em 25 de novembro de 2017.

Mediadoras: (MI) Ana Luisa Fayet Sallas; (MII) Sabrina Freitas e (C) Carolina Simões Pacheco.

Entrevistados: A, B e M.

MI: Vocês falem um pouco da experiência de vocês nas ocupações de 2016, tá? Então, é uma conversa assim que, na realidade, a ideia é que vocês conversem entre vocês e contem como é que foi essa experiência e como essa questão mesmo da política né? Como é que foi essa construção em relação à política, ao movimento político, enfim. Então aqui, a Carolina vocês conhecem, e a Sabrina também, aluna nossa aqui que pesquisa junto com a gente sobre a questão desses movimentos recentes de jovens, estudantes, do Brasil. Tá bom? Então, começo agradecendo vocês por virem aqui pra participar dessa conversa com a gente. Então, antes de iniciar propriamente as perguntas, eu queria só que cada um falasse o nome, a idade. Vocês todos são do mesmo colégio que é o Pedro Macedo, né?

A: Meu nome é A., eu tenho 17 anos, eu tô no terceiro ano do colégio, em Técnico em Administração, tenho mais um ano.

M: Eu sou a M., tenho 17 anos, nas ocupações eu tinha 16. Estudo no Pedro Macedo, terceiro ano do Ensino Médio Técnico em Administração e tenho mais um ano também.

B: Meu nome é B., tenho 18 anos, eu já me formei no ensino médio e tava cursando engenharia e agora tranquei porque vou me mudar pra outra faculdade. Na época da ocupação eu tinha 17 anos.

MI: E você entrou na engenharia onde?

B: No SENAI.

MI: Ah, no SENAI.

B: Isso, agora eu vou migrar pra Design aqui na Federal.

MI: Tá fazendo vestibular?

B: Isso.

MI: Já passou na primeira etapa?

B: Na primeira, aí tem a segunda

MI: Amanhã?

B: Isso.

MI: Boa sorte. Muito bem, então a gente vai começar e eu queria iniciar assim, com que vocês falassem um pouquinho como é que foi, se vocês antes das ocupações, vocês já tiveram alguma participação em alguma ação política? Como é que isso chegou pra vocês? Como é que, enfim, como é que foi esse processo pra vocês?

B: É, a minha família sempre participou de política, assim. Meu tio, irmão da minha mãe, participou de um movimento bem grande estudantil que aconteceu na virada do século no CEP, Colégio Estadual, quando tentaram tirar a diretora, na época do Requião. Então desde pequeno eu sempre tive nesse meio, assim. E parece que quando eu cheguei no meu terceiro ano aconteceu igual, assim, entende? Mas eu sempre me interessei bastante assim, desde pequeno. Não por política, mas pela questão de

ver o que tava errado e tipo, não aceitar aquilo, sabe? De alguma forma tentar mudar. E quando aconteceu a ocupação e todos esses movimentos que tavam acontecendo, foi tipo, a oportunidade de expressar o que eu tinha, assim...

MI: mas digamos que isso no caso teu já vinha uma coisa familiar, né?

M: No meu caso foi um pouco diferente. Eu era completamente a *bolha* da minha família. Então minha mãe não gostava muito de protestos, meu pai de jeito nenhum também. Achavam que era algo que eu ia ir e ia acabar voltando pra casa machucada. Aí começou o movimento das ocupações e como eu era do grêmio, é... o grêmio começou a se reunir e das ideias de ocupar. Então daí com isso eu fui indo atrás, me informando, e entrando no movimento. E daí a partir da ocupação que eu comecei a ir pros outros movimentos, pras outras manifestações.

A: A minha família é tipo de família que briga por política, mas briga e não sabe o que tá falando. Só briga por política, você apoia esse [...] não vem na minha casa. E também é o tipo de família que só vota porque é obrigatório. Então eu vivia dentro de uma *bolha*. A minha família assiste a globo, o dia inteiro, acredita no que tá lá, então eu vivia numa bolha, aí eu comecei a participar do grêmio estudantil e lá tem várias opiniões, se expressa muito. Aí foi tipo, “nossa, não é do jeito que eu pensei que era”. E como o grêmio, a gente foi, teve assembleia de ocupar. E aí, foi aí que eu fui conhecendo mais de política, porque eu acho que assim, eu ainda estaria na minha bolha se não tivesse o movimento estudantil, com as ocupações, eu ia tá na minha casa, sentada com a minha família, vendo a família brigar por apoiar tal político. Então, foi assim que eu comecei...

MII: Quando vocês entraram no grêmio? Foi no segundo ano, não foi?

A: Aham.

MI: Você também foi do grêmio? Vocês todos?

B: Eu não.

MI: Mas você também, M.?

M: Aham.

MI: Então vocês entraram no Ensino Médio e aí vocês já começaram a participar do grêmio?

M: Eu acho que as eleições foram mais pro fim do ano.

B: É porque quando eu entrei no colégio foi o último ano do grêmio, daí eles acabaram com o grêmio. Daí quando eu tava no terceiro ano, elas tavam no segundo, eu acho, ou primeiro, não sei.

M: No segundo.

B: Daí elas criaram o grêmio. Daí no colégio quem tá no terceiro não pode tá no grêmio daí a gente, tipo, eu, não entrei. Daí foram só duas chapas, né?

A: A gente entrou, tinha uma chapa de uma menina lá e ela tava querendo fazer coisas que não condiziam com o que a gente queria, sabe? Aí foi “não tá certo isso, vamo apoiar a outra chapa, porque era uma chapa mais séria” e foi “vamos ajudar eles”. E foi assim que a gente entrou no grêmio. Aí a gente foi vendo que era legal, que a gente podia fazer coisas legais e a gente continuou.

MII: Desculpa, mas quando?

A: A gente já tava mais da metade do ano.

M: Foi depois das férias, né? Eu acho.

A: Eu acho que, não lembro...

B: Não...

MI: Mas o que quê? Só uma coisa assim, o que que aconteceu entre, porque tinha o grêmio e fechou o grêmio por quê?

B: Porque eles, não sei também, só simplesmente fechou. Quando eu entrei no colégio nos primeiros meses eu lembro que o presidente do grêmio até entrou na sala falar, mas logo já acabou o grêmio. Ele saiu do colégio, nunca mais teve grêmio assim...

A: É difícil você [...] grêmio assim, a galera, [...] “você não tá fazendo nada, nossa” ...

B: É que lá no colégio nem adianta ter grêmio, a diretora não deixa fazer nada então ter o grêmio e não ter é a mesma coisa.

A: Ela não dá [...]

B: Não porque o grêmio não tenta, mas porque a diretora não deixa.

A: [...] o grêmio na escola é tipo, “vamos ter pessoas pra ajudar a gente a fazer as coisas”. Tipo, a semana cultural não foi uma semana cultural que a gente gostou, e a culpa ficou toda no grêmio. “Nossa, o grêmio fez a semana cultural, semana cultural mais chata que eu já vi”. E não foi a gente, a gente nem sabia que ia ter semana cultural. Aí a festa junina, “grêmio, vem ajudar a gente”, então o grêmio é mais isso.

MI: E assim, o que que você falou que entraram vocês duas pro grêmio. E o que que vocês fizeram, conversaram de fazer coisas que você falou, “a gente começou a fazer coisa legal”. Que que era essa coisa legal? Que que foi o legal desse processo?

A: A parte do grêmio nas eleições. [...] então a gente divulgava. A gente era da parte da divulgação do grêmio. E, legal, a gente conheceu pessoas novas, pessoas diferentes, pessoas que a gente pensava que a gente não ia conhecer. A gente olhava no colégio e “nossa, nunca vou falar com essa pessoa”.

M: Foi, tipo [...]

B: Tipo, eu não conhecia elas.

A: Eles chegaram a brigar um dia na quadra.

B: É verdade.

A: A gente queria jogar caçador e ele tava jogando basquete e precisa daquela parte e brigaram um dia por causa disso.

M: É que meio que assim, quando a gente, a gente era muito do nosso mundinho, pelo menos eu e a A. a gente era amigas então a gente era de um círculo muito fechado. A gente via pessoas na escola e a gente falava, julgava as outras pessoas, não vamos ser amigas porque não é do nosso meio social.

MI: Qual era o meio social de vocês?

M: É, dos babacas.

A: Meninas chatas, mimadas, que[...]

B: Gritam.

MI: Vocês?

M: A gente antes, né? Antes do grêmio, antes da ocupação.

MI: Vocês eram isso. E você?

B: Eu era na minha, só que rolou nesse dia que elas tavam com a quadra inteira só que sempre acontecia que não sobrava espaço pra jogar. A gente pediu pra usar metade da quadra, elas não quiseram dar metade da quadra.

[Risos]

A: Era caçador, a gente precisa usar a quadra inteira.

B: [...]

MI: Tá, mas aí vocês, é... então vocês brigavam antes, tinha uma competição porque vocês eram muito competitivas, né? Risos] Aí teve a ocupação?

M: Aí teve as eleições. Aí a nossa chapa do grêmio ganhou, que era “a voz de uma geração”.

MI: O quê?

M/A: A voz de uma geração.

MI: Esse é o nome da chapa?

M: Isso.

MI: Muito bem, muito bonito.

M: Aí, ela só nasceu porque a gente não concordava com a outra chapa, eu nem lembro o nome da outra chapa agora.

A: Eles só queriam festa, a proposta deles era fazer festa pros alunos. E daí a gente entrou com outras propostas.

MI: Tipo?

M: Horta na escola, aí ia ter, que mais que ia ter?

A: Amostra no intervalo, projeto pra arrecadar livros, essas coisas.

MII: E o motivo que vocês encontram é porque vocês queriam bater na outra chapa, é isso?

M: É que a gente não queria só festa. a gente achava que o grêmio era mais do que festa e eles tavam indo na ideia dos alunos, pra ganhar, que eles iam fazer festa. Mas a gente sabia que não ia acontecer, tipo baile de primavera, baile de outono, não ia acontecer. E eles queriam ganhar com aquilo, aquela proposta. E também a gente tava num bolinho de amigas ali, falou “ah, uma amiga minha quer fazer uma chapa”, e a gente, a gente apoia a chapa dela e tal e daí começou o grêmio. Aí foi as eleições, o grêmio ganhou, e daí a gente entrou pro meio, né? Aí começou todo o movimento de ocupações no CEP. Foi no CEP, se não me engano, que começou. E daí veio a ideia pro Pedro Macedo.

MI: Então as ocupações de vocês foram depois do CEP?

B: Foi.

M: Foi um mês depois.

B: Não.

A: A gente ocupou um dia antes do dia das crianças.

M: A gente ocupou umas três semanas depois.

A: A gente ocupou no dia 11 de outubro.

M: De noite, foi um dia antes.

B: É que aconteceu assim. O CEP já tinha ocupado e o nosso colégio ninguém tava se posicionando, não tavam nem aí. Tipo, não vamos ocupar.

M: Tavam ignorando o fato.

A: Porque o nosso colégio teve força, ele é um colégio “nossa, é o Pedro Macedo”. E a gente pensou assim, a gente tem tanta força, a gente tem que fazer alguma coisa. Tipo, a gente não pode deixar pros outros fazer a mudança sozinho. Se a gente quer que as coisas mudem a gente tem que lutar.

B: Então, e aí ninguém se posicionava, ninguém se coçava. Aí um dia eu tava na sala e tinha um professor, meu professor de português, e ele era meio estouradão assim. Aí ele pegou, surtou na sala, começou a berrar que “ninguém faz merda nenhuma, porque tão ocupando, olha o que que tão fazendo com a educação” e começou a sutar e foi “o quê?”. Aí eu peguei, minha sala era totalmente de direita

assim, era de direita extrema. Eu era o único com posicionamento mais de esquerda, todo mundo só me atacava na sala e eu comecei a falar com o professor tal, disso, todo mundo só xingava. Até que eu saí da sala, falei, “não, vou atrás disso, né”? Porque não tavam realmente, ninguém tava se coçando. Aí beleza. Aí nisso eu falei com um amigo meu e falei com... só falei com esse meu amigo e com alguma pessoa do grêmio que eu não lembro quem foi. Aí a gente decidiu: “não, vamo pega e vamo falar com o colégio sobre a ocupação”. Que que aconteceu teve o recreio, a gente trancou todas as portas, eu e meu amigo, dos blocos, e todo mundo foi pra quadra, aí a gente colocou os microfones lá e as caixas e a gente fez discurso lá, explicando o que tavam fazendo com as leis, sobre a PEC, tudo e todo mundo falou. Acho que elas falaram também, pra explicar pro colégio, e pra eles entenderem. E a gente perguntou, quem que vai querer fazer, quem não. E o colégio não apoiou, simplesmente.

M: É, só que nisso, antes de fazer essa reunião, teve toda uma conversa de pessoas que queriam ocupar. Não sei se você participou das reuniões.

B: Não, porque tinha reunião, tinha reunião, me falavam, tinha reunião, mas era tipo, só fazer reunião. Só teve reunião e tipo, era mais fala mas não faz.

M: Teve o pessoal do grêmio que começou, não é que o grêmio apoiava as ocupações. Mas todo mundo que tava no grêmio, como que eu posso dizer...todo mundo que tava no grêmio apoiava as ocupações mas a gente não podia dizer que o grêmio apoiava as ocupações. Então começaram a ter as reuniõezinhas, por fora.

MI: Paralelas.

M: Aham, com o pessoal que apoiava as ocupações e eram do grêmio e mais alguns que não eram do grêmio mas que apoiavam também.

A: Nessa época a gente tinha até saído do grêmio.

B: Daí aconteceu que eu peguei, depois desse dia, eu fui falar com uma amiga que era do grêmio e, porque, todo o grêmio era segundo ano. Tinha uma menina só, que era amiga das meninas do grêmio, que era do terceiro. Então, na verdade, quem era do terceiro ano, que participou da ocupação, fui eu e mais duas pessoas.

A: Quando começou as reuniões assim, começou tipo, um dia antes de ocupar a gente fez uma reunião e pegou o intervalo. E aí começou um cochicho que “aí, vão ocupar”. E a noite a diretora pegou e fechou o colégio, tipo, uma hora antes, fechou o colégio com chave porque falaram que a gente ia ocupar aquele dia.

B: Então, mas antes disso, teve, aí eu fui falar com essa minha amiga e um dia eu tava voltando do médico, por sorte eu desci na frente do colégio pra ir pra casa, eu encontrei uma parte da galera do grêmio, a presidente, a vice, e mais umas três pessoas. Elas tavam se reunindo pra conversar sobre. No fim eu já entrei e fui. Naquele dia a gente decidiu que a gente ia ocupar. A gente pegou o caderno, escreveu tudo o que ia precisar, fomos no colégio, conversei, eu e a presidente conversamos com os professores que apoiavam e fomos conversar com a diretora. Aí nesse dia ela falou que ia apoiar, só que ela falou “olha, eu comprei não sei quantas mil vinas lá pelo dia das crianças e a gente só quer que ocupem depois do dia das crianças”. Aí a gente pensou, né, beleza, vamos ver isso daí. Aí passou, acho que o que, uns dois, três dias...

M: Aí passou o final de semana, aí surgiu um boato que iam ocupar.

B: Só que a gente não ia ocupar.

M: Só que ninguém sabia de nada, porque não tava certo que íamos ocupar porque a gente nem tinha feito assembleia ainda, nem tinha feito a assembleia no intervalo. Aí no outro dia eu chegando da escola, a gente já não tava mais no grêmio por causa de problemas com a antiga presidente. E daí eu cheguei assim e falaram: “ah, vai ter uma reunião agora do grêmio com a direção, na sala da diretora”. Aí eu sem saber de nada, falei: “vamos, né?”. A gente ficou cinco aulas tendo reunião com a direção e a direção explicando os motivos pra gente não ocupar, que ela não podia falar “ocupem”, mas dava a entender que ela apoiava a ideia, só que daí ela falou dos pães e das vinas que ela tinha comprado pro dia das crianças, que era uma forma dela segurar a gente. Então daí ela distribuiu os cachorros-quentes no dia 12, só que ela fez toda aquela cena de fechar a escola no dia seguinte. E a gente falou, a gente

pensou com a gente, “ela não vai apoiar, ela só falou aquilo pra segurar a gente”. Aí antes do dia 12, foi dia 11 de noite, ocuparam a escola. E daí foi aí que começou o movimento.

A: Eu nem sabia que a gente ia ocupar aquele dia porque a gente falou: “não, era pra gente esperar”.

B: Eu tava no cursinho e me ligaram, eu já sabia que iam ocupar esse dia. Só que eu fui pro cursinho porque, né?

MI: Mas então, deixa eu só tentar entender, parece que não tinha propriamente uma coordenação que falasse.

B: Não, tinha, só que era escondido.

MI: Então, mas por isso, aí alguém sabia, alguém não sabia.

M: Uhum!

B: É que a gente não podia espalhar, então, quem sabia que ia ocupar aquele dia e que tava já planejando era eu e mais quatro pessoas. A gente sabia que ia ter a ocupação.

MI: Antes do dia das crianças?

B: Isso. A gente sabia que ia ter a ocupação aquele dia, como ia ser, o que precisava, a gente já tinha a lista de tudo, mas a gente não podia falar pra ninguém, porque qualquer coisa que você falasse surgia boato. Tipo, três dias antes da gente ocupar tava o colégio inteiro: “não, porque vão ocupar hoje e blábláblá”. Daí a gente falou: “não, vamos manter esse dia e daí a gente só entra”.

MI: E como que era assim, nesses rumores dentro da escola, vocês tinham assim gente contra, a favor? Como é que era?

B: A maioria era contra.

A: Por ser perto de um feriado, era meio que: “ah, eles vão ocupar, a gente não vai levar falta”. Mas tipo, disseram “vão ocupar o colégio” [...] tinha umas galeras que eram a favor, tinha muita gente contra, mas a maioria era a favor porque era uma coisa muito radical, sabe? Ocupar a escola! Então uma boa parte da galera foi a favor

M: Em partes.

A: É, em partes.

B: A parte da manhã era meio a meio, a tarde as mães ficaram bravas e a noite eles não queriam de jeito nenhum, porque era a galera mais velha.

A: Pessoal que trabalha.

MII: Quem que eram as outras quatro pessoas? Eram do grêmio?

B: Era do grêmio. Era eu, a B., a A., a (demora pra responder) eu acho que era a A. e a L..

MII: Todas do grêmio?

B: Isso, e era a gente que tava mais organizando, assim, que foi as pessoas que se encontraram esse dia que a gente foi no colégio, falar com os professores, tal.

MI: E nesse processo o pessoal lá da escola de vocês, vocês tinham já contato, já tavam nessa rede, se comunicando, sei lá, pelo face, WhatsApp, sei lá como, com os outros colégios?

B: Já. Eu tinha amigos em outros colégios.

MI: Mas cês tavam tipo, criaram grupos comuns, como é que foi isso?

B: Sim, na verdade me colocaram no grupo do CEP e...

MI: No grupo do whats?

B: Isso, no grupo do whats. E já tinham rumores de ocupação em algumas Federais, né? Então já tinha outras coisas rolando. Mas nada muito certo, assim, era meio cedo. Mas foi mais ou menos isso, porque o CEP ocupou daí eles começaram a tipo, falar: “não, vamo ocupar”. Aí antes da gente ocupar, uma semana antes, essa galera, essas cinco pessoas, mais a Brenda, tinha a Brenda também. A gente pegou e foi fazer uma reunião no CEP, de manhã, pra saber tipo, que que a gente precisa, como que eles tavam fazendo, qual que era a organização. E a gente foi lá e anotou tudo assim.

MI: E vocês tiveram acesso...

B: No CEP?

MI: Ao que que precisa? O que que eles diziam pra vocês?

B: Eles fizeram uma roda e explicaram como dividir em setores, por exemplo, tais pessoas cuidam da saúde, tais pessoas cuidam da comunicação, tais pessoas cuidam dos problemas, tais pessoas são da comida, tais são da limpeza.

M: Comunicação, higiene.

A: Segurança.

B: Disciplina.

MI: E vocês tiveram base em alguma outra coisa? Algum documento de algum movimento?

B: Não, eles só organizaram.

MI: Ou eles só falaram, “é assim”

B: É que tinha bastante ajuda da organização antifascista, que já era acostumada a ocupar então eles ajudaram bastante o CEP a organizar.

MI: É, e aí vocês tiveram essa reunião num dia e no mesmo dia.

B: Não, foi uma semana depois que a gente ocupou.

M: É, teve uma manifestação, não teve? Que o pessoal da escola foi antes?

B: É, foi nesse dia.

M: Foi daí que eles partiram a ideia de ocupar o Pedro Macedo.

MI: Tá, e isso, quer dizer, a manifestação é que vai dar o ânimo?

B: Isso, é que já tinha as pessoas. A gente já tava, já tava certo que a gente ia ocupar, a gente só tava reunindo dados pra saber como fazer da melhor forma, mais segura. Então teve esse dia, porque ia ter um ato, então a gente aproveitou pra fazer a reunião. Ai a gente saiu da reunião, foi pro ato, que foi ali na Santos Andrade, e depois do ato que a gente falou: “não, agora é a hora, já”. Já tinha bastante colégio ocupando, porque essa reunião não foi só com o nosso colégio. Eles reuniram todos os colégios que queriam saber como ocupar. Então foi a gente, teve colégio de Araucária, teve colégio de Fazenda Rio Grande.

MI: E vocês ouviram, ou alguém mencionou, uma cartilha que foi feita no Chile, passou pra Argentina? Essa cartilha, de como ocupar uma escola? Foi mencionada?

B: Tava no CEP, essa cartilha.

MI: Ela tava no CEP?

B: Ela tava com outras coisas lá.

MI: Tava rolando lá? Por isso que a gente ficou na dúvida se vocês conheciam ou não. Então, aí vocês participaram do ato?

B: Isso.



MI: Na Santos Andrade? E foi a primeira vez que vocês participaram de um ato?

B: Não.

M: Eu não tava no ato.

B: Só eu que tava no ato.

A: A minha mãe, eu moro com a minha tia, ela é muito protetora, então eu raramente poderia sair de casa, sempre que eu saia de casa eu tava com a M., os pais dela me levavam, me traziam. Então pra mim, pedir pra ela ir num ato, falar: “ah, vai ter manifestação”, pra ela era quebrar coisa, vandalismo: “depois vai tomar tiro de borracha e ia voltar pra casa em uma ambulância”. Então, se eu pedisse pra ela, ela não ia deixar.

MI: Mas e a tua mãe, aí ela criou essa ideia a partir de algum evento?

A: De televisão.

MI: Tá, mas aqui em Curitiba?

A: A manifestação, quando aumenta a passagem, que sempre tem esses rolos, a dos professores, do dia 29 também.

MI: Vocês acompanharam alguma coisa?

B: Eu fui na do dia 29.

MI: Você foi?

B: Fui.

A: O meu primo, ele trabalhava lá no centro quando teve uma de ônibus, ele levou tiro de borracha, ele trabalhando, não tava na manifestação nem nada. Então se eu pedisse ela pra ir ela não ia deixar.

MII: Você não foi M.?

M: Se eu não me engano, foi num dia domingo. Então eu não era muito ligada nisso ainda, então eu também não tava muito envolvida e entendendo o que tava acontecendo com as ocupações. Então, o pessoal da escola tava se organizando pra ir, eu fui: “ah, vou ficar no meu almoço de domingo com a família” e não fui.

B: Não, foi terça.

M: Ah, então foi terça, eu tava trabalhando.

B: Porque era o dia que a gente tinha oficina de cinema. Porque na época, eu, a B. e mais, a B., a L., e mais outras pessoas fazíamos oficina de cinema no colégio com estudantes da FAP. Eles tavam fazendo trabalho lá. E a gente tava gravando um documentário sobre ocupação e, nisso, a gente falou: “não, vamo aproveita dessa reunião do CEP, vamo lá também pra gravar lá”. E daí a gente foi pra lá. Então foi uma terça que era o dia das aulas.

M: Foi terça?

B: É.

M: Então eu trabalhava.

MI: E vocês, antes disso, só pra gente situar um porquinho, antes desses atos, dessas mobilizações que ocorreram com as ocupações, vocês participaram e foram, no caso teu você foi pro ato do dia 29? E antes disso, em 2013, você foi também? Então, de vocês todos, só você que já acompanhava um pouco...o que tava acontecendo. Então, aí vocês resolveram ocupar a escola.

B: Isso.

A”: Como é que foi isso?



B: Ah, foi legal.

[risos]

M: Foi a melhor coisa.

B: Foi super legal.

A: Então, no dia, eu não sabia, e a minha família ia viajar. Eles viajam e ficam, tipo, duas semanas fora. E tinha aula, eu falei “olha, a gente só vai”, eu só não lembro o dia certo, se foi numa quarta-feira, eu falei “olha, essa quarta-feira é minha aula, quinta e sexta” [...]. Eu fiquei em casa, ficou eu e meu primo, de 18 anos, trabalhar. E tava de noite e meu primo falou “ah, tô indo pra faculdade”, na verdade tava indo dar o role, daí eu falei “não vou ficar sozinha em casa” e nisso falei no celular e “nossa, ocupamos a escola”. Como assim? Aí eu liguei pra M. J. e foi ‘ocupamos a escola’. Ele já tava saindo, ele já estava lá fora com o carro e peguei e fui pra escola. Eu ainda tava de uniforme e ele me deixou na escola e falou: “depois eu te busco, eu passo aqui a noite e te busco”. E minha tia já tinha viajado e foi a primeira noite, foi a noite mais difícil pra gente, porque a gente não sabia o que fazer. A gente tava todo mundo muito alienado, sabe?

MI: E quantas pessoas tinham nesse primeiro dia?

B: Na reunião de entrada tinha umas trinta, a gente invadiu com umas trinta pessoas. Eu não tava, eu tava fazendo cursinho solidário, ali na positivo, pra ir pra faculdade. E daí me ligaram no meio do cursinho: “ó, ocupamos, vem pra cá”. Eu já saí correndo do cursinho, aí eu cheguei lá já tinham entrado, mas tava tudo fechado as portas. A gente teve que abrir todas as portas com grampo e foi, nossa, a madrugada inteira, fazer a faixa.

A: A gente abriu todo o colégio, a gente viu cada pedrinha que tava quebrada, cada vidrinho e a gente fez uma nota com tudo que tava estragado no colégio.

B: É, teve revisão, aí desligar as câmeras.

MI: Vocês fizeram como quando a gente aluga um apartamento, uma vistoria.

B: Isso.

MI: Que aí vê tudo o que tá...

A: Fizemos uma ata.

B: Isso, aí a gente dividiu em pessoas, por exemplo.

MI: Foi a primeira coisa que vocês fizeram ao entrar?

B: Isso, rolou um, tipo, um piá foi lá, desligou todas as câmeras e tapou, eu fui abrindo porta.

MI: Tem muitas câmeras na escola?

B: Tem. Eu fui abrindo portas e pendurando faixa, até uma faixa que tinha bem no topo do prédio, eu subi numa grade por fora pra pendurar aquilo. Aí tinha pessoas que só tavam organizando comida, tinha pessoa cozinhando pra gente comer que tava todo mundo com fome e tinha outra que tava tentando achar as chave pra não ter que abrir tudo no grampo. E organizando a segurança, tava fechado lá na frente com cadeado e tal.

M: No caso eu não tava no dia, mas eu já sabia que eles iam ocupar, porque eu tava trabalhando e aí as meninas que tavam indo pra ocupar já estavam mandando mensagem. Aí quando eles falaram “ocupamos a escola”, eu olhei pro meu pai e falei bem assim “me leva pra escola agora”, daí meu pai falou bem assim “por que?”. Daí eu falei “porque ocuparam” daí meu pai falou bem assim “não, não sei que, é perigoso, mas amanhã você pode ir”. Aí eu fui dormir né, já ansiosa. Aí acordei 5 horas da manhã, acordei mais cedo do que meu horário normal de ir pra escola e cheguei na ocupação com notebook.

B: Eu lembro disso.

M: Com uma mochila carregada de coisa, walk talk, várias coisas.

MI: Você já tinha tudo isso? Um walk talk?

M: Mais ou menos.

MI: Como assim?

M: É que no meu trabalho, na empresa, tinha uns walk talk, aí eu conversei com meu chefe e ele me emprestou. E eu já tinha dois em casa. Daí a gente ficou acho que com oito walk talk.

B: É, tinha bastante.

M: Já tinha dois, e tal, e eu levei o notebook. Eu ia ficar na parte ali da frente, então, anotando quem chegava. Então eu fiz algumas planilhas e quando um aluno vinha pra visitar a ocupação, tinha que dar o CGM, eu anotava o nome e um documento. E a gente ficava com a carteirinha.

A: Só pegava quando saía.

M: Pra gente ter o controle de quem tava dentro do colégio. E daí os walk talk ficavam todos na mesma frequência com os, não líderes, mas organizadores de cada equipe. Então B. ficava com um, a B. com outro, eu com um, pessoal da segurança. Pra um não ficar correndo atrás do outro, então a gente só chamava no walk talk: "olha tem um problema aqui na frente, venham todos" aí vinha todo mundo. E a gente fazia assim a organização.

MI: Muito bem. E como é que vocês organizaram...esse foi o primeiro momento, e como é que foi essa rotina? O dia-a-dia depois?

B: Era cansativo. Eu era líder de comunicação, só eu era de comunicação, então aparecia problema lá: "é o B..".

M: Era tudo o B..

B: Toda hora, ela ficava lá na frente aí ela mandava: "B., vem", "B., vem". Eu não dormia praticamente. Eu passei eu acho que umas 74 horas acordado no começo, porque ia deitar aí tinha ataque de bomba dentro do colégio, pau, aí cê já ficava acordado. Aí ia dormir um pouco de dia e chegava pessoa zoando.

M: Aí nem todo mundo podia dormir na escola também, então eram poucos que dormiam na escola. Eles tinham que se revezar, dormir meia hora

B: Eu fiquei duas semanas direto assim, no colégio, sem ir pra casa. Ia pra casa, tomava um banho e voltava. Até que rolou chuveiro no colégio, aí eu fiquei direto. Aí no máximo...

MI: Vocês moravam, moram perto da escola?

B: Eu moro perto.

A: Não, eu moro a sete quadras da escola.

M: Eu moro no CIC.

MI: Ah, em outro bairro?

M: Em outro bairro.

B: Eu moro pertinho.

A: E eu fazia assim, eu ia um dia sim, um dia não. Não tinha ninguém lá na minha casa pra falar, mas é muito cansativo. Que eu ficava lá, eu tenho restrição pra me alimentar, então...

MI: Você o que?

A: Eu sou fresca pra comida. Então eu lá, eu não comia, eu não dormia, porque eu era segurança. Tinha que ficar uma menina acordada e um menino também, porque se chegasse alguém, menina revistava menina e menino revistava menino. Então tinha que ter uma menina acordada sempre e eu me disponibilizava porque tinha gente que trabalhava, tinha gente que morava longe...então eu tava do

lado, aí eu ficava lá. E eu tomo muito café, e eu fiquei muito doente por não dormir e não comer, daí eu ia dia sim, dia não.

MII: Isso nas primeiras semanas ocupadas, seus pais tavam viajando?

A: A minha tia não sabia, porque eu não tinha celular, não tinha como avisar, e toda vez que ela ligava lá em casa eu não atendia, e meu primo não atende o telefone, então ela ficou muito preocupada.

MII: E foi descoberto isso depois ou não?

A: É, eu contei pra ela, ela ficou sabendo que minha escola foi ocupada. Então ela tinha que me dar um desconto, né? Ou não, ela achou que eu tava em casa. Ela falou que não pensava que eu tava na ocupação.

MI: Muito bem. E como foi essa experiência pra vocês? Assim, dessa coisa da política mesmo? Como é que, enfim, como é que vocês viram essa experiência? Como vocês sentiram isso?

B: Foi bem construtivo, assim, eu acho. Foi a concretização de um pensamento. Foi aquela coisa, você tem aquele sentimento de revolta dentro de você, você nunca teve a oportunidade de, sabe, realmente botar pra fora, e ali a gente teve. Todo mundo teve. Até quem não tinha tanto, não tinha coragem, tomou partido e tipo, berrou, gritou e se expôs, sabe. Eu acho que foi bom pra todo mundo. Pessoas que eram tímidas deixaram de ser, começaram a socializar mais. É, foi muito construtivo, foi uma experiência bem rica porque foi muito intensa, foi muito rápido, foi....

M: A gente se tornou uma família em quatro semanas, porque um dependia do outro ali o tempo inteiro, então a gente aprendeu muito um com o outro. “Ah, a gente vai falar sobre a PEC”. “Tá, mas você sabe o que é a PEC?”. “Não”. “Então beleza, vamos sentar aqui, vamos conversar e vamos debater sobre isso”. Aí chegava quem sabia mais, que normalmente era o B., ou a B., e as outras meninas, e elas começavam a explicar pra gente o que era. Porque a gente tava lá e a gente sabia que todo mundo achava que ninguém ali de dentro sabia realmente porque que tava lutando, então chegava lá e a gente queria que qualquer um pudesse ir lá no portão e falar sobre. E também acho que foi muito pessoal também, porque tinha pessoas da escola tipo o B., eu jamais imaginei que eu ia poder sentar assim numa mesa com o B., a gente almoçando, e a gente começar a conversar e dar risada junto. Jamais.

MI: Por quê?

M: A gente era de tipos diferentes.

B: É que no colégio ninguém se mistura, ainda mais que eles são técnico e eu era do regular, os recreios eram diferentes. Lá ninguém se mistura, é aquela divisão social.

M: Não se misturava, né?

MI: Mas divisão social, porque, B.? O que que é essa divisão social?

B: Não sei, acho que igual o que acontece na vida, né? Os grupos de estereótipo. Pessoas que ouvem tal tipo de música, convivem junto. É a mesma coisa o colégio. É chato isso, é ruim. E a gente conseguiu quebrar isso.

MI: A, entendi.

B: Foi uma quebra muito grande de estereótipo dentro do colégio. Era tipo, banheiro unissex, pessoas utilizando das mesmas coisas, reaproveitando coisas, pessoas dormindo junto, máximo respeito, assim. A gente tava realmente vivendo numa sociedade nossa, normal, entendeu? A gente realmente criou um espaço de paz

MI: Normal, assim, como?

B: Com respeito, com paz, com harmonia, sabe? Sem qualquer tipo de xenofobia, assim. Sem qualquer tipo de preconceito ou julgamento. Todo mundo era igual, assim, lá dentro. Ninguém era melhor que ninguém, por mais que tivesse os líderes. Por exemplo, eu era líder de uma parte, aí a B. era de outra, mesmo assim, todo mundo era igual. Todo mundo tinha o mesmo peso em cima das decisões. Então, quando a gente ia tomar decisões, a gente sentava em roda, conversava, fazia uma assembleia, fazia votação.

A: Todo mundo era ouvido.

B: É, todo mundo era ouvido, a gente ia atrás pra não ter...

A: [...] coisa errada, se você tá [...] não, a gente te explica direito o que que é. Por exemplo, se você fala uma coisa errada, as pessoas vão e te corrigem. Lá era abertamente, você falava e a pessoa ia lá e te ensinava o certo.

M: Foi uma experiência muito nova.

M1: Me digam com palavras, nas palavras de vocês, o que que é, nesse antes e durante da ocupação, e depois a gente vê o que que acontece depois. Porque assim, antes da ocupação, recapitulando um pouco do que vocês falaram, os grupos, né? Ninguém tem, tá todo mundo fechado no seu próprio, vou usar a expressão da A., na sua própria bolha, né? Cada um na sua. Com a ocupação, dentro da ocupação, a bolha...

B: Explodiu.

A: Explodiu.

M1: Todas as bolhas explodiram, que bonito isso. E o que foi essas bolhas que explodiram?

A: Por exemplo, B., quando na sua vida você pensou que ia ouvir funk o dia inteiro?

M: E ver todo mundo sarrando?

A: Ó, a gente ouvia funk, a gente era chave. Chave são pessoas que ouvem muito funk, e o B. não.

M1: O que você ouve, B.?

B: Ah, eu ouço de tudo, menos funk

[risos]

A: E a gente tinha as músicas que eram as músicas da ocupação, que era “o verão está chegando” e o “pad day”[?]. E era o dia inteiro essa música, a gente não poderia reclamar.

M: Só que tinha os momentos que tocava as músicas que ele gostava.

B: Exatamente.

M: Levava o violão e tinha os momentos mais calmos e tal.

B: A gente levou banda pro colégio. Levei baixo, guitarra, bateria.

A: E ficava tudo lá no salão pra quem quisesse usar.

B: Pra quem quisesse usar.

M: Eu aprendi a tocar um pouco de bateria que eu jamais imaginava que o outro menino, de informática, que eu nem simpatizava, um dia ia ter paciência de me explicar como que tocava bateria.

M1: E então, e o que que vocês, voltando, não sei se a palavra, assim, a gente falou, explodiu todas as bolhas. E como é que que é a palavra pra dizer isso? Tem uma palavra pra dizer se essa coisa que mudou tanto?

M: Acho que único.

A: A gente fez uma mistura cultural muito grande. A gente, tipo, a D. e a A., você olha elas no colégio: “tá, D. e A., apenas”. A gente virou muito amigos, tipo, muito amigos.

M: De sair juntos. Jamais pensava assim, eu vou numa festa e elas não frequentavam as mesmas festas que eu ia. Então, tipo, teve dia que a gente foi num protesto, num ato, e a gente falou, sei lá, vamos sair, depois daqui. E a gente foi pro mesmo rolê, a gente foi pra mesma festa, assim. E a gente jamais imaginou que a gente ia tá dançando junto, que a gente ia tá bebendo junto e ia tá todo mundo ali.

B: A D. pra mim foi até engraçado, porque, a Andriele. Eu conheço ela desde pequeno, assim, a gente é amigo de infância, estudamos juntos e tal. Só que no Ensino Médio nunca mais falei com ela, nunca mais, não dava oi mais. E depois daquilo, voltei a ser amigo dela do além, assim. E sei lá, foi legal, reuniu todo mundo, assim. Foi tipo, uma quebra totalmente, de estereótipo, pra todo mundo, assim.

MI: E o que que era essa família? Por que a família?

A: Sabe quando você tá dormindo e sua mãe liga todas as coisas da casa pra te acordar, mas sem querer te acordar? A gente fazia de propósito.

B: É, isso eu ficava bravo.

A: Tinha dias que a gente pegava e colocava a caixinha de som no quarto e todo mundo dormindo, a gente fechava a porta e começava a gritar, pra acordar as pessoas.

B: Eu ficava brabo.

M: Essa foi a parte que começou a dar briga.

B: Eu ficava bravo, porque por exemplo, eu não dormia. Passava 48 horas sem dormir, aí quando eu podia dormir, vinha um e batia a porra da tampa da panela no meu ouvido. Até um dia que eu fiquei bravo e taquei a tampa pela janela, porque eu precisava dormir.

A: No dia da panela eu tava dormindo também.

MII: Teve brigas sérias entre vocês na ocupação?

M: Não.

B: Teve discussão, só.

MI: Mas teve briga?

M: Teve desentendimento.

B: Teve desentendimento, é. Não chegou a ser briga, assim...

M: É, porque teve um tempo que todo mundo queria ser só da segurança. Acho que todo mundo só quis ser da segurança, porque o pessoal ficava lá na frente, e eles só queriam ser da segurança. E as outras equipes estavam muito desfalcadas. A da higiene, tava assim...aí teve um tempo também que as meninas da cozinha pararam de ir daí a gente teve que se revezar...e todo mundo só queria ser da segurança, segurança, segurança.

B: Aí de repente ninguém queria mais ser da segurança porque ninguém dormia na segurança.

M: E daí que começaram as divergências.

A: A gente teve que sentar e conversar.

MI: E vocês, como é que foi essa divisão dos lugares? Quem ficava na limpeza?

B: A M. J.

M: Então, vou corrigir, porque se a M. J. ouvir você falando limpeza, acho que ela surta, é higiene.

[risos]

MII: Por quê?

M: Ela falava que ela não era a tia da limpeza.

A: Limpeza ela vai achar que tá sendo escravizada.

M: Com higiene ela se sentia mais importante.

MI: Higiene é um grau acima.

A: Na cabeça dela era.

MI: Então ficou a M. J. E quem ficava na cozinha?

B: A G., a A e a K.

MI: Então, digamos que as meninas, né, faziam as coisas que as meninas normalmente fazem.

B: Não, a gente revezava. Eu cozinhava bastante também, eu gosto de cozinhar.

A: No final, assim, teve o N.

B: É.

M: A gente nunca imaginou que ele imaginar que ele ia cozinhar pra gente na vida da escola, assim.

A: Eu nunca imaginei ver o N. na ocupação com um papel importante.

MI: Quem é o N.?

A: O N. é um menino que ouve funk, vai pro rolê, ele bebe, ele gazeia aula, ele tá “lá embaixo”.

M: Ele joga bola o dia inteiro na escola.

A: Ele joga bola o dia inteiro, tá sempre com os amigos ele. A gente era do mesmo círculo do N., só que ele só jogava bola o dia inteiro.

B: Aconteceu isso comigo, também, porque eu também, não ficava muito nas aulas, assim. Daí a galera do terceiro ano ficou meio brava porque eu tava ocupando.

M: Eles tavam ligando uma coisa na outra só que não tinha nada a ver.

B: É, não tinha nada a ver, porque eu não ficava na aula mas eu sabia a matéria. Então, tipo, eu só não tava a fim porque eu não me dava com os professores. Os professores eram tipo: “ou você sai da minha aula, ou você sai”.

A: “Se não quiser ir pra minha aula, não precisa ir”.

B: É, exatamente. E daí a galera ficava brava comigo.

MI: E vocês tinham, muito, na experiência de vocês, muito conflito com os professores?

B: Eu sempre tive, no colégio sempre tive.

A: a gente tava sempre pra fora da sala. É porque eu e a M., se olhar na escola, é eu e a M., então se uma pra tava fora da sala, provavelmente a outra ia estar.

M: Por solidariedade.

A: É, por solidariedade, mas geralmente a gente era tipo: “você não para de conversar, sai da minha sala”. [...]

M: Mas era assim, a gente não saía tanto. Eu pelo menos não tinha tantas discussões com os professores, porque eu não batia de frente. Se o professor tava falando, ele tá certo, então eu ficava na minha. Hoje em dia, se eu vejo que o professor tá abusando da autoridade dele em sala, porque ele acha que a opinião dele é certa e eu tenho que aceitar o que ele fala, aí eu saio mais de sala, hoje em dia do que antes. Porque hoje em dia eu consigo argumentar com o professor e tentar falar pra ele que nem tudo, não é só porque ele é professor que só a forma que ele pensa que tá certo. Então hoje em dia eu saio mais de sala do que antes.

B: Eu brigava bastante por causa disso também. Na verdade, eu só era expulso de sala por causa disso. Porque os professores tentavam se impor demais perante todo mundo, e todo mundo ficava quieto, e todo mundo acabava sempre se ferrando, com nota e tal. E eu não ficava quieto, então eu acabava fora de sala. Mas até as pedagogas eram minhas amigas e me entendiam, então...

A: Na verdade as vezes acho que a gente só saía...

B: É, as vezes eu só saía.

A: Aula de que? De matemática, já passei lá embaixo...

MII: Eu quero fazer uma pergunta pra vocês. Eu vi duas situações que vocês contaram sobre termos, vocês falaram da M., que não é limpeza, é higiene, e outra, que não tinha nenhuma briga, tinha divergências e debates. Vocês sentiram isso em outra situação? Sexualidade? De etnia? Tinha alguma outra discussão que tinha isso?

A: Essa parte é complicada, porque eu cheguei lá na minha bolha, pra mim era tudo, só tinha um termo, gay. Pra mim era só isso. Eu não sabia, aí eu fui lá, fui conhecendo as pessoas e fui vendo, nossa, é errado. Se você é gay, você é gay, se você é bi, você é bi, outras coisas. Você não pode generalizar tudo.

M: Não pode generalizar tudo.

A: E outros termos, e fui conhecendo pessoas que te explicavam melhor as coisas, pra você entender.

B: Foi essa quebra de estereótipo que eu quis dizer. Foi de quebrar completamente o preconceito e todo mundo aprendeu o que é cada coisa, sabe. Acho que antes de lá, eu já tinha, eu sempre tentava cada vez mais não ter preconceito e sempre quebrar estereótipo. Eu sempre tentei quebrar, assim, sair fora da caixa. Mas a gente sabe que é difícil, porque a gente vive numa sociedade que, querendo ou não, a gente é ensinado a ser assim. E lá, pra mim, pelo menos, foi o estopim, assim, foi a última pedra que eu quebrei, assim, aí eu me libertei.

MI: E como?

M: Pra mim foi a rocha inteira que eu quebrei, mesmo. Eu saí da minha bolha. Eu sou bi, só que eu não me aceitava, porque a minha bolha me permitia que eu...

A: A nossa bolha...eu era bi, já tinha ficava com meninas, mas nenhuma das minhas amigas sabiam porque eu tinha medo que: "aí, você ficou com outra menina".

M: "Vou ser excluída da minha rodinha de amigas".

A: "Vou ser excluída da minha bolha". Aí eu não contava pra ninguém, ficava só pra mim.

M: E daí assim, quando a gente ocupou a escola, foi uma quebra muito grande, porque independente do que eu sou, vale mais o que o meu ser é, do que a minha sexualidade. Então a gente começou a se misturar. É, tem um menino da escola, que é o L., que eu olhava assim. Eu, na minha bolha, preconceituosa, olhava assim: "caraca, será que é menina ou será que é menino?". E eu cheguei na ocupação, e comecei a conversar com o L., e eu fui entendendo o ser que o L. é, independente de qualquer coisa, e o L. foi me explicando, eu fui aprendendo muito com o L.. E aí eu aprendi o termo não binário, aprendi que não existe só LGBT, tem o "quezinho" no final. Tem tudo. E aí a gente foi se misturando, e conversando. E: "aí, eu não sei, disso, me explica"; "não, Mar, vem aqui, senta do meu lado e a gente vai conversar sobre isso".

B: O L. é trans, ele foi o maior exemplo pra gente assim, dentro da ocupação. Foi, tipo...

MI: Por quê?

M: Foi a motivação, assim.

A: O L., assim, na escola, era assim. Eu não sabia se era menino ou menina, assim, não sabia. E ele tinha dois amigos, e você sempre via ele com esses dois amigos que ele tinha, no cantinho dele. Na ocupação, o mesmo L., quietinho [...]

B: E ele é muito pequeno, ele é tipo desse tamanho, assim.

M: Ele é menor que eu...ele é muito fofo!

A: Aí a gente virou. Na ocupação eu tava esperando a M. A M. não tinha chego, e ele tava esperando a D., e a D. não tinha chego. Aí eu chamei ele e a gente ficou conversando, aí eu perguntei porque todo



mundo chamava de L. e falei: “ah, vou te chamar de L. também”. E eu perguntei: “mas como é seu nome?”. Aí ele: “ah, é L.”. E a gente foi se conhecendo mais e a gente virou muito amigos, muito amigos!

MI: L., é o nome...

B: É o nome verdadeiro dele, mas ele é PL agora.

M: Mudou pra P.

A: E ele foi o maior exemplo que a gente teve, de força.

M: Antes, eu só olhava, no colégio e falava “hmm”.

A: Eu conheci mais ele e nossa, a gente virou muito amigos. Ele ia lá em casa almoçar, a gente saía junto, a gente dançava junto [risos].

M: Porque o L. tem todo um jeito roqueiro de ser.

B: Ele toca bateria. Fui descobrir, hoje tô montando uma banda com ele.

M: E assim, eu via assim o L. e, rock o tempo inteiro. Na ocupação o L. dançava comigo funk, do meu lado, assim. E a gente se cumprimenta na escola, a gente tem o nosso toquezinho. Eu nunca imaginei que eu ia chegar na escola, ia abraçar o L., falar: “nossa, eu tava com saudade”. Porque a gente não tem intervalo junto, então a gente não chega na escola no mesmo horário. Então quando a gente se vê na escola, parece que, nossa, passaram anos, porque na ocupação a gente se via todo dia. Então, eu criei uma amizade com o L. que eu jamais imaginei. E eu comecei a ver o mundo de outra forma, que eu jamais imaginei ver também.

B: Eu acho que ali, o que aconteceu foi que todo mundo chegou num ponto que, tipo, como eu posso explicar. Cada um pegou o seu, me fugiu a palavra, a coisa que você sofreu na vida. Por exemplo, eu sou moreno. Meu trauma, por exemplo, eu sou moreno e querendo ou não, quando eu era pequeno, criança sofre com isso. Depois você cresce e aprende a passar. E cada um, acho que viu o trauma do outro, e todo mundo se libertou junto, sabe? E eu acho que depois dali, todo mundo realmente se libertou.

M: Começou a ser a pessoa que é de verdade.

A: Nossa, [...]

MI: E vocês tão... antes eu ia perguntar uma coisa mas, antes que me escape. Vocês, desde o início da conversa, tão falando da bolha. Mas de onde vem a bolha? Como vocês chegaram nessa expressão?

M: Eu meio que tomei um choque de realidade com a M.J. e com a M.E. As meninas, elas tavam conversando comigo, eu falando sobre minha família, falando como eu era antes da ocupação. Essa quebra da minha bolha. Então eu tava conversando com as meninas e elas falaram: “ah, você vivia na bolha dos seus pais”. E eu perguntei: “como assim, na bolha dos meus pais?”. Elas me chamam de micro, por causa do meu tamanho. E daí elas começaram a falar que antes eu era muito nojenta, antes eu não olhava pras pessoas como eu olho hoje, antes eu não me enturmava com as pessoas que eram fora do meu círculo social e de amigas. Hoje em dia, se chega uma pessoa, sei lá, como o B., eu vou olhar assim: “oi”, e já vou começar a conversar e entender o que ele gosta, pra achar as coisas em comuns, e já chamar pra sair, e a gente vai todo mundo junto pro mesmo lugar.

B: Entender que o outro é um ser humano, sabe?

M: É, independente se gosta da mesma música, ou ano, se conhece as mesmas pessoas, ou não. Então daí eu conversando com as meninas, ela falaram: “tua bolha explodiu”. Daí elas me explicaram porque a bolha explodir e elas falaram que hoje em dia eu caí no chão verdadeiro. Que hoje eu vivo a minha vida e não a dos meus pais, não da família tradicional, como a sociedade põe.

MI: E daí voltando na sequência que a gente tá. Vocês falaram então que isso foi a coisa mais importante que aconteceu, né? Dessa...

M: ...união.



MI: Dessa união que vocês, sem barreiras.

B: Acho que porque, eu tava com 17 anos, por exemplo, elas 16. Quando você tá nessa idade é o fim do ensino médio e, tipo, o fechamento do seu aprendizado pra você aplicar na vida real, vai cair a vida real. Igual caiu pra mim esse ano. Eu vou chegar na vida adulta e vou ter que aplicar tudo que eu aprendi até hoje. Então ali foi, pra mim, por exemplo, foi o fechamento. Igual eu falei, quebrar a última pedra e cair na vida, sendo eu mesmo, sabe? E foi, tipo, o término e o começo, ao mesmo tempo, de uma construção de um eu melhor.

MI: Diferente?

B: Isso.

MI: Legal.

B: E eu acho que essa parada que quebrar bolha e quebrar pedra, assim, é muito importante, sabe? A gente, tipo, todo mundo deveria chegar nesse ponto. Acho que é mais do que necessário e crucial.

MI: E o que que é...a bolha eu já entendi, e o que que é quebrar pedra?

B: É a mesma coisa. É, tipo, quebrar teu preconceito. É digerir tudo aquilo e entender que a gente só é ser humano, sabe? Eu odeio separar coisas por gênero. Homem, mulher, trans, bi. Eu não gosto de separar, pra mim é tudo humano, cada um faz o que dá na telha. Cada um faz o que sentir atração. Sempre me perguntam: “você é hétero? Você é bi?”. Eu falo: “não, eu sou ser humano. Se eu sentir atração eu vou ficar, se eu não sentir eu não vou, se eu quiser eu faço, se não quiser não faço”. Entendeu? Eu vou pela minha vontade, e não porque existe um termo pra definir aquilo que é. Eu acho que se você coloca um nome, um termo em alguma coisa, aquilo começa a ser definitivo, sabe? E pra mim, eu não gosto de coisa definitiva. Eu acho que a gente tem que mudar tudo. Juventude é o novo começo. É progressão da vida. Então, chega de ficar no mesmo rótulo, vamos mudar.

M: Eu acho que a nossa sociedade só vai pra frente quando todo mundo quebrar essa pedra, sair da sua bolha, e ver que a gente é humano, e não um rótulo que a gente tem que pôr em si mesmo.

B: Exatamente. E foi muita coisa assim também, fora essa questão do aprendizado de perdão verdadeiro, e entender que todo mundo erra. Que por mais perfeito que a pessoa tente ser ela vai errar e você tem que perdoar ela. Foi esse tipo de aprendizado que a gente teve lá. Porque as pessoas erravam, a gente tava vivendo um stress, eu tava pirando, as gurias tavam vendo. Eu tomava café o dia inteiro, e eu sou ansioso, então eu tremia, eu tava tipo “ah”. Tava indo pra Brasília, nossa, foi...

MI: Você foi pra lá?

B: Fui pra lá, tomei bomba, spray de pimenta, falei no Senado.

M: A gente aqui desesperado e eles lá, incommunicáveis e a gente: “meu deus” ...

B: No máximo que a gente conseguia fazer era vídeo ao vivo no face, e daí tinham explodido tudo lá, entraram no Senado. Aí entraram no Senado, aí eu fui falar lá na frente, na tv do Senado, nossa, foi muito stress, muito stress. E a gente tinha viajo, deu 26 horas de ida, a gente chegou direto, entramos, saímos e 26 horas de volta.

MI: Quem que foi com você?

B: Do colégio? Só eu.

M: O A. foi.

B: Aí é, mas ele foi em outro ônibus.

MI: E quantos ônibus daqui de Curitiba?

B: No dia que eu fui, que foi o dia da primeira votação da PEC, foram...o meu ônibus foi o primeiro que chegou, aí acho que chegou mais uns dois, três. O meu ônibus foi [...] que mandou junto com [...].

MI: Queria voltar pro cotidiano lá de vocês, na ocupação. Como é que vocês tomavam decisões?

B: Em assembleia.

A: Tudo era assembleia.

M: Tudo mesmo.

MII: Tinham muitas?

A: Tanto que depois até virou piada. Tudo é assembleia, tudo que a gente ia decidir a gente fazia assembleia.

MI: E como era a disciplina na assembleia? Isso que vocês falam dessa união, isso se expressava na assembleia, ou quando tinha os desentendimentos, como era?

B: Então, foi lá que a gente foi quebrando isso. Essa parada que quebrar pedra e a bolha, era no meio da assembleia, principalmente.

MI: Foi um exercício?

B: Foi um exercício. Foi de todo mundo, a gente tem que se entender, entendeu? No começo era meio difícil. Na verdade, foi fácil porque a assembleia foi só pra ocupar. Aí depois, quando era tipo, pra decidir o que cada um ia fazer, dia-a-dia, aí tinha bastante conflito. Mas daí a gente: “a gente tem que se entender”.

M: Mas não era conflito tipo: “só eu tô certo ou só você tá certo”, não. A gente ia conversando, até eu ceder um pouco, você ceder um pouco e a gente entrar em um consenso. Então ninguém saía um virado...

A: Eu acho que nosso primeiro conflito foi na primeira noite. A gente teve a primeira assembleia pra decidir o que cada um ia fazer. E eu cheguei lá: “eu vou embora daqui a pouco, né?”. Meu primo não voltou pra me buscar e eu tive que dormir no colégio. Aí a gente tava lá e [...] base. Qual base cada um vai ficar? Eu peguei e falei o seguinte: “minha família tá viajando, posso ficar bastante, quero ficar na segurança”. Aí dividiram e foi: “ah, tem muita pouca gente na parte da higiene” e eu: “não, eu ajudo também. Não vou ficar só na minha parte”. Faltou gente na parte higiene e tem muito pouca menina na segurança. Aí falaram: “ah, se eu estiver aqui eu ajudo”, porque a segurança tinha só menino, e a gente descobriu que tinha que ter menina lá.

B: Depois só tinha menina também, chegou uma hora que tinha muita menina.

M: Que virou só menina.

B: Que foi a R., ela tava indo bastante.

A: E daí a gente começou a escolher “não, eu não quero ficar na parte da higiene, quero ficar nessa parte”. E aí “não, você não ficar só na segurança, porque quando a gente for limpar, você vai ajudar. Não é só a M.J, a M.E. e a T. que vão limpar tudo. Você vai ajudar”. Aí: “ gente, arruma aqui na frente”. Beleza, vai lá, pega sua vassoura, seu pano, e você limpa aí. Porque era uma guaritinha lá na frente, e eu ficava lá bastante. Então, o mínimo que eu fazia era manter lá arrumado.

B: Porque no começo também, era mais fácil dividir porque tinha mais pessoas, mas pro final...

A: Sumiram as pessoas.

B: As pessoas sumiram. A galera começou a cansar.

M: Não foi só cansar. Teve um tempo que os pais começaram a privar de ir.

A: Eu acho que quando morreu aquele menino na ocupação. No dia que morreu, eu lembro que conversei com minha tia. Ela tinha voltado da viagem, e o menino morreu, e ela sabia que eu ia na ocupação, e ela deixava, um dia sim e um dia não. E no dia que ele morreu era meu dia de ir e ela falou assim “você não vai mais”. E eu: “como assim não vou mais?”, “você não vai mais”. A gente tava no carro, e a gente começou a discutir. E eu falei: “cada uma é uma ocupação. Se isso aconteceu lá não quer dizer que vai acontecer na nossa escola”.

B: Daí, beleza. Foi a B., B. era tipo, líder de coisa lá, ela foi privada na segunda, terceira semana, ela já não podia mais ir. A mãe dela não deixava. Bastante gente parou de ir, assim, no meio. E a gente foi, querendo ou não, deu uma enfraquecida. Só que daí, a partir dali, começou a vim gente de fora pra ajudar, bastante. Então a gente conseguiu manter, assim, até ficou mais forte, na parte final tava bem forte.

M: Essa parte foi mais a parte que meus pais viram uma parte rebelde. Porque eu ia pra escola de manhã, com a escola não ocupada, de tarde eu ia trabalhar e voltava pra casa. Ocuparam a escola. Eu saía no meu horário normal pra ir estudar, só que ficava na ocupação, almoçava na ocupação e ia trabalhar. Quando não dava eu almoçava na empresa. E daí eu saía do trabalho e voltava pra ocupação. E ficava lá até umas 22h da noite porque eu não podia dormir, meu pai não deixava eu dormir. Eu dormi umas três vezes só. Aí o menino morreu e começaram a invadir as outras ocupações pra bater nas pessoas e tal. E daí meu pai falou: “você não vai mais”, aí eu falei bem assim: “como assim eu não vou mais? Não tem essa palavra no meu vocabulário. Não tem. Eu tenho que ir pra ocupação”. Virou uma rotina. E era só eu, mais ou menos, que ficava na parte dos controles das planilhas. Então eu ia, aí eu inventava algo: “hoje eu vou pra casa de tal pessoa”, “hoje eu vou pra casa de outra pessoa”. E assim eu fui indo na casa de todos os meus amigos, mas na verdade eu tava na ocupação.

MI: Você mentia pro seu pai?

M: Mentia pra ir pra ocupação, porque a Globo colocou na cabeça deles que era errado aquilo. Então eu comecei a ir, aí o dia mais tenso, assim, que foi um dia que eu tava na ocupação de tarde, que eu saí do trabalho e fui, e daí a minha mãe foi fazer cirurgia de varizes, minha mãe foi fazer cirurgia. Meu pai tava indo pro hospital com minha mãe, meu irmão tava em casa e eu, deveria estar em casa também, né? Aí eu falei: “vou passar na ocupação”. E isso já foi pro final, passei na ocupação rapidinho e foi o dia que teve...acho que foi o segundo ato desocupa. Que teve desocupa que tinha MBL, tava todo aquele tumulto, e todo mundo desesperado porque a gente não tava com ajuda lá dentro.

B: Foi muita pessoa aquele dia.

M: Aí eu passei na ocupação. Quando todo mundo começou a chegar, eu tinha que ir embora. Eu falei: “como que eu vou deixar a minha família aqui sozinha e vou ir pra minha casa? Que que eu vou fazer em casa?”. Peguei o ônibus, fui até o terminal do Pinheirinho. Me ligaram desesperado MI: “M., não sei o que, tenta chamar reforço. Chama todas as ocupações pra cá porque vão invadir”. Na mesma hora eu peguei o mesmo ônibus, voltei pra ocupação. Aí foi o dia que teve, acho que mais pessoas lá na frente. Eu não lembro se a C. foi, acho que a C. tava.... que daí todo mundo, acho que a gente conseguiu reunir umas 300 pessoas na frente da escola, pra mais.

B: Tinha mais.

A”: Pra defender a ocupação?

M: Pra defender a ocupação. Os professores...

B: Pais, professores, movimento antifascista, tudo. Porque o MBL tava lá junto com a nossa diretora.

M: Eles tiraram fotos juntos.

B: Eles tacaram bomba na gente. Eu tenho vídeo das bombas e tenho as fotos também, eu tava junto.

M: Tacaram rojão junto da escola.

B: Aí ainda saiu o G.T, que é um amigo nosso que tirou bastante foto de todos os movimentos. Ele tirou uma foto da organização antifascista, assim, e a gente tudo mascarado e tal. E minha vó sem máscara, na frente, assim, berrando.

A”: A sua vó?

B: Uhum. Aí deu um dia, saiu num site internacional antifascista. Um site italiano, francês, e minha vó de capa, assim, no site.

MI: Deixa eu perguntar. Vocês têm como disponibilizar essas fotos? Com o nome e autoria? Porque assim, entre os projetos, um parênteses, antes que a gente siga. Nós já fizemos oficina com imagens, de fotografia e tal, com o pessoal aqui. E a gente quer é se converter numa base documental, porque assim, muita imagem foi feita com celular, então o pessoal acaba perdendo muita coisa. Porque tinha uma preocupação de controlar essas imagens. Então se depois você puder, via contato da C., disponibilizar, com autoria, pra gente ter, nessa base. Como você falou, esse menino que também fotografou várias, pra gente ter como um centro de referência. Porque isso é história, né, gente? Memória, história.

M: E tem umas fotos assim, bem marcantes.

MI: E aí, foi, voltando, 300 pessoas...

M: E daí começaram...a gente cantando as músicas, e eles tavam na esquina, com um carro de som.

B: Pra começo de história, eles tavam com um caminhão de som lá. Aí a gente descobriu que o caminhão era do Ratinho Júnior. Minha mãe ela tem clínica filiada ao Detran, ela pegou a placa e puxou e descobriu que era do Ratinho Júnior o caminhão de som.

M: E daí os professores, a diretora da escola, disse que era que eles tavam se reunindo pra decidir pra qual lugar eles iam ter aulas a partir daquele dia. Só que com o MBL e uns dois dias antes a gente teve uma [...] A gente - eu e a M., a gente teve reuniões com uma aluna que estuda de noite e um professor. Então aí eles começaram a tentar fazer com que a gente desocupasse por livre e espontânea vontade. A gente chegasse um belo dia, olhasse pra eles e falasse o que eles queriam ouvir, né? "Vamos desocupar hoje". E a gente falou que não, que não era assim, que a gente decidia em assembleia e tinha que decidir todo mundo. E o tempo, dá umas duas horas e conversa. E daí, tá. Deu dois dias depois, começaram os atos desocupa. Que eles queriam que a gente desocupasse à força. Aí teve esse ato grande e o professor me mandou uma mensagem no outro dia: "parem por que se não alguém vai acabar se machucando". Porque eles colocaram o MBL no meio, mas eles não sabiam que eles não iam conseguir controlar o MBL. Eles acharam que era uma ajuda, só que na verdade eles só queriam destruir a escola e acabar machucando a gente.

B: Porque aconteceu isso no Lysimaco. Eu tava no dia da tentativa de desocupação. Tavam batendo em mulher! Pai batendo em mulher, um policial me arreventou no chão por tentar defender uma mulher. Um outro amigo foi preso porque tinham dois policiais puxando a mulher pelo cabelo e daí ele pegou, não conseguia tirar o policial, catou a boina do policial e saiu correndo.

M: Pegou a boina e saiu correndo.

B: E me deu um abraço e falou: "piá, tão vindo atrás". Eu olhei pra trás, tinha um carro da polícia igual cachorro louco atrás dele. Aí ele foi detido, aí eu quase fui detido aquele dia, sorte que eu consegui escapar também, então tava feio. Daí no nosso colégio tava, cara, era bomba.

M: E querendo ou não a gente já tava com medo.

B: E tinha muito ataque nazista no colégio. Porque atrás do colégio tem uma casa de nazista.

MII: Casa de nazista, como assim?

B: Tem uma casa que moram 3 ou 4 nazistas, ali atrás do colégio. Que a gente ficou sabendo aquela época, mas acho que hoje eles já se mudaram.

M: E daí tinha o pessoal da antifa, que tava ajudando a gente com a segurança e tal. Então ai eles não gostaram e aí começaram os atentados na escola. E daí eu lembro que nesse dia, que foi o dia que a gente conseguiu concentrar muitas pessoas lá na frente, tem a R. ela R., que ela também tava proibida de ir, só que ela tava ajudando na parte da internet. Então eu ficava conversando com ela e a gente ficava conversando com as outras ocupações, tentando reunir o máximo de pessoas possíveis. Então foi, aconteceu o ato, e nisso meu pai me ligou: "tô indo te buscar e eu sei onde você tá". E foi quando eu realmente fui proibida de ir pra ocupação e daí eu só comecei a ajudar basicamente nas redes sociais.

A: Eu lembro que tinha noite que a gente tava todo mundo lá. E a gente ficou tipo... a gente, tava o pessoal da desocupa, tava todo mundo nervoso. E a gente falou: "gente, tá com o pessoal da segurança

aí, e quando começar a ficar perigoso...”. a gente já tinha até um banco na porta de trás. A gente fez uma armadilha pra puxar o banco.

B: Jogamos óleo no muro de trás, porque tentaram subir pelo muro de trás.

A: Aí eu fiquei, tipo, abalada porque ficava só a segurança lá na frente, umas 4 pessoas, no máximo. E eles fizeram um círculo, assim, com as cadeiras e tavam ouvindo o som deles lá, todo mundo conversando. Aí do nada, a G., que tava lá na frente, ela pegou e falou: “gente, corre que tem um monte de gente aqui na frente” e a gente ficou tipo, porque? Aí a gente foi lá pra frente, cobriu o rosto. Foi uma coisa, eu, todo mundo, não sei.

M: Foi bom.

A: Deu muito.

B: Pra gente era bom e eles criticavam, porque é normal, né? Sempre existiu crítica de rosto coberto.

A: O pessoal da desocupa.

B: Desocupa, jornal.

MI: Porque vocês cobriram o rosto?

B: Era por segurança.

M: Cobria o rosto e eles achavam que era por a gente ser bandido, sendo que a gente só queria se proteger.

A: Aí a gente pegou e foi lá pra frente. E eram professores, devia ter umas 20 pessoas, e elas só tavam lá, batendo palma. E a gente ficou lá, só olhando aquilo...

M: Enquanto isso, pera, deixa eu só fazer umas parênteses. Eu tava em casa, junto com a R., e a gente abriu o facebook, live ao vivo, do pessoal que tava lá na frente fazendo o ato desocupa. Foi o primeiro, não foi?

A: Não, foi o outro, foi o segundo. E daí todo mundo começou a bater palma e a gente ficou tipo: “gente, o que que tá acontecendo?”. E tinha 30 pessoas, e eram pessoas, eu lembro que um deles era representante dos pais na assembleia, ela tinha um cargo importante no colégio [...] e tava lá batendo palmas, com o desocupa tudo. A gente pegou, ficou só olhando aquilo, cantando “ocupar e resistir”. E daí tinha um senhor lá, que tava muito exaltado, que começou a tacar pedra pra dentro do colégio. E a gente pegou a pedra, e não tacou neles, que eles ficavam perto do tubo. A gente só tirava de dentro do colégio. E alguém filmou e falou que a gente tava tacando pedra nas pessoas que tavam fazendo um manifesto na frente do colégio. [...] só que daí do nada, depois que todos foram embora, apareceram muitas pessoas perguntando se a gente tava bem, o que tinha acontecido. E daí nessa noite, depois que eu fui embora, nessa noite tacaram uma bomba dentro da escola.

M: Que foi um rojão.

A: Aí nessa noite a gente ficou muito assustado, porque...

M: Tava ficando sério.

B: Tacaram bomba esse dia. E um outro dia eu tinha ido com a B., tinha ido no cinema com a B. e a gente passou lá na volta, era umas 7 horas da noite. E quando a gente entrou, beleza, a gente tava lá dentro comendo, de repente explodiu uma bomba gigante, muito barulhenta, e uma fumaceira lá fora. Aí eu saí correndo, porque tem o portão de trás, da rápida, tinham entortado o portão por baixo, e jogaram a bomba por lá. E a bomba era muito forte, porque todo mundo se assustou nesse dia.

MI: Mas ninguém chegou a se machucar?

M: Não, só machucou depois, com outro rojão. O barulho chegou a quebrar a porta do salão nobre.

B: De vidro.

M: Era a D. que tava perto.

B: Era uma porta de quase 5 metros de altura.

A: É a porta que fecha o salão.

M: A menina tava, tipo, fechando a porta, explodiu. Quando explodiu os estilhaços acabaram machucando ela.

B: Cortaram o rosto dela.

M: Que daí ficou sério assim, e uns 3 dias depois a gente decidiu desocupar, porque tava ficando perigoso.

B: Só que a gente tava com má sorte. Porque do além, depois disso, o chão da secretaria desabou.

M: Na verdade ele já tava todo acabado.

B: Desabou. Ele já tava...só que do nada o concreto cedeu e desceu. E daí falaram que foi a gente, claro, né? A gente reuniu 25 toneladas e pulamos lá.

M: E daí foi assim. A gente decidiu desocupar porque tava ficando perigosos só que daí já veio a ordem pras reintegrações. E aí acabou que a gente nem desocupou e reintegraram a escola. Reintegrou e a gente já saiu.

MI: E quanto tempo vocês ficaram ocupando a escola?

A: Quase um mês.

B: Não, deu mais.

M: Deu quatro semanas.

A: Não chegou a ser um mês, a gente tava contando.

M: A gente comemorava a cada semana.

B: Quando eu fui pra Brasília a gente já não tava mais ocupado.

M: Não. A gente ficou quatro semanas, a gente não conseguiu ficar...

B: É, porque eu fui pra Brasília dia 13 de novembro, eu acho, e a gente ocupou dia 11 de outubro.

MI: E como é que foi, essa coisa que a gente houve muito falar da liderança. Tem líder, não tem líder?

B: Isso era um problema lá dentro.

MI: Uma questão assim?

M: Pera, você fala no movimento da ocupação como um todo ou você fala da escola, da nossa escola?

MI: Não, de vocês? Na dinâmica de vocês ali? Nesse processo, quem faz o que, quando? E aí quem aparece mais?

M: É muito pontual, assim.

B: É que assim, a gente tentava fazer o máximo horizontal possível.

A: Tinha pessoas que achava que tava acima.

[risos]

A: A gente tentava fazer tudo horizontalmente.

M: Tinha os ditadores.

A: Se você sabe o que você tem que fazer. Você vai lá, e você faz. Mas aí tinha aquela pessoa que sabia o que todo mundo ia fazer e ficava: "você tem que fazer isso. Se você não fazer isso vou te mudar de base".

B: Só que o mais engraçado...

A: [...]

B: É que acontecia assim, no começo era bem horizontal, o máximo possível. Aí tinha os líderes de cada...

A: Base.

B: É, de cada base. Só que fora esses líderes, tinha as pessoas que organizaram, primeiramente fui eu e aquela galera lá, que mais organizou. Por mais que todo mundo era horizontal, tinha ainda as pessoas que eram mais, tipo...

M: Focadas.

B: Focadas, e tavam mais organizando, entendeu? E daí chegou uma época, um tempo, que tipo, às vezes, a galera tava muito cansada já. Então já não tava, sabe? Às vezes tava tipo, por exemplo, as vezes só cansava e tava: “ai, não quero pensar nisso agora”. Só que a gente precisava pensar, entendeu? E daí tinha momentos, eu até mesmo, tinha momentos que eu chegava e falava: “você vai fazer isso, você vai fazer isso, eu vou fazer isso, aquele vai fazer isso”, porque tem que ser assim, porque a galera não estava mais.

A: Porque a gente já tava sobrecarregado, era muito pressão. E daí então, qualquer coisinha que a gente pudesse distrair, a gente tava se distraindo. Então o pessoal da segurança. Pra se manter acordado, eles começaram a ouvir música, começaram a conversar e contar piada, pra eles se manterem acordados.

B: Eu fiz esse papel do chato várias vezes.

A: A gente brincava de esconde-esconde...

M: E eles passaram a...

MI: Brincava de que?

A: De esconde-esconde, a gente brincava de se esconder pelo colégio. Aí começaram a... a gente não fazia tanto, mas começaram a falar: “gente, vocês tão desfocando”...

M: É porque tinha uma pessoa, que tinha contato com a diretora da escola, que morava no prédio do lado. Do lado, aqui, e atrás também tinha outra pessoa. Então, se a gente tava andando de bicicleta pelo estacionamento, de repente aparecia uma foto num grupo de qualquer sala: “aí, não sei o que, o fulano de tal, foi ocupar a escola pra andar de bicicleta”. Então tava muito pegado, ali. Então, foi muito assim, o pessoal da segurança precisava se manter acordado, mas eles não tinham...o café já não tava mais fazendo efeito pra eles, então eles começaram a jogar um joguinho aqui, ouvir uma música ali, conversar.

B: Daí as vezes colocava a música alto.

M: E as vezes ficava muito alto e as pessoas acabavam reclamando.

MII: Em algum momento vocês se reconheceram como líderes? Ou alguém disse pra vocês que vocês tavam se portando como uma liderança?

B: É, chegaram a me falar isso. Até quando eu fui processado pela diretora eu saí como líder total da ocupação. Ela falou que eu encabecei todo mundo.

MI: Você foi processado?

M: Eu também.

B: É, todo mundo foi. Só que...

M: Só que só alguns responderam. Só os que mais apareceram responderam...

MI: Que tipo de processo?



B: Eles pegaram uma parte do processo. Eu peguei o processo inteiro, eu peguei o de todo mundo assim...

M: Eu peguei o processo...

B: Ela me acusou de coagimento, de abuso sexual.

[?]

B: Uhum!

MII: Como assim, abuso sexual?

B: Assim, não sei.

MI: Mas a diretora acusou?

B: Acusou de coagir ela no portão nesse dia do ato. Sendo que eu tinha foto que eu tava há uma quadra dela.

M: É porque foi muito assim. A gente falava assim: “você pode entrar na nossa ocupação, mas tem algumas regras da ocupação”. Porque a gente sabia que a gente podia ter essa autoridade sobre a ocupação. Então, já que você é aluno, beleza, mas vai ter que entrar, vai ter que ser revistado. Não pode entrar com tais objetos, e se tivesse com os objetos ficava presos comigo, e a pessoa só saía, depois, entregava. Só que tinha uma revista.

A: A gente ficava com a carteirinha.

M: Tinha muitos fumantes que iam lá, então eu ficava com o isqueiro, ficava com o maço de cigarro e com algum documento. Então a pessoa entrava, mas aquilo dali ficava comigo ali na frente, e eu anotava. Então, nossa digníssima diretora, ela se achava superior. Então, ela não quis ser revistada, ela achou isso um absurdo. Só que daí gerou os conflitos.

B: Só que ela mentiu muito no processo. Ela falou...então, daí, tipo, o problema não foi nem que, ela nunca entrou na ocupação, ela colocou o meu nome lá. Falando tipo, porque o B. sumiu com 4 mil ovos, 6 mil pães e 8 mil vinas.

M: Não é sumiu, estragou.

B: Não, os ovos sumiram.

M: Não tinha ovos.

B: Não existia, mas ela falou que sumiu, entendeu? E daí do nada apareceu uma foto de muito pão estragado.

M: Na verdade, assim, os pães realmente eram os que ela tinha comprado pro dia das crianças. Tava trancado na sala atrás da cozinha. Eles tavam ali...

A: Ela teve várias oportunidades de ir lá e retirar, mas ela não fez isso.

B: Eu fiz reunião com ela lá dentro. Eu falei pra ela: “você quer retirar alguma coisa daqui de dentro?”. E ela: “não, já tirei tudo”.

M: Só que a gente não tinha acesso porque, querendo ou não, aqueles suprimentos lá a gente não quis mexer porque aquilo é dos alunos bancado pelo governo. A gente tinha os nossos, a gente não precisava daquilo, a gente não mexia com aquilo.

B: A gente nem abriu a porta pra não falarem nada.

M: Então aí ela começou a falar que estragou por causa da gente, não sei o que. Aí, tipo, na quadra, antes era uma madeira que esfarela...

B: A tabela do basquete.

M: A tabela de basquete. Já tava destruída, acabada, descascada.



B: Pela metade.

M: Aí uma professora que dava aula pra gente tirou foto daquilo e colocou no facebook com um texto de indignação, falando que a gente tinha destruído a escola e não sei o que.

B: É porque o vendaval num dia e terminou de quebrar aquilo. Sério, acontecia tudo pra gente, tava muito quente e rolou um vendaval de noite. Tudo voou, os telão que ficavam lá protegendo voou.

M: Só que jamais a gente a gente ia subir um nas costas do outro, empilhado em 3, pra começar a descascar aquele negócio, só porque a gente queria vandalizar. Então foi aí que começaram. Aí um belo dia eu tava na minha casa, ligaram da DA, que eu ia ter que prestar esclarecimentos, que eu tava sendo acusada de várias coisas. Sendo que a diretora falou que eu...

MI: DA?

M: Delegacia do Adolescente. Ligaram lá em casa...

MI: E todos vocês foram?

A: Eu não fui.

B: Eu fui pegar, faz duas semanas, minha liberação.

MII: Tava com BO no seu nome?

B: Tava. Agora eu peguei a liberação lá, mas eu tava o ano inteiro com BO. E daí foi de coagir ela, foi de abuso sexual, foi dos ovos e dos pães, foi de coito. Ela falou que influenciei um coito, que eles acharam camisinha com sangue lá e não sei o que...

[?]

B: É...

M: Eles acharam várias coisas que não tem prova.

B: O policial dava risada.

M: Comigo também.

B: Ele ria assim, ela tá louca.

M: Porque não tinha fundamento, sabe. Eu fui chamada porque ela falou que eu tava junto no dia que você é, como que é... revistou ela. Sendo que eu consegui provar que eu estava trabalhando naquele dia, eu bati o ponto que é digital. E ela colocou o meu nome lá em vão. Ela tava com as planilhas que eu tava mexendo, com o nome de todo mundo que tava lá. Porém, ela só quis prejudicar alguns alunos que ela sabia que estavam lá todos os dias.

MI: E isso é uma coisa, assim, digamos, de quem se destaca?

B: É, então.

MI: É bom ou ruim?

B: Pra mim foi, querendo ou não, não existia líder, mas eu era da comunicação, então eu aparecia na tv, eu aparecia no rádio, eu ia pra fora.

MI: Você que fazia a parte com as outras ocupações também? Foi você?

B: É, fui eu. Aí eu ia organizar alguma coisa lá dentro e a galera tava meio avoada, e, tipo, não tinha tempo as vezes de fazer assembleia toda hora. Então eu chegava, se não era coisa que ia influenciar na vida dos outros, chegava e tipo, era isso e isso, tal, tal, tal, pra organizar rápido. E daí ia falar com ela, era eu que falava com ela. Porque a galera também não tinha tanta paciência pra falar com ela, a R. já explodia. Aí eu ia falar com ela, ela berrava. Eu tenho vídeo dela berrando comigo e me xingando. E eu tinha que ter paciência com ela. Então, ela foi lá e falou que eu era a cabeça da ocupação e não sei o que, sendo que todo mundo era, tava todo mundo igual ali sabe?

M: Só que ela quis destacar. Eles começaram a falar que um mandava mais do que o outro, meio que pra, desestabilizar a gente. “Você vai deixar esse piá mandar em vocês?”. Só que a gente queira estar ali.

B: E a gente escolheu quem foi, quem tava. Porque, igual, às vezes, igual eu falei, eu mandava as vezes nas pessoas, mas todo mundo tava de acordo, entendeu? Falavam: “não, podia fazer isso aí mesmo”. Então, por mais que existisse, um “líder”, todo mundo tava de acordo que existisse aquilo, então de qualquer jeito era horizontal.

MI: E você, A., que tem essa coisa que passou pelo grêmio, que teve, aí você ficou na parte de segurança, depois você saiu, como é que você via? Você tava lá também, dia sim, dia não você tava lá.

A: Sim, eu chegava, eu chegava. Na verdade, era quase todo dia. Eu chegava lá depois do almoço, almoçava na minha casa ia pra ocupação, dormia. No outro dia eu almoçava lá, eu ia pra casa antes de escurecer. Aí, antes de escurecer, se eu dormia em casa era meu dia de ficar em casa. Então, acordava, almoçava e ia pra escola de novo. E quando minha mãe voltou, ela pegou e primeiro ela ficou brava, aí depois eu fui convencendo ela que não era o que ela achava, porque ela achava que a gente só ia lá pra fazer festa e ferver. Aí ela pegou e começou a me liberar também, um dia sim e um dia não. Aí eu tava lá e ficava na segurança, então foi a galera que foi acusada de ficar fazendo bagunça, de fazer ferver, que não sei o que.

B: De beber.

A: A gente foi acusado de tomar bebidas alcoólicas no colégio. E acusaram também de usar todo o estoque de camisinha que tem na farmácia em frente.

M: Sendo que a maioria era LGBT lá dentro.

B: Mas é que também a gente deu sorte pro azar, porque aconteceu que tinha um casal na ocupação e eles saíram, foram na casa de algum dos dois e, fizeram sexo, enfim, e eles foram fazer a cagada de comprar uma pílula do dia seguinte na farmácia da frente do colégio. Então foi muito dá carta, entendeu? Foi: “tô, me bate”.

MI: Coisas que tavam fora do controle.

M: Que a gente nunca imaginou que eles usariam contra a gente.

B: Foi surpresa, na verdade. Quando eu abri aquilo eu falei: “meu deus”.

MII: Como que descobriram isso?

B: Porque a farmácia, a dona da farmácia é amiga da diretora. Então, aí a gente descobriu que a nossa diretora tinha acordo com o Beto Richa, por isso que ela tava falando: “ocupem aí” e tal.

M: É porque o Pedro Macedo é a segunda maior escola de Curitiba.

B: E terceira do Paraná.

M: O CEP estava ocupado, a segunda escola do Paraná, se não me engano tava ocupada também. Só faltava o Pedro Macedo ocupar. Todo mundo tava esperando, porque ia ser uma força imensa com as três ocupadas. Então aí tava a força e a diretora não queria.

B: e a nossa ex-diretora já tinha coisas com o Beto Richa, porque antes dela falecer ela pegou, fez um acordo com ele, porque era época de eleição e os professores tavam fazendo greve. O acordo era que ela não podia deixar que os nossos professores fizessem greve contra o Beto Richa e alguns professores até saíram. E o que que ela ganhou com isso? Ela virou diretora geral do núcleo de educação. Só que deu dois meses ela morreu. E nossa, todo mundo odiava ela. Tem várias histórias, eu nunca vi ela repetir uma peça de roupa, nos anos que ela foi diretora.

A: E não era peças de roupas, eram peças de roupa extravagantes.

B: Tipo, umas peças caras.

M: Ela ia de salto.

B: Ela ia de carrão pro colégio.

A: Ela ia de carrão, ela usava casaco de pele na escola.

M: Num calor de 40 graus.

[risos]

A: Tava calor e ela tava usando casaco de pele.

MI: Gente, o que que vocês diriam, fazendo um balanço, o que que foi o melhor das ocupações como uma experiência pra vocês? E o que que foi o pior?

B: Não teve pior pra mim, eu acho.

M: O pior pra mim foi a pressão psicológica. Só que foi o pior sendo o melhor, porque eu vi o meu limite. Eu vi que eu aguento as outras pessoas indo contra e eu tendo argumentos pra debater o que elas tão falando. Eu aprendi, a: “ah, eu não sei o que significa essa palavra, eu vou atrás pra descobrir”. Antes eu era muito acomodada. Se você chegasse pra mim e falasse: “ah, são vândalos que estão lá ocupando as escolas”, eu ia acreditar porque eu não ia ir atrás, eu não tinha esse desejo de conhecer as coisas. Então na ocupação eu conheci o meu limite, e eu também aprendi a ir contra esse limite, passar por ele e ir além. Sair da área de conforto e desvendar o mundo.

MII: Como você descobre as coisas? Como você vai atrás?

M: Internet. Antes eu ia muito em jornais, assim. Só que assim, eu comecei a pesquisar os jornais que são muito direita, Globo e essas coisas. E daí se eu não consigo na internet, ou acho que é muito duvidoso, eu chego e converso com professor, ou as vezes com o pessoal que tava nas ocupações, converso bastante, que eu ainda tenho contato com as pessoas.

A: Pra mim foi tipo, sair da minha bolha, eu criei mais responsabilidade. Porque era assim, eu morava perto do colégio e: “a gente precisa disso, A. você trás amanhã?”. Eu tinha que levar, porque se eu não levasse quem ia levar? E se eu chegasse lá sem, eu ia ouvir de todo mundo. Então eu criei mais responsabilidade. Eu conheci pessoas novas, tive experiências novas. Depois disso eu comecei a ir em atos. Eu falava: “vou dormir na casa M.”, e eu ia pra atos, tanto que depois eu até falei pra minha mãe: “ó, tô indo num ato”, e ela: “ato?”, “é, num ato”. Acho que não teve....

MI: Você diria assim, essa coisa da política mesmo?

A: Sim, eu aprendi mais sobre política. Eu não entendia nada de política, nada, nada, nada. Eu ia ser igual a minha família, votar porque é obrigatório. Foi uma bomba de conhecimento, eu acho. Foi muito isso, porque a gente aprendeu muito lá. Eu aprendi coisas que a escola não ensina. E eu tava na escola, aprendendo coisas que a escola não ensina. E todo mundo chegou e falou: “aí, vocês não tavam aprendendo nada”.

B: E a gente teve aulas lá dentro.

A: A gente teve aulas lá.

B: Eu e a I., né? E a I. passou.

A: Eu acho que não teve uma coisa ruim da ocupação. Acho que foi a pressão psicológica e o cansaço.

B: Eu também acho que não teve uma parte ruim pra mim, assim. A parte ruim foi boa, porque foi, exatamente, foi a pressão. Mas a pressão fez a gente crescer. Pra mim, sei lá, foi, querendo ou não, eu acho que a melhor experiência da minha vida.

M: Foi a melhor de todas.

B: Foi a melhor época e foi o desencadeamento da melhor época da minha vida. Foi, tipo, depois da ocupação foi realmente a melhor época da minha vida. E aprendi muito, muito, muito!

M: É que a gente chegava na escola e não via mais a escola como aquele lugar regrado. Tipo, a gente tinha regras...

B: E foi bem difícil. Eu fui proibido de entrar no colégio depois, a diretora me privou de entrar alguns dias.

M: A gente tinha regras, lá na ocupação, que a gente seguia. Mas a gente podia ser a gente, a gente podia chegar e se cumprimentar que ninguém ia olhar a gente estranho. A gente podia chegar e fazer brincadeiras. A gente entrava numa sala de aula e tinha pessoas dando palestras, ou conversando com a gente, o pessoal do MST quando foi conversar com a gente, a gente sentou no chão, fez uma roda de conversa, tomou um café ali. A gente aprendeu muito ali. Coisas que dentro de uma sala de aula, todo mundo sentadinho e o professor só falando, a gente jamais ia aprender. E daí quando desocupamos e a gente teve que voltar segunda-feira pra escola, com as mesmas regras, eu também fui privada de entrar. Eu fiquei um dia sem ir pra escola porque não me deixaram entrar. A gente chegou, uniforme, bater carteirinha na catraca, sentar, ouvir os professores ignorarem a ocupação das escolas. Ignorarem, não falarem. Eles, essa professora que tirou foto e fez o textão no facebook, criticou. E foi aí que começou a minha briga com ela, pelo fato de a minha sala acho que 7 estavam ocupando e a maioria da sala apoiava. Então a professora começou a querer convencer os alunos que aquilo era errado. Então aí eu comecei a bater de frente com ela.

A: Ela só falava, ela não queria...ela chegava na sala e falava: “a ocupação foi pra destruir as coisas”, e a gente queria falar: “não, gente”. Tinha um bloco que ficou trancado e ela falou: “nossa, eles quebraram aqui as coisas nesse bloco”. E a gente quis xingar ela e falar: “professora, esse bloco ficou trancado, ninguém entrou nesse bloco”. E ela não deixava a gente falar.

M: Ela falava que a gente conversava, mas era uma conversa que só ela falava. Tanto que eu falei pra ela: “conversa pra mim é uma via de mão dupla, se você fala você também me dá o direito de falar, e se eu escuto você também vai escutar”. Então quando eu falei isso pra ela eu fui direto pra sala da pedagoga, ela me tirou da sala. E daí já veio uma sequência de quatro pessoas atrás de mim, que era a A., a A., o A., a M. J. e a M. E., que saiu todo mundo da sala.

A: E essa professora mesmo proibiu a gente de assistir as aulas dela. E a gente não tinha o que fazer, se ela falou não quero vocês na minha aula.

M: Até chegou no ponto da gente ter uma reunião com essa professora, com a equipe pedagógica, os alunos, que éramos nós e a direção. A gente ficou as cinco aulas, até meio dia e meio, conversando com elas, e elas alegando errado e a gente falando que era certo.

A: Teve uma hora que a própria diretora surtou nessa reunião.

M: Eu chorei, porque não aguentava mais, a gente falando ela simplesmente falou: “chega!”. E daí começou todo o furdunço porque daí...

B: Teve bastante pressão depois.

M: ...o psicológico da gente foi ao extremo.

B: Ela pegou a B. também, um dia, trancou a B. – a presidente do grêmio - trancou ela na sala dela e ficou tentando fazer com que a B. admitisse que a gente quebrou as coisas, não sei o que. Algumas aulas, três pessoas e a B. sozinha lá. Foi muito coagir, assim.

A: Na escola a gente era livre pra andar antes da ocupação. Podia ir pra qualquer bloco, qualquer sala, eles não ligavam. Era: “tal aluno ta gazeando, problema dele, ele tá perdendo”. Depois da ocupação, primeiro dia, a gente pegou e foi levar uns amigos, a gente levou três atas esse dia. A gente tomou três atas em um dia.

MI: Nossa.

A: A gente foi levar o L. no bloco dele. Primeiro que falaram, a gente sentou...

M: Tinham pessoas que nem iam no refeitório. A gente chegou todo mundo junto, a gente entrou na escola todo mundo junto. Todo mundo falou: “vamos reocupar”, aí a gente começou a andar junto.

B: A gente começou a andar junto.

M: Aí a gente começou a andar junto, começou a andar todo mundo da ocupação junto. Aí as inspetoras da escolas começaram a rondar a gente, ouvir o que a gente tava falando e tal. E a gente falava da ocupação e dava risada e a gente foi pro refeitório. A gente chegou no refeitório, a gente sentou, começou a conversar sobre a ocupação, aí bateu o sinal.

A: A gente foi levar...

M: A gente foi levar o pessoal no bloco. As outras meninas foram devolver os baldes... era resgatar os baldes.

A: Na hora que a gente chegou no bloco, uma das, não sei..

M: Das pedagogas.

A: Falou: "você não são desse bloco, vou levar vocês pra direção porque vocês não podem ficar aqui". Sendo que antes a gente podia entrar em qualquer outra sala.

B: As tias da comida também, que davam o lanche, no primeiro dia que eu fui pegar lá, depois.

M: Elas falaram das colheres.

B: Elas pegaram, me olharam: "você não vai pegar lanche", e eu: "por quê?", "não, olha a bagunça que vocês deixaram aqui".

M: Sendo que um dia antes a gente tinha feito a limpeza, tem as fotos do pessoal.

B: Aí eu falei: "eu vou pegar lanche". Aí eu catei da mão dela e saí. Mas a minha sorte, a pedagoga delas ferrava com elas, minha sorte é que minha pedagoga apoiava a ocupação e ela era minha amiga. Se eu saísse de sala eu ficava lá conversado com ela, nem tomava ata.

M: Nossa pedagoga apoiava a ocupação, tanto que ela levou bolo e hoje em dia ela não é mais nossa pedagoga porque ela apoiou a ocupação. Que era a D.

MI: Ela também sofreu represália?

B: Os professores sofreram bastante, por sinal. A professora L., que era de química, ela é bem expoente nos movimentos, ela sempre ta nos movimentos. Ela sofreu bastante represália lá. O professor...

M: R.

B: O professor R. não sei se não saiu do colégio.

M: Ele não tá mais na escola.

B: O W., que sempre ta aqui, que é de sociologia, também. Ele era o único professor amigo meu, da minha sala, porque o resto tudo me odiava. Ele e o meu de química, que era o Z.. E o resto dos professores eu só brigava muito, muito. Ai qualquer coisa eu ia perguntar sobre matéria e eles falavam: "ué, você não aprendeu na ocupação?". Não rolava mais assistir aula, sabe? Mas era engraçado, eu levava na brincadeira.

MI: E vocês seguem, depois passou um ano, e se a gente pudesse assim, expressar numa palavra, o antes da ocupação, o durante e o depois, qual palavra vocês teriam para o antes?

B: Indeciso.

M: Hmmm, pro nosso eu, antes?

MI: É, antes, uma palavra que expresse o que vocês tavam vivendo no momento.

M: Complicado.

MI: Complicado é a palavra?

M: Não, complicado é pensar em uma palavra que me defina.

[risos]

B: É, mas é complicado.

[risos]

MI: A..

M: Acho que a minha palavra antes é bolha.

A: Realmente, acho que antes a gente tava muito numa bolha.

M: Muito alienado. Alienado é a palavra.

MI: E durante?

M: Desconstrução, a minha.

B: Construção, a minha.

MI: Construção?

A: A minha acho que é descoberta.

MI: Beleza, e o depois?

B: Concretização, eu acho.

A: Eu ia falar que minha palavra é liberdade, porque depois não precisei mais me prender as coisas que eu era, que eu tinha antes.

B: A minha é concretização, porque pra mim foi um choque, eu saí do ensino médio. Eu fui fazer faculdade, fui, outra coisa assim. Não tinha mais aquela rotina de saber: "ah, ano que vem tem o colégio de novo" e daí você sente que ou você faz, ou se eu não fizer ninguém vai fazer e você vai ficar parado, entendeu? Não é igual no colégio que se você ficar parado você ainda tem a aula. Foi forte, um chute na cara.

MI: E você?

M: Eu acho que a minha é certeza. Certeza de quem eu sou agora, certeza do que eu quero e certeza do que eu não quero ser e voltar a ser como eu era antes.

MI: Muito bem. E se a gente falasse assim, num balanço, passou um ano quase, esse balanço dessa experiência da vida política de vocês como pessoas assim, como é que vocês, entre derrotas ou vitórias, como vocês avaliam retrospectivamente esse um ano passado pra chegar hoje?

B: Foi muito intenso pra mim esse ano. Igual eu tava falando, foi esse negócio de faculdade, eu namorava a B., desde a ocupação. A gente se conheceu na ocupação e foi construção da minha vida, entendeu? E chegou um ponto agora, há três meses atrás, que eu cheguei no meu ápice de stress, que já veio da ocupação, e que eu emendei, tipo, eu tenho que ir atrás de trabalho, tenho que saber o que eu quero fazer da vida e tal e pra mim foi bem intenso isso. E ao mesmo tempo foi o melhor ano da minha vida porque, sei lá, foi muito bom. E daí pra mim, hoje em dia, depois que eu terminei com a B., que eu decidi da faculdade, saí da minha faculdade. Eu, finalmente, consegui achar o meu eu "eu" e tô vivendo ele agora. Então pra mim tá muito bom. Foi crucial na minha vida a ocupação e o que aconteceu esse ano. Foi o ano mais importante da minha vida.

M: Pra mim foi bem corrido, porque eu continuei trabalhando, só que daí...

MI: Você trabalha onde, M.?

M: Eu sou auxiliar administrativo em uma empresa de alimentos. Então, depois da ocupação, eu vi que no trabalho eu criei mais responsabilidade. Porque na ocupação a gente não podia esquecer de nada, como a A. falou, porque as outras pessoas dependiam da gente. E eu levei isso muito pro trabalho. Pra escola, eu meio que virei rebelde, aos olhos da minha mãe, porque aí começaram as saídas de sala, idas à pedagogia, na ata, porque eu não concordava com que os professores falava. E, aos olhos dos

meus pais, pra eles eu tô mais rebelde, só que aos meus olhos eu tô sendo eu de verdade. E acho que esse um ano foi muito importante pra isso, pra eu não voltar pra bolha. Porque muitas pessoas voltaram pras bolhinhas delas e hoje em dia olham pra gente na escola e esquecem que dormiam do nosso lado e hoje em dia nem dão oi.

MI: Então aquele grupo que se criou.

B: Se desfez.

M: É, alguns elos se desfizeram, mas tem algumas pessoas que ainda são juntas. Claro, a gente tomou outros rumos, alguns já estão na faculdade, outros não tem mais intervalo junto com a gente, só que não somos da mesma sala, as vezes, só que quando pode tá junto dá um jeitinho, sei lá, de ir pra São Francisco e ficar lá um pouco. Ou ir pra alguma [...]. Só que muitas pessoas voltaram. E eu fico feliz em não ser a pessoa que voltou pra bolha. Em ter agora, o meu mundo, só que sendo um mundo de todos.

A: Então eu acho que foi, teve muitos altos e baixos esse ano, e antes eu não sabia lidar. Porque minha tia sempre me protege, não preciso correr atrás de nada. E, nos altos, ótimo. Mas nos baixos, tipo, eu aprendi que eu não tô sozinha. A gente não tá sozinha. Porque eu fiz muitos amigos e eu sei que se quiser ir ali na esquina e chegar pra um desses amigos e falar: “vamo ali”, eles vão. Então foi, eu criei muita responsabilidade. Eu não tinha responsabilidade nenhuma, eu fazia as coisas na louca, eu era irresponsável e eu tive que ter muita responsabilidade. E a ocupação foi o momento que muda muito a gente, muda a nossa visão quanto a escola, a nossa visão quanto as pessoas, sabe? Você não olha mais a pessoa por fora, você quer saber o que a pessoa é por dentro. [...] do que ela gosta, vamos conversar com ela. A gente aprendeu a conhecer as pessoas.

MII: Você falou que mudou sua visão de escola. O que mudou, na visão de escola agora?

A: A gente ia pra escola, você chegava lá, você estudava, você ficava lá com seus amigos e depois ia embora. Agora você vai pra escola, você tá com seus amigos, você conversa, você vê os amigos que você fez antes. Você olha pra aquela escola, não é mais o mesmo lugar, você conheceu cada - não importa se você foi na ocupação 3 dias - você conheceu cada canto daquela escola. Você conheceu lugares que você imaginou que nunca ia conhecer, você sabe como que aquela escola é enorme. Sabe como as tias da limpeza dão duro pra limpar aquela escola, porque eu tinha que limpar.

[risos]

A: O banheiro, principalmente, quando era dia de lavar o banheiro e a gente ia lá. Hoje você tá no banheiro e a tia limpando: “ah, a tia tá limpando”, daí...

M: É um respeito maior pelo patrimônio, que antes a gente olhava assim: “ah, é só a escola”.

A: “é só a escola”.

M: “é só uma caneca aqui que eu tô bebendo um chá”. Mas na ocupação, se faltava uma caneca, uma pessoa ficava sem tomar, então tinha que esperar um tomar e lavar, pro outro tomar. E hoje em dia eu tenho mais essa conscientização.

A: É, é tipo você olhar a escola porque agora você fala: “ah, você estuda na escola?”, “não, eu não estudo na escola, a escola é minha! é a nossa a escola”. [...] Eu sei o que tem naquela escola, eu sei como eles dão duro pra limpar aquela escola, quanto ela é grande, eu sei como a escola é bonita, como é uma boa escola, como a gente tem uma boa estrutura. Porque eu fui em outras ocupações em outras escolas, eu fui na Joao Bettiga, [...] e lá eles também eram muito organizados. Eu conheci outras escolas que, sabe? Nunca imaginei que ia conhecer. E, tipo, é tudo igual, é uma escola, sabe? E se você olha por fora: “nossa, aquela escola é precária, não tem as mesmas condições que a nossa”. Mas é uma escola, sabe? Foi muito diferente, muda muito a nossa visão.

M: E acho que hoje em dia se alguém pergunta de qual escola você é, eu falo: “sou do Pedro Macedo”, aí a pessoa fala, sei lá: “sou do CEP”. A pergunta que já vem direto...

A: Você foi da ocupação?



M: ...você foi da ocupação? Você participou? Porque você quer trocar experiências de ocupações. Então se alguma pessoa fala assim: “ai, acho que não era certo”. Opa, então vamos sentar e vamos conversar, o que você acha que não era certo, o que você acha que aconteceu lá, que te falaram ou que você não ficou sabendo? Vamos conversar, eu vou te explicar porque eu tava lá e você tem o direito de falar se você continua concordando ou não. Mas tipo, é muito isso, agora.

MI: Muito bem. Eu queria perguntar mais duas coisinhas, três, na verdade. Aí a gente tem que ir encerrando. Se vocês já conheceram outros momentos em que a juventude teve um papel importante na política?

B: Se eu já vivenciei ou se conheço história?

MI: Se você já vivenciou ou se conhece de ouvir falar?

B: Vivenciar, foi o que a gente vivenciou, eu acho. Praticamente, claro, os atos que ocorreram, e que sempre ocorrem, né? E greve da Federal, por exemplo. Mas acho que história, bastante. Década de 60, 70, ditadura. Minha vó e meu avô eram militantes, eles se esconderam bastante disso, então essa parte assim eu sei bastante, sabe? Eu sempre cresci ouvindo muita história sobre isso. O meu avô ele faleceu semana passada, ele sempre me contava sobre isso.

MI: E seu avô fazia o quê?

B: Ele era apoiador do PT, na época. E ele viaja levando livros que continham coisas sobre o governo. Só que eram tudo escondido nos livros. E se alguém era pego com um livro, assim...

MI: Era do PT?

B: Era filiado.

MI: Ou do PC?

B: PC?

MI: Partido Comunista.

B: Não lembro, acho que era PC.

MI: Na ditadura?

MI: No PC, porque o PT foi depois.

B: Isso era 72, por aí...

MI: Partido Comunista.

B: Porque ele era do interior, né? Daí ele vinha de lá pra cá, daí ele tinha que ficar fugindo por aí. Então eu sempre ouvi muita coisa, era bem legal ouvir essas coisas, então desde pequeno eu tinha essa vontade.

MI: E seus pais fazem o quê?

B: A minha mãe é psicóloga.

MI: E seu pai?

B: Não tenho.

MI: Como assim “não tenho”?

B: Não conheço, não tenho. Mas minha mãe ela era mais esquerda, assim. Hoje ela não é tanto...

MI: E vocês?

M: Eu, foi a ocupação do Chile também, né? Porque daí, querendo ou não, compararam as nossas histórias, então eu acho que o mais próximo que eu fiquei sabendo foram as do Chile.



MI: E você foi pesquisar? Como você falou que tinha interesse, você foi ver o que aconteceu no Chile?

M: Bem pouco, porque como a gente tava ocupando eu não tive tanto tempo de pesquisar sobre isso que foi um assunto que veio. Mas depois da ocupação eu fui procurar sobre a ditadura, saber, meu interesse surgiu...depois disso, acho que meu mesmo foi só isso.

A: Foi as ocupações, né? E eu também frequentei a ocupação da tecnológica.

MI: Da UTF?

B: É a gente foi também.

M: Eu também.

A: Eu fui lá. E acho que também, quando aumentam a tarifa, que tem atos, eu fui num desse ano que quebraram bancos e teve bombas, eu tava também. Minha mãe deixou eu ir e me buscou no tubo do ônibus no caminho pra casa, perguntou se eu tinha levado alguns tiros, eu falei que não, foi isso.

[risos]

MI: E vocês ouviram falar em algum, a questão de Estatuto da Juventude, vocês conhecem? Já ouviram falar sobre ele?

B: Mais ou menos, é mais o que falam, mas nunca fui...

MI: Conhecer, ler?

B: Nunca fui correr atrás.

[negativa das duas]

MI: Muito bem. Finalmente, eu queria ver como vocês veem o futuro de vocês? Qual a perspectiva de futuro?

B: Viver.

MI: Han?

B: Viver. Acho que depois desse ano um dos meus maiores aprendizados foi de não fazer planos tão grandes, foi de tipo, dar um passo de cada vez e ir vivendo, o que a vida vai te trazer. Igual a ocupação me trouxe, porque meu ano de 2016 tava sendo horrível, não acontecia nada no colégio, não tinha nada, eu não sabia o que ia fazer de faculdade, de repente veio a ocupação e aquilo me alegrou e me trouxe toda uma vida e tudo o que eu precisava, sabe? E só veio. E eu acho que eu aprendi que é assim que tem que ser. Eu tinha planos de fazer faculdade fora ano que vem e tal, mas também eu não tô concretizando tanto os meus planos assim: "não, é isso que eu vou fazer". Eu tô tipo: "eu quero isso, mas eu também quero aquilo". Então, sei lá, eu quero entrar esse ano, me estabilizar, financeiramente e entrar na faculdade pra terminar. Mas depois eu vou fazer outra faculdade, que eu só quero essa pra dinheiro.

M: Eu confesso que eu tenho um pouco de medo do futuro.

MI: Por quê?

M: É, porque é muito incerto. Num belo dia a gente pode tá ocupando uma escola porque a gente quer uma educação melhor, um futuro melhor e no outro dia a PEC foi aceita. Então eu tenho muito medo disso, da gente idealizar um futuro em que o estudante vai ter voz, vai ter voz ativa, né? No caso. E daí vai chegar o governo e jogar bomba na gente. Então, eu confesso que eu tenho medo. Mas tenho meus ideais e acredito muito que mais pra frente eles vão ser ouvidos.

A: Eu sou a sonhadora, né? Eu planejo muito tudo. Eu queria fazer medicina só que se não der certo...assim, eu acho que não vou ter dinheiro pra pagar medicina na faculdade, então eu queria fazer na Federal. E se nada der certo a gente vai pro Exército, porque eles pagam a faculdade. Eles pagam a faculdade, por favor deixa eu sonhar.

MI: Pra onde?

A: Pro Exército. Se você trabalha pra eles, eles pagam sua faculdade. Então, se nada der certo a gente tem um plano B, né? E eu sonho mesmo!

B: Echo que uma observação legal de fazer de posicionamento político depois da ocupação. Antes, por exemplo, de acontecer a ocupação, de você vivenciar toda apolítica, nua e crua. Eu, por exemplo, eu era bem de esquerda, assim, e tipo, acreditava bastante no PT por exemplo, sabe? Em questão de partido. E hoje minha visão já é outra. Depois que eu vivenciei aqui as ocupações, e Brasília, entendi melhor, vi o meio ali, como é que funciona. Minha família é do Sindicato de M. de Curitiba, da diretoria e tal, então eu vi realmente como é lá dentro. Eu vi como funciona, sabe? Então a minha visão hoje já é outra, já não é partidária, já é entender que partidos fazem tudo parte da mesma coisa e que a esquerda já é usada de outra forma hoje, entendeu? Que já mudou essa ideia e que a gente tem que pensar na frente. Eu acho que as pessoas pensam muito em teoria de partido ainda nos anos 60, que tava construindo dois partidos, um lado todo militar e tal, o outro lado mais pro povo. Eu acho que hoje já é diferente, a gente tem que mudar esse pensamento, pegar ele, refinar e melhorar, sabe e isso só veio pra mim depois que eu vivenciei.

M1: E vocês? Mais alguma coisa? Vocês querem fazer algum comentário dessa conversa nossa? Alguma coisa que vocês quisessem acrescentar pra gente.

B: Eu acho que é bem legal o que vocês tão fazendo. A C. já tinha comentado comigo, fazia um bom tempo, e eu tava esperando ansioso, porque pra gente, a galera pensa: “só foi uma ocupação” e não, pra gente foi muito! Igual eu falei, foi a época mais importante da minha vida. Foi o meu salto no trampolim, sabe? E sei lá, pra gente, a gente guarda com muito amor o que aconteceu, e muita lembrança. Realmente, a saudade é grande, sabe? Quando deu um ano a gente, eu não tenho mais contato porque eu também nem estudo mais no colégio. Mas a vontade de reunir a galera e “vamos sair, vamo conversar” era muito grande. Tem aquele sentimento. E é muito legal ta podendo relembrar isso e conversar e ver que tem pessoas tão dando e deram valor, sabe? Pro que a gente fez. Porque o que eu ouvi muito da minha família foi: “ah, valeu a pena ocupar e perder faculdade?”. E valeu, totalmente valeu. Sem nenhuma sombra de dúvidas.

M: É bom relembrar assim, porque, querendo ou não, nesse um ano ficou adormecido, ficou esquecido, pras outras pessoas. A gente conversa entre si, mas de se reunir assim, tipo, reunir o B., é muito difícil, porque o B. já tem a vida dele, já tem as correrias dele. Então se reunir é só assim mesmo. Essa já é a segunda entrevista que a gente faz, a outra foi um pouco mais recente, depois das ocupações. E é muito bom relembrar o sentimento que foi aquilo, conversar sobre, com alguém que não vai chegar e vai te dar com os dois pés no peito e falar assim: “é errado”.

A: “é errado, vocês só prejudicou pessoas”. Porque a galera pensa mais no que a gente não fez. A gente prejudicou pessoas, a gente ficou um mês sem aula, a gente fez o Enem ser mandado pra outro dia, ai fala: “vocês prejudicou pessoas no Enem, prejudicou o patrimônio escolar”, mas não é só isso! A gente tentou mudar!

M: A gente levantou do sofá.

B: Se a gente não tivesse levantado a voz eles tinham levantado muito mais cavalo. Parece que não mudou nada. Mas não e que a gente não mudou, a gente deixou não mudar tanto. A gente não deixou mudarem tanto, sabe? A gente segurou um pouco a barra.

A: Senão não tem como a gente segurar o governo e falar: “vocês não vão fazer isso”. Eles sempre dão um jeito.

B: Mas a gente deu uma freada.

M: A gente provou que a gente tem força, que se a gente quiser se reunir a gente consegue.

A: A gente falou: “calma, vocês não podem fazer o que vocês querem porque a gente sabe do que ta acontecendo”.

B: Pra mim foi esse sentimento que restou, de quando me perguntam: “é, mas vocês não fizeram nada”, não, a gente fez! A gente freou eles. A gente mostrou que a gente ta ali e eles não podem fazer o que bem entenderem.

M: A gente tem força, tanto que falaram que eles têm mais medo dos jovens do que de qualquer outras pessoas, porque quando a gente quer se reunir a gente faz, porque um vai despertando a vontade e o desejo do outro e quando a gente vê a gente é um formigueiro, gritando que ocupar é resistir, mudando totalmente o foco.

MI: Muito bem, tem alguma coisa que tenha passado? [...] mas que bom. E vocês falaram que já fizeram, logo depois da ocupação, vocês participaram de uma entrevista, que foi onde?

M: Foi atrás do MUMA, ali na pracinha que tem.

MI: Pra quem?

M: Não lembro.

A: Era pra um mestrado também.

B: A gente tá terminando, vamos voltar a terminar um documentário agora, da galera da oficina de cinema e a gente tem bastante coisa, se vocês quiserem.

MI: Se você puder, porque na realidade a gente é um grupo, esse grupo é coordenado pela professora Simone Meucci. Eu fui convidada. A minha área de pesquisa é juventude, culturas juvenis, aí a Simone me convidou pra participar do grupo que a Sabrina já tava, e aí com a Carol, eu oriento a Carol, aí a Carol também, pela participação que ela teve, junto as ocupações, de apoio, ne? E aí, a gente tá fazendo assim, na realidade, diferentes dimensões desse processo político que aconteceu. Então agora a gente tá numa terceira entrevista, ne? Com participantes, fizemos as oficinas de imagem, também foi muito interessante.

M: A M.J. e a M. E. vieram.

MI: Elas são terríveis, aquelas duas meninas. E lidando com fotografia, com imagem, também, né? Então na verdade, um grupo que cada um tá trabalhando com uma dimensão diferente do fenômeno. Então, no caso, aqui, o nosso foco tá completando questões que o grupo que já fez as entrevistas, a princípio, não contemplou, que foi mais dos sentimentos, das emoções ligadas às ocupações que a gente deixou surgir aqui pela fala de vocês, mas focando muito aqui sobre essa ideia da política mesmo. Da participação política de vocês se colocarem como atores políticos naquele momento, né? Que ficou uma lacuna, então a gente tá assim, montando um grande quebra cabeça. E tá sendo muito lindo. Muito precioso, a gente só tem a agradecer. Porque a gente aprende muito, também.

MII: Eu queria dizer que não conhecia vocês, a Carol que apresentou e particularmente tô muito honrada em conhecer vocês, é muito legal fazer do nosso ofício uma coisa tão prazerosa. E obrigada pela confiança, que vocês depositaram na Carol, e a Carol depositou na gente. Contar coisas tão íntimas e tão preciosas pra vocês, pra gente. É realmente muito importante. Esse trabalho, vocês vão ver ele e os frutos dele também. Muito obrigada.

MI: Muito obrigada, então, agradeço vocês passarem um pedaço do sábado. Obrigada mesmo!

M: obrigada, mesmo, top. [risos] é porque top também foi o nosso termo da ocupação. [risos]